REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO XLVIII | DEZEMBRO DE 1968 | N.º 13

MANAUS AMAZONAS

QUADRO DE SÓCIOS EFETIVOS

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
1	Pericles Moraes	Cosme Ferreira Filho
2	Euclides da Cunha	Ramayana de Chevalier
3	Gonçalves Dias	Agnello Bittencourt
4	Sílvio Romero	Aderson de Menezes
5	Araújo Filho	André Araújo
6	Adriano Jorge	João Nogueira da Mata
7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
8	Torquato Tapajós	Mavignier de Castro
9	Machado de Assis	Pereira da Silva
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
11	José Veríssimo	Djalma Batista
12	Olavo Bilac	Elson Farias (eleito)
13	Estelita Tapajós	Arthur Cezar Ferreira Reis
14	Barão de Santana Nery	Moacyr G. Rosas
15	Graça Aranha	João Mendonça de Souza
16	João Leda	João Chrysóstomo de Oliveira
17	Francisco de Castro	Leoncio de Salignac e Souza
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic (eleito)
19	Coêlho Netto	Genesino Braga
20	João Ribeiro	Raimundo Nonato Pinheiro (padre)
21	Tenreiro Aranha	Plínio Ramos Coêlho (eleito)
22	Farias Brito	Anísio Jobim
23	Cruz e Souza	Nunes Pereira
24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
25	Araújo Lima	José Lindoso
26	Rui Barbosa	Oyama Cesar Ituassu da Silva
27	Tavares Bastos	João Pereira Machado Jr. (eleito)
28	Aníbal Teófilo	Américo Antony
29	Castro Alves	Thiago de Mello
30	Araripe Junior	Carlos de Almeida Barroso
31	Raimundo Monteiro	Sebastião Norões (eleito)
32	Bernardo Ramos	”
33	Antonio Brandão de Amorim	”
34	Ermano Stradelli	”
35	D. Frederico Costa	”
36	Inglês de Sousa	”
37	Benjamin Lima	”
38	Barbosa Rodrigues	”
39	Alfredo da Mata	”
40	Paulino de Brito.	”

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

ANO XLVIII

N.º 13

1968

O SEBÃO DE MANAUS

Livros raros e esgotados
Compra e Venda

Fones: 9988-5479
9961-8510

— Amazonas

Presidente de Honra

Marechal NELSON DE MELLO

DIRETORIA

Presidente . . . . . DJALMA BATISTA

1.º Vive-Presidente . . ANDRÉ ARAÚJO

2.º Vice-Presidente . . JOÃO CHRYSÓSTOMO DE OLIVEIRA

Secretário Geral . . . GENESINO BRAGA

Secretário Adjunto . . OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA

Tesoureiro . . . . . JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

Bibliotecário . . . . . MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO.

Sócio Benemérito

ILDEFONSO PINHEIRO

MENDONÇA DE SOUZA

Diretor da REVISTA

SUMÁRIO

EDITORIAL

André Araújo — **Uma posição para a Academia** 5

ARTIGOS

Aderson de Menezes — **Em memória de um estilista** 11

Agnello Bittencourt — **Chavascal & Pirilampos** 17

Alvaro Maia — **Amazônia Ocidental** (Usos, costumes — índios, caboclos, nordestinos) 20

Arthur Cézar Ferreira Reis — **As relações internacionais da América Latina nos séculos XIX e XX** 36

Carlos de Almeida Barroso — **Rui Barbosa — figura ciclópica da cultura brasileira** 70

Djalma Batista — **Adriano Jorge — o homem e o médico** 74

Genesino Braga — **As duas moradas de Euclides em Manaus** 84

João Chrysóstomo de Oliveira — **Estilística Euclidiana** (Algumas características do estilo euclidiano) 89

João Nogueira da Mata — **A Pororoca** 94

Mario Ypiranga Monteiro — **Conflitos pareados (Apotegmas** numerais) 98

Mendonça de Souza — **Girassol de outono** 115

Moacyr Rosas — **Paquetá e a Moreninha** 131

Nonato Pinheiro (Padre) — **Uma Pesquisa etimológica: "jerico"** 140

Oyama Cesar Ituassu — **A cultura a serviço da comunidade** 143

Paulo Bentes — **As pontes de Manaus** 151

Ramayana de Chevalier — **Prólogo do meu livro de contos** 153

POESIA

Américo Antony — **O jaguar e a lua** 157

A alegria de conhecer-se a própria origem 158

O oceano e a y-iára 159

Elson Farias — **no lugar do verbo um peixe** 161

Jorge Tufic — **Vólos, para Maiakovski** 164

Violeta Branca — **Reencontro** 166

Poemas em 3.ª Dimensão 168

DISCURSO

André Araújo — **Aristophano Antony sob "Sombras e Reflexos"** 170

EPISTOLÁRIO DA ACADEMIA 176

IDÉIAS E FATOS

Aristophano Antony 184

Distinções a acadêmicos 184

Escola de Serviço Social "André Araújo" 185

Eleições para a Academia 186

92 anos de Agnello Bittencourt 186

Repercussão da obra de Mario Ypiranga Monteiro ... 186

Alfredo da Matta e Araújo Lima 187

"Hiléia" 187

RESUMOS DE ATAS DAS SESSÕES DE 1968 188

TRANSCRIÇÕES

Genesino Braga — **Presença da Revista da Academia** 193

Wilhelm Giese — **Indicador de Livros — Roteiro do Folclore Amazônico** 196

EDITORIAL

UMA POSIÇÃO PARA A ACADEMIA

O tradicionalismo acadêmico, no Brasil, deve ter suas limitações, ante a conjuntura dos tempos presentes.

Isso que se liga a uma espécie de tirania parnasiana, em que ainda se vê, abundantemente, o poeta medíocre, — é um sistema grave de falta de concientização literária, no seu sentido lato. Embora exista, hoje, uma grande reação ao parnasianismo, com o último surgir da poesia concreta, — ainda perdura o mal.

Manuel Bandeira, Carlos Drumond de Andrade, Guimarães Rosa, Antonio Calado são conseqüências do movimento modernista que explodiu em 1922, contra o culto da forma, do estilo do purismo lexicológico, os quais eram sinais do mal a que me refiro.

Mário de Andrade rompeu o dique com o ímpeto de criar um nôvo tempo para a consciência nacional, em relação a isso que chamamos de desenvolvimento no campo da cultura.

Creio que não podemos fugir a essa contingência.

Em outros universos culturais, que não o brasileiro, encontramos os gênios de Joyce, Appolinaire, Kafka que são expressões anti-academicistas, e que lutam por uma libertação da literatura, que não seja produto de algo comum de uma classe literária, *algo de como um* status *ilusório, de uma pseudo-imortalidade.*

Só assim poderemos realizar aquilo que já existe fora dos moldes acadêmicos: — uma profunda literatura brasileira. E' necessário que fujamos do sentido intelectual de querer criar uma classe literária.

Revestimo-nos de certos e determinados aspectos de inteligência para sermos um grupo que pensa e constrói. Temos um status *social nêsse campo, para exercer uma função letrada que, em realidade, nada vale, a não ser por aquilo que, isoladamente, cada um pode ser, como pessoa, ou indivíduo, como se fôssemos essa classe a que me quero referir, um grupo de capitães de indústria da cultura ou capitães-mores e donatários da cultura, grupos que rendem bajulatórias, formam elogios dentro de certas províncias improvisadas,*

através dos graus de vaidade ou dos prestígios pessoais de que se pode dispor, para manter, através das letras, um mundo complexo, um mundo acadêmico e intelectual.

Na realidade, todos os acadêmicos aqui têm sua autenticidade : escrevem, pensam, são escritores.

Literatura é essência de um processo histórico de desenvolvimento. A isso não podemos fugir. E' preciso que compreendamos bem nossa função, cuja responsabilidade deve implicar num estado de consciência ideológica.

O desenvolvimento econômico por que estão passando o Brasil e o Amazonas, exige a técnica dessa posição objetiva, em relação às nossas possibilidades.

A atividade intelectual não exime dessa responsabilidade, na ordem social, cultural, moral e econômica da vida nacional.

O vazio inexpressivo de um vago espírito, sem comunicação e vivência, importa na ausência daquilo, neste mundo em transformação, que poderíamos chamar do papel de um instrumento, numa orquestra, cujo consêrto fôsse a sinfonia do desenvolvimento da Amazônia.

Precisamos pensar nisso, para poder responder pela nossa presença, nesta hora solar de nossa vida.

Grave é nossa situação. Somos um grupo de quarenta homens, grupo que deve ter em consideração a tomada de consciência de uma ideologia político-social, de uma filosofia que nos dê a noção viva de responsabilidade, em face da hora que passa, perdendo assim o aspecto diletante de nossa função literária.

Uma resolução ou diversas resoluções devem ser tomadas em relação ao papel que devemos exercer, neste momento da vida do Amazonas.

A Academia precisa de se conscientizar para se impor ao respeito e à consideração dos nossos coetâneos.

Êsse traço fundamental deve ser dado através de um manifesto em que sejam frisados os sintomas da era que vivemos, assinalando a posição da Academia.

Penso que isso é indispensável. Essa é uma vastíssima área onde estão enquadrados muitos dos aspectos sócio-culturais, econômicos, filosóficos, assinalando-se que essa nova vivência não se firma em simples diletantismo, mas na mais profunda consciência da vida das idéias

Isso nos dará mais um nôvo sentido de personalidade, contra tôdas as atitudes de capitulação que temos tido, com a ausência da palavra dos acadêmicos, através de pronunciamentos sôbre os grandes problemas que conturbam o mundo.

Talvez perdêssemos o espírito burocrático dessa vaga imortalidade que nada representa, desde que não tenhamos êsse nôvo espírito que poderá ser uma espécie de função social da Academia, na vida do Estado.

Seríamos um órgão real, com uma verdadeira função, na vida estatal.

Que somos atualmente como artistas, escritores, pensadores, cientistas? Teremos já compreendido que a Academia, no seu campo literário, deve arrastar não sòmente poetas, romancistas, críticos, jornalistas, cronistas, artistas, mas também cientistas de todos os matizes e políticos de larga visão social.

Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Diderot, D'Alembert, Goethe, Weber inspiraram-nos essa universalidade, essa tipologia da presença naquilo que chamamos literatura, como presença no desenvolvimento social-econômico que arrastam as fôrças econômicas e históricas, nesta grande manhã da vida do mundo.

Êsse nôvo universo newtoniano da literatura, com essa fôrça nova de reconstrução interior em cada um de nós, relacionará fraternalmente todos os acadêmicos desta Casa.

Flaubert dizia: "L'homme n'est rien, l'euvre est tout".

Balzac, nas "Ilusões Perdidas" fala numa transformação da arte, na experiência artística. Fora a solidão do artista, que deve ser a nossa própria solidão, — êsse estado de insatisfação que todos nós sentimos com esquecimento do que fazemos ou fizemos: uma espécie de perda de sentido do que realmente somos.

O estudo de escritores como Thomas Mann, Flaubert, Zola, Balzac, Dostoiewsky, Goethe, Tolstoi, ressalta essa mesma angústia da literatura, ante os problemas dos tempos em que vivemos: artísticos, políticos, religiosos, sociais, econômicos.

Trago, através dessas palavras, para esta Casa, um programa. Voltar, para a função da Academia, no seu campo social, tôda nossa atenção.

Dar uma nova vida à Academia, fazendo-a viver. Abrir seu salão de conferências para dar ao Amazonas uma integração do ideal das letras, da vida social do mundo. Ligar os letrados aos sábios, aos poetas, aos cientistas, *dar uma nova inteligência às letras.*

A função cultural de uma Academia é outra, e não sòmente a dos louros sôbre os quais se pretende repousar a inteligência.

Assim: conferências, reuniões, publicações, destruir o cêrco intransponível de cismas, desconfianças, incompreensões, levar a Academia ao mundo, com o mundo e para o mundo, pois ela perdeu o seu élan verdadeiro.

Temos uma concepção errada da cultura e das letras.

Antes de mais nada, no meu entender, o tempo como o espaço, essas duas categorias morais, materiais, não podem limitar a ação social, filosófica, humana, em face dos múltiplos aspectos que se nos oferecem a vida, a inteligência. O passado, o presente e o futuro devem viver nessa eternidade sem passado, sem presente e sem futuro que é a inteligência, que é a cultura, que é o sentido humano da vida.

Esta Casa é uma casa de literatura, mas deve ela ter um signo social, uma inspiração social. Começamos numa tomada de posição ante os problemas nacionais da educação, da cultura, das artes e das letras, do desenvolvimento, da política, da liberdade, dos direitos humanos.

O mundo gira entre o econômico e o social e sob a influência de Taine e Zola. A arte deve ser interpretada na visão superior do social como a literatura, mesmo sendo esta encarada à base de uma visão ampla popularizada por elementos que consideram a arte como um reflexo da vida social. E' o realismo social vendo a verdade nesses movimentos.

Cada um de nós tem uma visão do mundo a seu modo, segundo sua religião e sua filosofia, sua vida, seu pensamento, as estruturas clássicas da arte, da literatura, nos moldes de Boileau, Taine, Saint Beuve, Brunetiére, com a teoria do belo ideal, dos valores eternos tão combatidos pelos aspectos metafísicos das infraestruturas dos fatos estáticos, nos planos econômicos, sociais, políticos da sociedade.

E' preciso fugir do conceito mesquinho da arte e literatura. A anemia do pensamento, nesse sentido, é um fato. Mas, sôbre isso, nem se pense que Homero, Platão, Aristóteles, Virgílio, Dante, Rabelais, Milton, Shakespeare, Hegel, Marcuse, Balzac, Tolstoi, Sthendal, Dostoiewsky, Machado de Assis, Maupassant, Camilo, Ruy, Nabuco, Sartre, Simone de Beauvoir, Bach, Beethovem, Chopin, Shotas chowsky, Debussy, Stranvisky, Prokofieff, estejam fora de nossos tempos, de nossa vida.

O sentido de obras, como a dêsses imortais, se impõe a tôdas as épocas, a todos os homens.

Rafael, Miguelangelo, Rodin, Cesanne, o Aleijadinho, Portinari, Cláudio Santoro, são eternos e incorroídos, na sua essência, sem mistificação.

Velhas querelas, ridículas, de espíritos mesquinhos, não destroem a realidade do eterno que existe nas obras de arte, nêsse mistério

real que é o mundo das artes e da literatura, da inteligência e da cultura.

Mas isso tudo não pode ficar alheio ao drama profundo da existência de um povo. Isso é que reclama a presença da Academia. Êsse fato social da vida social, da existência, em nossa terra, é que clama por nós, — os homens da Academia.

E isso temos que responder com uma real presença, atuante e positiva.

Entretanto, a Academia tem primado por uma ausência total em tôdas as horas de nossa vida. Também cabe à Academia tomar parte nos processos de opinião pública, quanto às artes, teatro, cinema, escultura, ciências, filosofias e políticas, como estão tomando os homens em todos os setores, os empresários, os intelectuais. Nós somos um grupo especializado. Somos chamados também a opinar na evolução da pátria, da nação, do país, da América Latina, do mundo.

Também fazemos parte da estrutura político-social brasileira.

Pela filosofia da ação, a técnica desenvolvimentista das academias usará as letras, a cultura, a poesia, o romance, as artes, a palavra, na sua mais profunda expressão.

O presente tem que ser assim, para alcançar a iluminação do futuro.

E' o que se pode fazer, se tivermos apoio decisivo e leal dos confrades amazonenses dêste silogeu.

Afirmemos, como dizia Macauley, de que é preciso reformar para poder conservar.

Plano para o primeiro programa :

Visar obter um aumento da vitalidade do organismo acadêmico.

Procurar estar presente no campo da cultura, na imprensa, na tribuna nas publicações : isso redundará uma promoção sócio-cultural, educacional, na política, e enfim, do que poderíamos chamar de desenvolvimento.

A Academia deverá buscar mais recursos econômicos, *para realizar êsse programa que também visa à* publicação trimestral da "Revista da Academia", publicações e reedições de trabalhos dos membros falecidos da Academia.

Visar mais uma ação de investigação e pesquisas literárias dentro de nossa comunidade.

Ampliar os trabalhos editoriais da Academia. Ver se é possível a publicação de um livro de acadêmico, por ano.

Promover conferências mensais, sôbre assuntos novos e atuais de literatura, filosofia, artes, política social.

Reconstituir o arquivo e a biblioteca.

Solicitar do govêrno a compra de bibliotecas particulares que estejam à venda, para refundir a biblioteca da Academia.

Reorganizar a secretaria.

Publicar memórias, estudos, etc.

Organizar uma bibliografia ou uma introdução bibliográfica.

ANDRÉ ARAÚJO

ARTIGOS

EM MEMÓRIA DE UM ESTILISTA

ADERSON DE MENEZES

A estilística, como arte de bem falar ou de bem escrever, num conjunto selecionado de estilos, suas formas e regras, procede mesmo da antiguidade clássica, em fidelidade à sua raiz filológica, eis que a palavra vem da língua grega através de **stylos,** com o significado de modo ou caráter especial de exprimir os pensamentos, assim na eloqüência como na prosa em geral.

Com efeito, legaram-nos autores gregos informes imperecíveis e ainda valiosíssimos acêrca da estilística, em cuja fase constitutiva, como disciplina organizada, se atribuiu a Antístenes talvez a mais antiga distinção das respectivas espécies, entre o estilo "sublime", o estilo "médio" e o estilo "tênue", dos quais sobrelevava o primeiro tipo com primazia absoluta em meio à variedade dos gêneros literários adotados por oradores e escritores.

E existem notícias segundo as quais êsse ensaio de classificação da estilística fôra retomada pelos retóricos romanos que distinguiam, depois da época de Cícero, o estilo "sublime" (abundante, animado, ritmado, pleno de figuras), o estilo "simples" (claro, preciso, mais ou menos ornado) e o estilo "temperado" (intermediário entre um e outro), sem esquecer-se, como uma variante do estilo "simples", o estilo "florido", que do mesmo se diferençava por maior quantidade de adornos e imagens.

Certa, porém, é a informação de que, na era do helenismo, foram não só muitos e diversos os estilos, como conceituados à saciedade, de lá nos vindo a exata noção de "aticismo" ou estilo sóbrio e sereno, claro e conciso, resultante da própria tradição cultural da Grécia.

E' que o estilo "ático", isto é, a elegância e sobriedade de linguagem, ainda que esta feita e refeita, burilada e polida, não pode ser perpetrado, como jamais o foi e nunca o será, senão por inteligências de elite, daqueles já nascidos com a vocação do estudo e, ao depois, habituados ao manuseio das boas letras,

à maneira do luminoso e iluminado Waldemar Pedrosa, que, além do seu valor mental congênito, soube lastrear imenso cabedal intelectual e moral.

* * *

Waldemar Pedrosa, a rigor, era um literato, versando de preferência a literatura jurídica, e, por direito de conquista e de talento, pertenceu ao quadro social da Academia Amazonense de Letras, de cuja presidência foi dignitário, também a justo e merecido título.

Seus jeitos de dizer e de grafar — legìtimamente **o savoir dire** e o **savoir écrire** dos franceses —, revelaram sempre inalteràvelmente, em todos os lances de longa e laboriosa existência, um estilo terso, sintético, fascinante, de manifesto sabor literário pelo poder de comunicabilidade e pela inspiração de suas imagens, pela medida certa de seus textos e pelo correspondente pêso dos respectivos conteúdos.

Na conversa informal das rodas amigas, no trato em sociedade, êle divertia e encantava: ora, o interlocutor jovial e atualizado com fatos e **boutades**; ora, o palestrador agradável e deslumbrante, que bastante sabia das coisas e muito ensinava, a miúde e sem alarde, a quantos dêle se acercavam, sobretudo aos mais jovens, que lhe admiravam a personalidade de escol e o tratavam reverentemente como a um Mestre.

Na escrita de gabinete, quando estereotipava o seu conhecimento onímodo, possuía tal segurança de forma e de fundo que, na verdade, não se sabe o que mais ressaltar: se a redação escorreita, em períodos bem lançados e harmoniosamente proferidos, numa seqüência rítmica, por quem tinha intimidade com a lingüística, ou se o teor também brilhante e ademais fundamentado, repleto de idéias altas e salutares, sempre em conclusões pessoais que não obscureciam o estudioso a par dos progressos da ciência do direito, em alguns de seus ramos mais importantes para a sociedade moderna.

Seu estilo, cristalino e transparente, a deixar à mostra uma individualidade paradigmária, tanto correspondia à concepção antiga de Séneca de que "o estilo é a fisionomia da alma... o estilo dos homens se parece com suas vidas", quanto satisfazia à conceituação hodierna de Buffon de que "o estilo é o homem mesmo, isto é, manifesta a própria natureza da inteligência que o produz, enquanto o pensamento, sendo geral, é impessoal", podendo-se concluir que, para Waldemar Pedrosa, o objeto da estilística, para dar ordem e movimento às suas idéias, estava, à exata, entre a gramática e a retórica: esta na escolha das

expressões, na construção das frases, na coordenação das partes do discurso e aquela no relêvo dos caracteres essenciais do vernáculo.

* * *

Assim, o estilo de Waldemar Pedrosa, na sua qualidade por excelência — a literária, mediante letras jurídicas das melhores, dispõe de farta e meritória comprovação, a joeirar-se no seio de sua não pequena obra, numa grande porção dada à estampa em impressos, que somam volumes de fôlego entre numerosos opúsculos e um livro, aquêles apresentando trabalhos isolados em diferentes oportunidades e êste enfeixando conferências técnico-científicas e pareceres legislativos, umas e outros derredor de temas palpitantes e controversos.

Basta lançar-se mãos, a esmo, de qualquer uma de suas produções publicadas, para a documentação inquestionável da pureza estilística do inolvidável conterrâneo.

De uma feita, paraninfando os bacharéis da turma do centenário de fundação dos cursos jurídicos no Brasil, após enfocar o passado nacional e indagar que se deparava aos neojuristas no ambiente brasileiro, o professor já consagrado insculpiu sua observação, em resposta, num trecho de sentido ruiano, breve mas vigoroso nos sons cascateantes :

> "As planuras do solo da pátria, arroteadas do sangue das lutas fratricidas, o ossuário dos mortos, as vozes dos mutilados e dos fortes a clamarem pela paz que unifica, pela paz que solidariza, pela paz que irmana, pela paz que fortalece, pela paz que incentiva, pela paz que estimula, pela paz que é o humus da vida e do progresso, e, longe, nos horizontes do porvir doirados pela luz do sol, os espigões da serra do futuro a nos acenarem a bonança, a prosperidade e a grandeza do nosso querido Brasil !"

Nos anos trinta, ao receber o diploma de membro honorário da Loja Maçônica "Rio Negro", o estilista aprumado assim teve ensejo de caracterizar o sentimento de gratidão :

> "Há em nosso íntimo um sentimento que surde e se manifesta ao contacto da bondade; transforma em bênçãos as súplicas do esmoler a cujas mãos passa o benefício da espórtula; enche o coração e, sufocando a voz, mal deixa os lábios estremecerem os seus recessos; sorri, agradecido, à generosidade recebida

e a frase, por mais colorida, por maiores rebrilhos que tenha, não lhe empresta nem mais vida, nem mais luz".

Ainda nesse decênio, como paraninfo a mais uma turma de bacharéis da então Faculdade de Direito do Amazonas, o penalista excelso se deteve na exaltação entusiasta de tôda uma categoria profissional, nesta passagem antológica:

> "Deixai que os detratores do chamado "bacharelismo" profliguem e anatemizem debalde e em vão o elevado ministério dos homens da lei.
>
> Porque o gênio irrivalizado do grande guerreiro, vencedor de tantas batalhas, o Bonaparte, que foi talvez o maior inimigo dos advogados, — quando vencido no exílio de Santa Helena —, reconhecia seu maior título de glória, não nas vitórias de quarenta batalhas, que a lembrança de Waterloo apagaria! Mas, "o que não se apagaria jamais", dizia o gênio do guerreiro, "o que viverá, eternamente, é o meu código civil".
>
> O orgulho do general ante o monumento legislativo era justo, mas o senso jurídico do estadista militar era falho.
>
> O código napoleônico, embora o seu alto valor, passou... passou, porque as leis não são imutáveis".

E' do final dessa década, também, a mais completa criação literária do estilista apurado, representada por linda e substanciosa saudação a Adriano Jorge, peça inteiriça na sua formosura inigualável, de modo a não permitir a extração de partes, mas que assim começava:

> "Às agitações dos espíritos refertos do anseio que se tornou realidade; às pulsações isócronas dos corações vibrados por esperanças messiânicas, sucede uma orquestração de notas suavíssimas, desferidas em surdina, que coroa o advento da promessa almejada. E' a sinfonia do espírito e do coração, entretecida de cilícios e sorrisos, de ritmos e ressonâncias, de êxtases e enlevos, que a alma humana se inebria nos desbordamentos da doce alegria com que se expande, ao plasmar-se em realidade o sonho que a atormentou".

Da lavra do conferencista exímio sôbre "A Socialização do Direito" — sua principal criação jurídica, é o período seguinte em

que, ao lado da construção poética primorosa, emergem enorme saber histórico e válida ilação sociológica :

> "Nem na Antiguidade Clássica, na velha Grécia, na doce Hélade do mar e ceu azuis, na Hélade das lendas heróicas cantadas ao som das cítaras pelos seus inspirados aedos, na Hélade dos poemas homéricos, na Hélade dos oráculos de Delfos e Asclépias, na Helade dos "Mistérios de Eleusis", na Hélade de Zeus, símbolo da luz, dispondo do raio para fazer sentir a sua cólera, — distribuidor da felicidade e da infelicidade dos homens; na velha Esparta, ciosa do orgulho de possuir o seu herói Héracles, personificado na lenda como o campeão da justiça e do direito, libertador dos oprimidos; na velha Esparta da legislação de Licurgo, na terra dos espartanos, periecos e dos hilotas; na Ática dos eupátridas, dos zeugitas e dos tetas; na velha Grécia, cujas cidades, no dizer de Fustel de Coulanges, oscilavam sempre entre duas revoluções, uma que despoja os ricos, outra que os reinvestia na posse da fortuna e do gôzo; na velha Grécia, onde, no testemunho insuspeito de Platão, "cada um dos Estados gregos não é um, senão dois : um composto dos ricos, o outro dos pobres"; na velha Grécia, onde Aristóteles justificava a escravidão como um fato natural pela incompatibilidade entre a baixeza do trabalhador e a dignidade do cidadão livre, a cultura helênica, embora o esplendor do seu apogeu nas artes e nas letras, não teve austos de vida para socializar o direito, porque a sua democracia se eclipsou e decaiu, minada por desigualdades sociais e solapada por constantes revoluções".

E os cuidados do pesquisador, que cultivou o idioma francês em extensão e profundidade, sempre estiveram presentes em tôdas as fases de sua multiforme atividade, de tal sorte que, em discurso de sustentação de parecer de sua autoria no Senado da República, onde se tornou um constitucionalista de boa fama, pôde dar, no calor dos debates parlamentares que puseram em fuga por momentos sua reconhecida e proclamada modéstia, um testemunho que lhe foi por demais honroso :

> "Nunca me avergaram os ombros as responsabilidades de uma cátedra de Direito Constitucional, mas, desde os bancos acadêmicos e através de um longo tirocínio profissional de advocacia, travei relações

estreitas, em manuseio assíduo, com a maioria dos constitucionalistas franceses, antigos e modernos.

E não os li sòmente com os olhos do jurista, senão também com a observação do investigador do idioma, do joalheiro da linguagem, à procura das facetas dos diamantes, dos cimélios preciosos da pureza da forma, para poder, hoje, perante o Senado da República, considerar Felix Moreau o príncipe da prosa, pura e elegante, de tôda a literatura constitucional da França".

Dêsse estilista nato, na fala e na grafia, deve afirmar-se como já ouvi alhures, que "redigia bem, inclusive de improviso", uma vez que a literatura deixada, não só por sua pena, mas também por seu verbo, é verdadeiramente rica e suntuosa, à guisa de autêntica e extraordinária madrepérola nacarada pelo gôsto espiritual de Waldemar Pedrosa.

CHAVASCAL & PIRILAMPOS

AGNELLO BITTENCOURT

Chavascal, no Amazonas, é um têrmo geográfico, quase sinônimo de pantanal, cujo significado, nos dicionários, difere do fenômeno pelo qual é tratado. A ocorrência é comum nas baixadas dos rios e vizinhança dos lagos. Trata-se de uma pequena depressão que, às vêzes, pode atingir dois ou três quilômetros de comprimento, tôda coberta de floresta virgem, em terras de aluvião.

Anualmente, mas apenas no auge do inverno, a superfície do solo mergulha e, sem demora, reflui a camada líquida, e a terra enxuga. E, todos os anos, num largo período de fluxos e refluxos, o sub-solo sofre carreamento de terra e, em conseqüência, a superfície abate-se, mergulha, de súbito, por cêrca de um metrc a prumo, sem que uma árvore sequer se incline. Todo aquêle bosque passa de um estado úmido, para outro, completamente aquático. Resultado: ao cabo de alguns meses, o arvoredo permanentemente submerso, começa a morrer. Ao fim de um trintênio, conforme a resistência dos espécimens, restam ali, de pé, os troncos brancos e desgalhados, como esqueletos de gigantes vegetais, que resistiram ao tempo, mas não à catástrofe diluvional. Entre as mais fortes, figuram as piranheiras.

A impressão que se tem daquele panorama de desolação, pelo aspecto, é que, no local houvesse ocorrido um incêndio. Êsse fenômeno tectônico, de se ter abatido o solo por lhe ter faltado a base de sustentação, é a conseqüência de um solapamento provocado por infiltração, quase sempre perto de um lago de que êsse chavascal é tributário.

Analisando fenômenos correlatos, o notável Prof. Hilgard O'Reilly Sternberg, no seu trabalho "Vales Tectônicos na Planície Amazônica?" (pág. 520, Rev. Brasileira de Geografia, Ano XII, n.º 4), diz: "Haveria na Amazônia um acúmulo de sedimentos

cujo volume tivesse sido suficiente para vencer a estabilidade da crosta, romper o balanço isostático e, assim, provocar na matéria subcrustal movimentos tendentes a restabelecer êsse equilíbrio ? Convém inicialmente fixar a noção de que a estabilidade da crosta, debaixo de uma carga que lhe seja sobreposta, é menor do que se pode crer".

Em ordem infinitamente menor, em pontos focais, poderia dar-se o fenômeno.

O não menos notável Prof. Pierre Gourou, em "Observações Geográficas na Amazônia" (Rev. Brasileira de Geografia, n.º III, de 1950), no capítulo "Pesquisas morfológicas a serem realizadas", proclama : "A Amazônia pròpriamente dita, no sentido restrito do têrmo, isto é, a Amazônia constituída pelos terrenos terciários e quaternários (quaternário antigo e moderno) merece um estudo morfológico aprofundado".

"Piraiauara" (região do Aiapuá — Rio Purus), por exemplo. Perguntando aos velhos caboclos que ali aparecem, no lago, apenas nos verões (pois se trata de uma bacia muito farta em pirarucu, peixe-boi, tartaruga, sem que haja na região, um só habitante), disseram-me que os desabamentos se repetem, mais ou menos, duas vêzes por século — isto porque, no interregno, na superfície vão-se acumulando novas formações detríticas, que aumentam o nível do solo.

Os pescadores contaram-me que não penetram no chavascal com receio das **cobras grandes,** na suposição de serem as donas do local e as causadoras do fenômeno. Se não fôsse a sua proteção, o pantanal enxugaria nos verões intensos...

* * *

Em tôda a extensão da zona misteriosa, naquele silêncio apenas quebrado pelos esturros dos jacarés e das onças, naquele viveiro de poraquês de um metro de comprimento, saltitam milhões de pirilampos ou vaga-lumes, ou ainda, na fala do caboclo, em parônimo em que há apenas a substituição da primeira letra v, pelo c.

Os minúsculos pirilampos daquela permistão singular, semelhantes aos gafanhotos, saltam, descrevendo parábolas, movimentam-se em grupos de milhares, enchem o tapete de mureruzal de miríades de cintilações. À cabeça de cada um (dizem que das fêmeas) há um ponto de luz verde-claro, do tamanho da cabeça de um alfinete, numa constante intermitência da luz fosforescente. Nas noites escuras, dá-se ali um espetáculo

deslumbrante, algo, e em têrmos, do que acontece na **Via-Láctea.** Jamais vi, em outro lugar da Amazônia, panorama noturno de tamanho enlêvo. Em tôda a área e além existem pirilampais, mas difìcilmente em tão grande quantidade como no Piraiauara.

* * *

Quando a cidade de Manaus ainda era cortada pelos igarapés do Atêrro (Av. Eduardo Ribeiro) e do Espírito Santo (Avenidas Floriano Peixoto e Getúlio Vargas) pirilampos eram vistos comumente. A Civilização, ao trazer a luz artificial e a secagem ou dreno dos igarapés, afastou para longe esta maravilha da **natureza...**

AMAZÔNIA OCIDENTAL

ALVARO MAIA

(Usos e costumes — Índios, cabôclos, nordestinos)

I

ÍNDIOS

Através dos longos anos de penetração interiorana, abrindo as veredas primitivas ao extrativismo, então necessário, como base para o desbravamento, os pioneiros não influenciariam tapiris e malocas, quando conseguiram aproximar-se, fixar-se, quando os índios, após lutas armadas, não batiam em retirada mudando-se de suas terras e águas. Aguardavam, na dispersão forçada e nômade, a hora da reação, inesperada muitas vêzes e quase sempre violenta.

Na fase inicial, nenhuma influência poderia receber dos pretensos civilizados, ante êsses processos de conquista.

Mais tarde, com o desdobrar dos anos, tiveram maior contato, rápido ou persistente, com os mateiros, as expedições, os seringueiros e castanhistas e, enfim, com as missões religiosas. Começaram assim, pela imitação ou pela bondade, as primeiras modificações dos usos e costumes.

Mateiros e expedições constituiram o expediente forçado da exploração, verificando-se o entrechoque fatal — o índio na defesa de suas glebas patrimoniais e o preador das riquezas florestais, matando caças, derrubando ou sangrando árvores, bombeando cardumes. O selvagem não compreendia claramente a invasão implacável, composta de bandos masculinos, isolados de mulheres. Alguns iam ficando no insulamento, à margem dos rios invadidos.

Surgiram, em conseqüência, os primeiros lares miscigenados nos seringais, nativos e nordestinos unidos a índios, com filhos ou tutelados, ou pròpriamente de índios catequizados, que

procuravam espontâneamente os civilizados, tangidos pela miséria, perseguidos por tribos diferentes, ou seduzidos por diferente sistema de vida.

Submeteram-se a novos costumes, à ação do mais forte, no primeiro caso, ou, por imitação, aceitaram outros hábitos, em completo abandono às heranças ancestrais. Deixaram o chão e a esteira pela rêde, enrouparam-se, aboliram o infanticídio, principalmente nos nascidos gêmeos. De arredios e fugitivos passaram a trabalhar com precauções para o dia seguinte; infletiram da caça e pesca, das razias nômades para os roçados maiores e plantio de árvores frutíferas. Valorizados os arredores das barracas, que substituiram os tapiris, cresceu o zêlo pelas terras, que transmitiram aos herdeiros.

* * *

Os maiorais conservavam o idioma das tribos, que se foi perdendo e diluindo nas gerações posteriores. Muitos descendentes passaram a demonstrar ojeriza às suas origens, não admitindo que os chamassem de índios. Seriam caboclos, no máximo, para todos os efeitos.

Há casos, porém raros, de índios que volveram às malocas, quando maltratados, ou em orfandade, ou mesmo raptados por familiares, indomáveis a novos métodos de vida.

Não fogem tão pouco, à socialidade. Comparecem aos festivais de santos padroeiros, dançam, bebem, divertem-se, mas raramente se entregam a distúrbios ou praticam crimes. Devotados até o sacrifício, recebem os golpes aflitivos ou a morte com admirável serenidade, e pouco se expandem, máxime aos estranhos. Há um ponto em que não variam, parecendo mais aprofundados com os dias — a desconfiança de tudo e a todos.

Desconfiados, silenciosos, retraidos em certas ocasiões, não se exteriorizam, não manifestam simpatias ou antipatias. Não esquecem benefícios ou malefícios: procuram retribuí-los no primeiro ensejo, conservando o instinto de vingança tribal, sem ameaças, sem demonstrações visíveis. O ato é inesperado, num vão de selva, e, sòmente nessas horas, o ferido recebe aviso dos motivos qne ocasionaram sua morte — o assassínio de um irmão, a perdição de uma irmã, uma injustiça qualquer. Praticado o delito, que não é pròpriamente delito perante a tradição indígena, desaparece para sempre no âmago das selvas. Não perdeu, nas bússolas do horizonte, o roteiro e a direção das malocas paternas.

Interessante é que o nômade, absorvido nos seringais, acostumado aos estios nas praias, nas desovas dos tracajás e tartarugas, acampando em lagos infestados de piracemas, não se muda da barraca, onde se isolou, na propriedade adotiva. Aí permanecerá longos anos, tal qual um nordestino, em roçados e pescarias, preferindo-as ao andarilhismo das estradas de seringa. Filho das matas, não se sujeita às mudanças diárias nas estradas de corte. Descobre as árvores leiteiras, separando-as em mangas sucessivas, enramadas à estrada real, para os seringueiros veteranos, de poronga à testa, — faca e balde às mãos grudadas de restos de sernambi.

De qualquer forma, a estrada é uma escravização — acordar às primeiras horas da madrugada, percorrer duas vêzes a mesma quilometragem, sangrando cascas leitosas, retornar nos dias seguintes, num serviço de sombra humana, de pária hinterlandino, pelo mesmo caminho e para o mesmo defumador.

Diversa é a paisagem do rio e do igarapé, do lago e do bamburral, em negaças ao imprevisto, e sempre um corpo em movimentação e perigo.

Adaptado aos seringais, o silvícola prefere o individualismo que vence, sòzinho, cachoeiras e dorme nas galhadas, sem esperanças de auxílios e socorros. Êsse o índio adulto, que se vincula às comunidades de seringueiros, obrigado pelos ataques de expedições aventureiras, ou em busca de parentes já abrigados, longe das tabas.

II

ÍNDIOS E CABÔCLOS

Há, entretanto, os curumins que adolescem nas casas religiosas, crescem nesse ambiente, ao rítmo de cânticos e ensinamentos, e, profissionalmente, mais tarde, se agregam a propriedades, vilas e cidades.

Seus usos e costumes são os mesmos dos demais companheiros de atividades. Não foi inútil a permanência, em períodos letivos completos, lado a lado com os filhos dos proprietários interioranos. De adolescentes calados, horas seguidas com os olhos no chão ou nas distâncias, sòmente comunicativos com os de idênticos agrupamentos raciais, transformam-se em decuriões de aulas ou balizas nas festividades cívicas: declamam, discursam, vencem apostas nas tertúlias de classe, tudo sem blasonamento e orgulho, que seriam desculpados nesses expoentes de raças vencidas e espoliadas.

Quando maiores, entendem-se em língua geral, que cessam repentinamente, à aproximação de estranho ou estranhos. Calam-se ou começam a murmurar português, engolindo o último sorriso da conversa anterior. Os olhos, que têm nas águas e peraus, nada mais revelam.

* * *

Desaparecem, — ou se torna necessário um gesto, uma ordem, para a mínima deliberação. Exímios pilotos e mecânicos, prestam inigualáveis serviços às missões religiosas, aos exploradores científicos, aos aviadores da FAB, sem interêsses pecuniários, ùnicamente por gratidão e pelas responsabilidades do serviço. Conhecem as surprêsas das cachoeiras, das pedras, das correntezas, das serras e vargens.

A palhoça indígena acha-se sempre aberta ao visitante : dá o que tem e leva o que tem. Convertido ao catolicismo, não se esquece das rezas e ofícios aprendidos, embora haja casos de olvido ao nôvo credo e retôrno ao pagé e pagelanças, desde que volte ao convívio da taba.

Não é raro o fato de assistir a novena, rosariar ave-marias, bater no peito às campanhas sacras, e, no dia seguinte ou horas depois, comparecer aos festejos das tabas, dirigido pelos velhos tuxáuas, ouvindo-os com acatamento, talvez determinado pela herança ou rescaldo familiar.

Digna de respeito é a sua impassibilidade ante a morte. Sabe que vai morrer de incurável gripe, porém continua frio, sem uma frase de queixa ou um gemido de desesperação.

Tem apêgo às águas e selvas natais : tucanos do rio Negro, catequizados pelas missões salesianas, foram conduzidos para o rio Madeira, onde vivem em paz, trabalhando ao lado de protetores e educadores, porém sempre com recordações das fronteiras do noroeste e ânsia de voltar para os rios escuros, pontilhados de saltos e pedras, diferentes de enseadas e ilhas alagadiças.

III

PATRÕES E SERINGUEIROS

A fase áurea da borracha ocasionou verdadeiras migrações dos bandos nordestinos, perseguidos pelas sêcas nos sertões nativos e esperançosos de melhor situação, cedendo também à ficção aventureira dos seringais.

Espalharam-se pela terra verde, infletindo para os altos rios, mais acentuadamente na zona sul, ou seja do Solimões e

Amazonas, em direção ao Peru e Bolívia, de onde manam três correntes principais de produção — Madeira, Purus e Juruá, com os afluentes encravados no Território, hoje Estado do Acre.

Vinham ao léu, por deliberação própria, ou arregimentados por seringalistas e contratantes. Êstes os distribuiam em Manaus e Belém, de onde, entregues aos patrões, em contratos verbais, partiam para a aventura ou desventura, subordinados ao fascínio da iniciação. Vinham do nordeste, acionados pelos ímpetos do próprio sangue, imergiam em persistentes anos de trabalho e, quando retornavam, retornavam ainda mais pobres.

Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Arthur Cézar Ferreira Reis, Ferreira de Castro, Paulo Jacob e outros notáveis escritores plasmaram, em capítulos vivos e flamejantes, a contratação dos brabos para as terras novas, sempre com esperanças de ganho e fuga. Vinham como guerrilheiros, improvisando moradias em tapiris indígenas, que são os bivaques, dos centros longínquos.

* * *

Nos seringais mais explorados, à margem dos rios maiores e seus afluentes, erguiam barracas de palha e paxiuba; cercavam-nas de algumas flôres, suspensas em jiraus, ou plantavam fruteiras, ordinàriamente abacateiros e mangueiras. Hoje, nos mesmos pontos, há barracas mais confortáveis, com tábuas serradas a braço.

Firmados à alimentação de caça e pesca, não esqueciam caixotes, suspensos em jiraus, com cheiro-verde e cebolinhas, complemento das pimenteiras e limoeiros, aos fundos do alpendre posterior da barraca, denominado de cozinha.

Pouco adiante, à orla do mato, ainda malaguetas e murupis, limoeiros e quiabos. Excetuando as plantações transitórias do verão, de agôsto a novembro, eram legumes da alimentação do florestário da terra-firme e do beiradeiro.

E' a sua horta — o recurso para suavizar a alimentação, resumida em peixes e caças, com dejejuns de patos, galinhas e porcos, durante o ano inteiro. Carne bovina constitui exceção para solenidades do padroeiro; charque e carne-de-sol, outrora trivial, começaram a rarear sob a imposição dos altos preços. Bois eram imolados também nos pleitos eleitorais. Antas, veados, capivaras, onças, queixadas e caitetus fraternizam-se aos bois, substituindo-os com certas vantagens, pois vêm gratuitamente das selvas.

Construido para resistir, espécie de casa-grande primária, o barracão constituía o centro administrativo e social, mas decaiu ao pessimismo das crises e pela facilidade de locomoção, ainda mais fácil com o advento dos aviões catalinas, que proporcionaram indiscutível impulso ao interior, notadamente nas regiões mais afastadas. A supressão dêsses aparelhos anfíbios causou enormes prejuízos, pela carência de pistas em tôdas as sedes municipais.

Como exemplo, basta citar Cruzeiro do Sul, atingível com um mês de viagem em gaiolas ou pequenos motores e em cinco horas por avião. Um percurso ida e volta, de dois meses a vapor, fica reduzido a dois dias com escalas e, sendo necessário, a um dia. Iguais a Cruzeiro do Sul, temos Pôrto-Velho na Rondônia, Bôca do Acre no Purus, Benjamim Constant no Solimões — Javari, Waupés e Jauareté no Rio Negro, Boa-Vista em Roraima, além de outras localidades em idênticas circunstâncias.

Desalentado pelas crises, inclusive de transportes, experimentado proprietário dos barracões julgou mais acertado inverter suas reduzidas economias em Manaus e Belém. Perdiam eficiência essas matrizes da economia planiciária, prejudicando as populações, porque o barracão tinha o valor de uma caserna, coordenando diretrizes para maior produção.

* * *

Era proverbial a hospitalidade nos barracões, onde o proprietário se desdobrava em gentilezas, num círculo de proteção, que se estendia ao redor. A carta de recomendação de um seringalista a outro, às vêzes de reduzido conhecimento, tinha o valor de uma ordem.

Houve, certamente, exceções bárbaras nos primórdios do desbravamento, explicável mesmo pela falta de policiamento, pela imensidade das distâncias, pelo mandonismo, inspirado pelas áreas isoladas, pela ausência de autoridades, por fatores outros, já avaliados por cientistas e sociólogos, como a carência do elemento feminino. O sexualismo originou crimes e atrocidades nos altos rios.

A situação transformou-se totalmente, mesmo em rios de acesso difícil, como o Machado e o Jamari, os afluentes do Purus e Juruá. O povoamento, o sacerdote, o juiz, o serviço militar, o professor clarearam a treva dos seringais e, atualmente, com as difusões radiofônicas, a modernização transfigurou o homem desfigurado pela solidão florestal.

IV

DIVERSÕES E ESPORTES

Basta observar, com olhares sem paixões secundárias, um festim coboclo, ou seja um forró ou pagode, em linguagem popular.

À parte os festejos pagos, simulacro de buates, à beira de lagos ou em bairros afastados, mediante ingressos à disposição de quem os paga, os forrós exigem convites, excetuando para as pessoas do mesmo seringal. Estas dispõem de entradas francas, consideradas familiares ou gente de casa.

Em situação contrária, violando as festas, são importunos ou penetras, convidados a sair, o que, não raro, motiva protestos, desagravos e cenas sangrentas. São costumes do mato e todos têm de obedecer.

Repetição, mais ou menos dos ajuntamentos nos destinos, predominam as tocatas de harmônicas, violão, violino (rabeca), e pandeiros. Gozam os músicos de especial atenção, apesar de pagos; servem-se dos melhores pratos e bebidas. Improvisam peças originais, ordinàriamente acrescentando ou diminuindo os sons, conforme as interpretações de cada região. Tocam de ouvido, repetindo e modificando tangos, que ouviram nas sedes municipais, nas viagens ou pelo rádio local.

As rezas, às vêzes tiradas em latim, por algum pescador ou seringueiro de idade, antecedem as danças. São acompanhadas em côro, nos terreiros e latadas, traçadas de palhas novas de ouricuris.

As crianças pedem bênção aos mais velhos, os afilhados aos padrinhos, sempre considerados protetores nas várias circunstâncias da vida. Findas as rezas, santos são colocados no oratório, com pendentes fitas coloridas. Sempre aparecem convidados retardados, que residem longe e tiveram de furar igapós, enfrentar banzeiros ou andar compridos caminhos. Chegando às vizinhanças, mudam as roupas viageiras pelos ternos postiços, não entram em casa com armas de fogo. Deixam-nas nas canoas e motores, ou as entregam aos donos da casa, aos festeiros do dia. Em muitos seringais, são descarregadas em homenagem aos santos e penduradas à parede, perto dos músicos. A descarga, em homenagem aos santos, é uma precaução e esvasia os canos e gatilhos.

Não entregam facas, peixeiras e canivetes; fazem parte da indumentária masculina, porque homens de verdade não andam vinte metros sem "seus espinhos de defesa".

* * *

Em duelos esportivos, futebol a pés descalços, com pesadas bolas regionais, comissões de moças, antes do embate, saem em procissão ao redor do campo, pedindo e colhendo as armas dos torcedores, receiosos de cenas de sangue, no fim e na discussão dos lances da partida. A invasão do campo e a fuga do juiz, ameaçado nos julgamentos, são coisas corriqueiras.

Há forrós que duram três dias; outros, uma noite apenas. As noitadas de São João e São Pedro, São Sebastião, Natal e Ano-Novo, são preferidas. Realizam-se festas menores nos seringais, a propósito de tudo, com gente do lugar ou das proximidades. Basta um tocador de sanfona, ou, em falta, cuícas e cantigas dos dançarinos.

Situação delicada é a recusa de qualquer dama a um cavalheiro e pior ainda deixá-lo, em meio à dança, por outro pretendente. Ou a festa se perturba de repente, ou, com um pretendente mais calmo, dá origem a discussões no terreiro, a pauladas e facadas. Êsse o pagamento pela desconsideração.

Nas comemorações juninas, mais folgazonas, repetem-se as cenas de fogueiras, os rodeios de padrinhos e madrinhas, as advinhações em copos d'água, canjicas e milho assado, comum em todo o Brasil. Súplicas são também formuladas a respeito de chuvas e enchentes, crescimento de roças e farinhadas.

O fim da festa resume-se em simples despedida, cada um para seu lado, às vêzes por um ano, "até para o ano que vem". São rotineiras as promessas de casamento e datas para raptos, — talvez pela falta de juiz, menores despesas e solução de questões melindrosas. O rapto é um golpe vulgar, espécie de precipitação ou pré-casamento, máxime na oposição dos pais. Às vêzes, a canoa do raptor ruma para o juiz, polícia ou padre, antes da barraca para a lua de mel.

As harmônicas ou os jazes tocam as últimas peças, aos ritmos da "desfeiteira", com versos rodando pelo ar. Nesses derradeiros instantes, a latada ferve em agonia, como se a peça musical fôsse despedida para largo tempo : os dançadores batem os pés, quase todos descalços, fungam, e o tango proporciona uma sucessividade de abraços. Erguem alguns vivas aos santos, aos donos da casa, e vão para as canoas, sacos de seringa ou maletas aos ombros, de regresso às barracas próximas ou longínquas.

Os forrós, em certas regiões, são uma prova de resistência. Seringueiros, pescadores, lenhadores, roceiros labutam durante a semana inteira, sol a sol. Remam largas distâncias e dançam durante a noite inteira, sem perda de um puladinho.

Bebem meladinhas, mistura de mel e cachaça. A cachaça pura, em garrafas, não goza da liberdade antiga. Fiscalizadas e proibidas, as garrafas ficam nas canoas ou escondidas, nos aceiros do mato, como produto raro de contrabando. De quando em vez, um e outro desaparecem e vão tragar uns goles. Depois de meia-noite, a festa está melhor, segundo opinião geral, porque, enfrentando o friozinho da madrugada, homens e damas se esquentam e se entendem pràticamente.

No interior, há contribuintes para os forrós; capados, bichos-de-casco, galinhas constituem almôço gratuito. Pirarucu sêco demonstra descaso e desatenção.

* * *

Nas vizinhanças de Manaus, e das cidades menores, instala-se sempre um sortido bar, em que tudo se paga, excetuando as autoridades, alguns convidados, ordinàriamente políticos em evidência, e os batutas, como são crismados os músicos do jaze, em serviço na festa.

Em certos lugares, há uma ligeira procissão, terrestre ou fluvial, quando a festa é presidida por sacerdote em desobriga. Além das danças, do convívio social para gente que se isola meses e anos, serve para início ou ultimação de negócios: nos ajuntamentos maiores, mormente nas invernadas, nas safras de castanhas, em que rola mais dinheiro, os regatões aproam à escadaria principal e apagam as luzes das máquinas.

Aproveitam a noite inteira para mercadejar, enquanto os de bordo, que não estão de quarto, vestem as camisas marujas, põem óleo nos cabelos e se misturam nos folguedos, após dias e noites em claro.

Conhecem lugares especiais, em que se improvisam os forrós, as canoas se avizinham com produtos extrativos para a mercância, as mulheres folgam nos volteios de algumas horas, esperando novo encontro para daí a dois ou três meses, sujeitas a troncos de bubuia, praias e pedras.

O avião e o rádio modificaram também os costumes nos forrós: vitrolas, captando programas selecionados de música, substituem a harmônica e o cavaquinho. A dança é o divertimento quase único, na impossibilidade de outras diversões. Os

preços melhores dos produtos extrativos, a relativa liberdade de mercância diretamente entre beiradeiros e regatões, principalmente tabaquistas e roceiros, a compreensão mais arejada dos patrões permitiam um sôpro de relativo confôrto. Muitas barracas são encimadas de antenas para transístores; as mercearias e flutuantes, em bôcas estratégicas de lagos e igarapés, dispõem de geladeiras, bebidas, refrigerantes e conservas. Circula o dinheiro, substituindo a antiga troca nos seringais. Como se sabe, raros conheciam ou manejavam a moeda nos anos de desbravamento, a não ser nas cidades, em saques girados às casas aviadoras. Imperava a troca do produto extrativo ou mercadorias, impondo uma dívida permanente do seringueiro.

As cunhatãs, industriadas pelas revistas, não ignoram totalmente a moda: pintam-se para as festas, com saias curtas e decotes, preferindo as côres berrantes — encarnado e azul, e não esquecem fitas e flôres agrestes nos cabelos.

* * *

A vida nos seringais desenvolve-se no esporte forçado do remo, da marcha, da natação, do machado e do terçado nas matas e nos roçados.

Qualquer adolescente rema dia e noite, caminha diàriamente nas estradas, nada sem aprendizagem, mergulha, vence travessias de igapós e igarapés. Respeita os lagos parados, pelo receio de candirus, jacarés e piranhas. Arpoa ou "pega à unha" capivaras e crocodilhos para o aproveitamento dos couros. Maracajás, onças e cobras são sacrificados a tiros; cacetes vencem queixadas e caititus.

O desenvolvimento da vida obedece a contínuo exercício, nas diversas modalidades de profissão, inclusive do lenhador, que derruba as árvores e carrega os toros para as embarcações menores.

O único esporte organizado, em técnica imposta pelo ambiente, é o futebol. Os times de um seringal costumam bater-se com os de outro seringal, estabelecendo rixas passageiras. Em feriados seguidos é comum o encontro, mesmo perto de Manaus, de quinze ou vinte clubes, em campeonatos regionais. As barrancas enchem-se de canoas e motores. À noite, comprovando a resistência do malsinado homem dos trópicos, surgem as danças que entram pelo dia seguinte, quando, a repetidos apitos, os dançarinos voltam aos torneios esportivos, findo os quais recomeçam os folguedos.

Certa vez, no lago Purupuru, nos fins do paraná Rosa-Branca, esgalhando-se para os Autazes, houve um animado forró, no resto das chuvas de junho, pelo São Pedro, numa comemoração dos pescadores. Pela manhã, ia animada a quadrilha, marcada a têrmos francêses e nacionais, (**balancée** ! caminho da roça !), quando um segrêdo correu de bôca em bôca. O salão esvaziou-se de avultado número de mulheres, que se meteram pela chuvarada, numa igarité. Remaram valentemente, em vozerio, e regressaram dentro de duas horas. Que fôra ? Não haviam concordado com a vitória de um clube diverso, vindo de Manacapuru, e resolveram tomar-lhe o prêmio, no caso uma taça, mesmo lutando corpo a corpo.

Regressaram com a taça, sorridentes, e desceram à parte posterior da casa, aos vivas ! prolongados. Retumbaram os tangos, sob palmas e risadas dos assistentes. E' uma prova de animação pelo futebol, que anima os estádios do Maracanã, do Pacaembu, e os campos, às vêzes encharcados, das selvas amazônicas. Resta dizer que, em meio às chuvas fortes, a luta não se interrompe até o resultado final, espirrando água de poças, nas pistas irregulares.

V

CANOAS E ÁGUAS

Uma parte da população do Amazonas desdobra suas atividades nas águas, locomovendo-se em ubás, montarias, igarités, batelões, à remo ou motorizados, e jangadas. Até eleições se processaram à proa de batelões, em substituição às mesas eleitorais. Descendo o rio, ou num recanto de enseada, os peritos trabalhavam, enchendo-se cédulas e boletins, mais tarde aprovados pelos juízes e tribunais.

Pescadores, nas safras de pirarucu, embrenham-se nas selvas, sós ou acompanhados de mulher e filhos; armam um tapiri, à margem do lago, e aí permanecem durante os dias de pesca. Mariscadores procuram tartarugas e tracajás, a anzóis ou frechas. Revivem os primitivos processos do índio, inclusive a batição, o cacuri e a timbòzada.

Há os pescadores privilegiados, em lanchas e motores velozes, que utilizam arrastões e bombas, agindo nas vizinhanças das cidades ou nos lagos distantes. Temos também os ainda mais privilegiados comandantes de praias, nomeados pelas comissões de caça e pesca, nos pontos de larga produção, em diferentes rios. O objetivo legal é a proteção dos quelônios, a fiscalização

dos ovos, mas transacionam as tartarugas ou as presenteiam. No Solimões, principalmente, há uma verdadeira devastação de caças e tracajás, condenados à extinção, como as tartarugas.

Muitos comandantes armam barracas ou tapiris, onde permanecem nos meses de desova, de agôsto a outubro, e encurralam os bichos-de-casco, que são vendidos a regatões, ordinàriamente estrangeiros, ou morrem ao sol.

* * *

Os regatões foram estudados através de penas observadoras, ora caluniadas, ora elogiadas. O renomado folclorista Mário Ipiranga Monteiro descreveu-os em perfeita monografia. Diferem dos antigos, a remo e voga; esbarravam nas fronteiras, interceptadas pelas cachoeiras. Os regatões de hoje utilizam lanchas de muitos cavalos e batelões possantes. Nesta época de dificuldades de navegação pelos navios maiores, máxime no verão, quando apontam praias, pedras e baixios, o regatão é a loja ambulante, que percorre o rio com artigos de mercearias, ferragens, farmácias e modas. Entram por igarapés, e lagos, comprando peles, pirarucu, sôrva, borracha e castanha. Seus rivais são os marreteiros, em canoas menores, motor ou rabeta, conduzindo as mercadorias essenciais. Alegres e espertos, gozam da estima dos beiradeiros, aos quais prestam assistência de passagens curtas, medicamentos, notícias. Tranportam correspondência, cartas verbais. Alguns, viajando sós, sem passageiros, conduzem sempre uma noiva para aquela viagem, substituída em outra passagem pelo tabacal ou bananal.

O interior possui um personagem milagroso, — o padre em desobriga, o missionário, andarilho do Evangelho, dormindo numa barraca, almoçando em outra, em cumprimento às ordens recebidas. Nunca lhe falta religioso respeito e, em datas marcadas, lá se encontra o missionário na cantoria de suas novenas, — casando, batizando, confessando, abençoando, ralhando e reajustando. Tornou-se uma figura familiar, que se desdobra em rios e igarapés, em lagos e paranás.

Não evita, entretanto, sortilégio e encantamento. O verdadeiro caboclo, criado ao sussurro de estórias e ficções, acredita piamente nos encantamentos do bôto, da cobra-grande, do matinta-perera e do lobisomem. Preconiza a influência misteriosa dos olhos de bôto, devidamente curados, e das penas de cauré, gavião que tece os ninhos nas altas piranheiras.

Usa também banhos de cheiro, garrafadas de ervas e raízes para massagens e defumações. São filtros para conquistas

amorosas e fortalecimento sexual, bons negócios, sorte na caça e na pesca, e têm o poder ilusório das muiratingas lendárias.

Não sòmente os caboclos.

Pessoas das cidades freqüentam as feiticeiras, ou não esquecem essas encomendas em seus tapiris — pagodes, em subterfúgios de lagos e igarapés.

V I

PROFISSÕES ITINERANTES

Em situações idênticas, vem o dentista ambulante, com o consultório a bordo do motor, percorrendo lagos e rios na desobriga da profissão.

Trabalha a bordo, extirpando nervos, arrancando dentes, forjando dentaduras. Demora nos sítios e seringais, segundo as imposições de serviço e o número de clientes.

Raro é o médico itinerante, clinicando em canoas ou lanchas, mas são comuns os enfermeiros e curandeiros, parteiras ou aparadoras, usando quase sempre a farmacopéia das florestas.

Entre êsses magos é de ressaltar em Terra-Santa, município de Borba, o caboclo Amâncio, que proibiu a cachaça, o uso de jóias, o trabalho aos sábados. Foi obedecido.

Outros taumaturgos, de mera irradiação, imperam no vale-verde.

Há também o guarda-livros itinerante, mourejando nos seringais menores, "fazendo a escrita".

Existiram escolas itinerantes, em certa época, de acôrdo com a modalidade das populações. Pequenos êxodos, carregando dezenas de crianças para as safras de pirarucu, transferindo os moradores de um rio para um lado, justificavam a movimentação dêsses cursos de alfabetização. Eram professôres leigos, que, entretanto, prestaram reais serviços à coletividade interiorana.

A escola é a maior exigência e a maior súplica do caboclo.

Famílias numerosas, de seis e mais filhos, sacrificam-se, mandando educar pelo menos um rapaz ou moça nos internatos, a fim de que, mais tarde, volte ao lar e ensine os irmãos que não puderam estudar. Muitos internatos, vitais para a juventude, fecharam as portas, sob dificuldades econômicas, inclusive de alimentação.

VII

RELIGIÃO E CRENDICE

O misticismo religioso é feroz, dirigido pelos sinais de côr vermelha nas folhinhas, ou sejam os dias santos; indiferente e até ignorando as grandes datas cívicas, mesmo 5 e 7 de setembro, o caboclo é intransigente quanto aos santificados. Viaja, quando muito, mas não caça, não pesca, não corta seringa, não limpa roça.

Há excessões, como na tempestuosa noite de São Bartolomeu, em agôsto, em que sai à procura de bichos-de-casco, ao longo das praias, indiferente a relâmpagos e raios. O santo permite aquêles trovões para proteger os pobres, tufando os ovos em tracajás e tartarugas, a fim de que procurem as praias, e caiam nas mãos dos rastejadores. Ficam bobeando, de cócoras nas covas, caindo fàcilmente nas mãos dos perseguidores.

VIII

NOVAS ATIVIDADES

Êsses usos e costumes se atenuam ou fortalecem nos caboclos e nordestinos presos a outras profissões amazônicas, como nos jutais, nas usinas de pau-rosa, no corte de madeira e serrarias, nas jangadas de cedros em descida pelos rios, nos guaranazais e fazendas, nos estaleiros, em que se constroem canoas e batelões.

Muitos desaparecem ou se modificam nas ondas do tempo. O Judas-Errante, revelado por Euclides da Cunha, que descia o Purus, na Semana-Santa, sob os balázios dos seringueiros, esvaneceu-se completamente. Não há mais Judas, pelo menos boiando nas águas.

Outro fato, relembrado por Gustavo Barbosa em seu livro "À Margem da História do Ceará", passou para o domínio das lendas — as pelas ou bolas de borracha, que os seringueiros jogavam às correntezas, imaginando-as recebidas pelos frades de São Francisco, em Canindé, ou pelos adeptos de São José de Ribamar, no Maranhão. Lá iam parar, aos trancos pelos rios e oceanos. O seringueiro pode oferecê-las ainda, mas entregangando-as aos vigários locais.

Surgem, nas florestas, fontes de atividades, ainda em organização, obrigando a novos hábitos, — a exploração da cassite-

rita, a garimpagem dos diamantes nas fronteiras, proporcionando aspectos curiosos na economia do Amazonas.

Costumes e usos são mais ou menos os mesmos, irmanando às populações da hinterlândia, sôbre os diferentes ângulos em que sejam estudados — na economia, na comunidade, no idioma, com diferença apenas nas fronteiras, pela interferência do espanhol e do inglês, e no alto Rio Negro pelo uso da Língua Geral ou dialetos indígenas.

A pronúncia quase não varia, nem a língua pátria cede nos limites dos países novi-latinos ou da Guiana Inglêsa, nem ao contato de reduzidos núcleos, como os redutos japonêses.

Os demais, — sírios, libaneses, italianos, — denunciam-se apenas pelo sotaque, — e muitos estrangeiros se adaptam aos alimentos e costumes da terra em que vivem e trabalham.

IX

CIVISMO PLANICIÁRIO

Os seringueiros, nas regiões mediterrâneas, dão a impressão de aparentemente apáticos, cegos e surdos a certas explosões de civismo, transmitidas pelo rádio ou pelos jornais. Nas fronteiras, são soldados em defesa indormida pela Nação.

Temos claras provas de reação nos entreveros do Acre e nas lindes do Javari.

Daí o cuidado que os seringueiros devem inspirar, no caso de entregues à própria sorte, quando se fala na queda do monopólio pelo Banco da Amazônia, espantados com os milhões de borracha estocada e o possível nomadismo de milhares de homens na hinterlândia, sem trincheiras de apoio para resistência.

Cada seringal desertado será uma casamata em abandono, a menos que seus ocupantes sejam destacados para novas vanguardas, dentro do mesmo território em perigo.

Os usos e costumes de Manaus são, com reduzidas variantes nas zonas suburbanas, freqüentadas pelos semi-retirantes do interior e tripulantes marítimos, os mesmos de outras capitais notadamente cosmopolitas.

No interior, na antigo expansão aventureira do desbravamento, às vêzes bárbara, ou nas ingenuidades e modalidades matutas de hoje, representam uma fôrça de compreensão e de unidade, fraternizando mulheres e homens, comunidades e agrupamentos, esparços ou aglomerados em tôdas as latitudes.

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA AMÉRICA LATINA NOS SÉCULOS XIX E XX

ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS

Somos uma imensa comunidade étnica, social, cultural, que resultou da participação de etnias européias, africanas e americanas. Resultou todo êsse gigantesco trabalho de aproximação e de integração da aventura que, a principiar do século XVI, levou espanhóis, portuguêses, franceses, inglêses, holandeses e suecos ao descobrimento de terras, oceanos, humanidades, que êles incorporaram aos conhecimentos da Europa.

Humanidades de que tinham notícias vagas e lhes causaram, em certos pontos, a impressão de terem encontrado os homens primitivos que iniciavam a aurora do mundo social. Humanidades que, ora expressavam a infância da civilização, na forma tribal por que se afirmavam e disciplinavam para a coexistência política, ora eram já uma admirável experiência de organizações políticas imperiais, socialistas, ditatoriais. Tôda uma vasta gama de valores institucionais, de que não se haviam dado consciência até então e lhes surgia provocando a literatura exótica, que foi um dos fundamentos, sob nôvo ângulo, do que chamamos de Renascimento, que não pode, portanto, ser mais limitado, na explicação do que reflete, como fôrça estética resultante da velha sistemática clássica.

Terras e oceanos, de que uma geografia fantástica lhes havia ensinado uma noção limitada e pontilhada pelo que poderia haver de mais fantástico, como fruto da imaginação humana. Terras e oceanos que inscreveram, na ciência nova que começaram a escrever, numa velocidade que lhes permitiu, não apenas a elaboração de um nôvo e poderoso **stock** de conhecimentos revolucionários, mas a adoção de novidades que compuseram autêntico sistema revolucionário nos vários aspectos da vivência diária: usos e costumes, alimentos, matérias primas para o comércio e

Os usos e costumes da Amazônia Ocidental modificam-se: **aviões, novos moldes de atividades,** declínio do extrativismo, incursões e excursões determinadas pela integração planiciária, operam transformações, mas não destroem ou substituem as bases, que no primarismo de rios e florestas, sedimentaram o homem interiorano, forçado a reagir, enfrentando distâncias e endemias para poder viver. Impõe-se arregimentação de um milhão de sêres para a nova Amazônia Ocidental, que se desdobra, em vários quadrantes, marchando para o Sul e Oeste, vitoriosamente para os benefícios atuais dos oceanos e dos ares.

para a primeira fase de uma preliminar da emprêsa industrial, técnicas de trabalho que incorporaram e foram, de então em diante, essenciais a suas fórmulas de existência social.

Disputando os espaços que descobriam, para o exercício e suas respectivas soberanias e a conseqüente exploração econômica dos valores materiais que encontraram e de logo lhes surgiram como um elemento nôvo para o poderio mercantil que se iniciava, aqueles europeus fundaram o primeiro grande império ultramarino, que começou a desmoronar em meados do século XVIII, com a independência das colônias britânicas, e tem seu capítulo final na descolonização a que estamos assistindo.

Na execução das políticas que tiveram de adotar, e foi, além de um mero transplante de instituições e de sistemas europeus, uma adaptação resultante das fôrças locais, representadas nos imperativos telúricos, sociais e culturais, aqueles europeus entraram em conflito. Defendiam seus interêsses valendo-se de todos os recursos. Importaram mão de obra da África para as Américas. Escravizaram ou impuseram um sistema social e econômico sôbre as populações indígenas com que se defrontaram na hora dos descobrimentos, equivalente não apenas à escravidão pura e simples, mas ao regime da servidão que vigorava na própria Europa de quinhentos a oitocentos. Decidiram dos destinos dos espaços onde se haviam instalado e onde se realizavam como potências coloniais, ora pela sorte das armas em guerras que mobilizaram os grupos nativos ou alienígenas, ora pela ação de seus diplomatas, que dêsse modo escreviam as primeiras páginas do que poderíamos denominar de albores da história diplomática das Américas.

O primeiro capítulo dessa história em nascimento fôra a partilha de Tordesilhas quando, sob as bênçãos papais, portuguêses e espanhóis dividiram o mundo em duas grandes fatias, com o que não apenas definiam suas posições sôbre as terras e as águas que descobriam, mas também sôbre aquelas humanidades, culturalmente adiantadas ou não, as humanidades que faziam a vida nas Américas, na África e na Ásia misteriosa e distante.

As guerras ocorreram entre portuguêses e espanhóis, portuguêses e franceses, portuguêses e holandeses, espanhóis e inglêses, espanhóis e franceses, inglêses e franceses. Quando se atingiu a fase da maioridade política e se pôs têrmo ao mundo colonial, estava definida, perfeitamente, a área de ação política das várias unidades em que se teria de dividir o mundo americano: o latino e o anglo-saxão. Não ocorriam mais dúvidas. Os

campos estavam perfeitamente definidos. Para tal, a diplomacia concorrera com seu quinhão, fixando situações e área de influência.

Entre portuguêses e espanhóis, três Tratados podem ser aqui recordados — o de Utrecht, o de Madri e o de Santo Ildefonso. Por êles, o Brasil foi definido na sua contextura territorial. Entre portuguêses e franceses, o de Utrecht encerrou, por algum tempo, as diferenças a propósito da fronteira nas Guianas. Entre espanhóis e franceses, os tratados de Ryswick e Aranjuez asseguraram a França o seu domínio na ilha do Haiti. Entre inglêses e franceses, os tratados de Utrecht e Paris garantiram aos inglêses a Acádia e o Canadá.

O famoso "Pacto de Família", negociado entre franceses e espanhóis, explicaria, por exemplo, a ação britânica mais violenta sôbre as Antilhas espanholas e seria posteriormente ainda uma motivação, distante no tempo, é certo, para as operações britânicas sôbre a região platina. Os tratados que puseram fim às alianças européias refletiram-se, naturalmente, sôbre as Américas, determinando as áreas de ação soberana que se encerrariam no episódio da independência, já no século XIX.

As relações internacionais, no período colonial de nossa história, foram, assim, episódio da história diplomática dos possuidores de impérios e não capítulos de história que tivéssemos escrito com a nossa participação e a nossa decisão. Foram episódios europeus sôbre o mundo americano, mas servem como explicação para muito das reservas que ainda hoje dificultam relacionamentos mais diretos, menos distanciamento entre os vários membros da grande família que tentamos elaborar em têrmos de integração e não de alianças políticas. E' que foram promovidas, insista-se na tese, para resolver a problemática européia na defesa de interêsses de potências européias que não abriam mão de seus títulos de descobrimento e de conquista sôbre os solos e as humanidades americanas. Nem por isso, todavia, devem ser ignorados. Porque realmente nos levaram ao plano das relações internacionais. São, consequentemente, uma espécie de pré-história da nossa existência no campo das relações internacionais.

2 — Alcançada a independência dos antigos territórios coloniais, ia começar realmente a história diplomática latino-americana. Porque seria fruto de nossa participação no contexto universal e de nossos propósitos para a formulação de uma política que servisse aos nossos interêsses mais diretos, visando-se à formulação de um grande princípio de solidariedade, de harmo-

nia e de vinculação estreita entre os integrantes da família continental. Essa história, no entanto, não foi continuada ou mesmo interrompida emprêsa política fácil de conduzir e, portanto, que se apresentasse realizada em têrmos de entendimento amplo, sereno, veloz. Houve tropeços vários, que principiaram pelas diferenças que o colonialismo deixara e determinavam a existência daquelas distâncias entre as várias nacionalidades que iniciavam sua vida soberana. Essas distâncias eram muito vivas e ainda não foram totalmente vencidas. Ademais, os problemas da organização dos novos Estados contribuiam para dificultar a destruição daquele estado de espírito. Tais problemas de estruturação política interna eram graves e levaram, inclusive, a conflito entre os novos Estados. O quadro que temos à vista na África e na Ásia, a propósito das novas nações que deixaram o "status" colonial, é, a certos aspectos, o mesmo quadro que poderemos verificar na vida americana logo após a independência. São problemas, lembra Panikar, comuns aos países novos.

Dissemos que com a independência começava a história diplomática da América Latina. Realmente assim foi. E começava pelo esfôrço no sentido da obtenção do seu ingresso na vida internacional pelo reconhecimento da sua existência, como parte do mundo soberano. Será conveniente recordar que a independência fôra uma conquista trabalhosa, sangrenta, na América espanhola e na América francesa, como fôra uma solução serena, tranquila na América portuguêsa, a "Terceira América", da denominação muito acatada de Nestor dos Santos Lima. E se assim fôra, alí, também não será desnecessário recordar que essa conquista estava relacionada com a trama de que participavam inglêses e franceses, dominados pela idéia de destruição do velho império espanhol. A intriga, urdida à volta dos sucessos que agitaram e ensanguentaram a América espanhola, vinha de longe. No decorrer do século XVIII constituira uma constante das preocupações das duas nações européias. Os inglêses, nêsse particular, não haviam descançado um só minuto. Tôda uma vasta infiltração se verificara, no comércio de idéias e de mercadorias de outra espécie, dentro daquele objetivo. Olga Pantaleão, em livro excelente, já nos deu uma síntese admirável da presença britânica nos negócios do Nôvo Mundo, a título de penetração mercantil, mas no fundo penetração que levaria ao desmembramento do império e, com êle, à conquista de uma posição especial, para os negócios inglêses, então, como sempre, a valer-se de todos os ardis para beneficiar-se no deve e haver das nações. Com a perda de seu primeiro império, represen-

tado pelas colônias do norte do continente, a velha Britânia via na América espanhola, como posteriormente na América portuguesa, onde também começava sutilmente a penetrar com os seus residentes autorizados e seus barcos também autorizados, campo onde realizar-se em nova experiência colonial, agora sob a forma de um domínio mercantil mais vantajoso, mais lucrativo e muito menos perigoso e dispendioso.

Os interêsses de franceses e inglêses, na oportunidade, a certos aspectos, poderiam ser, se não combinados, não hostís entre si. Daí porque vamos encontrar franceses e inglêses no mesmo barco, ajudando, com a exportação de idéias, de doutrinas e de ação combinada, na emprêsa da independência. Ora, se tal sucedia, se essa influência era assim ponderável, haveremos de convir que o ingresso das novas nações que surgiam na América espanhola teriam a cobertura dos dois países, interessados em que se associassem a êles como mercados e como áreas de uma atuação política, representada nas instituições que adotassem para estruturação de sua vida nacional.

O reconhecimento da independência não se processou, no entanto, apesar daquele primeiro interêsse britânico e francês, com rapidez. Ao contrário, operou-se vagarosamente, acompanhando a marcha dos acontecimentos militares. Êsses acontecimentos militares haviam oscilado. Ora eram os rebeldes que se viam vitoriosos, ora eram os peninsulares que dispunham do êxito imediato. Em várias das regiões onde o inquérito se elaborara, a solução fôra rápida. No Prata, assim sucedera. No Chile, no Peru e na Gran Colômbia, como no México, todavia, a guerra cruenta, a "guerra a muerte", da linguagem da época, impedia a independência fácil. Franceses e inglêses, do mesmo modo porque ajudavam, temiam o insucesso das armas rebeldes. Reconhecer como soberanos países onde a fôrça dos vencedores era oscilante, vaga, indistinta, pareceria perigoso. O reconhecimento foi, por isso mesmo, uma partida jogada a longo prazo. Não se processou prontamente. Ademais, aquele princípio dinástico de absolutismo ainda provocava reservas. Não se concebia em grande parte da Europa, a experiência liberal senão como uma traição ao sistema que vira nascer os impérios continentais e à sombra dêles o ultramar. Os inglêses, que não o defendiam, receiavam, porém, a perda de seus interêsses comerciais na nova área do mercado. Francisco Miranda recebera tôda a ajuda necessária para realizar seus objetivos. As demarches dos delegados dos insurgentes para que os inglêses se decidissem imediatamente, Chaning, realístico, sem deixar de animá-los, entendera, contudo, conveniente prosseguir no jôgo político,

procurando servir aos interêsses mercantís de sua pátria sem compromissos imediatos. Fracassara a expedição ao Prata. Não estava ali uma lição ? O panorama europeu, de outro lado, era de considerar devidamente. A ilha, embora ilha, não devia expôr-se aos perigos de uma aventura. Soldados inglêses e marinheiros de Sua Majestade participavam ativamente e admiràvelmente das jornadas militares ao lado dos insurgentes. Não seria bastante, no momento ? Em 1825, agentes consulares britânicos eram expedidos a Buenos Aires, Montevideu, Santiago, Lima, Bogotá e México. E em 1825, negociaria tratados de comércio com a Argentina, Colômbia e México. Chaning sustentava o princípio de que na América Latina estava agora o equilíbrio para o mundo. A França, no entanto, depois das mudanças que sofrera em sua política externa, abandonara a posição de simpatia pela causa dos insurgentes hispano americanos.

De início, os novos países de cepa espanhola franquearam seus portos aos navios britânicos. Era, evidentemente, uma providência inteligente. Dêsse modo pretendiam conquistar a compreensão e a colaboração mais estreita dos homens de negócio que pensavam nas soluções nacionais. Depois, enviaram seus agentes à Europa, em particular à França e à Inglaterra, para disputar o reconhecimento. E' conveniente recordar sempre que Europa significa, com poucas exceções, à época, mundo antiliberal, domínio da Santa Aliança, portanto, império do absolutismo. Qualquer passo no sentido da aceitação, no concêrto das nações, de países que se modelavam, nas respectivas instituições, pelos princípios negregados, heréticos, do liberalismo democrático das revoluções francesa, norteamericana, ou no pensamento dos filósofos inglêses e de alguns avançados estrangeirados espanhóis, era, seguramente, aceitar a novidade, repelida pelas grandes potências continentais, que não estavam dispostas a ceder na defesa, não do iluminismo do século anterior, mas daquelas fórmulas rígidas do poder emanado de Deus.

Perguntar-se-á, em conseqüência e a propósito — e a posição da Santa Sé ? Partira dela o primeiro ato referente ao exercício de soberanias nas Américas em fins do século XV. Agora, como se comportaria ? Sua participação nos destinos das Américas espanhola e portuguêsa constituira capítulo dos maiores de sua ação espiritual. Vangloriava-se de que fizera. Como trataria na atual conjuntura, aqueles mesmos povos que ajudara a formar, na catequese do gentio, nas escolas que mantivera, nos hospitais que abrira, no encaminhamento moral da sociedade de que, com tanta penetração, era parte integrante ? Um clero

revolucionário pegara em armas, do mesmo modo porque pregara a revolução, a mudança institucional, o fim do sistema colonial. Sabe-se que o jesuita Juan Pablo Vizcardo sustentara a causa da independência, acolhido na Inglaterra onde escrevera sua famosa "Carta dirigida a los espanoles americanos". Os seminários haviam se convertido em focos de difusão dos princípios franceses. O clero crioulo era, grossa maioria, favorável à revolução. No México, o cura Miguel Hidalgo e o cura José Maria Mereles chefiavam os insurgentes desde a primeira hora, pagando com a vida a ousadia das atitudes marciais e liberais. A revolução começara no México aos gritos de "Viva Nossa Senhora de Guadalupe". Seria bastante ? Valeriam êsses gestos como uma colaboração do Vaticano ? Do lado dos que se mantinham fieis a Madri, no entanto, havia igualmente sacerdotes, missionários, religiosos de Ordens várias, como Bispos, lutando com as mesmas armas.

O Vaticano, na oportunidade, apesar de todo o esfôrço dos que vem analisando a posição que adotou, como sejam Guilherme Funlong, Pedro de Leturia, Rubens Vargas Ugarte, não se declarou prontamente a favor dos insurgentes. Ao contrário, não esqueceu suas ligações com a mãe pátria dêsses mesmos insurgentes. Uma Encíclica, expedida a 30 de janeiro de 1816, pelo Papa Pio VII, exortou os insurgentes a manterem-se afetos a Espanha. Já anteriormente recusara adotar qualquer atitude favorável, como recusara também atender à solicitação de Espanha para que condenasse frontalmente a revolução. Seguiu-lhe as pegadas Leão XII na Encíclica de 24 de setembro de 1824, exortando os rebeldes a abandonar o estado de coisas sangrento que marcava o momento histórico. Com a vitória final de Ayacucho, sucedeu o inevitável — senão um ato público de reconhecimento das independências, negociações diretas com os govêrnos instalados para os assuntos eclesiásticos, o que significava um reconhecimento tácito da situação definida que se criara.

No particular do Brasil, a atitude do Vaticano não foi diferente. Negociara para evitar descontentamento com a Corte de Lisboa, que crescera e se fizera à sombra de um entendimento franco, generoso e permanente com a Roma dos Papas. Só a 23 de janeiro de 1826 se faria a mudança de posição. O assunto foi magistralmente tratado por Hildebrando Acioly em livro memorável sôbre a atuação dos Núncios Apostólicos no Brasil.

E os Estados Unidos ? No decorrer da revolução, não se haviam manifestado com simpatia pelo movimento. Hesitavam. Não desejavam participar de eventos indecisos. Em 1.º de

setembro de 1815 emitira uma declaração de neutralidade. Anteriormente, em julho, permitira aos insurgentes o uso dos portos norteamericanos. Faltava aos homens públicos da nação americana a consciência de que valia a América espanhola e o próprio Brasil para o futuro da posição norteamericana. Jefferson e Adams e Clay constituiam exceção. Monroe seria outra exceção. A falta de notícias a respeito das condições da América Latina era imensa. Além de Cuba, pelo perigo que oferecia se caísse em mãos dos inglêses, e do México, pela fronteira que mantinha, não havia interêsse maior pelo que ocorria ao sul do continente. As vozes que na imprensa se faziam ouvir, favoráveis aos insurgentes, não encontravam eco.

Note-se que os Estados Unidos tinham velha questão com Espanha, a propósito da Flórida. A aquisição da Luisiânia fôra outro ponto a constituir matéria prima para o desentendimento. Talvez por isso, os Estados Unidos desejavam agravar a situação. E nêsse particular, aceitavam as reclamações espanholas tôda vez que, em portos americanos, havia qualquer movimento visando a atender militarmente os rebeldes. Em 1811, o Congresso já decidira, num pronunciamento que pode ser tomado como uma decisão visando ao futuro e com o futuro aquela famosa doutrina de Monroe, que povo e govêrno norteamericanos viam com inquietação, a possibilidade da transferência de territórios do continente a mãos estranhas. Entre 1818 e 1819, no entanto, Adams compreendeu a gravidade da situação que se poderia oferecer com a independência, a ocorrer a qualquer momento. E sustentou a conveniência de inglêses e norteamericanos juntarem fôrças para uma operação de envergadura visando a evitar que a Espanha pudesse, com a participação da Santa Aliança, tentar a recolonização.

Os inglêses, que vinham acalentando as esperanças sulamericanas de independência, mas em nenhum momento haviam dado qualquer passo decisivo, recusaram a aliança pretendida, alegando que seus interêsses não coincidiam com os norteamericanos. Monroe, que acalentara a esperança dêsse entendimento com os britânicos, certo da permanência dos novos Estados hispânicos na condição de nações soberanas, não se arreceiou, então a adotar uma nova e decisiva posição unilateral — o reconhecimento puro e simples. E a 8 de março de 1822, dirigiu-se ao Congresso solicitando o reconhecimento para a Argentina, Chile, Peru, Colômbia e México. Os debates demoraram. Por fim, aprovada a solicitação, foram sendo nomeados representantes junto aos govêrnos daqueles países. Em 1824 era a vez da América Central, que se desligara do México. Por fim, em

1824, o Brasil. Êsse episódio, estudado magnificamente por Hildebrando Acioly, era uma espécie de fecho da campanha para considerar a América Latina na sua existência internacional.

O Brasil, é certo, teria de esperar ainda que na Europa a situação se esclarecesse. E só em 1825 após a interferência britânica, que se assegurara uma situação especialíssima no comércio conosco e a concessão de empréstimo com que pagamos as dívidas de Portugal, donde a versão de que a nossa indepedência constituira operação de compra e se revestira do caráter de um negócio em que os mais beneficiados na conjuntura haviam sido os inglêses, é que fomos aceitos na ordem mundial. O reconhecimento do Uruguai, da Venezuela, do Equador, da Bolívia, do Haiti e São Domingos ocorria muito depois. Entre 1834 a 1866. Em Aix la Chapelle, proposta defendida pela Rússia e pela França, importavam em solidariedade a Espanha na sua luta para a recomposição de seu império.

Henry Clay tentara, no Congresso, conseguir uma definição imediata de seu país com o reconhecimento da independência. Fôra vencido. Pesavam razões de Estado sôbre a impetuosidade ou a temperamentalidade de Clay, acusado de usar da medida para criar-se uma fôrça política que lhe serviria na campanha para a Presidência da República.

Os propósitos de interferência nos negócios das novas nacionalidades por parte de potências européias, no entanto, não se encerravam. Agora era a própria Inglaterra que compreendia o perigo existente e se movimentava para evitar que ocorressem fatos que pusessem em perigo seus interêsses mercantis. Face ao que se desenhava, propôs então aos Estados Unidos manifestação em conjunto com o objetivo de conter o apetite europeu. Sustentava agora a tese anterior que os Estados Unidos em 1819 lhe haviam proposto e ela recusara. Sabia-se que um Congresso europeu seria convocado e no decorrer de suas deliberações, a causa da América espanhola seria agitada para uma solução relevante. Rush, que representava o govêrno norteamericano em Londres, como primeira resposta sugeriu declaração imediata da Inglaterra reconhecendo a independência das nações de cepa espanhola da América. Antes de ter em mãos a resposta definitiva de Washington, Chaning, que se entendera com a França, obtendo o compromisso de não intercessão nos negócios do Nôvo Mundo, encerrou as negociações.

Monroe, a essa altura, tomara deliberação mais decisiva quando prèviamente ouvira dois dos antigos presidentes da República e depois de longo debate com o Gabinete, em men-

sagem, em 25 de dezembro de 1825, ao Legislativo, propôs quatro tópicos de uma nova política. Tomara conhecimento oficial, por comunicação do ministro russo, de que a ação européia seria realidade. Na nova política, Monroe sustentava que os Estados Unidos não interfeririam nos negócios da Europa, reconheciam como dependentes os territórios ainda sob dominação européia, não admitiram porém, que as novas repúblicas fossem objeto de qualquer tentativa de recolonização, recebendo como hostilidade aberta aos Estados Unidos qualquer intervenção européia nos negócios das novas nacionalidades criadas na América. A doutrina, como era natural, provocou espanto no mundo europeu e apenas alguma simpatia nas nações americanas.

3 — Encerrada a fase dramática da aceitação da América Latina no concêrto das nações livres, surgia agora o problema de sua conciliação interna, isto é, sua aproximação cordial, para uma vivência que permitisse a potencialidade do continente face aos problemas que angustiavam o mundo. Seria possível essa harmonia de todos? A história diferente das três Américas não importaria numa impossibilidade?

Tem sido afirmado que todo o esfôrço nêsse sentido está contido, inicialmente, nos propósitos e desejos de hispano-americanos, como sejam, Simão Bolivar, Francisco Miranda, Bernardo Monteagudo, San Martin, Vitório Cecílio del Valle, Bernardo O'Higgins. Partira dêles a idéia admirável dêsse concêrto fraterno de interêsses, decisões e atitudes face ao mundo e aos próprios negócios continentais das pátrias que se haviam criado no século XIX para a vida autônoma. Certo?

Em ensaio que escrevi, à luz de pesquisas de Heitor Lira, sôbre as "origens brasileiras do Panamericanismo", sustentei a tese de que em Alexandre de Gusmão, quando defendeu o princípio da paz nas Américas, mesmo que as metrópoles européias estivessem em guerra, lançava os fundamentos de uma orientação que levaria fatalmente ao acôrdo entre os povos que realizavam a emprêsa, criando-as como um mundo aberto ao futuro. Mais tarde, ainda dentro de mesma tese, em pronunciamentos dos agentes de D. João junto aos govêrnos platinos e posteriormente com a manifestação do Império, na declaração de José Bonifácio, comunicando ao mundo que éramos uma nação soberana e nas instruções baixadas aos nossos representantes junto aos govêrnos que se criavam como conseqüência da independência na América espanhola, sustentara-se o princípio da vivência pacífica e da convivência harmônica entre as novas nacionalidades. Uma ampla política do entendimento devia ser o objetivo das relações entre elas para que o continente pudesse

constituir aquele mundo de tranquilidade e de bem-estar que fôra o sonho dos descobridores. E na oportunidade, já se pensava, entre nós, em uma sociedade das nações americanas, recordou Rodrigo Otavio.

Não se pretende negar, com a afirmação que fazemos, que aqueles hispano-americanos tenham a glória de um mesmo pensamento, tanto mais quanto êle passou a constituir uma das constantes da política que, desde Bolivar, foi sendo a preocupação dos povos de cepa hispânica. Desejei apenas que se registrasse a raiz do pensamento, raiz de que devemos ter a glória porque realmente ela nos pertence.

Tampouco caberá aqui em detalhes historiar o esfôrço que se fêz ou discutir qual dos hispano-americanos será o autor primeiro, entre êles, do projeto de uma assembléia que fortificasse os laços de solidariedade do continente, preservando-o pela decisão de todos das tentativas cobiçosas das potências européias. O que interessa é saber que uma assembléia examinaria a problemática que surgia e criava obstáculos ao processo de crescimento natural, mas veloz, das nações americanas. Todo um vasto corpo de doutrinas e de providências objetivas deveria ser assentado na grande reunião. Bolivar andava descrente de sua própria obra política. Cedo se apercebera de que "arara no mar". Seu esfôrço admirável, visando ao equilíbrio e à harmonia entre as facções que se criavam e a uma solução tranqüila para as distâncias que já marcavam o momento entre os povos libertados, estava sendo perdido. Sem ser o democrata que muitos imaginam, mas um gendarme necessário, dominado pela idéia do govêrno forte, disciplinador, quase autocrático, face às condições de cultura dos povos libertados, Bolívar queria tentar, no Congresso do Panamá, obter o que até então parecera uma utopia.

Ao principiar o grande conflito que levaria à independência, a população da América espanhola representava-se assim : América Central e Antilhas — 40, 85% de índios, 17,76% de brancos, 17,48% de negros, 23,91% de mestiços; América do Sul, 30,96% de índios, 20,10% de brancos, 18,48% de negros e 30,46% de mestiços. No Brasil, o quadro era êste : 23,35% de brancos, 9,14% de índios, 49,75% de negros, 17,76% de mestiços. Compunhamos uma população de 4 milhões de habitantes. Entre 1821 e 1825, segundo Baron Castro, a situação na América espanhola alterara-se para 18% de negros, 19% de brancos, 36% de índios e 27% de mestiços.

A população da América espanhola experimentara a crueldade da guerra sem quartel. Seu **status** cultural e portanto político não era dos mais vigorosos. O primarismo da multidão em

armas, como posteriormente na luta cívica para a organização do nôvo poder, aquele que fôsse fruto das conveniências regionais sem ignorar as novidades que os tempos impunham e deviam ser também uma expressão do pensamento democrático-liberal, em cujo nome se promovera a revolução, constituia elemento negativo. Mestiços, crioulos, índios não se compunham com a gente branca que se mantivera fiel à Espanha. Os chefes militares, como os doutores saídos das Universidades em que Espanha se mostrara tão pródiga para a formação espiritual de seus súditos, de seu lado porfiavam na disputa dos postos de govêrno.

Mas que govêrno seria êsse tão ambicionado? A fórmula republicana teria sido a solução para todos? A experiência norteamericana seria suficiente? O caso especialíssimo do Brasil monárquico teria alguma influência? A tradição da realeza espanhola e o exemplo que permanecia na Europa, tôda ela, mesmo quando sob fórmula constitucional, do sistema monárquico, não provocariam pelo menos a controversia, a dúvida?

A solução monárquica que o Brasil adotara com tanto sucesso e responsável pela unidade, que no império espanhol não estava existindo, foi solução que muitos imaginaram solução ideal para impor a ordem e a tranqüilidade que os países, saídos da guerra civil sangrenta, precisavam experimentar para prosseguir através dos tempos. No México, recordemos, Iturbide proclamava-se Imperador. Anteriormente, no Haiti, Dessalines fizera-se aclamar Imperador. San Martin e seus seguidores peruanos tinham acreditado na possibilidade de encontrar em casa reinante na Europa um príncipe que viesse reinar no Peru. Rivadávia e seu grupo sustentara a conveniência de um cabeça coroada para a região platina. Uma delegação fôra a Espanha, depois do fracasso de Carlota Joaquina, para obter monarca que viesse fazer a felicidade de argentinos, paraguaios e uruguaios. Bolívar fôra tentado para a aceitação de um trono que cobriria a Gran Colômbia, que êle estabelecera como República confederada. Recusara formalmente. Pensava-se até em representante das famílias reais indígenas, buscadas como restauração do poder que haviam possuido e como testemunho universal de restituição aos legítimos senhores do continente. Ao findar o século XVIII, Aranda, consciente dos perigos que ameaçavam a estabilidade do império, lembrara a instalação de pequenas monarquias, vassalos de Espanha, com príncipes espanhóis à sua frente, nos vice-reinados em que se dividia o ultramar espanhol. Ninguém lhe dera atenção. O "estrangeirado" não vira com antecipação?

As dúvidas eram grandes. A República como seria experimentada ? Sob forma federal ou sob forma confederada, regime presidencialista ou parlamentarista ? Civis e militares, exercendo o Executivo ? Caudilhos ou Presidentes, democràticamente escolhidos, governando ? Essa a tremenda realidade com que se defrontavam os povos que iam experimentar as excelências da vida soberana. Estabilidade governamental constituia, portanto, o ponto nevrálgico da vida continental de raiz ibérica. No Brasil, não esquecer, o Império estava consolidado. Os incidentes posteriores à dissolução da Constituinte não haviam autorizado a anarquia. A Carta de 1824, liberal, outorgada pelo Imperador depois de consulta à nação, através das câmaras municipais, dera a segurança necessária ao funcionamento das instituições.

Bolivar, soldado, homem de govêrno, diplomata, desambicioso, compreendera a gravidade da situação. Tôda sua correspondência e suas proclamações revelam seu estado de espírito, sangrando às perspectivas de uma tragédia naquele mundo por que êle sacrificara fortuna, bem-estar, mocidade. Aturdido com a crise latente, Bolivar escreveria — "No pudiendo nuestros pueblos suportar ni la libertad ni la esclavitud, mil revoluciones haran necesarias mil usurpaciones". Ou então — "No hay salida de la anarquia (la America es ingovernable para nosotros); los patricios dejaran paso a la multitud desenfrenada, que, a su vez caerá en manos de tiranuelos". A Conferência de Panamá resolveria ?

A Conferência foi convocada para instalar-se no ístmo. A princípio, os Estados Unidos e o Brasil tinham ficado à margem pela suspeita que havia à volta de suas atitudes. O Brasil era monarquia, que aos olhos de Bolivar e de muitos próceres da emancipação representava a Santa Aliança. Era acusado de imperialismo. O caso da ocupação do Uruguai estava na linha das preocupações. A ocupação momentânea de Chiquitos provocara outro mal-estar. Bolivar cedera às ponderações de Santander para se não envolver nas questões com o Brasil. Suspeitava, no entanto, de nosso procedimento.

No particular dos Estados Unidos, entendiam que era nação diversificada pela formação política, étnica, religiosa. Ademais, não escondia propósitos de expansão com sacrifício de territórios que haviam integrado o patrimônio espanhol, de que as novas nações eram a continuação.

Apesar dessas reservas, tanto o Brasil como os Estados Unidos foram convidados. Santander, menos restritivo nas suas atitudes para com os dois países e por entender que a reunião

deveria incluir tôdas as vozes do continente, expediu os convites. Os Estados Unidos credenciaram dois delegados. O Brasil, um, que não compareceu, o conselheiro Biancardi, que regressou do caminho por ordem do Rio de Janeiro. Corria o boato de que, na conferência, seria examinada e condenada a forma monárquica como solução político-institucional para as Américas. A Inglaterra, por cuja conduta, embora indecisa, Bolivar sentia tanta esperança, mesma certo de que a aventura britânica ligava-se ao exercício de sua presença mercantil nas Américas, numa rivalidade que principiava com os Estados Unidos, não sendo assim uma atitude de cordialidade sincera mas pragmática, também foi solicitada a estar presente, na condição de observadora. Seria uma espécie de olho europeu no procedimento das novas nações, face a seus problemas nacionais e internacionais. Em conseqüência, poderia ser informante autorizado para a Europa ausente.

Compareceram à Assembléia apenas os representantes da Colômbia, México, Peru e Guatemala, esta, pela América Central. O Chile, que se comprometera, não mandou delegado. A Argentina e o Paraguay escusaram-se. A Bolívia também não compareceu.

A 22 de junho de 1826, na Sala Capitular do govêrno municipal de Panamá, instalou-se a Assembléia que, a 15 de julho decidiu, transferir-se para Tacubaya, no México. Que realizou de prático? Elaborou um tratado de União, Liga e Confederação; convenção regulando as reuniões posteriores da Assembléia; convenção relativa à formação dos contingentes militares, que cada Estado daria, financiamento das despesas respectivas e comando da fôrça mobilizada. Por fim, uma decisão, de caráter secreto, relacionada com o uso daqueles contingentes. Da Conferência resultava a decisão de uma defesa comum do hemisfério, solução pacífica para as questões que surgissem entre os membros da grande família continental, integridade territorial da mesma, abolição do tráfico de escravos. O idealismo que adotara não se coadunava com a realidade que se estava verificando nos excessos que se registravam a todo instante, na má condução dos negócios públicos dos novos países, já a braços com a incontinência de seus governantes, saídos dos quarteis ou das Universidades.

E' preciso não deixar de registrar que anteriormente à Conferência de Panamá, as novas nações continentais haviam firmado pactos entre sí: entre Peru e Colômbia (6-6-1822); Colômbia e Chile (21-10-1822); Colômbia e Províncias Unidas do Prata (8-3-1823); Colômbia e México (3-10-1823). Logo a seguir, 1828, um tratado de paz, entre o Brasil e as Províncias Unidas,

punha têrmo à guerra que lavrava entre as duas nações, dêsse entendimento saindo como Estado soberano, por sugestão brasileira, fique bem acentuado, e nunca por sugestão da missão britânica do Ministro Pomsomby, como geralmente se afirma, o Uruguai que, dêsse modo, deixava a área de dominação brasileira e argentina para graduar-se como país livre, embora sob a proteção dos dois antigos litigantes.

4 — A vida da América espanhola, no decorrer dos anos que se seguiram até encerrar-se o século não assistiu à independência senão de Cuba. Os outros territórios coloniais, existentes nas Guianas e nas Antilhas, continuaram sob soberania francesa, inglêsa, holandesa. Santo Domingo em 1861 cedeu a independência que proclamara para colocar-se sob a proteção de Espanha. Constituíra a única exceção de país soberano que perdia a própria soberania por decisão que adotara, entregando-se ao antigo dominador, que aceitou a solicitação, mas ràpidamente cedeu ao desejo posterior dos nacionais dominicanos quando se decidiram novamente alcançar a liberdade.

Os conflitos entre os países da América amiudaram-se. Em 1822, Haiti estabeleceu a unidade da ilha, atacando Santo Domingo e apoderando-se de seu território. Em 1837, Argentina e Chile enfrentaram a Confederação Peru-Bolívia. Em 1852, o Brasil entrou em guerra com a Argentina. Em 1848 fôra a vez de guerra entre o México e os Estados Unidos a propósito do Texas. Entre 1864 e 1870, Paraguai contra o Brasil, Uruguai e Argentina. Em 1879 e 1883, o Chile contra a Bolívia e o Peru. Em 1829, o Equador e o Peru haviam se atacado por litígio de fronteiras.

Além dêsses incidentes graves, entre os países do continente, a agressão européia ocorrera com certa violência. Assim, em 1838, a França tentara uma demonstração naval em Buenos Aires contra a Confederação Argentina; em 1863, fôra a vez de Espanha em demonstração naval contra o Peru e Chile; em 1864, a França desembarcava tropas no México e impunha a realeza de Maximiliano.

A formação de unidades de maior extensão territorial, de certo modo valendo como uma restauração dos blocos constitutivos dos vice-reinados, também entrou nas decisões políticas de então. Gran Colômbia seria um ideal bolivariano restaurado. Na América Central, depois da independência, a manutenção da unidade não pudera ser assegurada, não obstante o que, mais de uma vez voltara-se a ela como solução para as angústias e as desordens que a assaltavam, inclusive uma agressão de flibusteiros, comandados por William Walker. -Peru -e -Bolívia, -sob -a

vontade do General Santa Cruz, haviam experimentado o sistema da Confederação. Juan Manoel Rosas sonhara com a recomposição do Vice-Reinado do Prata, o que explica sua ação militar e política contra o Uruguai e o Paraguai, forçando a intervenção brasileira.

O que ocorria na América, por entre a desordem imposta pelos caudilhos que se sucediam e impediam o processo de desenvolvimento normal, criara uma visão negativa na Europa. O caso brasileiro, sob a monarquia de Pedro II, depois da experiência liberalíssima, mas profundamente grave para a segurança da unidade nacional, experiência verificada com o sistema regencial, constituía uma exceção. No continente, éramos, todavia, o povo que representava uma forma de imperialismo territorial, que herdáramos dos portuguêses na fase da formação de nossa base física. Os entendimentos que se tentavam para a solução das contendas de limites, ou antes, para a determinação definitiva do espaço sôbre que cada um deveria exercer o seu direito de soberania política, ocupando, desenvolvendo, assegurando progresso e procedendo à política de integração, se de um lado conduziam a tratados de limites, navegação, boa vizinhança, comércio, de outro nos haviam libertado daquela pecha. Éramos o povo imperialista. Escrevia-se abertamente a respeito. Um livro famoso fôra "El crimen de la guerra", da autoria de Juan Batista Alberdi, eminente pensador argentino. Na contenda com a Bolívia circulara um texto sob o título — "La Política Imperialista del Brasil". O tratado de Ayacucho fôra conseguido sob ameaças ao Parlamento que pretendera recusar aprovação. A política platina brasileira servira para consolidar a posição brasileira, opondo-se à constituição de um nôvo império, que seria aquele sonhado pelos estadistas platinos, em particular Juan Manuel Rosas, mas criara a desconfiança constante daqueles povos. No Paraguai, desde a missão Pimenta Bueno, quando tomamos a deliberação de assistir ao país mediterrâneo para assegurar-lhe a independência, contestada pela Argentina, nossa presença decorria daquele propósito inconfundível, mas que teimavam todos em ignorar ou falsear. Herdáramos as diferenças entre portuguêses e espanhóis na Ibéria. E a forma de govêrno monárquico, num mundo de repúblicas, contribuía para agravar as desconfianças. Não encontrávamos amigos. Todos nos olhavam com desconfianças. No Uruguai, os partidos tinham por bandeira sua simpatia ou sua antipatia aos brasileiros — "blancos e colorados".

Reagindo a uma interferência indébita dos Estados Unidos, que nos queriam forçar a franquear o Amazonas à navegação

internacional, pondo fim à política da porta fechada que adotáramos, mas ignorávamos no particular do rio da Prata, iniciáramos uma medrosa política amazônica, que nos poria em contacto com as outras cinco potências sulamericanas que dispunham de espaços no que poderemos denominar de mundo amazônico. Possuíamos a entrada do rio, o que nos garantia o govêrno das iniciativas. A tentativa de abertura, obtida pelos Estados Unidos, naqueles países, como arma para forçar-nos a adotar uma nova orientação, não obtivera êxito. Desmanchamos ràpidamente a manobra. Nossa diplomacia era astuta, hábil, rápida e cheia de decisão. Seu sucesso continuado, nos pleitos a que fôra chamada, assegurava-lhe uma nomeada apreciável.

Êsses problemas de limites não compunham, todavia, apenas uma ocorrência que nos separasse dos países hispânicos. Tinham vez, igualmente, entre êles. Chile e Argentina contendiam nêsse particular. Argentina e Paraguay também. Como Chile e Bolívia e Peru, Peru e Bolívia, Peru e Equador, Colômbia e Equador, Colômbia e Peru, Colômbia e Venezuela, Venezuela e Guiana Britânica. Toneladas de textos se vinham escrevendo, comprovando os direitos, os títulos jurídicos e históricos que se atribuiam os contendores. A documentação dos arquivos era rebuscada e permitia alegações sôbre alegações. O entendimento pacífico entre as novas nações e a mãe pátria, Espanha, permitia a utilização dos depósitos de manuscritos, constantes de dezenas de cedulários que se guardavam em Madri e preferentemente em Sevilha, no velho Arquivo de Índias.

A anarquia e a caudilhagem, no entanto, constituiam o mais desolador do quadro que se vivia na América livre. A sociologia negativa que se começava a escrever e de que o "Facundo", de Sarmiento, como "Conflitos e Harmonias de las Razas en América" eram especimens magníficos, fixava o ponto nevrálgico da história regional. A formação política não se lastreava no que pudesse haver de mais digno e mais humano na experiência dos quatrocentos anos já decorridos desde a implantação da Europa com seus domínios ultramarinos. Alexis Toqueville, que visitara o continente entre 1835 e 1840, escrevia: "Depois de vinte cinco anos de revoluções, de liberdade, só se pode esperar, nêstes países, a confusão e a desordem. O viver em perpétua revolução é o estado normal da América espanhola; seus diversos povos, empenhados em devorar-se as entranhas, perderam até a idéia de que é possível empregar a vida em outros objetivos. A sociedade caiu no abismo do qual lhe será difícil sair por seu esfôrço. Se por momento parecem aquietar-se, é só por conse-

qüência da extenuação; é um curto descanso, precursor de um nôvo período de furor revolucionário".

Recordando a desordem que lavrava, Júlio Ycaza Tigerino, em "Lá Sociologia de la Política Hispano-Americana", escreveu: En El Ecuador en menos de cien años treinta y cinco revoluciones, sin tomar en cuenta las rebeliones y montines. En Bolivia, de 1825 a 1898, se produjeron más de sesenta revueltas. Durante la época hubo treinta Presidentes, de los cuales seis murieron asesinados, mientras se dictaban, sólo hasta 1877, diez Constituciones, y la Constitución de 1880 fué reformada seis veces hasta 1931. La costurbre tradicional de asesinar a los Presidentes no se ha perdido aún en la democracia boliviano. El último de turno fué el Presidente Villarroel, cuyo cadável arrojado en 1947 por una ventana del Palacio Presidencial. En el Paraguay, desde 1814, sólo seis Presidentes han logrado terminar sus respectivos mandatos: tres generales y tres civilis. Y desde 1870 hasta la fecha, es decir, en setenta y ocho años, ha habido cuarenta Presidentes, los cuales han tenido que enfrentarse con doce revoluciones y veinte levantamientos armados y con varias guerras con países vecinos. Chile, en su período anárquico de dies años antes de la llegada de Portales al Gobierno, tuvo cinco Constituciones, y el Jefe de Estado, Freire, disolvió tres Asambleas convocadas por él mismo. En Nicaragua, en un período de sólo catorce años, se sucedieron veintitrés Jefes de Estado, llamados entonces Directores Supremos. México tuvo veintedós Presidente en nueve años.

Ora, mesmo em meio a tôda essa desventura, a América espanhola começara a compreender a necessidade de novos rumos. Produzia para exportar. Os tratados de comércio que vinha firmando com as potências do Velho Mundo garantindo mercados, sob preços fixados lá fora, davam a impressão imediata do que, do ponto de vista das relações econômicas, vivia-se com certa segurança. As correntes imigratórias estrangeiras procuravam o Prata, o Brasil, o Peru. Eram italianos, espanhóis, portuguêses, alemães e chineses que viam na América um campo para a melhoria de suas condições materiais de vida. As condições européias, nesse particular, não eram boas. A atração da América não se restringia, por isso, mesmo, apenas à saxônica, alcançando a de raiz ibérica. Uma legislação liberal permitia ao estrangeiro integrar-se na exploração da terra que não lhe era recusada.

Tratados de comércio entre os próprios países continentais foram sendo firmados. Em 1856, a Argentina e o Chile negociaram, e fizeram funcionar até 1868, um acôrdo comercial pelo

qual se permitia que os produtos de cada um dêles tivessem entrada livre de gravames nacionais e provinciais no território do outro, concedendo-se ainda aos cidadãos de qualquer das duas nações os privilégios comerciais de que gozavam os nacionais da outra. A experiência, conhecida pela denominação de "cordilheira livre", produziu frutos apreciáveis, mas não foi duradoura pelo fato do Chile haver pretendido estender os favores acordados aos produtos que as duas nações recebessem por via marítima, o que, realmente, fugia ao espírito do diploma na sua forma original. Seguiram-se, com semelhantes objetivos, acordos firmados em várias oportunidades pelos países da América Central, que, em meio às discórdias que dificultavam a unificação política da área, procuravam estabelecer regimes de comércio livre recíproco. O Peru e a Bolívia, tal como a região platina, tentaram, também, idênticos acordos com resultados passageiros.

As conferências continentais que se celebraram e das quais éramos contìnuamente excluidos, como os Estados Unidos, atentaram fundamentalmente para os problemas de natureza política — uniões para evitar a conquista, solidariedade, boa vizinhança, confederação, solução pacífica para as contendas continentais, assistência mútua a integrantes dos ajustes firmados em caso de agressão, não intervenção e pouco mais. Foram realizadas em Lima, (1847), Santiago (1856), Washington (1856), Lima (1864), Caracas 1883). As atividades norteamericanas sôbre territórios pertencentes a antigos espaços coloniais de Espanha, ao lado de interferências européias eram a razão maior dessas reuniões, inclusive aquela de Washington, a que os Estados Unidos não estiveram presentes. A êsses tratados ou convênios, resultantes das conferências, somavam-se os que se firmavam continuadamente entre sí os países hispânicos. Tomava corpo evidentemente, o desejo de uma harmonia que poderia conduzir ao sucesso daqueles princípios de que Bolívar se fizera defensor. No campo das relações internacionais, a América Latina saia da pré-história.

5 — Os Estados Unidos, cedendo à evidência de que as reservas que lhe faziam estavam a criar-lhe uma posição estranha no continente, procuraram, antes de findar o século, ganhar um pouco do tempo perdido. E provocaram a primeira Conferência Interamericana, que teve sua sessão inaugural a 2 de outubro de 1889. A acusação que já vinha sofrendo de que sua política de expansão territorial era contrária e perigosa aos interêsses continentais, tomava corpo. A desconfiança resultante crescia. Do mesmo modo por que nos acusavam através daquela literatura

de reservas, acusavam os Estados Unidos. Frederico de Onis, a propósito, nos deu excelente ensaio em que procedeu ao inventário da atitude dos escritores hispano-americanos na controvérsia com os Estados Unidos, acentuando que, se havia a admiração pelo crescimento daquele país, intensificava-se o receio, a crítica restritiva. O esfôrço pelo crescimento territorial dos Estados Unidos constituíra um episódio utilizado para propaganda negativa. Realmente, passando-se em revista a história dessa formação territorial, poderíamos encontrar elementos que fortificassem a tese. Em 1803 ocorrera a aquisição, mediante compra, da Luisiânia; em 1819, aquisição da Flórida, comprada a Espanha; em 1845, anexação do Texas; em 1848, compra do Nôvo México e Califórnia, com retificação posterior da fronteira com êsse último país, e ao norte retificação da fronteira com o Canadá, o que importava sempre em ampliação da área territorial e nunca em sua diminuição. Ao findar o século, pelos caminhos de Santa Fé e do Oregon, as multidões de pioneiros escreviam um nôvo capítulo na história norteamericana, incorporando, por uma ocupação permanente e útil, todo um imenso espaço interior, sôbre que se criavam os territórios federais, mais tarde transformados em Estados da União. O pioneiro elaborava aquilo que Turner chamaria, com muito acêrto, a marcha da fronteira e assegurava, com a grandeza territorial, a grandeza material, representada pela rêde de centros urbanos, linhas férreas, caminhos terrestres, desenvolvimento econômico. A conquista do Oeste compunha, aos olhos do mundo atônito, um espetáculo realmente admirável como ação dinâmica e lição de vontade e de decisão.

A previsão de que estava acontecendo fôra por nós, no Brasil, cêdo registrada, conforme se verifica da exposição, de caráter reservado, que o Intendente Maciel da Costa, que administrava a Guiana Francesa no período em que a possuímos, enviara ao Marquês de Linhares e na qual admitia a potencialidade futura dos Estados Unidos e do Brasil, que deveriam servir de garantia à ordem no hemisfério, mas deviam evitar o choque, que seria fatal se não se tivesse a precaução de criar um Estado tampão entre as duas áreas em desenvolvimento.

No decorrer dos conflitos entre os países hispano americano e potências européias, os Estados Unidos haviam assumido atitude muito pouco diligente. Apenas no episódio da intervenção no México, dera uma colaboração apreciável a Juarez e aos que lutavam pela restauração do regime republicano e pela reentrega do país aos seus legítimos senhores, seus nacionais. O "destino manifesto", que se alegava para a expansão interna, realizava-se

naquela operação. Quando Espanha retomara Santo Domingo, houvera um momento de grande espectativa. Os Estados Unidos pensaram em ocupar a ilha, livrando-se da presença espanhola, em nome da integridade do continente e dêsse modo dignificando-se a doutrina de James Monroe.

A Conferência que se abria agora seria um caminho para desanuviar o ambiente, criando um nôvo estado de consciência e de relações entre todo o mundo americano. Por que para a conferência estavam convidados todos os países livres do continente. Note-se que, a essa altura, o Brasil mudara de regime. A 15 de novembro transformara-se em República Federativa. Incorporara-se, dêste modo, ao sistema continental, deixando de constituir aquela exceção que causara tantos distanciamentos e incompreensões.

Condenou-se a guerra de conquista, recomendou-se a construção de uma ferrovia intercontinental, sugeriu-se uma política regulatória de uso dos rios interamericanos, fixaram-se linhas de ação para a solução dos litígios pelo uso da arbitragem. Por fim, assentou-se a criação de um organismo que coordenasse, de então em diante as relações mercantis e fôsse uma oportunidade para o melhor relacionamento entre os povos americanos. Êsse organismo foi a União Panamericana, iniciada sob a denominação de União Internacional das Repúblicas Americanas, com sede em Washington e mantida pelos recursos proporcionados pelos Estados-Membros. Essa assembléia seria o início de uma série de outras que com o andar dos tempos alteraria o conceito de solidariedade continental, partido para um instrumento que é hoje a Organização dos Estados Americanos, a OEA, com podêres amplos, que incluem a intervenção nos Estados-Membros, a ajuda ou cooperação técnica, a ordem continental, o incentivo ao desenvolvimento.

Encerrada a Assembléia, ia experimentar-se a primeira prova de seu êxito: o caso de Cuba, em armas contra a dominação espanhola. Seguir-se-ia o problema do canal de Panamá, a intervenção européia na Venezuela e o conflito com a Inglaterra a propósito da fronteira entre a Guiana Britânica e a Venezuela. Ter-se-ia bem claramente a demonstração de como frutificara a reunião no particular da nova orientação a adotar nas relações entre os povos do continente e na interferência indébita de potências européias nos destinos das Américas.

O episódio da independência de Cuba e participação dos Estados Unidos nessa façanha político-militar que expulsou Espanha das Américas tem raiz ainda no século XVIII, quando os inglêses tentaram apoderar-se da ilha para fortificar-se nas

Antilhas e assegurar sua posição nas colônias do sul do império que possuiam na América e de que sairam, posteriormente, os Estados Unidos. Alcançada a independência norteamericana, a idéia da anexação de Cuba continuou a perseguir os novos inglêses que viam, na aquisição, aquele mesmo motivo de segurança que herdavam dos colonizadores britânicos. Em livro memorável, José Inácio Rodrigues procedeu ao inventário minucioso de tôda essa preocupação e dessa intenção imperial dos norte-americanos. Quando Espanha lutava, num último esfôrço por vencer a insurreição que Marti planejava e por cuja causa perdeu a vida, os Estados Unidos viram o momento asado para a intervenção. O afundamento do "Maine" valeu como causa exterior. Com a derrota dos espanhóis, não foi possível, no entanto, a anexação pura e simples como ocorreu com relação a Pôrto Rico e Filipinas. A reação cubana e a necessidade de dar uma satisfação ao mundo, atônito com a proeza, impediu que se consumasse o velho sonho. A "Emenda Platt", ao texto da Constituição da nova República e pelo qual era possível a intervenção no país para resguardo da independência nacional e restauração da ordem interna quando essa perigasse, pondo em risco talvez a própria segurança do hemisfério, foi o instrumento legal conseguido contra princípios comezinhos de direito público interno e externo.

No particular do canal, os Estados Unidos, não desejando que o capital europeu tivesse em seu poder as ligações entre o Atlântico e o Pacífico para via que se tentava construir desde o período colonial, quando surgira a idéia, procuraram obter os favores da Colômbia, em cujo território passaria a nova via de comunicações. Frustrados em seus propósitos, fomentaram a revolução (1904) no Panamá, reconhecendo de imediato a República que ali se estabeleceu e lhe concedeu o direito preferencial para a construção, que fracassara sob a orientação de Fernando de Lesseps, e rasgaria o Canal de Suez.

O conflito entre a Venezuela e a Inglaterra eclodira face a veios auríferos em território litigado pelas duas nações. Os Estados Unidos interferiram favoràvelmente à Venezuela. Em resposta, a Inglaterra disse que se os Estados Unidos assumiam o papel de protetores dos países do continente, deveriam conseqüentemente assumir também as obrigações que decorressem do protetorado.

A ação naval da Alemanha, Itália e Inglaterra sôbre a costa venezuelana para exigência de pagamento de compromissos financeiros com o capital que aqueles países representavam e não estavam recebendo o tratamento que exigiam, não mereceu,

de parte norteamericana, apesar do movimento de opinião pública haver se declarado rápida e intensamente favorável aos venezuelanos, a atenção zelosa que se esperava. Ao contrário, foi moderadíssima, conseguindo, por meios suasórios, que os agressores concordassem na arbitragem que pôs fim ao litígio. Um internacionalista argentino, Luiz Drago, à oportunidade, sugeriu a adoção de uma doutrina condenatória do uso da fôrça e da ocupação de territórios na solução de litígios decorrentes de dívidas públicas. Os Estados Unidos só posteriormente, em Haya, (1907) concordaram aceitando a tese como integrante do corpo de doutrinas que conformariam um possível direito internacional americano.

O século XX iria assistir a profundas transformações na vida universal. Não seríamos estranhos a essas transformações que nos conduziriam a uma participação mais intensa na própria conveniência mundial. Duas guerras de âmbito universal e dois conflitos na própria Sul-América provocariam, no particular das Américas, nôvo **status** e nôvo procedimento. Às alianças militares iriam seguir-se as alianças para solução dos inquietantes problemas sociais que ideologias e estado de consciência mais ativo despertariam ou provocariam. Um movimento de alerta constante marcaria principalmente o segundo post-guerra. O quadro realístico da América Latina exigiria, no que diz respeito às relações internacionais ou mesmo as interamericanas, um tratamento nôvo que não poderia cifrar-se naquelas políticas um tanto utópicas ou meramente simbólicas.

Nos primeiros momentos do século, o que haveria de mais importante no convívio continental seriam as intervenções norte-americanas no Caribe e a luta pela conquista de mercados entre norteamericanos e inglêses. Êstes haviam sido os grandes beneficiários do post-independência. Dominavam o mercado de capitais, as inversões em serviços, concediam empréstimos, governavam a economia de exportação dos latino-americanos. Governavam serena e impàvidamente. Não tinham rivais ou competidores. Alemães, italianos e franceses não possuíam o mesmo vigor, nem a mesma dinâmica. O que representavam como tal era muito pouco face ao interêsse e à atividade britânica. Os capitais excedentes norteamericanos iniciaram o que se admitiu denominar de "diplomacia do dollar". E como tal, foi penetrando na América Latina, em substituição ao capital britânico, aos poucos arredado até mais recentes episódios da perda total de expressão na Argentina, onde êle era o dominador exclusivo.

As intervenções principiaram em 1905, quando a República Dominicana viu sua alfândega dirigida por um funcionário norteamericano que passou a cobrar os impostos com que pagava credores estrangeiros, europeus e norteamericanos do país antilhano. E de 1916 a 1924, a ocupação por fôrças militares estadunidenses. Em 1915 era a vez do Haiti, ocupado durante dezenove anos também por fôrças militares norteamericanas. Na Nicarágua, o desembarque dos fuzileiros ocorreu em 1912, só realmente procedendo-se a desocupação em 1933.

A América Central e a região antilhana, onde os interêsses norteamericanos eram mais ativos, passaram a denominar-se, na literatura geográfica e diplomática, como "Mediterrâneo Americano". Vasta literatura escreveu-se a respeito. A decisão norteamericana de intervenção, quebrando o princípio do isolacionismo e da preservação de seus interêsses que não deviam afetar os dos outros povos, pregado por George Washington no momento em que deixava o poder e fazia a sua despedida ao povo que libertara e conduzira com tanta prudência e dignidade, recusando a permanência, o continuismo, para que não o pudesse apodar de monarca disfarçado, era agora tônica dominante. A política do "destino manifesto", sob o nôvo ângulo da necessidade, da conveniência e até mesmo do imperativo da expansão para resguardo da potencialidade que a nação alcançava, ou da paz americana, ou ainda do "big strit", que Teodoro Roosevelt lançara, estava em marcha decididamente. Os Estados Unidos acreditavam em que serviam a interêsses da humanidade nos atos que praticavam impondo ordem e resguardando os seus capitais nas zonas onde se registravam sucessos que punham em perigo a paz e os seus interêsses financeiros.

Assistia-se a tudo isso, todavia, no restante das Américas, sem uma palavra de contestação à orientação política, que rompia com tôdas as deliberações votadas nas assembléias continentais. O Brasil tivera de agir com decisão no episódio do Acre, evitando a guerra contra a Bolívia e impedindo que o "Bolivian Sindicate", que Rio Branco considerava, com muita clarividência, como instrumento de dominação imperialista apropriada para a aventura européia na África e na Ásia, mas impossível de aceitar-se nas Américas soberanas.

Os conflitos de limites eram ainda a preocupação maior nas nações da Sul-América. Aquelas toneladas de textos, cheios de reivindicações e de razões de ordem jurídica e histórica que os arquivos e a dialética de juristas bem nutridos nas fórmulas do direito que invocavam, não cessavam de publicar-se provocando uma literatura única no gênero em todo o mundo, e

realmente admirável como obra de inteligência, de pesquisa e de sistemática. Até mesmo nós, no Brasil, não escapamos com os trabalhos extraordinários de Joaquim Nabuco e Rio Branco, que sucediam aos tratadistas especializados do Império. Evitáramos conflito com o Peru, que em dado momento pensara em agredir-nos numa aventura militar meio quixotesca, pois segundo os que a haviam imaginado os soldados peruanos nos imporiam, com o reconhecimento da soberania de seu país no alto Juruá, uma paz que seria assinada em Manaus, depois de ocupada pelas fôrças vindas do Departamento de Loreto.

Peru e Chile não encontravam acôrdo sôbre o caso de Tacna e Arica. A Argentina continuava sua questão com a Inglaterra, a propósito das ilhas Falkland. Bolívia e Paraguay, sem acesso direto ao mar, disputavam-se o domínio do Chaco. O Equador litigava com o Peru e com a Colômbia. Honduras não cessava de protestar contra a presença dos inglêses na outra Honduras, a que fôra usurpada pelos britânicos. A demarcação de fronteiras operava-se, no tocante ao Brasil e seus vizinhos, como emprêsa incessante. Desejávamos ter de vez encerrada a problemática da extensão de nossa base física quando essa base física lindava com a de outros povos.

7 — Com a primeira grande guerra, a América Latina ia começar a participar dos destinos do mundo com sua presença um tanto medrosa nos aconteçimentos militares e diplomáticos conseqüentes. Acompanhando os Estados Unidos na sua participação na guerra, quase a totalidade das nações latino americanas rompeu as suas relações com as nações não aliadas. Apenas o Brasil, com missão médica e contingente naval de policiamento do Atlântico, teve presença menos débil. Na Assembléia que passou a constituir a Liga das Nações, primeira grande assembléia para a disciplina dos negócios universais, por isso mesmo as nações latino americanas tiveram participação, revesando-se, continuadamente, de acôrdo com a sistemática vigorante na Liga.

Entre a primeira e a segunda guerra, dois choques militares ensanguentaram o continente em sua parte sul — a guerra do Chaco, entre Paraguay e Bolívia, e o conflito de Letícia. No primeiro, depois de um esfôrço inútil dos dois contendores, que não se venciam, mas se esgotavam, chegara-se a uma paz que fôra êxito da interferência brasileira pela delegação que mandáramos a Buenos Aires, chefiada pelo chanceler José Carlos de Macedo Soares. No segundo episódio, os conflitentes foram contidos pela intervenção da Liga das Nações, que designou uma comissão, de que fizemos parte por intermédio do General Cândido Rondon. Por fim não pode ser esquecido o problema

de Tacna e Arica, submetido a um pronunciamento popular entre os habitantes da região para que decidissem a que nacionalidade desejavam pertencer.

Na segunda guerra, a América Latina compareceu com os contingentes militares do Brasil e do México. O estado de guerra contra as potências do Eixo exerceu-se, incluindo a Argentina, que foi a última nação a declarar a sua posição beligerante. Os acôrdos de Washington, celebrados entre os Estados Unidos e as nações latino-americanas, disciplinaram, em têrmos de ajuda, de financiamentos, a participação das mesmas no abastecimento dos aliados na Europa e dos Estados Unidos da matéria prima necessária à fabricação de instrumental de guerra ou à movimentação dos parques industriais, que sofriam da perda dos mercados asiáticos ou mesmo europeus, fechados pela marcha das operações. Essa, aliás, uma contribuição admirável, sôbre que ainda não se escreveram os livros que a consignem e indiquem na grandeza e na importância de que se revestiu para o sucesso das armas aliadas.

A conseqüência imediata de tudo que ocorria durante o conflito era a mudança de espírito, a inovação tecnológica, as exigências das multidões, que desejavam o reconhecimento de suas angústias e não se conformavam mais com as soluções maneirosas do passado. Descobrira-se, lembra êsse homem maravilhoso que foi o padre Lebret, que existiam fome e miséria no mundo. Na América Latina, essa fome e essa miséria entravam pelos olhos da cara. Era preciso enfrentá-los com energia e desejo de resolvê-las. As assembléias internacionais não poderiam mais progredir na ambição do progresso e de um bem-estar que fôsse ater-se a aspectos jurídicos da vida dos povos. Tinham de tomar conhecimento dos novos aspectos da vivência universal.

Às vésperas da entrada dos Estados Unidos na guerra, ocorrera um fato nôvo, grave, que poderia servir como prefácio à reação que se seguiria dos povos latino-americanos à rudeza de tratamento por parte dos norte-americanos — a nacionalização das refinarias de petróleo no México. Ao invés de uma ação rápida e drástica como sucedia sempre ontem, os Estados Unidos aceitaram a situação, evitando romper a unidade que defendiam para que a guerra pudesse ser realizada e ganha com a ação regular e uníssona do mundo continental. Até um projeto de ação militar sôbre a Argentina, que se recusava a dar a sua participação ao lado das demais nações do hemisfério, e para a qual solicitara-se a intervenção do Brasil, foi arredado. Novos tempos? Nova consciência pan-americana? No México, em Chapultepec, assentara-se a criação de um mundo em que

houvesse menos desamor entre os homens e em que se pudesse progredir na ambição do progresso e de um bem-estar que fôsse comum à espécie humana e não mais se restringisse a poucos privilegiados. Como se ia cumprir essa decisão ? Wilson, professor de história, jurista e homem de Estado, ao final da primeira guerra denunciara a existência do mundo subdesenvolvido, reclamando para êle um procedimento humano. Não fôra ouvido. Era mesmo esquecido até bem pouco quando se começou a proceder ao inventário histórico do assunto para identificar-se os que haviam sido os precursores dessa tarefa de reposição do homem no quadro da dignidade humana. Só se lembravam dêle para incriminá-lo pela prática imperialista no Caribe, quando exercera a suprema magistratura de sua pátria.

Na Conferência de Havana, a que a América Latina compareceu, realizada por convocação das Nações Unidas, defendemos o direito de uma política que visasse permitir que nos desenvolvessemos com maior velocidade e menor descompasso. A Carta de Havana não inscreveu os nossos pensamentos. Não teve, aliás, aplicação, rejeitada pelos Parlamentos de todos os países signatários. Ninguém ficara satisfeito. Logo a seguir, uma assembléia convocada para Bogotá examinaria as peculiaridades que oferecíamos. Roberto Simonsen defendeu, então, a elaboração do que êle chamava de "Plano Marchall para a América Latina, a exemplo do que se fazia para a Europa. O texto foi discutido amplamente no Brasil. A delegação brasileira omitiu-se na oportunidade na defesa do projeto que, se discutido e aprovado, seria o ponto de partida do que hoje se denomina "Aliança para o Progresso".

Em Bogotá, no entanto, apesar dos tropeços de natureza política, interna, que prejudicaram o andamento dos trabalhos, venceu-se uma etapa difícil. Deixou-se de vez a preocupação jurídica que marcava preferentemente as conferências anteriores. A "Carta de Bogotá" que assegurou constitucionalização ao sistema interamericano, deu forma específica à Organização dos Estados Americanos, coordenando os órgãos existentes e disciplinando-lhes o funcionamento.

No seu capítulo VI, relativo às "Normas Econômicas", proclamou a cooperação entre os Estados membros da Organização na medida de seus recursos e legislação, com o maior espírito de boa vizinhança, a fim de consolidar suas respectivas estruturas econômicas, intensificar sua agricultura e mineração, fomentar sua indústria e incrementar seu comércio; no caso da economia de um Estado membro ser afetada por situações graves para cuja solução não dispusessem de meios satisfatórios, poderia

êsse Estado recorrer ao Conselho Econômico e Social para buscar, mediante consulta, a solução adequada. O Conselho era um dos órgãos da O.E.A., com estatuto e regimento próprio e a finalidade de "promover o bem-estar econômico e social dos Estados Americanos, mediante efetiva cooperação entre êles", prestando-lhes os serviços técnicos que fôssem solicitados. Evidentemente era muito pouco o que ali se concluia.

A Assembléia criou o Conselho Econômico e Social Interamericano e, indo mais longe, votou outro diploma : um convênio econômico, que afirmava o princípio da solidariedade e visava "à manutenção de condições econômicas favoráveis ao desenvolvimento de uma economia mundial equilibrada e expansiva e um alto nível de comércio internacional, em tal forma que contribuia para o fortalecimento econômico e ao progresso de cada Estado". A cooperação técnica, a cooperação financeira, os interêsses privados, a cooperação para o desenvolvimento industrial e econômico, a segurança econômica, as garantias sociais, o transporte marítimo, a liberdade de trânsito, a solução das controvérsias de natureza econômica que surgissem entre os Estados Americanos, os acordos bi ou multilaterais foram os pontos fixados no Convênio para estimular o processo de desenvolvimento econômico do continente, não como um todo isolado, mas como parte integrante do mundo.

Nessa ordem de idéias, celebraram-se convênios de união econômica e aduaneira. Foi o caso da Gran-Colômbia, ressuscitada não na sua forma primitiva, sonhada por Simão Bolívar, como bloco político, mas como unidade econômica. O chamado "Convênio de Quito", firmado em 9 de agôsto de 1948, deu-lhe forma. A Carta da Organização dos Estados Centro Americanos, de 14 de outubro de 1951, estabeleceu os vínculos de solidariedade daquela parte do continente, criando, entre outros, o Conselho Econômico.

Outra Conferência, em Caracas, celebrada em 1964, deu mais ênfase aos aspectos econômicos das relações internacionais. Os levantamentos que se efetuavam ofereciam um panorama contristador do processo de desenvolvimento continental. Havia 20 nações subdesenvolvidas e apenas duas desenvolvidas, uma delas, os Estados Unidos, graduados agora na condição de maior potência da terra e responsável pelos destinos do humano; a outra, o Canadá. A presença da América Latina nas relações internacionais deveria ser, no entanto, de agora em diante uma presença ativa e dominada pela ideologia do desenvolvimento. As revoluções que levavam em seu bojo as exigências das populações que ambicionavam melhoria de padrão de vida. Prega-

vam-se reformas agrárias. Surgiam caudilhos que sustentavam novos princípios. Não eram mais os homens providenciais de ontem, mas talvez, emissários de uma nova ordem.

Foi quando o Brasil tomou a decisão, pelo pronunciamento do presidente Juscelino Kubtischeck, de alertar os responsáveis pelo sistema continental acêrca dessa situação crepitante, explosiva, que era necessário corrigir por meio de um programa que incluísse as reivindicações do continente, que se agastava continuadamente com a prosperidade do Extremo Norte e a pobreza do Sul a começar do Rio Grande. A 9 de agôsto de 1958 foi lançada a Operação Panamericana (OPA). Afirmava-se, no documento inicial, que não se tratava de "uma ação delimitada no tempo, com objetivos a serem atingidos a prazo curto, mas uma reorientação da política continental, com o fim de colocar a América Latina, mediante um processo de valorização total, em condições de participar mais eficazmente na defesa do Ocidente, através de um sentido crescente de vitalidade e um maior desenvolvimento de suas possibilidades. A Operação Pan-Americana não é, assim, um simples programa, mas tôda uma política". A operação Pan-Americana teve prosseguimento no programa "Aliança para o Progresso", lançado, em 1960, pelo Presidente John Kennedy. Rompera-se a essa altura todo o sistema que se pretendera até então fazer funcionar nas Américas, com a vitória de Fidel Castro, em Cuba. A incompreensão norte-americana do que essa revolução poderia valer como episódio a ser utilizado para as mudanças que os Estados Unidos poderiam patrocinar ou mesmo coordenar e dirigir, coube a responsabilidade pela posição que aquela nação passou a adotar incluindo-se na área comunista. Alterava-se, assim, o velho equilíbrio que os próceres de um panamericanismo utópico sustentavam.

Ao êrro inicial, seguiram-se providências para uma política que mobilizasse o continente, considerado em perigo de uma agressão marxista. As reuniões de consulta e os entendimentos entre os govêrnos não produziram, todavia, os resultados que se imaginaram. O procedimento mais acertado seria a execução de programas que visassem, realìsticamente, a solução dos problemas que angustiavam a América Latina e de cuja responsabilidade aproveitavam-se agora os que negavam espírito de solidariedade cristã aos norteamericanos para, acusando-os de um pragmatismo excessivo e prejudicial aos interêsses dos outros povos do continente, atribuir-lhes um peso maior nessa responsabilidade. As divergências, mesmo nos Estados Unidos, eram grandes. A aplicação dos recursos, decorrentes da "Aliança para o Progresso", não se fazia de acôrdo com os objetivos visados

pelo Presidente Kennedy. Um vasto inquérito, para verificar dos resultados que se vinham obtendo, a cargo do ex-presidente Kubtischeck e de Alberto Lleras Camargo, resultou na constatação de rendimento inexpressivo face aos recursos mobilizados.

8 — A história da América Latina no campo das relações internacionais foi aqui proposta sumàriamente. Resumindo-a, poderemos afirmar que suas características principais podem ser encontradas no esfôrço para a elaboração de um sistema de convivência entre os povos do Nôvo Mundo, na interferência norteamericana na vida interna dêsses mesmos povos, interferência que lhe alienou a confiança e a admiração a que os Estados Unidos deveriam ter direito pela obra gigantesca que realizaram para criar-se como potência material e espiritualmente poderosa. Mais, na solução de problemas políticos que distanciaram durante algum tempo vários dos integrantes da latinidade americana; nas operações de natureza econômica, representadas pelos empréstimos externos, principalmente europeus, alienação de suas riquezas naturais aos interêsses dos capitais alienígenas, manutenção de mercados no exterior através de convênios e tratados de comércio que garantissem preços e compras para os produtos primários que exportassem.

As assembléias continuadamente se realizavam, convocando o continente para os graves problemas de natureza jurídica que exigiam pronto atendimento, não atingiam objetivos maiores. A mudança de orientação adotada após a segunda guerra e face ao problema criado pelo episódio de Cuba, levou finalmente à preocupação de um nôvo sistema, o da integração em têrmos de economias complementares e solitárias, ao tipo que a Europa executara para vencer a crise, decorrente do fim do colonialismo na África. O mercado comum e os acôrdos tarifários, o mercado comum centro-americano e o mercado comum sulamericano representam etapa e o critério mais acertado. Em Punta del Este, a estatégia proclamada consubstanciou-se justamente na luta para a destruição do subdesenvolvimento e para um pan-americanismo que deixasse as preocupações meramente jurídicas para proclamar como tônica a solidariedade econômica e cultural Um instrumento copioso foi previsto e em muitos casos já foi adotado para funcionamento mais veloz e rendimento mais imediato.

No particular de outras manifestações de vitalidade como comportamento nas assembléias internacionais face aos problemas universais, a história da América Latina no campo das relações internacionais tem um haver muito pequeno ainda. Ninguém tentou propô-la. Acreditamos que seja esta a primeira tentativa

para uma visão global do que ela oferece de expressivo ou menos desinteressante. Essa história, aqui resumida, constituirá um lôgro, uma mistificação ou nos assegurará uma posição dignificante no panorama das relações internacionais? Os homens que a vem escrevendo com a sua dedicação, a sua intrepidez, o seu civismo e o seu sentimento de solidariedade humana seguramente poderão deixar de merecer a nossa compreensão e o nosso respeito? Constroem um pedaço de um mundo que deve crescer e multiplicar-se com a nossa participação e a nossa decisão.

Há por tôda a América Latina uma exacerbação nacionalista, que causa alarme, receios, mas também provoca a compreensão de um setor que começa atuar nos Estados Unidos, o setor universitário. Ali mestres e discípulos sentem que há erros que explicam as distâncias que se criam e se fortificam incessantemente. Três nações novas acabam de surgir na área americana — Tobago, Trinidad e Guiana. Não são partes do mundo latino americano, o nosso mundo. Mas são parte da humanidade americana. A maturidade que faltava a todos começa a chegar. Será que poderemos responder a Bolivar naquela dúvida que o atormentava e parecia uma verdade impossível de contestar? Poderemos em futuro não muito distante afirmar, contrariando-o, mas satisfazendo seu sonho de anos de luta — não arou no mar!

BIBLIOGRAFIA

JOSÉ M. CORDERO TORRES — Textos Básicos de América, Madri, 1955.

J. M. YEPES — Philosophie du Panamericanisme et la Organisation de la Paix. Neuchatel, 1945.

J. M. YEPES — La Societé des Nations Americanines. Geneve, 1936.

J. M. YEPES — Le Deuxieme Congresso de Panamá et le Nouveau Panamericanisme. Paris, 1967.

J. M. YEPES — Le Panamericanisme au point de vue historique, juridique et politique. Paris, 1936.

J. M. YEPES — Del Congresso de Panamá a la Conferencia de Caracas. 1926/1954. Caracas, 1955.

DANIEL GUERRA INIGUEZ — El pensamiento internacional de Bolivar. Caracas, 1955.

EUGENE PEPIN — Le Panamericanisme. Paris, 1938.

ALEXANDRO ALVAREZ — Droit International Americain. Paris, 1907.

SÁ VIANA — De la non existence du droit internacional americain. Rio, 1912.

RICARDO A. MARTINEZ — De Bolivar a Dulles. México, 1959.

ENRIQUE FINOT — Bolivar pacifista. Nova York, 1936.

RAUL SOSA RODRIGUEZ — Les problemes struturales des relations economiques internationales de l'Amerique Latine. Genova, 1963.

VICTOR L. URQUIDI — La genese du marché commum latino-americain. Paris, 1962.

VICTOR AUDERA — La poblacion y la inmigracion en Hispanoamerica. Madri, 1954.

ALBERTO O. HIRSCHNIAN — Monetarismo versus estruturalismo. Um estudo sôbre a América Latina. São Paulo, 1967.

MIGUEL S. WIONCZEK — A Integração econômica da América Latina. Rio, 1966.

HELIO JAGUARIBE — Problemas do desenvolvimento Latino-americano. Rio, 1967.

CELSO FURTADO — Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina. Rio, 1966.

LUIS FLORES CABALLERO — El integracionismo latinoamericano. Mito e Realidad. Lima, 1963.

ELLA DUNBAR TEMPLE — La posicion de las grandes potencias ante la Emancipacion Hispanoamericana y la politica internacional del Peru. Lima, 1965.

Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais — Situação Social da América Latina. Rio, 1965.

GARCIA MEROU — Historia de la diplomacia americana. Buenos Aires, 1904.

FELIX FERNANDEZ SHAW — La Organizacion de los Estados Americanos. Madri, 1963.

JOSÉ DE ONIS — Los Estados Unidos vistos por Escritores Hispano-americanos. Madri, 1956.

JACQUES LAMBERT — Amerique Latine. Paris, 1963.

ENRIQUE V. COROMINAS — Historia de las Conferencias interamericanas. Buenos Aires, 1959.

MIGUEL FRAGA IRIBARNE — Sociedad, Politica y Gobierno en Hispanoamerica. Madri, 1962.

JULIO YCAZA TIGERINO — Sociologia de la política hispanoamericana, Madri, 1958.

JULIO YCAZA TIGERINO — Hacia una Sociologia hispanoamericana. Madri, 1958.

VICTOR ANDRES BELAUNDE — Bolivar y el pensamiento politico de la revolucion hispano americana. Midri, 1959.

PARRA PEREZ — La Monarquia en la Gran Colômbia. Madri, 1957.

C. K. WEBSTER — Gran Bretanha y la independencia de la América Latina.

SAMUEL FLAGG BEMIS — La Diplomacia de Estados Unidos en la America Latina. México, 1944.

VICENTE QUESADA — La Politica del Brasil en las Republicas del Rio de la Plata. Buenos Aires, 1919.

VICENTE QUESADA — La Politica imperialista del Brasil. Buenos Aires, 1920.

DANIEL ANTOKOLETZ — Histoire de la Diplomatie Argentina. Paris, 1914.

FRANCISCO JOSÉ URUTIA — Politica Internacional de la Gran Colômbia. Bogotá, 1941.

FRANCISCO JOSÉ URUTIA — Páginas de História diplomática. Bogotá, 1917.

JOHN C. DRIER — A Organização dos Estados Americanos e a crise do hemisfério. Rio, 1964.

JUAN JORGE GSCHWIND — La Politica Internacional argentina durante la dictadura de Rosas. Rosário, 1926.

H. SANCHEZ QUELL — Politica Internacional del Paraguay. Buenos Aires, 1946.

CECÍLIO BAEZ — História diplomática del Paraguay. Assunção, 1931.

ALBERTO ULLOA — Posicion internacional del Peru. Lima, 1941.

ALBERTO WGNER DE REYNA — História diplomática del Peru. Lima, 1964.

ARTURO GARCIA SALAZAR — História diplomática del Peru. Lima, 1928.

CARLOS ALBERTO BALDIVIESO — História Diplomática de Bolívia. Sucre, 1936.

MIGUEL MERCADO MOREIRA — História Internacional de Bolívia. La Paz, 1930.

ARTHUR P. WHITAKER — Os Estados Unidos e a independência da América Latina. Belo Horizonte, 1966.

RAIMUNDO RIVAS — História Diplomática de Colômbia. Bogotá, 1961.

GUILLERMO FURLONG S. J. — La Santa Sede y la emancipacion hispano-americana. Buenos Aires, 1957.

RUBEN VARGAS UGARTE — El Episcopado en los tienpos de la emancipación hispano-americana. Buenos Aires, 1946.

PEDRO DE LETURIA — Relaciones entre la Santa Sede e Hispanoamericanos. Caracas, 1960.

CARLOS BADIA MALAGRIDA — El fator geografico en la polititica sudamericana. Madri, 1919.

ROBERTO ALEXANDER — Aspectos políticos da América Latina. Rio, 1966.

PETER NEHEMKIS — América Latina. Mito e Realidade. Rio, 1966.

ENRIQUEZ RUIZ GARCIA — América Latina. Anatomia de una revolución. Madri, 1966.

EDWIN LIEUWEN — Armas y Política en América Latina. Buenos Aires, 1960.

J. O. DE MEIRA PENNA — Política Externa. Segurança e Desenvolvimento. Rio, 1967.

NESTOR DOS SANTOS LIMA — A Terceira América. Rio, 1967.

GARRIDO TORRES — Operação Panamericana: uma política a formular. Rio, 1960.

Conselho Nacional de Economia — Exposição Geral da Situação Econômica do Brasil. 1963. Rio, 1964.

RENATO DE MENDONÇA — El Brasil en la América Latina. México, S/D.

JAVIER MARQUEZ — Inversiones internacionales en América Latina. México, 1945.

W. FEULEIN Y. E. HANNAN — Dolores en la América Latina. México, 1944.

GEORGES PENDLE — História da América Latina. Lisboa, 1967.

F. MORALES PADRON — História de América. Madri, 1962.

LOUIS GUILAINE — L'Amerique Latine, et l'imperialisme americain. Paris, 1928.

ANDRÉ ALLIX, RAYMOND GUILLEN, JACQUES LAMBERT, ROBERT PELLOUX — Les fondements de lapolitique exterieure des Etats Unis. Paris, 1949.

JACQUES CROKAET — La Mediterranée. Paris, 1927.

HENRI HAUSER — L'Imperialisme americain. Paris, 1905.

DEXTER PERKINS — La Política exterior norteamericana. Barcelona, 1956.

REINHOLD NIEBUHR — A Crise mundial e a responsabilidade dos Estados Unidos. Rio, 1964.

ARTHUR S. LINK — La Politica de los Estados Unidos en la América Latina. México, 1960.

DEXTER PERKINS — Historia de la Doctrina Monroe. Buenos Aires, 1964.

WALTER LIPPMANN — A Política exterior dos Estados Unidos. Rio, 1944.

DONALD BRANDON — A Política Externa Americana. Rio, 1967.

ERNEST R. MAY — Os Grandes debates da política exterior norteamericana. Rio, 1964.

SCOTT NEARING e JOSEPH FREEMAN — La Diplomacia del Dollar. México, 1927.

NICHOLAS J. S. PYKMAN — Estados Unidos frente al mundo. México, 1944.

W. W. ROSTOw — Los Estados Unidos en la palestra mundial. Madri, 1962.

Federação das Indústrias de São Paulo — A Situação econômica da América Latina e suas possibilidades em face do Plano Marshall. São Paulo, 1948.

GERMAN LATORRE SETIN — El Panamericanismo y el porvenir de la America espanola. Madri, 1924.

J. B. DUROSELLE — Política Exterior de los Estados Unidos. 1913/1945. México, 1965.

RAIMUNDO MENOCAL — El Expansionismo americano. Havana, 1959.
HEMETERIO SANTOVENIA — Armonias y Conflitos en torno a Cuba. México, 1956.
R. PORRAS BARRENECHEA — El Congresso de Panamá. Lima, 1930.
EMÍLIO ROIG DE LEUCHSENRING — El Intervencionismo, mal de males de Cuba Republicana. Havana, 1931.
HILÁRIO TORLONI e MAURO GUIMARÃES — Um Continente Angustiado. São Paulo, 1967.
EMÍLIO ROIZ DE LEUCHSENRING — Cuba y los Estados Unidos. 1949.
EMÍLIO ROIZ DE LEUCHSENRING — História de la Emienda Platt. Havana, 1935.
M. MARQUEZ STERLING — Processo Histórico de la Emienda Platt. Havana, 1941.
CARLOS PEREYRA — El Mito de Monroe. Madri, 1931.
JAMES BROWN SCOTT — La Política Exterior de los Estados Unidos. Nova York, 1922.
HERMÍNIO PORTELL VILÁ — História de Cuba en sus relaciones con los Estados Unidos. Havana, 1939.
JOSÉ INÁCIO RODRIGUEZ — Estudo histórico sôbre el origen, desenvolvimento y manifestaciones praticas de la idea de la anexacion de la isla de Cuba a los Estados Unidos de América. Havana, 1900.
FELIX FERNANDEZ SHAW — Panamá y sus relaciones centroamericanas. Madri, 1964.
RAMIRO GUERRA Y SANCHEZ — La expansion territorial de los Estados Unidos. Havana, 1936.
RAMIRO GUERRA Y SANCHEZ — Assucar y Poblacion de Antilhas. Havana, 1935.
LUIS ARAQUISAN — La Agonia antilhana. Madri, 1928.
VICTOR PERLO — El Imperialismo norteamericano. Buenos Aires, 1961.
DANA MUNRO — Intervention and Dollar Diplomacy in the Caribean. Princeton, 1964.
EDUARDO PRADO — A Ilusão americana. São Paulo, 1917.
HÉLIO LÔBO — O Panamericanismo e o Brasil. São Paulo, 1939.
DELGADO DE CARVALHO — História Diplomática do Brasil. São Paulo, 1959.
SAMUEL FLAGG BEMIS — Diplomatic History of United States. Nova York, 1938.
RAUL DE CARDENAS — La Politica de los Estados Unidos en el Continente Americano. Havana, 1921.
SAMUEL FLAGG BEMIS — La Politica internacional de los Estados Unidos. Nova York, 1939.
WILLIAN APPLEMAN WILLIAMS — La Tragedia de la diplomacia norte-americana. Buenos Aires, 1960.
CAMILO BARCIA TRELLES — Doctrina de Monroe y la cooperacion internacional. Madri, 1931.
RAUL M. SWEEZY e LEO HUBERMAN — Cuba, anatomia de uma revolução. Rio, 1961.
RENÉ DUMONT — Cuba, Socialisme et developpment. Paris, 1964.
Confederação Nacional da Indústria — Mercado Comum Latino Americano, in Desenvolvimento & Conjuntura, julho de 1959.
ALBERT K. WEIBERG — Destino Manifesto — Buenos Aires, 1968.
FREDERICK MER& — La Doctrina Monroe y el Expansionismo Norteamericano — Buenos Aires, 1968.
CHARLES BEARD — The Idea of National Interest, an Anhitical Study in American Foreign Policy — N. York, 1934.
LAURENCE F. HILL — Diplomatic Relations Between the United States and Brazil — Durham, 1932.
J. LLOYD MECHAM — A Survey of United States Latin American Relations — Nova York, 1965.
WILLIAM SPENCE ROBERTSON — Hispanic-American Relations with the United States — N. York, 1923.

RUI BARBOSA — FIGURA CICLÓPICA DA CULTURA BRASILEIRA

CARLOS DE ALMEIDA BARROSO

Acabo de reler trechos do bonito e alentado livro de R. Magalhães Junior sôbre Rui Barbosa.

"RUI O HOMEM E O MITO", publicado em 1 965, conseguiu, à época, sensibilizar alguns setores literários que lhe foram contrários ou não. Convém lembrar, para explicar certa receptividade encontrada pelo livro nos meios jovens, notadamente de esquerda, que o monumental tribuno deixou páginas de combate memorável ao **comunismo**, por êle encarado com a percepção ligada à sua época. Êsse fato, por si só, deixaria margem hoje à abertura de um **front** em tôrno da autenticidade da sua luta no plano social. Qualquer que seja a restrição que se possa fazer a um ou outro ângulo da sua formação cultural e da sua personalidade, restar-lhe-á, sem sombra de dúvida, um ativo formidável para ser levado à conta da sua contribuição extraordinária à cultura e à civilização brasileiras.

Daí não terem os rebates de Magalhães Junior, apesar da sua nomeada literária, alcançado senão de raspão o alvo predestinado, sem atingir a pretensa revisão de uma glória concretada com o cimento inamovível da história.

Para mim, quer encarando Rui na sua aura mitológica, que é uma espécie de moldura dos gênios, quer no seu aspecto humano, o torpedeador da sua glória, ao fim do seu trabalho, onde a pesquisa histórica e o valor literário se destacam, não conseguiu absolutamente alcançar o desiderato a que se propôs. E o que é pior: deixou uma impressão negativa e desoladora, ao procurar apequenar, através de conceitos sem profundidade, um dos mais respeitáveis representantes da nossa espécie nascidos em terras brasileiras. Isso numa época em que o exemplo de Rui deve-se fazer presente para os jovens das escolas como para os que respondem, nesta hora, pelas magnas tarefas de conduzir a nacionalidade para o futuro.

Mas isto aqui não é uma apreciação sôbre o livro de Magalhães Junior e sim uma tentativa, sob a sugestão da sua leitura, de reviver alguns aspectos da vida e da personalidade do nosso grande patrício nascido na Bahia, num momento em que o exemplo do seu incendiante patriotismo mais deve ser lembrado às novas gerações. Nesse sentido é que prosseguirei justificando o título dado ao presente trabalho.

Foi Rui Barbosa, sem dúvida, o profeta por excelência da nacionalidade. O profeta da nossa democracia.

Ninguém como êle, de fato, reuniu e sintetizou, transformando-as em valores simbólicos pelo cadinho de uma personalidade que era tôda cintilações geniais, as virtudes mais esplendentes da raça. Rui é figura ciclópica, de legenda. Há que distinguir nêle, porém, para uma mais exata compreensão do destino profético da sua mensagem, o fundo permanente do seu espírito de iluminado, das suas manifestações meramente formais. Há que distinguir o Rui — uma consciência com a intuição divinatória das mais puras tradições da pátria, o prescrutador maravilhoso dos seus gloriosos destinos, do Rui, gigante inconteste da nossa literatura, prodigiosa organização verbal que, como assinalou Sílvio Romero, está para nós como Vitor Hugo para a França; há que distinguir, de resto, o Rui orador político, poliglota, jurista, advogado, estadista e tôdas as demais formas em que transpareceu, sempre com igual fulgurância, a sua robusta e inconfundível estrutura mental. Estas últimas foram, realmente, as qualidades que serviram de instrumento ao seu magnífico apostolado de profeta que trouxe para o seu povo a mais luminosa e mais séria das mensagens, pois que o seu verbo refletia a própria consciência da pátria num brado de alerta em tôrno da sua grandeza e pelas suas mais elevadas reivindicações. Por isso mesmo, o grande agitador de conciências, o iluminado e corajoso combatente das causas nobres, é um dos poucos profetas que continuam vivos, bem vivos, entre nós.

Um diploma, acima de todos, que aliás bem pode resumi-los, lhe assenta, à maravilha — o de estadista, o "Estadista da República", como já o notara, com grande felicidade um dos seus mais autorizados biógrafos, o seu ex-discípulo João Mangabeira. Como estadista é que casou magnìficamente a sua invejável cultura a uma inigualável coragem cívica, para nos transmitir a sua mensagem, mensagem de amor à pátria, às suas tradições, aos seus ideais de grandeza e de aprimoramento de todos os valores morais, políticos e culturais. E' como estadista, enfim, que se eleva às alturas alcandoradas de maior profeta do seu povo.

Diz-se que a era dos profetas já passou. Talvez por isso seja Rui o último dos nossos. Não importa. A sua mensagem aí ficou, como um fanal de esperanças a iluminar o fundo trêmulo dêste Brasil revolvido pela incerteza, pela descrença e pela tibieza daqueles que descrêem dos grandes destinos históricos que temos a cumprir. O seu exemplo e a sua mensagem poderão em nossos dias, servir de guias seguros, capazes de nos levar sem hesitação e com coragem, à meta da luta pela nossa maior grandeza.

Rui era uma cultura universalizada. Sem dúvida a maior que já possuímos. Como humanista, acreditou sempre na superioridade do espírito sôbre tôdas as agitações da matéria, no primado da inteligência sôbre as fôrças rudes da natureza, na supremacia dos valores permanentes da civilização em relação aos dados transitórios do espírito. Foi um clérigo que nunca traiu a si mesmo, nem àqueles para os quais doutrinou, transmitindo o calor da sua irradiante personalidade.

Homem de prodigiosa cultura, não chegou a ser, entretanto, um filósofo, no sentido exigente do têrmo. Os seus olhos de capacidade perceptiva semelhante à da águia, não se detinham sôbre a noite insondável dos mistérios da vida e do mundo, para arrancar a trama de concepções metafísicas, à maneira de um Platão ou de um Schopenhauer. Mas era, em compensação, um pensador de estirpe, como o foram Cícero e Goethe.

Na literatura, a sua grandeza é poliédrica e a sua produção exuberante. Do prosador e do purista da língua, basta citar para título de glória essa monumental Réplica; do jurista, o nosso Código Civil, obra quase totalmente sua e de Beviláqua; do advogado, um labor ininterrupto de decênios onde, acima de tudo, é sempre defendida a essência eterna do direito; do tribuno, por onde se derrama a torrente inexaurível do seu verbo candente, é suficiente mencionar a escalada às culminâncias de Haia, impondo ao mundo o prestígio desta pátria; do jornalista e do político, o esplendor do seu apostolado.

A grandeza de Rui é perturbadora. Como orador, emula com Demóstenes e com Cícero, situando-se no plano dos maiores oradores do mundo em todos os tempos. O seu destino, porém, confunde-se com o da sua pátria, de cujas virtudes se tornou um verdadeiro catalizador. E' que Rui ensinou o Brasil a conhecer melhor a sua grandeza e a seu povo, como preservá-la e aumentá-la até atingir a meta final do seu destino teleológico. Eis porque o seu papel de profeta se realiza melhor no estadista,

que é igualmente soberbo nos momentos de crise como de triunfo. As causas de Rui eram, de fato, as causas do povo e êste sentia que quando estava em jôgo a consciência de Rui, era êle mesmo, o povo, a nação, representada pelas suas camadas mais significativas, que se revia no seu profeta. E' quando o seu verbo inflamado adquiria as ressonâncias de uma clarinada de alerta.

Cite-se, por exemplo, a campanha civilista, na qual Rui polarizou os mais profundos e ferventes anseios democráticos da Nação, moldando, no calor do seu verbo incandescente, a imagem pura dos ideais de um povo amante da liberdade. Dêsses ideais, êle tornou-se intérprete por excelência. Daí o significado supratemporal da sua palavra nas lutas que fêz desencadeiar ou de que participou como vanguardeiro em prol das nossas liberdades públicas, defendendo indormidamente e sem trégua o regime, sempre que ameaçado na sua estrutura e na sua integridade, ou na da pátria em qualquer dos seus aspectos, onde não raro se confundiam, harmonizando-se na mesma pessoa, o precursor e o visionário.

O sentido dessa luta é que é preciso avivar na mente das novas gerações, uma vez que as mais antigas, com raríssimas exceções, não se têm sabido portar à altura do plano que era a categoria vivencial da famosa "Águia de Haia".

Nosso tempo é menos propício às tentativas de desmitização de Rui do que às de revivificação ou reformulação positiva da sua grandeza, humana ou mesmo mitológica.

Temos de ir buscar nêle o exemplo, encarando suas qualidades válidas, seus predicamentos de inteligência, suas alcandoradas virtudes morais no cenário do seu tempo e procurando trazer para o nosso a projeção irradiante da sua personalidade no que pode ser utilizado em benefício do Brasil, dentro do espírito da época em que vivemos. Porque foi Rui, indiscutìvelmente, um dos brasileiros que conceberam a forma mais alta de amor e dedicação à pátria. E tanto o seu fulgurante apostolado como a sua ação edificante continuam, porisso, uma fonte inesgotável de inspiração e de exemplo para as gerações que lhe sucederem.

ADRIANO JORGE — O HOMEM E O MÉDICO

DJALMA BATISTA

Na tarde do dia de Finados de 1948, como que o côrvo de Poe passara sôbre a cidade de Manaus, a exclamar, soturno e funéreo, o fatal **"never more"**... À tristeza peculiar à data, associou-se, naquêle dia aziago, a da agonia de Adriano Jorge. Quando os ponteiros do relógio transpuseram a meia-noite, as esperanças de sobrevivência se afugentavam de uma vez para sempre. E a consternação que possuiu o Estado, naquelas horas de amargura, traduziu a altura da estima, da admiração e do reconhecimento que todos devotavam a Adriano Jorge. E' que êle, nos lances diversos de sua existência, galvanizou com a sua nobre inteligência, com a sua bondade franciscana e sobretudo com a bravura altiva e singular de suas atitudes, a história de quase tôda a primeira metade dêste século, no Amazonas.

De Adriano Jorge, podemos dizer como Gilberto Freyre de outro médico insigne — Octávio de Freitas: "uma instituição pernambucana", — porque o homem invulgar que êle foi, constituiu para nós, também, uma verdadeira instituição, influindo decisivamente sôbre o meio, que soube, por seu turno, a êle se afeiçoar, submisso às mostras inconfundíveis de sua capacidade mental, profissional e de seu vigor moral, sempre acima dos prejuízos e dos preconceitos mesquinhos, que pôde, vitorioso, e sempre, calcar soberanamente aos pés.

A lembrança do homem é imperecível e a do médico tornar-se-á legendária.

O homem

Alagoas, pequenina e sofredora, não é sòmente a terra de generais famosos ou de fama dúbia, e dos maus políticos dos tempos atuais. E' sobretudo o berço de grandes homens que têm podido se projetar sôbre o Brasil. Não precisamos chegar

a Tavares Bastos e Sinimbu, nem a Guimarães Passos e a êsse matuto extraordinário que foi Delmiro de Gouveia. Lembremos gente dos nossos tempos e ponhamos os olhos em Costa Rêgo, um dos grandes jornalistas brasileiros, estadista e político de alta visão; em Estácio de Lima, vencendo concurso rumoroso na Faculdade de Medicina da Bahia, e influindo sôbre a formação de turmas sucessivas que por lá passaram; em Jorge de Lima, revolucionando o modernismo com a sua poesia penetrante, viva e diferente; em Álvaro Dória, médico e professor, homem de cultura e ação, que impressiona o Rio com a sua palavra autorizada sôbre questões sociais e médico-legais; em Graciliano Ramos, o modesto "Major Graça" de Palmeira dos Índios, revelado às letras pátrias aos 40 anos e considerado em uníssono o primeiro dos romancistas do país, numa autêntica prova de que o Brasil possui valores desconhecidos, do mais alto padrão, à espera de uma oportunidade para eclodirem; em Mello Motta, que é um exemplo surpreendente de coragem cívica e de desprendimento político; e nos Araújo Jorge, em conjunto, que todos refulgem de uma inteligência, não apenas rara, porque envolvente e dominadora. Da família Araújo Jorge sairam poetas (Antonino Jorge é um dos mais famosos), diplomatas, médicos e juristas, todos artistas requintados. Presentemente o meu conterrâneo J. G. de Araújo Jorge pinaculiza a estirpe: poeta de eleição, grande espírito, é bem a transplantação da sementeira fecunda das Alagoas para o nosso Acre distante, que tem nêle uma de suas contribuições às belas-letras nacionais.

Adriano Augusto de Araújo Jorge Filho nasceu naquele rincão em que as agrestías da terra contrastam com a capacidade do povo, no último quartel do século XIX, em 1879, e se formou em medicina exatamente no dealbar do atual. A natureza o cumulara de todos os privilégios do berço dadivoso e da família iluminada. Foi em verdade um homem dêste século, pelo seu espírito de solidariedade humana, pela combatividade e devotamento à ciência, dentro da herança darwiniana, dialética e comteana, que vem presidindo a nossa evolução histórica.

Aos 21 anos, a Faculdade da Bahia fazia de Adriano Jorge um cavaleiro da cruzada pela saúde e pela felicidade do homem. No binômio tipológico de Cervantes, era então, e por tôda a vida se conservou, uma das gloriosas encarnações do Quixote... Por isto o moço culto e precoce, arremeteu para a terra em que lavravam os clarões da riqueza, criando mais um ciclo na civilização brasileira, — não por ela atraído, que desde cêdo se mostrou desprendido de cobiça, numa época em que o Amazonas era assaltado pelos famintos de dinheiro de tôdas as latitudes,

que depositavam as consciências em Marapatá, — mas sem dúvida ansioso de participar de uma humanidade nova, em terra nova, agitada por problemas novos para o cientista, para o médico e para o intelectual. Veio, e ao Amazonas se integrou e se entregou, terminando por conquistá-lo inteiramente, como no milagre goetheano das "afinidades eletivas" entre os que sabem ser profundamente amorosos.

E foi o amor um dos traços fundamentais, senão o mais característico, da personalidade de Adriano Jorge. Amor da ciência, amor do belo, amor da verdade, da liberdade e da pátria, amor das mulheres, — todos o acompanharam a vida inteira; e por fim, culminando a todos êstes amores, e com o mesmo aspecto dêles, o amor de Deus.

Efetivamente, diante da ciência, êle não se deteve como um frio e cético analista, que recolhe fatos e conhecimentos, assimila-os, duvida dêles e os encara com indiferença. O temperamento de Adriano não permitia essa atitude dos espíritos exatos. Punha por isto todo o calor de sua alma incandescente, no que estudava e no que aprendia, identificando-se com os temas científicos, sobretudo quando os expunha. E isto desde o início dos estudos, cuja solidez era unânimemente reconhecida, inclusive pelos seus companheiros da época estudantil.

Em sua famosa tese de concurso à cadeira de história natural da antiga Escola Normal, já na madureza, pôde dar nova forma aos conceitos do velho Fausto, escrevendo: "a ciência atual sabe que é uma **ciência referida à escala humana**; sabe que nada a não ser a constância das relações, constância possìvelmente ilusória, nada nos pode assegurar que os fatos sejam como nós os percebemos, quer pelo conhecimento imediato, quer pelo conhecimento científico". Apesar dessa epistemológica compreensão, que quase repete o verso do poema imortal: "em nada me risquei do rol dos ignorantes", não se pôs Adriano na posição desencantada e cômoda dos que não sentem a vibração de conhecer e a angústia de compreender, dando de ombros à ciência e aos mistérios do mundo e da vida, impotentes ante a suprema alegria, alegria dolorida para Spinoza, que é a do entendimento. Muito ao contrário, experimentou-a fortemente, jàmais deixando de amar a ciência, de se aprofundar, curioso, nos seus arcanos, e de freqüentar diuturnamente os seus construtores, nos mais variados ramos da sabedoria.

Na busca da verdade, pôs êle, outrossim, o melhor de seu espírito. Nunca se conformou com a mentira e a falsidade, e sempre foi rude no dizer o que lhe parecia verdadeiro. Na imprensa e na tribuna, estigmatizou homens e idéias, com lâmi-

nas de fôgo. E buscou, inquieto, contìnuamente, a verdade: e àquela com que se deparava, sempre se mantinha fiel. Daí a honestidade inatacável de suas diretrizes, quer na fase da existência em que foi livre-pensador, quer depois de convertido ao catolicismo, nos últimos anos. Com a mesma veemência com que fôra materialista, por formação e convicção, tornou-se por fim espiritualista; isto é, o impulso interior com que havia abraçado a segunda atitude era o mesmo da primeira — impulso nascido de uma alma apaixonada pela verdade — mesmo na sua filosófica relatividade... As atitudes de Adriano substancialmente não se modificaram: no fundo foi sempre o mesmo, sobrepondo a sua forte personalidade às idéias e às crenças. O homem, em suma, foi igual a si mesmo, em tôdas as fases. Por isto, num discurso sôbre a própria conversão pôde escrever: "Contra ela investi (contra a árvore frondosa e copada das veleidades científicas) nos últimos anos de minha vida... e podei-a e desgalhei-a e, decepei-a e mutilei-a, até que ficou reduzida — e só então majestosa e imponente — a um tronco e dois braços..." Sempre, portanto, o amoroso da verdade.

Creio que, em Adriano Jorge, a idéia de Deus sofria aquêle processo extraordinário de "agonia", que levou Unamuno a uma exegese original do Cristianismo. "Cristo veio para nos trazer agonia, luta, e não paz", disse o singular pensador ibérico.

Também do amor ao belo a existência de Adriano Jorge transcorreu dominada. A música foi-lhe uma paixão. As artes plásticas sempre o tiveram como fervoroso admirador. Comovia-se até as lágrimas diante das intérpretes da poesia que sabiam pôr nos lábios e nos gestos a magia dos versos e a alma dos poetas. Na admiração às obras-primas do pensamento humano foi incansável: Dante lhe era familiar, Camões companheiro de cabeceira, Shakespeare fonte perene de emoções, Cervantes amigo inseparável, Voltaire inspirador, Goethe modêlo supremo. Na contemplação da natureza e de seus espetáculos, sempre esteve a sua alma de esteta. E porque amava a natureza e o belo, amava as mulheres, que o requestavam sempre, dominadas pela sua figura atraente, de olhos muito vivos, cabeleira ondeada, largo bigode, bôca rasgada, de onde saíam palavras em torrente, numa voz vibrante, que dobrava com certeza o coração de Eva irresistível... Entre tôdas uma existiu, porém, que lhe foi o grande amor e a grande inspiração, — mulher de alto feitio moral e de dotes singulares de espírito — noiva da mocidade e esposa da velhice, que pôs a sua virtude e a sua bondade como abrigo à inquietação de longos anos de lutas, paixões, sofrimentos e vitórias, tudo em alto grau, como acontece aos sêres superiores:

relembro-a aqui, como um dos comemorativos decisivos de sua existência.

Outro amor entranhado de Adriano era o da liberdade, em cujas trincheiras se bateu denodamente. Nos velhos tempos da política amazonense, ei-lo, jornalista militante, verberando despotismos, tão sòmente para ter a satisfação interior e específica, de combater pela preservação dessa liberdade, que é a suprema conquista do homem. Fala Pericles Moraes, que nos longes de 1910, quando do Bombardeio de Manaus, amordaçada a imprensa e oprimida a população pelos janízaros situacionistas, um dia surgiu na redação do "Jornal do Comércio", de tanta tradição gloriosa, o ardoroso homem público, companheiro de Balbi e Araújo Filho nas pugnas imortais, trazendo violento artigo ferreteando o descalabro reinante e conclamando a uma reação imediata; burlada a censura saiu no dia seguinte o artigo reivindicador, cabeça de ponte de um movimento de opinião que acompanhou até o fim a reposição das autoridades e o restabelecimento da ordem conturbada.

Lances como êste se repetiram instante a instante, e vale relembrar a sua atuação durante a última guerra, atacando, rude e violentamente, o nazi-fascismo, numa campanha de anos sucessivos, por puro amor à liberdade e à humanidade, ameaçadas de morte por aquela monstruosidade política; a essa campanha se seguiu outra, igualmente sem quartel, de combate ao comunismo, desde um famoso artigo publicado na revista "Redenção", em 1931, em que previa que "os ideais bolchevistas dominarão o mundo", e no qual pregava o ensino religioso obrigatório como única barreira possível de opôr à avalanche vermelha.

Quando o país, depois do pesadelo estadonovista, viu reflorir o regime democrático, uma das vozes que primeiro se fizeram ouvir no Amazonas foi a de Adriano Jorge, solidarizando-se com a candidatura Eduardo Gomes. Para tanto, não vacilou em discordar polìticamente dos próprios amigos mais chegados, para encarar, não a situação estadual, mas o próprio destino da nação. Isto porque a pátria lhe foi uma das cogitações e preocupações constantes e soberanas.

Antes de sua morte, tive a certeza confortadora de que uma grande e esclarecida consciência havia despertado, incorporando-se ao patriótico movimento pela libertação econômica do Brasil, através do monopólio estatal na exploração do petróleo. Adriano era, nessa altura, presidente da Câmara Municipal de Manaus.

Do amor ao próximo, ainda fêz Adriano Jorge o amor máximo da vida, e com base nêle surge-nos o Médico.

Olhando o Homem, pois, vemos antes de mais nada o amoroso. E na realidade, que seria do singular habitante e patrono do bairro de Adrianópolis, sem aquela paixão avassaladora que punha em todos os atos, sem a afetividade que era a sua linha predominante ?

Falando de D. Veridiana Prado, disse uma vez o contraditório Assis Chateoubriand : "Há sêres humanos que só querem viver e gozar. Um secreto egoismo os prepara para o exercício das virtudes medíocres, que constituem o traço da existência vegetativa. São êstes os piores parasitos da espécie. Não têm côr. Vivem da ilusão, numa chata realidade, vazia de todo ideal, vilmente utilitários, incapazes de punir ou de premiar, porque inaptos para a fidelidade a um pensamento ou a uma resolução. Que diferença a que os marca daquêles que têm capacidade de amar, de amar com fôrça, virilmente !"

O médico

Adriano Jorge foi escritor e jornalista, orador e professor com o condão de dominar os auditórios e as classes, mas antes e acima de tudo foi o médico excepcional.

Era dotado de um lastro de humanidades muito seguro, em que as línguas vivas e mortas, as ciências matemáticas e naturais se equivaliam, num nível bem elevado, mercê de uma formação intelectual cuidada e rigorosa, presidida pelo próprio pai, que era um douto.

De uma feita me afirmou, com absoluta sinceridade, sem eiva dessa baixeza que é o exibicionismo, que nunca abrigou em seu espírito, que no Amazonas existiram no seu tempo quatro humanistas : Araújo Filho, Araújo Lima, Jorge Moraes e êle, Adriano Jorge.

O homem assim preparado pôde assimilar à maravilha as lições de uma medicina que nascia, revolucionada por Pasteur, criador do capítulo das moléstias infecciosas, de seu tratamento sôro e vacinoterápico, das novas diretrizes sôbre higiene e sobretudo de pontos de referência decisivos às ciências naturais; por Trousseau e Dieulafoy, que deram à clínica médica especiais fulgurações, com a interpretação dos fenômenos da físio-patologia; por Lister, introdutor da antissepsia, donde se passou à assepsia, e por James Young Simpson, que traçou normas à

anestesia clorofórmica, ambos imprimindo à cirurgia rumos e perspectivas insuspeitados, graças à abolição do perigo infeccioso e da dor.

Ao atingir a maioridade, quando muita gente principiava ou principía os estudos superiores, o Adrianinho (conhecí um alagoano octogenário que ainda o chamava assim) estava formado, e para quem madrugava na ciência, outra não era a carreira traçada, senão a cátedra, depois de provas consagradoras, como as que fizera, no Rio, aquêle médico modesto do Morro da Viuva, que depois empolgaria o país inteiro — Miguel Couto; ou como os dois contemporâneos de Adriano na Bahia, que disputaram o concurso mais sensacional de que até então, e por muitos anos, se teve memória, concluído pela classificação em 1.º lugar dos preliadores — Clementino Fraga e Prado Valadares, nomes que enchem de fulgores a medicina e as letras pátrias. Do mesmo modo que Couto, Fraga e Valadares, Adriano Jorge teria de certo elevado a culminâncias o magistério superior no Brasil.

A tudo porém renunciou o moço alagoano. Preferiu ser o clínico — simplesmente o clínico — e em Manaus. Não pesquisou no domínio da patologia tropical, nem escreveu as suas observações clínicas para apresentar ao mundo científico contribuições originais, como o poderia ter feito de sobejo. Só lhe conheço um trabalho de caráter médico, o estudo sôbre a febre biliosa-hemoglobinúrica, lido perante o I Congresso Médico Amazônico, em Belém, no ano de 39. Dedicou-se apenas a tratar de doentes e de doenças, e soube, principalmente tratar da alma dos enfermos, consolando-os, reanimando-os, dando-lhes a alegria sem par de se descobrirem, — sem esquecer de tratar das doenças em seu aspecto social muita vez dominador. Para consagrar-lhe o nome, foi que os tisiólogos da Liga Amazonense Contra a Tuberculose decidiram propor que o nosocômio construído pela Campanha Nacional, dirigida então por um homem da estrutura de Raphael de Paula Souza, fôsse batizado de Sanatório "Adriano Jorge" : André Araújo, na Câmara Federal, apresentou o respectivo projeto, e a idéia tornou-se vitoriosa.

Como clínico, Adriano teve sôbre os médicos contemporâneos — inúmeros dêles ilustres e notáveis — uma grande superioridade : era o ôlho clínico, a intuição diagnóstica quase divinatória, que o fazia deslindar com rapidez quadros mórbidos ao parecer nebulosos. Nisto de precisar um diagnóstico foi inigualável até morrer. Quase todos os casos difíceis e complicados da clínica manauense, em 48 anos sucessivos, tiveram a sua audiência, por solicitação dos próprios assistentes que lhe reconheciam (que lhe reconhecíamos) o poder soberano de atinar

com a classificação nosológica precisa, enxergando um caminho onde só havia densa treva, interpretando sintomas e sinais aparentemente desconexos, traçando, com isto, diretrizes à terapêutica e possibilidades à formação do prognóstico.

E assinale-se que ao tempo de Adriano Jorge trabalharam em Manaus médicos do melhor quilate: Jorge Moraes e Araújo Lima, acima referidos entre os quatro humanistas da época, o primeiro cirurgião e o segundo clínico, ambos figuras cintilantes, sendo que Araújo Lima foi o espírito que mais de perto esteve ligado ao de Adriano, e a quem fazia, consoante palavras suas, as próprias confidências espirituais; além dêles, porém, é de justiça destacar os nomes de Galdino Ramos, aluno laureado de sua turma, senhor de grande cultura, que escreveu trabalhos definitivos sôbre dactiloscopia e outros temas de medicina legal; Alfredo da Matta, que é uma das glórias da leprologia nacional, além de afamado tropicalista; Aires de Almeida, também clínico de extraordinária percuciência e conhecedor da patologia regional, cujo poder de diagnosticar só em Adriano encontrava rival; o eminente Figueiredo Rodrigues, autor de uma memória sôbre beri-beri que considero definitiva, escrita na época em que apenas se esboçava a etiologia carencial da doença então encontradiça na Amazônia; Wolferstan Thomas, investigador de fama mundial, mandado a Manaus pela Escola de Medicina Tropical de Liverpool, e em Manaus radicado até a morte, e cujo labor frutuoso ilustra os arquivos e tratados de parasitologia e medicina tropical; Fulgêncio Vidal, pioneiro esclarecido da microscopia e das análises clínicas no Amazonas, homem de saber e de senso; Astrolábio Passos e Jônatas Pedrosa, grandes especialistas em obstetrícia, o primeiro ligado à história de nossa cultura por ter sido, com o engenheiro Eulálio Chaves, fundador e reitor da Universidade de Manaus; Ribeiro da Cunha, cunhado de Castro Alves, homem culto e de inteligência, de quem a tradição registra uma crônica cheia de bondade, dedicação, altruismo e sabedoria; Joaquim Tanajura, experimentado na clínica médica, que exerceu primeiro em Pôrto Velho e depois em Manaus, sempre com extraordinária visão; Basílio Seixas, Brito Pereira, Beltrão, Barreto Praguer, Augusto Linhares, Madureira de Pinho, Xavier d'Albuquerque, Flávio de Castro, e outros, muitos outros, todos clínicos eminentes.

Junto a êles, porém, Adriano Jorge sobressaiu e se impôs o **primus inter pares**. Nenhum médico — médico, no sentido hipocrático — até agora tivemos igual a êle.

E era de admirar o **elan** que não o abandonou em tôda a longa existência, fazendo-o atualizado com os problemas cada

vez mais complexos da clínica : foi por isto não apenas o diagnosticista por indução, mas o profissional ciente e consciente, como Torres Homem, Francisco de Castro ou Austregésilo.

Seu desprendimento, por outro lado, era notório e proverbial. Por traz do homem muita vez rude no falar, que não escondia a reserva de um prognóstico nem tinha meias-palavras quando alguma cousa queria contrariar, estava o coração compadecido, o médico humanitário, sempre pronto a renunciar a seus honorários à só enunciação de uma lamúria, e cuja bolsa sucedia até mesmo do cliente esvasiar : isto de tal maneira praticado, com tamanho heroismo e constância, que a sua hora extrema chegou sem que ao menos modestos níqueis tinissem em suas algibeiras de milionário da bondade e da inteligência.

Por tôdas essas razões a fama de Adriano Jorge espalhou-se pelo Brasil todo, conhecido que era como um esculápio de olhar de lince, de ouvidos sutis e de tato hipersensível.

Há um episódio de sua vida, talvez o seu último grande momento, que muito me apraz recordar aqui. Foi durante o Congresso dos Problemas Médico-Sociais de Após Guerra, em Salvador, no ano de 45, a que, com Avelino Pereira, arrastei o velho mestre. Sabendo do seu desbordamento paternal a meu respeito, conspirei com Pedro Borges e Clodomir Millet, dois brilhantes colegas e distinguidos amigos, para insinuarem a Adriano que não era praxe aos congressistas comentarem os trabalhos dos companheiros de delegação. Nessa noite lia eu, numa sessão de grande repercussão porque nela falavam Estácio de Lima e José Silveira, luminares da Faculdade da Bahia, o meu modesto co-relatório sôbre enciclopedismo e especialismo. Adriano fôra chamado para figurar na mesa, e Menandro Novais, secretário do Congresso, na hora do debate em tôrno do meu trabalho, insinuou-lhe : "Boa ocasião para a sua **entrée** " Tomado de surpreza, replicou : "Disseram-me exatamente o contrário !"; e sem perda de tempo pediu a palavra. Sua figura atraente, com os cabelos e bigodes brancos e o olhar dominador, já impressionara o grande auditório. Revimo-lo, então, Avelino e eu, nos seus arrebatadores instantes de oratória, falando de sua posição de clínico geral, dentro do enciclopedismo em que se formara e também levado pelas exigências do meio em que trabalhava, a entender de tudo, embora compreendesse e preconizasse a especialização, sem a perda do sentido de síntese que o médico precisa ter, e só obtido através de um preparo enciclopédico. Nesta ordem de idéias, alargou-se em considerações, terminando por afirmar que as suas palavras deviam ser como as poeiras que o vento carrega e levadas às altas camadas atmos-

féricas, vão se transformar no azul do céu, que era aquela reunião, no seu dizer, de resplendores. A assistência o escutou surpreendida e embevecida e as palmas sob que terminou fôram demoradas e calorosas. Não estivéssemos na Bahia, onde os grandes oradores mantêm ainda o tradicional prestígio! Imediatamente, Cesar de Araújo, na presidência da sessão chamou Adriano Jorge à direção dos trabalhos, onde se houve com tôda galhardia. Estácio de Lima, logo a seguir, ao iniciar o seu relatório saudou o conterrâneo eminente, que nos longes do extremo-norte, honrava o berço natal, a Escola em que se formara e a própria cultura nacional.

* * *

Sempre me acostumei a associar a figura de Adriano Jorge ao admirável símbolo de Ariel, que Rodó pôs em epígrafe à sua pregação aos moços da América Latina.

Na verdade Adriano foi, como a criação shakespereana, "o entusiasmo generoso, o móvel superior e desinteressado na ação, a espiritualidade da cultura, a vivacidade e a graça da inteligência, o têrmo ideal a que ascende a seleção humana". Deixou-nos o livro aberto de sua vida inquieta, e êle é bem, para nós, um evangelho de desígnios alevantados, de beleza, de bondade, de sabedoria e de solidariedade humana.

Agora que morreu, lembro a tradição sertaneja que atribui uma estrela à memória de cada homem valente, sábio e querido. A estas horas, é com certeza uma dessas estrelas rutilantes que estão a luciluzir no céu do Brasil, ao lado do Cruzeiro maravilhoso, que êle mesmo descobriu referido na "Divina Comédia", por um milagre do gênio do Florentino.

Na vibração das estrelas está a luz, que é sempre "o supremo Dom e a Graça suprema", como escreveu o próprio Adriano, em famosa conferência.

Em sua vida êle foi isto: um semeador de luz!

AS DUAS MORADAS DE EUCLIDES EM MANAUS

Genesino BRAGA

Quem fôra de Euclides da Cunha comensal, bom companheiro e confidente, nas duas estadas, em Manaus, do genial estilista de "Os Sertões", ofereceu-nos recentemente depoimento veracíssimo, revelador de ângulos exatos da vivência, moradas, estudos e trabalhos que o Chefe da Comissão de Reconhecimento e Exploração do Alto Purus tivera e empreendera, na capital amazonense, nos períodos compreendidos entre 30 de dezembro de 1904 a 5 de abril de 1905, antes de prosseguir rumo ao Purus; e de 20 de setembro a 11 de dezembro de 1905, já de retôrno da importante e árdua missão.

O testemunho é do engenheiro Firmo Dutra, que dedicou quase tôda a sua longa e operosíssima existência — e, nela, boa parcela da sua mocidade ardente e idealista, — ao Amazonas e à Amazônia; e agora, um garboso e magnífico octogenário, sempre cavalheiresco, brilhante e perfeito no trato e no convívio social, ainda dirige prósperas emprêsas de posição preponderante no processo de desenvolvimento econômico do país.

Naqueles dias últimos do ano de 1904, o alferes-aluno Firmo Dutra, contando então vinte anos de idade, se achava em Manaus, de regresso da Expedição Militar ao Alto Juruá, da qual fazia parte, e residia com o engenheiro Alberto Rangel, na casa que êste havia construído na Rua Teresina e à qual dera o mais tarde autor de "Inferno Verde" a denominação de "Vila Glicínia". "Minha amizade com Alberto Rangel, — explicou o engenheiro Firmo Dutra na Conferência que pronunciara em dezembro de 1966, no Clube de Engenharia, no Rio de Janeiro, — vinha da Escola Militar da Praia Vermelha, onde cinco anos antes eu entrara, menino saído do Colégio Militar, e se tornara mais íntima e chegada quando, em junho de 1904, um grande acaso nos defrontou na bôca do Rio Moa". "Rangel descia doente do Juruá-Mirim, onde estivera em trabalhos de medição e demarcação de seringais, que se situavam para os lados do lendário

Urubamba.. Eu ali estava fazendo parte da expedição militar que teve seu remate final no combate do Amônea".

Mas, é sôbre os dias vividos com Euclides da Cunha, em Manaus, detalhadamente sôbre as duas moradas do escritor nesta cidade, que temos agora o seu relato formal, tanto no período dos preparativos para a subida ao Purus, como no do regresso: — "No primeiro período de sua estada na terra dos Barés, Euclides ora residia no escritório da Comissão, em preparo da marcha para o desconhecido", "ora permanecia na Vila Glicínia, em busca de repouso para o seu espírito, já trabalhado por visível sofrimento íntimo". "Morava eu, a êsse tempo, com Alberto Rangel, num chalet rústico e romântico perdido na Vila Municipal, lá para as bandas do reservatório do Mocó, e ali se fôra hospedar o autor de "Os Sertões".

Como era essa Vila Glicínia?... Essa pergunta a havíamos feito, muitos anos antes, ao saudoso mestre Zeferino Rocha, agrônomo idôneo e desenhista abalizado, que, nos idos de 1905, trabalhara junto a Euclides, executando serviços de cartografia para a Comissão. Mestre Zeferino Rocha assim nos descrevera a pitoresca residência de Rangel: "Com paredes de tábuas macheadas, cobertura de telha de Marselha, assoalho de acapu, alicerçado em maciço de alvenaria, o "chalet", morada de Alberto Rangel, então Diretor da Colônia Campos Sales, era aprazível e acolhedor. Tinha varanda confortável e um alpendre aberto para o jardim ao lado; e os três quartos de dormir eram de janelas teladas, mas permitindo abrí-las para a entrada do sol e da ventilação. Recuada uns cinco metros da orla da rua, um caramanchão sombroso ornava-lhe a entrada, frondejando-a com espessas ramadas de glicínias côr-de-rosa, em perene floração".

Ocupando tôdas as peças da pitoresca vivenda, — pois Rangel se achava na Europa, em missão do govêrno amazonense, — ali vivera Euclides os seus dias da primeira estada em Manaus, de 30 de dezembro de 1904 a 5 de abril de 1905, aguardando, todo êsse tempo, a chegada dos membros da comissão peruana, e, depois, as instruções do Itamarati, para o início dos serviços. E enquanto aguardava, punha em ordem os seus mapas e as suas cartas topográficas, seus relatórios e suas ordens de serviço. "Era um homem exigente, severo, minucioso, — contava-nos o venerando professor Zeferino Rocha, em sua sala de trabalho, na Manaus Harbour. E dizia: "Nunca o vi sorridente para ninguém, nem mesmo no decurso das palestras cordiais com Firmo Dutra, o médico Catunda, o engenheiro Pimenta da Cunha e outros. De todos os seus auxiliares exigia retidão e eficiência, exação e clareza nos serviços da Comissão. Tinha um

olhar duro, firme, ao mesmo tempo inteligente e agressivamente inquiridor. Qualquer coisa o aborrecia e até mesmo o angustiava".

Como era essa Vila Glicínia?... Essa pergunta voltamos a fazê-la em princípios do ano passado ao dr. Firmo Dutra, em carta que lhe endereçamos, no Rio de Janeiro, após lermos a Conferência que pronunciara no Clube de Engenharia.

"A Vila Glicínia — respondeu-nos recentemente o engenheiro ilustre — era um bangalô, de alvenaria, coberto de telhas. Sala grande, na frente, onde Rangel e eu trabalhávamos nas plantas de demarcação de seringais; seguiam dois quartos, pequeno banheiro e cozinha. Tôda a casa era circundada por magnífica varanda, cimentada, pràticamente onde mais vivíamos. Ficava um pouco recuada da rua; com vasto quintal, onde já existiam algumas flôres e uma minúscula horta". E prossegue: — "Como surgiu a Vila Glicínia?... Rangel recebeu, como doação, um lote de terreno na Vila Municipal, que o administrador notável, que era o capitão Lisboa, sonhava construir como ponto de fuga do nosso severo e duro verão. Situava-se na Rua Teresina, logo depois de uma construção que até três anos atrás existia e que, creio, foi do Governador Constantino Nery. Euclides passou ali cêrca de quatro meses, o tempo para organizar a expedição. Além de freqüentar a Biblioteca Pública, em busca de documentação sôbre os rios da margem direita do Solimões, ainda procurava informações entre particulares que se dedicavam aos estudos históricos e ninguém mais o auxiliou que o Dr. Lopes Gonçalves, mais tarde senador pelo Amazonas". E noutro tópico da carta: "Essa Vila Glicínia tornou-se uma espécie de refúgio de muita gente que passou por Manaus naquele período áureo e heróico, que se fechou entre 1910 e 1914, quando a borracha silvestre foi fragorosamente batida pela de cultura, surgida no Oriente".

"Essa Vila Glicínia — é ainda Firmo Dutra quem a ela se refere, mas desta vez, na Conferência pronunciada no Clube de Engenharia, — se tornou conhecida e procurada pelos homens mais eminentes que passaram na época por Manaus, pois Rangel fizera dela uma espécie de canto à parte, alheia a todos os bulícios da cidade. Posso dizer, com saudade infinda, com êsse tipo de saudade que faz a gente sentir mesmo a presença dos ausentes, que ali passei os melhores e mais saudáveis anos de minha vida".

Quando, porém, regressou do Purus, a 20 de setembro de 1905, Euclides da Cunha não foi mais residir na Vila Glicínia, ao contrário do que têm afirmado diversos biógrafos e ensaístas ao se ocuparem da estada do escritor em Manaus. Desta vez,

Euclides foi morar com Firmo Dutra, mas já na casa que êste ocupava, na Rua Dez de Julho, trecho posteriormente denominado Comendador Alexandre Amorim. Eis como o ex-presidente do antigo Banco de Crédito da Borracha responde a esta outra indagação de nossa carta: — "Ao regressar do Alto Purus, em fins de 1905, Euclides foi morar em nossa casa, na então Rua Dez de Julho, no "chalet" de propriedade de J. G. de Araujo, meu concunhado, "chalet" êsse hoje ocupado pelos Redentoristas e transformado, creio eu, em ambulatório ou escola profissional. Para melhor situá-lo, era ao lado da casa do Dr. Antonino de Miranda Correia, proprietário da Fábrica de Cerveja".

E prossegue, o dr. Firmo Dutra, num saudosismo encantador, que muito o agiganta em nosso afeto caboclo: — Foi em nossa casa da Rua Dez de Julho, casa que na época era um encanto de doce tranqüilidade, cercada por um pomar magnífico, ouvindo-se o murmúrio de um igarapé já desaparecido, que Euclides escreveu o livro em que plasmou seu amor à Amazônia misteriosa e intraduzível: "À Margem da História"; foi ainda nesse "chalet" que êle preparou seu famoso Relatório da Comissão Mixta Brasileiro-Peruana, que definiu nossos limites numa zona sempre conflagrada e que só fôra conquistada após o combate sangrento da foz do Amônea, que terminou pela expulsão dos peruanos, que tinham ocupado aquêle trato de território nacional".

"Durante mais de dois meses, — conta Firmo Dutra na sua Conferência, — convivemos com o homem discutido, que se mostrava em tôda plenitude de sua natureza tímida, contemplativa e às vêzes sacudida por bruscas rajadas de intenso sofrimento. Nesse fim de 1909, Alberto Rangel achava-se na Europa em delicada missão do govêrno do Estado e a Vila Glicínia não mais abrigou dois dos maiores e mais estranhos escritores de raça. Foram meses de relativa tranqüilidade, que permitiram Euclides preparar a estrutura de seu livro sôbre o Amazonas, que denominara inicialmente "Um Paraíso Perdido", título mudado mais tarde para "À Margem da História". No amplo caramanchão do jardim, emoldurado de glicínias e ipoméias rubras, foram traçadas as primeiras páginas dêsse livro, ainda sob a emoção do espetáculo esmagador e martirizante dessa natureza única e monòtonamente formidável que é a amazônica".

E' imenso, já, e bem diversificado, o documentário vindo à luz sôbre os vínculos que ligam Euclides da Cunha ao Amazonas. Há três anos, por ocasião das comemorações de seu centenário de nascimento, os estudos, as pesquisas, as interpretações do quanto e de como êle pensou, sentiu, escreveu e revelou esta

"última página do Gênesis", foram particularmente abundantes e nos fizeram conhecer outros ângulos da vivência e das razões do escritor, em seus doze meses de permanência no Amazonas.

Mas, testemunho fiel, leal, puro e afetivo, como o que acaba de nos dar o dr. Firmo Dutra, em sua Conferência no Clube de Engenharia e na carta que teve a bondade de nos endereçar, nenhum, — exceto o de Alberto Rangel, — traz o calor do convívio e do diálogo fraternais cotidiano com o glorioso autor de "Os Sertões". Durante quatro meses, de uma vez, e três meses na segunda estada, Euclides da Cunha e Firmo Dutra viveram juntos no mesmo ambiente físico, na mesma atmosfera moral e espiritual, membros de uma pequena família de companheiros identificados por sentimentos a bem dizer de puro congraçamento amazônico, em seus ideais de exaltada e heróica brasilidade. E as duas casas que ambos juntos habitaram, — a da Rua Teresina e a do antigo trecho da Rua Dez de Julho, — já não mais existem; fê-las sumirem o tempo, ajudado pela renovação arquitetônica da cidade, — mas, algumas árvores, naqueles chãos, ainda fazem recordar a mensagem de beleza que o gênio fixou para sempre no ar gracioso de Manaus e no testamento histórico da terra amazonense.

ESTILISTICA EUCLIDIANA

Algumas características do estilo euclidiano

JOÃO CHRYSÓSTOMO DE OLIVEIRA

Euclides da Cunha é um escritor estilìsticamente insulado. Estilìsticamente ímpar.

Tem características vigorosas e pessoais. Joaquim Nabuco, sem compreendê-lo e sem senti-lo, na ebulição do seu enfatismo e de sua vibração expressional — pois aprendera desde jovem a admirar e seguir a glacialidade inglêsa de um Bagehot — chegara à injustiça de considerar a maneira de escrever de Euclides, como **estilo de cipó.**

A vibratilidade do estilo euclidiano é um reflexo de sua própria vida agitada.

A linha reta, preocupação obsessiva de sua mente, era o código moral da sua existência que encontrou óbices terríveis que, no entanto, não fizeram dobrar o seu caráter.

A rebeldia do cadete republicano, egresso da farda; o tumulto da vida de engenheiro e jornalista ambulante; os atritos conjugais que culminaram com adultério da esposa e seu assassínio na Piedade — foram fatos culminantes da existência do grande Euclides que o fizeram escrever com a ênfase de quem está fazendo um testamento irreversível ante a aproximação da última hora de vida.

Ao testemunhar, como repórter, os episódios dantescos da guerra dos Canudos, não poude reprimir a sua revolta e o seu protesto contra o impiedoso massacre dos jagunços. Na tranqüilidade de uma casinha ao pé da ponte de S. José do Rio Pardo que construira, em suas andanças, redige o retrato do Brasil com "backgrond" tremendo de uma sub-raça estiolada e dizimada por uma pseudocivilização aparelhada de exércitos e fôrças aparatosas em quatro investidas, que põe em evidência o valor e a fibra de aço dessa sub-raça corporificada pelos jagunços narcotizados por Antônio Conselheiro.

Explode então o grande libelo que colocou o Brasil em pânico, seguido de profunda reflexão sôbre os seus erros — OS SERTÕES.

Percorrendo o Amazonas, colheu impressões de um sábio em simbiose com um artista vibrante e lançou suas impressões em "UM RIO SEM HISTÓRIA", que sacudiram em seus alicerces tôdas as conceituações científicas e literárias sôbre a Amazônia, rasgando novas rotas no equacionamento dos seus problemas.

Tôdas as obras de Euclides foram vazadas num estilo que se pode chamar de eloqüente e vigoroso que em muitos passos arrebata o leitor. O seu modo de dizer é conclusivo, cheio de fôrça persuasiva. E os seus recursos expressionais são variados. Sua gradação estilística é cheia de exuberância.

No meu fraco modo de ver, um dos grandes segredos da fôrça expressional de Euclides é a derivação imprópria sobretudo na substantivação do infinitivo. Percorramos algumas páginas de OS SERTÕES para apreciar êsse farto lançamento do infinitivo substantivado.

FULGURAR = FULGURAÇÃO : —
FLAGELAR = FLAGELAÇÃO
"reverberando a luz em fulgurar metálico" (17).
"E lutando tenazmente com o flagelar do clima" (21).

REMODELAR, DESPERTAR, DESATAR = remodelação, despertamento, desembaraço.

"Nada mais dos belos efeitos das desnudações lentas no remodelar os pendores, no despertar os horizontes e no desatar — amplíssimos — os gerais...". (24)

No passo acima Euclides usou o recurso da substantivação dos verbos sem tirar-lhes a sua transitividade direta.

CORRER = corrida
INFLETIR = inflexão
"No correr para o poente" (25).
"No infletir gradual (25).
COMPARAR = COMPARAÇÃO;
"No primeiro **comparar**" (27).
ASCENDER = intensificação.
"No **ascender** do verão, agrava-se o desequilíbrio" (27).
INTERMITIR = intermissão
"num **intermitir** inaturável de dias queimosos" (28)
REVERBERAR = reverberação.
"num reverberar ofuscante" (28).
EXPANDIR = expansão :
"no expandir de colunas esquecidas" (28).

Examinemos e meditemos agora como Euclides dá verdadeira ressurreição a um cavalo, "entalado entre fraguedos", sòmente pela fôrça de "UM QUASE CURVETEAR".

"E ali estacou como um animal fantástico, aprumado sôbre a ladeira num quase CURVETEAR, no último arremêsso da carga paralizada, com tôdas as aparências de vida, sobretudo quando, ao passarem as rajadas do nordeste, se lhe agitavam as longas crinas ondulantes" (31).

Ninguém pode negar que a fôrça do CURVETEAR como que eletriza o cadáver do cavalo, dando-lhe algo de vida algo de ressurreição.

ONDULAR = ondulação.
... "via-se um **ondular** estonteador" (31)
ESTEIAR-SE = autoapôio.
"neste esteiar-se em dados geométricos e físicos" ,
DESFIAR = desfile
"êste desfiar de conjecturas"... / (36)
ENVOLVER = envolvimento
"no envolver o destino de extenso trato do nosso país" (36).
DESENCADEAR = desencadeamento
"num **desencadear** de tufões violentos (36).
ACOMODAR-SE = autoacomodação.
"O olhar perturbado pelo ACOMODAR-SE à contemplação penosa dos acervos de esgalhos extorcidos"...
EMPARDECER = escurecimento.
"Mas no **empardecer** de uma tarde qualquer"... (45)
ONDULAR = ondulação
..."sob o ONDULAR festivo das copas de ouricuris"... (46)
FLAGELAR = flagelação
"em pleno FLAGELAR da sêca"...
BOLEAR = ondulação
... "disperso nas chapadas ou no BOLEAR dos carros" (47).
OLHAR = olhar (substantivo verbal já consagrado)
..."atraem melhor o olhar"...
IRRADIAR = irradiação
..."em que o **irradiar** do levante incendido retinge a púrpura".
TUMULTUAR = tumulto
"Num **tumultuar** de desencontrados vôos"... (48)
REAGIR = reação
..."No REAGIR sôbre o homem" (49)
DESCAMBAR = declínio, declinação.
..."em lento DESCAMBAR para o sol"...

DECORRER = decurso
...“em todo o **decorrer** da história”... (52)
ALVORECER = alvorecer, despertamento.
“Desde o alvorecer do século XVII”... (54)
ENVOLVER = envolvimento
“Num ENVOLVER enfesado” (54)
ATESTAR = testemunho.
“no ATESTAR de velhos habitantes” (55)
DESBRAVAR = desbravamento.
“num penoso DESBRAVAR das veredas (56)
DESEMBOCAR = desembocadura em embocadura
...“no desembocar dos vales”... (57)

Até a substantivação do infinitivo pessoal, um tanto rara em nossos escritores, com propriedade, Euclides usou-a como podemos observar no seguinte passo:

TRANSBORDAREM = transbordamento.
“As ravieras em gânglios estagnados, dividiram-se em açudes abarreirados pelas muralhas, que trancavam os vales, e os **ouedes** parando, entumeciam-se entre os morros, conservando largo tempo as grandes massas líquidas, até então perdidas, ou levando-as no TRANSBORDAREM, em candis laterais aos lugares próximo mais baixos, etc.”...

Sem necessidade de correrm os tôdas as páginas de “OS SERTÕES” — o que faremos, em próximo estudo mais profundo e completo — já ficou em plena evidência que uma das características do vigor estilístico de Euclides é a substantivação do infinitivo. E não se diga que êste uso, bem freqüente em páginas sucessivas, monotonizam a construção. Muito ao contrário, em seu sábio dosar, multiplicaram o poder expressional da sentença.

Outra tipicidade do estilo euclidiano é emprêgo oportuno do gerúndio, ora com fôrça incidental, ora com fôrça circunstancial. Examinemos alguns passos:

RAIANDO (incidental)
A serra do Grão Mongol, **raiando** as linhas do Bahia...” (7)
SOBREPUJANDO ou CIRCUITANDO (circunstancial)

...“e, no alto, **sobrepujando-as** ou **circuitando-lhes** os flancos em vales monoclínicos os lençóis de grês, predominantes e **oferecendo** aos agentes meteóricos plasticidade admirável aos mais caprichosos modelos” (pág. 7).

Observemos o interessante e específico acasalamento do particípio presente, já em extinção, em nossa língua com o gerúndio: PREDOMINANTES e OFERECENDO, constituindo

orações incidentais, problema tão sàbiamente estudado por Otoniel Mota, em "Gerúndio e sua Evolução".

ENVESGANDO (circunstancial)

"Porque enquanto as bandeiras do sul lhe paravam à beira e ESVESGANDO, depois, pelos flancos da Tiúba"... (pág. 11).

Quanto ao verbo ENVESGAR, Euclides dá-lhe um sentido neológico de "torcer, enviesar", conforme Figueiredo, estribado num passo do próprio Euclides:

> "arrojou-se (o batalhão) a marche marche, ENVESGANDO por uma viela". Euclides da Cunha, Sertões, 595 (Nôvo Dicionário da Língua Portuguêsa — Cândido de Figueiredo — 2.ª edição).

PERMITINDO (incidental)

"Porque, a despeito da escassez de dados **permitindo** tal profecia retrospectiva"... (19).

Só demos uma rápida idéia da estilística euclidiana, em sua fôrça expressional, quanto ao bom emprêgo do infinitivo substantivado e do gerúndio. Outros interessantes aspectos serão ventilados em próximos estudos.

Procuremos penetrar na obra de Euclides da Cunha, o legítimo Carlyle de nossa Literatura, que merece admirado e aprofundado em seu belo estilo.

BIBLIOGRAFIA:

EUCLIDES DA CUNHA — OS SERTÕES — Laemmert & C. Editores — 1903 — 2.ª edição; Idem, Idem — Livraria Francisco Alves — 1933 — 12.ª edição.

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO — Novo Dicionário da Língua Portuguêsa — 9.ª edição.

VITÓRIO BERGO — Consultor de Gramática e Estilística — 1943 — 1.ª edição.

OTONIEL MOTA — Horas Filológicas — 1937.

A POROROCA

JOÃO NOGUEIRA DA MATA

Quem penetra no vasto estuário do Rio-Mar, logo aos primeiros meses do ano, pode ser surpreendido com o fenômeno da pororoca, de proporções assustadoras. Ondas gigantescas em convulsão, levando tudo de vencida, constituem um perigo para quantos navegam em paquetes e gaiolas. Rugem à maneira de monstros enraivecidos e se jogam contra o Atlântico em luta de conseqüências imprevisíveis. Testemunhas afirmam, sem exagêro, que pequenas embarcações procuram abrigo enquanto a fúria castiga, e paquetes, apanhados em meio de viagem, geralmente saem danificados.

E' fenômeno muito amplo, estendendo-se do Cabo Norte às proximidades de Santarém, com incidência também no Araguari, Maiacaré, Guamá, Capim, Moju, Mearim e outros.

Bem aplicada a palavra "pororoca", de origem tupi-guarani, assim discriminada : **poro** (rebentar) e **roca** (em casa), ou segundo Batista de Castro, "estrondo". Cônego Bernardino José de Sousa quis dar curso ao vocábulo "cavaleiro" — como é conhecida a pororoca no Maranhão — mas a sua iniciativa nenhuma receptividade obteve. Pororoca é palavra para sempre incorporada ao opulento linguajar amazônico.

O fenômeno, pela impetuosidade de que se reveste, tem despertado a curiosidade não só de turistas, senão também de cientistas de elevado conceito, estrangeiros e nacionais. Amilcar Botelho de Magalhães, que se deteve em observações, chegou a consultar cêrca de setenta obras em tôrno do fenômeno, na biblioteca do Conselho Nacional de Geografia, além de outras tantas de bibliotecas particulares.

Consoante fonte popular, naturalmente eivada de empirismo, a origem do fenômeno se encontra "no empuxo da maré de enchente", ou na "corrente marinha". Parece destituída de fundamento a primeira versão, porque, se assim ocorresse, teria êle repetição de doze em doze horas, na veemência dos fluxos

e refluxos. Quanto à existência de "corrente marítima" — a conhecida "corrente equatorial do sul", que vem das Canárias e passa pela embocadura do Amazonas — também sofre restrições. E' que, sendo corrente constante, o fenômeno teria que se repetir mais a miúde. Daí a ponderação, aceitável no seio do povo, que vê certa influência dos meses de **rr** na formação da pororoca.

A navegação hinterlandina, quando o elemento líquido assim se rebela, torna-se sumamente perigosa. Dos primórdios aos dias atuais. Saladino de Gusmão, em "Riquezas e Segredos da Amazônia", exibe artístico quadro, em que aparece "a esquadra de Pinzón acossada pela poporoca". Como o famoso navegador, numerosos outros têm lutado contra a agitação dos tremendos macaréus, ao longo do vasto anfiteatro amazônico. Anfiteatro em que Francisco Orellana, ao retornar a estas plagas para fundar a Nova Andaluzia, sob o patrocínio de Carlos V, encontrou a morte.

Marujos do alto-mar ou das águas hinterlandinas, conhecedores de tais precedentes, respeitam as ondas subversoras. Esperam que elas amainem. E gaiolas que têm sido apanhados em viagem, jazem no leito do imenso estuário, como vítimas indefesas.

Moradores das margens não levantam dúvidas, nem depreciam a virulência de tais investidas. Ouvem de longe o tonitroar da luta entre o Amazonas e o Atlântico — sabem que há uma devastação em acelerado — e tomam providências. Desde cêdo aprendem que a desgraça pode sobrevir com o assalto fulminante das águas. Em fevereiro, então, com fôrça esmagadora. Vigilância permanente para o embate como se apresentar. Dias e noites à espera da fatalidade, com o destino ameaçado pelo sofrimento.

Habituados, assim, às surtidas da natureza, os homens dos tombadilhos, na Amazônia, procuram os atalhos — os furos e paranás — e por êles dirigem os navios. Atalhos naturais, ensejados pelos desígnios divinos, a fim de que as pequenas embarcações também possam, através do labirinto colossal, transpor os domínios do "Paraná-Açu".

Curiosa a sensibilidade do homem planiciário aos perigos fluviais. Quando a pororoca se levanta em ondas avassaladoras, o caboclo das margens perscruta, a quilômetros de distância, o estrondo tenebroso. À chegada do cataclisma, esfrangalhando igarités, demolindo casas, destruindo ribanceiras, derrubando árvores frondosas — espalhando, enfim, o terror — os filhos das margens já assumiram posição de defesa. São centenas de

homens de pé, esforços conjugados, como autênticos heróis desconhecidos.

Cessados os efeitos da pororoca, voltam as águas à normalidade, deslocando a sua carga de 80.000 metros cúbicos por segundo, além estuário. Novas perspectivas surgem no horizonte. Paquetes e gaiolas voltam a trafegar livremente, nas idas e venidas ditadas pela civilização. Com as águas do Amazonas rolando tranqüilas para o Atlântico, a paz retorna aos lares, nas barracas do extrativista ou do pescador.

No estudo do fenômeno da pororoca, sem dúvida interessante para o homem dêste século, cientistas estrangeiros e nacionais se têm revezado. Alfredo Wallace, em "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro", apegou-se à influência das marés e contra-marés, bem assim aos baixios. Argumentando, todavia, com a exclusiva preponderância das fases lunares como origem do fenômeno, caiu em contradições.

Com efeito, sucedendo-se essas fases de sete em sete dias, aproximadamente, cada uma delas (nova, crescente, cheia e minguante), seria inexplicável que se escoassem meses seguidos sem a eclosão do fenômeno.

Quase todos os autores afirmam que o fenômeno se produz em três ondas sucessivas, de três a seis metros de altura, galgando o leito do rio, de margem a margem, em sentido contrário à corrente fluvial. E' o ponto-de-vista, por exemplo, de Branner, para o qual o fenômeno se gera do encontro das correntes da maré com as correntes fluviais, ao passarem por baixios.

De clareza meridiana, sob todos os ângulos, a descrição de Paul Le Cointe, nestas linhas: "A pororoca, muito forte ao longo de tôda a costa do Cabo Norte e na embocadura do Araguari, diminui de intensidade ao entrar no Amazonas, onde ela não se faz quase sentir senão em Macapá. Ao sul de Marajó não se a observa bem, senão nos rios Guamá, do continente, e Arari, da ilha de Marajó, os quais desaguam ambos no Pará".

Linhas adiante, com a percuciência habitual, ressaltou com a mesma nitidez: "À ação da corrente dos ventos, a que nada intercepta do lado do alto-mar, vem com efeito juntar-se, na maior parte das enseadas que o litoral forma, o fenômeno curioso conhecido sob o nome de pororoca".

Quanto à luta dos caudais portentosos — do Amazonas e do Atlântico — eis como a fixou o sábio, nestas linhas magistrais: "Na foz do Amazonas, contràriamente ao que sucede com outros rios, vimos que o mar não consegue penetrar no estuário sob a influência das marés. O volume de água doce que se

despeja com fôrça é tão considerável, que é esta que repele a água salgada e avança pelo mar a dentro, a grande distância, em um largo lençol que se inclina para o norte sob o impulso da corrente equatorial".

Igualmente meticuloso em suas observações, Eliseu Reclus assim se expressou com referência ao fenômeno:

"A maré atlântica vem ao encontro do Amazonas até Santarém, a 1.000 quilômetros do Cabo Norte, considerado limite terminal da foz; a água salgada, porém, não penetra no rio; o fluxo só tem por efeito retardar a corrente do Amazonas e retardar-lhe a altura".

"O grande choque entre a massa d'água fluvial e a do mar, produz-se já na parte larga do estuário, onde o Amazonas, perdendo sua grande profundidade, se espraia sôbre os bancos naturais".

Como os pintores que têm o dom de reanimar paisagens, Eliseu Reclus concluiu: "O vergalhão que se forma nestas linhas do encontro entre as massas opostas, excede de altura os do Sena, do Ganges e do Iangtsé. A 8 ou 10 quilômetros de distância ouve-se o ronco formidável da pororoca que avança. Um primeiro vagalhão precipita-se como um mar nôvo e tempestuoso sôbre o mar tranqüilo de baixo; em seguida, um terceiro e, por vêzes, um quarto vagalhão sucedem-se, abatendo, destruindo os objetos que resistem. As ondas sucessivas das quais a primeira chega a ter três metros de altura forma na embocadura uma barra completa de margem a margem e são acompanhadas de redemoinhos, de correntes que meteriam a pique embarcações ligeiras e até causariam avarias em navios de grande porte".

Como se vê, cada cientista emite opinião à sua maneira sôbre o fenômeno, trazendo à baila argumentos de sutilezas. Tudo deixa entrever que dessa plêiade de sábios, estrangeiros e nacionais, a palma cabe a Amilcar Botelho de Magalhães, para o qual a pororoca só se forma quando as marés enchentes entram em conflito com as maiores descargas do grande rio. Observação tanto mais procedente quanto é certo que elas coincidem com o período de maior freqüência da pororoca — janeiro, fevereiro, março e abril — com a chegada à foz do Amazonas das águas das chuvas caídas nas suas cabeceiras.

(Do livro ÁGUAS LENDÁRIAS, inédito)

CONFLITOS PAREADOS

(Apotegmas numerais)

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

E' possível que alguém haja espiolhado antes, na obra do poeta português Abílio Guerra Junqueiro, a confluência esotérica dos conceitos pareados (inclusive forma comparativa), e a enumeração caótica dos seus apotegmas. Não sei de tal. Não possuo nada de especial a respeito. Guerra Junqueiro, panteísta profundamente comprometido com os valores mais sensíveis à poesia cotidiana, a essa poesia desvalorizada em outras circunstâncias, foi um rebelado que emprestou o flagelo de Cristo (não de Jesus) para estigmatizar os mercieiros de tôdas as religiões e de tôdas as castas sociais, com exclusão dos humildes, dos simples, dos pequeninos.

Comumente se insinua haver êle desafiado as potências celestes. Um exame mais profundo do seu maneirismo poético apresenta saldos generosos. Não foi o único a desmanchar-se em libelos contra a hipocrisia, a mediocridade, o beatério, a farça e a sociedade gosadora. Atacou de frente o simonismo, a fome social, o regalismo, a decadência dos costumes. A sua poesia é feita de lama e de lírios, de canduras e de violências, de sangue e de pus, de ironias e de soluções metafísicas. Intransigências também. Rebenta em sarcasmos e brutais verdades? Outra coisa não fizeram muitos dos santos da Igreja Romana contra o vício da Cúria. "Os Simples" desmentem tudo... sem negar nada do racionalismo religioso do poeta... Não iremos discutir aqui o seu desamor pelos critérios éticos. Demolidor ou construtor, já agora, decorridos tantos anos da sua morte "impenitente" — 1923 (jaz pacìficamente no mosteiro dos Jerônimos) — o que nos importa particularmente é o domínio de valores que eclodem, vez por vez, nos seus poemas atléticos. Mas não nos custa, à deriva, provar a medida do seu cristianismo baseados nas suas confissões (lirismo é confissão):

"O meu coração puro, imaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como ainda vai,
Para tôda a nudez um pano do seu manto,
Para tôda a miséria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pai!..."

E mais:

"Ó crentes, como vós, no íntimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal."

Quem lê cuidadosamente a obra de Guerra Junqueiro (bom poeta, sofrível prosador) tropeça, a três por dois, com o maneirismo metafórico, dentro daquele descuidado estilo pessoal. Tem-se a impressão de que o autor escrevia de fôlego, dando livre curso à inspiração (ao "sôpro") e que não seria trabalho comum a lapidação do verso.

O que é constante nas temáticas do melro português é o conflito dos conceitos. Mais comuns, no entanto, os conflitos pareados. Em seguida, na enumeração caótica (em Junqueiro ela se exagera em função da necessidade explosiva dos símbolos) surgem as séries trinas e mais raramente as séries de quatro. Isto não é, em absoluto, criação do poeta. A fórmula esotérica é consabidamente antiga, mas aparece também em Rui Barbosa, precisamente na série de três.

O processo esotérico teria sido utilizado por Guerra Junqueiro em condição específica de sua religiosidade mensagista, ou se trata de mera coincidência? O velho adversário da mentira e do embuste; o excelente animador de tropos deveria forçosamente de andar em conúbio com as letras latinas e, mais recentemente, com as espanholas do quinhentismo religioso. Homem lido nas lições puras da poética e da poesia medievais e corrido no maneirismo clássico, para êle o "número" funcional deveria de aparecer como excelente recurso à religiosidade panteísta. E' a Natureza — a "Natura" — tratada carinhosamente por Lucrécio ("De natura rerum") — onde quem quiser poderá pastar as bases filosóficas do ateísmo. Se é que o ateísmo existiu algum dia... E' essa Natureza, "mater parens", por muitos séculos, a enciclopédia do homem e vem

refletir-se nas tentativas supérstites de Schlegel. Como canta o poeta em "O Melro" :

"..... ó Natureza,
A única bíblia verdadeira és tu!..."

Poderemos supor que os números pitagóricos servissem de recurso ao panteísmo de Guerra Junqueiro, como servira a Dante para a arquitetura filosófica da "Comédia"; mas, neste último, orientado o princípio esotérico noutro sentido. Imagine-se a enumeração caótica em Dante, um contrapasso erudito, firmado nos "mirachs" maometanos e, em menor grau, no latino. Mas êle também se revela em outros "magníficos" poetas da latinidade, a exemplo de Vergílio.

Guerra Junqueiro era homem religioso. Conseqüentemente não é de admirar que sua obra poética esteja bàsicamente saturada de "números", a partir da forma subsidiária do Logos. Pouco importa se essa obra atira a objetivo "materialista", como insinuam os menos versados no processo heurístico da poesia como "sôpro". Como conciliar o "materialismo" de Guerra Junqueiro com a sua aceitação da poesia-mensagem divina, de feição nìtidamente hermética? Êsse pretenso "materialismo" não combina bem, não pode combinar com o panteísmo alegórico e os apotegmas numerais. A própria poesia se encarrega de subsidiar provas quando êle contrapõe à matéria o "sôpro". Também não será conveniente supor que a simples citação de Buchner resolva o problema dessa ecfrase. Critica a Buchner (Junqueiro criticando o materialismo!), tanto quanto a Prudhomme ou a Falstaff. Mas que se entende afinal por materialismo? Talvez, isso sim, um heróico fundamentalismo cristão, não objetivado pela crítica heterodoxa. Junqueiro acreditava em Deus (desacreditava no deus-Cristo, na concepção do dogma do "sine concubitum") e admirava a Jesus. O homem-mártir santificado "a posteriori" e não o deus-homem "a priori". Contrário, portanto, a uma gratuidade pascalina. Isto não aprofundaram os seus citadores. Pelo menos em Ernani Cidade nada se diz de concreto, de parte certas insinuações nada originais à "filosofia escolástica". Por outro lado, as histórias da literatura portuguêsa são omissas neste particular, mas Fidelino de Figueiredo achou de conciliar Guerra Junqueiro à banda dos "satanistas", apesar daquela generosa inclinação para as coisas frágeis e indefesas, as alminhas de cristal e de porcelana, a que vestiu de nôvo encanto com a metáfora. E' o simbolismo que se manifesta nêle, na sua poesia revolucionária, "engagé", nos estos aqui

e ali polêmicos. Guerra Junqueiro não exibiu a violência quixotesca de Gomes Leal no "Anti-Christo" e nem se arrependeu penitente como aquêle. Junqueiro é Guerra até o trespasse, mas humano, sem o histerismo sórdido de Albino Forjaz de Sampaio. Também não se pode equipará-lo a Baudelaire. Talvez a Victor Hugo, na fase romântica dos arrancos subversivos da Comuna de Paris, falhados nas bermas de 1870.

O fato é que o "número", em Guerra Junqueiro, rima a propósito com o estilo efervescente, dinâmico, polêmico. Também não nos interessa, para o momento pelo menos, a sátira como processo de reformulação e de combate, coisa cediça. Por ora vamos respigar, aqui e ali, com exemplos passeiros.

Iniciemos com "Oração ao Pão" (... Pôrto, Livraria Chardron, 1902).

Pg. 9 : "Enfarinhada, branca moleirinha,
1 — E' pó de cemitério essa farinha !..."

Os contrastes surgem aqui e noutros passos bem definidos. Para o dístico "pó de cemitério" contrapõe-se a "farinha" (de trigo), que já é pó, de outra natureza, porém interligado por um parâmetro metafísico. Junqueiro conduz-nos pela mão para a lei da metempsicose, portanto para a gematria pitagórica. Pela lei da metempsicose (tantíssimas vêzes referida) essa farinha de trigo, ingerida, dá vida ao homem ou transfere na comunhão (profana ou cristã) a substância do deus; quando o homem morre, será absorvido pelo pó da terra e em pó transformado ("quia pulvis es et in pulverem reverteris") para dar vida às plantas, que serão ingeridas pelos animais e êste pelo homem. Cadeia cíclica natural e científica, mas na filosofia egípcia a espectativa humana duraria três mil anos antes de decidir-se a incorporar-se no animal. E talvez essa crença esteja ligada a certos tabus totêmicos. Eu não duvidaria nada se me dissessem ser Junqueiro vegetariano, proibido portanto de servir-se da carne dos animais. Quem gostaria de saber que nesse processo cíclico estaria manjando um seu ascendente longínquo ? E no entanto comer Deus é um dogma de tôdas ou quase tôdas as religiões, incluindo aquelas rotuladas de pagãs. Mas Junqueiro aprecia demonstrar a sua religiosidade filosófica. Por exemplo (e os exemplos são numerosos) em "A velhice do Padre Eterno" :

"E enquanto uma raiz de lírio suga um crâneo".

Em têrmos, completa-se o ciclo vital na natureza ou o "ciclo vicioso". Os dois "pós" são dois números opostos na aparência,

e só na aparência: 1 + 1. Gostaríamos de seguir melhor no rastro dos elementos oponentes, que se fundem depois, mas não sobra vagar e nosso programa é outro. O número "um" é místico como os demais das séries dois, três, sete, dez. Está na Bíblia Sagrada, que também ela comporta essa enumeração esotérica. E' o "UNO" ou o primeiro, a Unidade ou o Logos. O Deus de Junqueiro, o nosso Deus, Tupã ou a Natureza unificada, em Ser. Como êle sugere nos versos de "A musa em férias", 68:

"Eu quisera enroscar-me aos robles como a hera,
Ser perfume no lírio e ser vigor na fera,
Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em côres,
Semearem-me e nascer todo o meu corpo em flôres,
Com as águias voar no oceano do infinito,
Ser tronco, ser reptil, ser musgo, ser granito,
De forma que eu andasse, em átomos disperso,
No céu, no mar, na luz, na terra — no universo!"

E repete n' "Os simples", 35:

"E também quisera, mortos castanheiros,
Como vós erguer-me para o sol a flux,
Dar trezentos anos sombra aos pegureiros,
E num lar de choça, em festivais braseiros,
A aquecer velhinhos, desfazer-me em luz!"

De passagem conotamos alguns contrários no esquema de adição. Mas êsse desejo de integração absoluta no Absoluto, no Uno (Universo Deus) não é exclusivo de Guerra Junqueiro.

O que se diz acima da gematria representa o comportamento geral dos conceitos pareados, que aparecem em monósticos, dísticos ou outros, inclusive nos polimétricos. E não voltaremos à temática, mas indicaremos, como exemplo de numeração ternária (Trindade: Deus-Filho-Espírito Santo, etc.) na mesma página 9, quase ubiquando no "modus dicendi" de São João de La Cruz:

"E a moleirinha alegre também canta,
E ri a água, e ri o Sol, e ri a planta..."

Pg. 13, ternário axiológico :

"Beleza, Amor, Verdade,
Eis a Trindade !
Três deuses, juntos afinal
Num só Deus imortal."

E' a única pista quente que o poeta oferece aos profanos, mas é patética essa confissão hermética da sua submissão religiosa. Daí por diante a sua poesia, neste particular, continuará de certo modo aberta para os leigos, na aparência. Hermética nos contextos, com duas facêtes. Bifronte como o Jânus da fábula. E há mais assunto a explorar na poesia do atrevido poeta, por exemplo os comparativos (de que citamos alguns), metáforas, topos, locus anominatios, adinatas, sátiras, lirismo (confissão) e invocações ("invocatio"). E com especialidade as constantes "criança", "lírio", "flor", "luz", "abril", "rosa" (mística), "música", "melro", "rouxinol", "plátano", etc.

Esta é que é a verdadeira poesia hermética, aberta para os leigos, com o tônus de libelo ganhando foros de mensagem, e a outra fechada, recorrível para os iniciados, indistinta, implexa de religiosidade. Não de beatice nem de carolice, mas de religião pura, de filosofia poética como era a da idade-média. Não é êsse hermetismo formal, caprichado, que se vê aos domingos nas gazetas, sem substância, mero jôgo de palavras sem nexo, produto do engôdo supra-realista.

Guerra Junqueiro possuía o dom bem pouco comum de saber valorizar a palavra, ensamblando-a no lugar certo, transmitindo-lhe uma densidade funcional inigualável para a época, imprimindo-lhe certo colorido aproximativo da sinestesia. O mal dos seus livros são as edições ratuínas, mal cotejadas, mal impressas, mal apresentadas, como se houvesse um propósito dirigido. Manifesta odiosidade. Que contudo não há. O que há realmente é a necessidade cada vez maior e contínua de edições populares, pois que se trata do poeta ainda mais lido e discutido em Portugal. Tanto que lhe deram um lugarzinho a par de João-de-Deus, no panteão nacional.

Existem mais exemplos de trípticos, porém não nos inclinamos a elencá-los aqui e agora. Prossigamos com a nossa oficina.
Pg. 14 :
2 — "E cada homem, quer o rei, quer o mendigo,
E' na seara de Deus um grão de trigo."
Pg. 16 :
3 — "Pelo Amor, com teus lábios virginais

Beija lepras e cancros d'hospitais !"

Escamote sutilíssimo : São Francisco de Assis. E' uma das figuras decorativas, espécie de circuito eloqüente no processo latino da "amplificatio".

Em "A lágrima", 4.ª edição, Pôrto, Livraria Chardron, 1903, encontramos seguidamente

Pg. 8 :

4 — "E o cavaleiro diz à lágrima irisada :
"Vem brilhar, por Jesus, na cruz da minha espada !"

Neste dístico, além dos elementos oponentes constata-se a coroa de rimas.

Pg. 12 :

5 — "A terra onde o lilás e balsamina medra
Para mim teve sempre um coração de pedra !"

De "A musa em férias", 4.ª edição, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1906

Pg. 12

6 — "A sua aurora é o berço, e o seu ocaso é o túmulo;
Ergue-se entre rosais e expira entre os ciprestes."

Pg. 15 :

7 — "E' casta como as espadas
E reta como a justiça".

Em teoria, já se vê. Para Guerra Junqueiro essa comparação resulta apenas em processus conciliatório de palavras, jôgo de expressão sem nenhum efeito discursivo e êle sabia disso. Pois na verdade nunca houve espada casta (a não ser aquelas que jamais saíram dos armeiros e dos armários) e nem justiça retilínea. Salvo a alegoria de Salomão, mas ainda se trata de alegoria...

Pg. 16 :

8 — "Depois de jantar com Tácito,
Vai ceiar com Rabelais."

Aqui o contraste é vigoroso, notadamente no que se refere ao pícaro francês, em oposição gritante ao austero historiador latino. E mais preciso porque o jantar (almôço nosso) é mais doméstico, enquanto a ceia (nosso jantar) sugere boêmias, pôsto que hábito europeu.

Pg. 18 :

9 — "As urtigas da Ironia
Junto aos plátanos da Ode."

Urtigas, apesar de insignificantes, provocam tanta reação animosa quanto as sofridas ironias. Mas as odes, ah ! as odes são elevadas, cimeiras como os plátanos umbrosos. À carência de plátanos às vêzes o poeta recorre aos seculares castanheiros, mas é raro isto em Junqueiro de valorizar a paisagem natal. Não

era por isso mesmo um poeta telúrico nem regionalista nem nacional, mas caracterìsticamente universal e social. Talvez estivesse com razão o seu contemporâneo Eça de Queirós no que contende com a carência de palavras que exprimissem selvas. Por esta razão é que os vergilianos plátanos freqüentam os "locus amoenus" onde costumam edulcorar a paisagem, mesmo fora da Arcádia. Mas, de passagem, devemos dizer que só a recorrência a êsse "locus" nos fornece a medida exata da religiosidade do poeta. Como se êle armasse em oficiante druida. Todavia disto ninguém cuidou. Preferem armar fofocas entre êle e Deus, esquecidos das "Carmina Burana", das cantigas meretrícias e dos "ioca monachorum"...

Pg. 20:

10 — "E faz sair uma flor
De dentro de uma caveira."

Pg. 36:

11 — "Feito de fôrça e de amor,
De crueldade e harmonia."

Pg. 62:

12 — "A lei incumbindo a Noite
Da educação da Alvorada!"

Pg. 75:

13 — "A raiz — bôca da Vida,
Mama nos peitos da Morte."

Alusão ao processo cíclico da metempsicose referida. E' uma excelente metáfora, vestindo o trágico horror da carne mudada em seiva e em fruto.

Pg. 78:

14 — "— Vai ouvir as cotovias,
Levando a espingarda ao ombro!"

Pg. 80:

15 — "Viera à supuração
Em lírios brancos e rosas."

Pg. 81:

16 — "Ou para enterrar crianças,
Ou para plantar jasmins."

Pg. 98:

17 — "Dê salvas de hilaridade
O rubro canhão da aurora!"

Pg. 99:

18 — "Carregai-me essas clavinas
De aurora e botões de rosas."

Pg. 100

"E dos elmos façam vasos
19 — Para pôr mangericões."

Idem :

20 — "Depois de caçar tiranos
Vamos caçar borboletas."

Pg. 101 :

21 — "Em vez de morder cartuchos,
Mordam pêcegos doirados."

Pg. 104 :

22 — "Vou dar-lhes banhos no sangue
Das madrugadas d'abril."

Pg. 105 :

23 — "Um melro a ensinar a um lírio
Os versos de Anacreonte."

O pícaro deveria de estar fazendo corar a face casta do lírio...

Pg. 116 :

24 — "Co'as asas côr da noite e os olhos côr da aurora."

Pg. 126 :

25 — "E Jeová da rosa então fêz um sorriso,
E das asas da vespa o Diabo fêz-lhe um leque."

Essa galanteria maliciosa (poema escrito num leque) me faz matutar na clássica disputa lírico-religiosa da criação do mundo. Audaciosamente o melro galraz de Freixo-d'Espada-à-Cinta junta num mesmo dístico dois números, fazendo renascer, o mordaz! os velhos inimigos da criação. Resumindo : Deus e o Diabo foram poetas, pintores, músicos, artistas liberais. Opifex...

Pg. 130 :

26 — "Ordem, corre a pedir auxílio à guilhotina :
Abracem-se um ao outro, a pátria assim o quer,
O jumento Proudhomme e o tigre Lacenaire."

Pg. 136 :

27 — "O homem que menos ganha é o que mais trabalha.
O direito pertence ao mais rico e ao mais forte."

Pg. 141 :

28 — ". . . . . o diamante é feito do carvão,
Do abismo rompe a flor, das trevas a manhã :
Num ladrão pode haver um santo : — João Valjean.
Banhaste-te no sangue ? é afogar-te em luz.
Depois de ser Caim, precisas ser Jesus".

Não renunciamos ao propósito de insistir no critério posteriorístico da santidade revelada nestes versos em que os vocábulos "ladrão" / "santo", "sangue" / "luz", "Caim" / "Jesus" dizem muito mais do que o apriorismo gratuito de Pascal.

A página 146 está replexa dessas sentenças oponentes, em número de oito.

Pg. 146 :
29 — 'Um só perdão — a morte, e um só castigo — a Vida'.
Pg. 151 :
30 — "Onde sobrava o gênio e onde faltava o pão."
Pg. 164 :
31 — ". . . . . Lisboa, essa burguesa
Que vai de risca ao meio e vai de fato prêto
Ao **sport** de uma hora — à igreja do Loreto."

Nós bem que podíamos glosar os versos de Guerra Junqueiro :

Manaus, essa burguesa ingênua e jovial
que vai de saia curta e livro de horas santas
à exibição da moda, às dez, na catedral.

Pg. 181 :
32 — "Lava com água benta as sanguinárias mãos."
Pg. 191 :
33 — "Latino — Ferrabrás e Coelho — a Madalena,
Um doce como a pomba, outro mau como a hiena,
Caminham par a par, beijando-se entre si."

Essa sátira contra Latino Coelho é quàdruplamente antagônica nos seus elementos condicionantes : Latino = ladino, esperto / Ferrabrás = o diabo. / Coelho = animal erótico, tímido e fecundo / Madalena = a agapeta arrependida / doce = pomba / mau = hiena. E um só indivíduo : Latino Coelho. A seriação, no caso, foi — : 1 + 1 = 2; 1 + 1 = 2. Resultado positivo 4, mais um = cinco. Êsse cinco, porém, não é aqui a chave da sabedoria salomônica, e diz muito contra o escritor Latino Coelho. E' um número que a seguir a "linha" medieval, aponta, com os "beijos", para o microcosmo ! De outro modo, é o "trias" masculino e o "dyas" feminino, portanto dualismo reprodutor. Hermafroditismo. Ou... quem sabe ? Aliás é o vêzo do Guerra. Vez em quando explode, principalmente na rima, o nome de uma vítima da sua intransigência. De qualquer modo prova apenas que o satírico Junqueiro conhecia de perto o "ornatus verborum", maneirismo com que se divertiam certos poetas da antiguidade, explorando a característica dos nomes próprios como os caricaturistas assinalam os traços mais evidentes de certas fisionomias, obtendo, pelo processo surrealista, a cópia exagerada do paciente. Numa outra ordem de idéias e de imagens é o que fazem às vêzes certos poetas da nova tendência : ludus literário. Todavia é bom não esquecermos que Dante usou e abusou dêsse privilégio, à outra luz, despejando no Inferno os seus inimigos mortos e vivos.

Pg. 197 :
34 — "Galopam três morgados,
Rijos como sobreiros
Brutos como soldados."
Pg. 124 :
35 — "Um vício que é tão mau por ser, que horror ! tão bom !"
"A velhice do Padre Eterno", 1885 (. . .) Editôres Álvaro Pimenta e Joaquim Antunes Leitão, Pôrto —
Pg. 10 :
36 — "Sois como a luz que doura as trevas dum monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;"
Pg. 11 :
37 — "Dormia inquieto e manso o impávido lebréu."
Pg. 12 :
38 — "Como junto dum leão um sorriso divino
Como sôbre uma fôrca um ramo d'oliveira !"
Pg. 13 :
39 — "Tôda a alma é clarão e todo o corpo é lama."
Idem :
40 — "Tirai o corpo — e fica uma língua de chama. . .
Tirai a alma — e resta um fragmento d'argila."

Sem qualquer absurdo, o dístico se refere à pragmática. Alma ígnea é assunto incontroverso. Mais difícil seria, na aparência, concordar, nesses contrastes violentos, carne com argila. E no entanto a ninguém é dado ignorar o contexto bíblico do homem de barro. Podem ignorar, isso sim, o caráter de "fingulus" atribuído tanto a Deus como a Cristo, na patrística tanto quanto no secular.

Idem :
41 — "Há de haver uma treva e há de haver uma luz
Para o vício que morre ovante sôbre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz."

Eis o santo "a posteriori", a que nos referimos antes. O homem que escrevia versos tão puros e ditava conceitos tão humanos jamais poderia ser ateu.

Pg. 17 :
42 — "Se a quimera é uma rosa e a existência uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia d'espinhos !"
Pg. 18 :
43 — "Onde o trabalho ri e onde a miséria canta."
Pg. 23 :
44 — "Meretrizes de Deus numa piedosa orgia."
Pg. 31 :
45 — "Que no ruibarbo encontra o sabor da ambrosia."

Pg. 34 :
46 — "Jesus, quase a expirar, cheio de dor, sorria."
Pg. 38 :
47 — "Continuarei caçando os javalis nos matos."
E dito isto partiu a procurar Pilatos."

Guerra Junqueiro ainda estava imbuído da crença corrente da culpabilidade de Pôncio Pilatos na devassa e sentença contra Jesus. Mas a história não concorda com essa culpa, tão sòmente atribuída aos judeus. Os elementos oponentes, aí, não funcionam para nós com a mesma persistência dos demais, todavia devemos esquecer a erronia. Ou se tratava apenas de um apêlo à rima ?

Pg. 38 :
"Reto como um juiz, forte como um destino."
Pg. 39 :
49 — "As chagas para mim são outras tantas flôres !"
Pg. 46 :
50 — "Que queime se é capaz num forno uma alvorada !"
Pg. 49 :
51 — "E ao rouxinol dizeis : pede a bênção da c'ruja."
Pg. 50 :
52 — "Que é o mesmo que extrair d'uma rosa um cevado."

O processo do inverossímil + verossímil freqüenta muito assìduamente a poesia e a prosa medievais e mais posteriormente a latina, grega e oriental. Aparece, tanto quanto a fórmula verossímil + inverossímil, nos "fabliaux". E' a velha questão do "mundo às avessas", proposta por Curtius. Mas pode ser encontrada com muito maior anterioridade e com inusitada freqüência na literatura oral de todos os povos ágrafos, por onde se observa a linhagem da literatura histórica. Observamo-la nos contos azuis, nas fábulas e apólogos principalmente, nas estórias outras de gigantes, de gnomos, de bruxas, de dragões fumegantes, etc.

Pg. 60 :
53 — "És como um Juvenal dentro d'um Epicuro,
O' arlequim-titã, ó semi-deus-gavroche."
Pg. 68 :
54 — "Nasces na estrebaria,
Vives no lupanar !"
Pg. 68 :
55 — "Lá vai pegando ao pálio o teu amigo Judas,
Que está, como tu vês, comendador de Cristo !"
Pg. 72 :
56 — "Sê canalha com graça, infame com bons ditos."

Pg. 79 :
57 — "Opulenta Gomorra hidrópica de Vício."

A expressão hidrópica, que os dicionários populares e outros comumente não definem à justa, pode aparecer nos literatos e escritores latinos da antiguidade e na Idade-Média. Por exemplo n' "Os fastos", de Ovídio, segundo me parece só encontrei uma vez, no livro primeiro :

"Hidropsia de ouro insaciável",

que corresponde àquele "auri sacra fames" de Vergílio. Sòmente essa expressão seria suficiente, a meu ver, para demonstrar quão lido era Guerra Junqueiro nos poetas latinos da antiguidade e nos epígonos medievais.

Pg. 94 :
58 — "No rijo e negro pão cravando os dentes brancos."
Pg. 98 :
59 — "Na face de alvaiade um rir de vermelhão."
Pg. 106 :
60 — "Bossuet-Ferrabrás e Falstaff-Isaías."

Observe-se o que deixamos dito com relação a Latino Coelho.

Idem :
61 — "Não há pomba mais tigre ou Santo mais demônio :
Fera, — como Caim ! rato — como Polônio !"
Idem :
62 — "O tigre deu-lhe o amor e o bode a castidade."

Sem comentários... Mas que ironia !

Pg. 107 :
63 — "Um búfalo de treva às cornadas na aurora !"
Pg. 113 :
64 — "O luar do Perdão para as noites do Crime."
Pg. 114 :
65 — Calcando o lôdo e olhando os astros no Infinito."
Pg. 115 :
66 — "Unindo a cada chaga imunda um beijo em flor."
Idem :
67 — "E na campa nupcial, no tálamo-sentina"

68 — "O corpo é simplesmente a alâmpada de argila;
A alma, eis o clarão."

Repete-se aqui o mesmo circuito simbólico das referências 39, 40.

Pg. 136 :
69 — "Branca como a harmonia,
Pura como a verdade."
Pg. 140 :
70 — "Num carcavão com silveirais em flor."
Pg. 141 :
71 — "Tudo foi feito com o mesmo lôdo,
Purificado com a mesma aurora."
Idem :
72 — "Só hoje sei que em tôda a criatura,
Desde a mais bela até a mais impura,
Ou n'uma pomba ou n'uma fera brava,
Deus habita, Deus sonha, Deus murmura !..."

Esta confirmação da onipresença de Deus coloca o poeta acima da crítica interesseira e injusta e já vem estereotipada na abertura dêste ensaio. Junqueiro era assim mais religioso do que muitos echacorvos, desde que nesta intelecção se dê o verdadeiro sentido à palavra.

Pg. 158 :
73 — "Rios de sangue com gangrena
E ondas de lágrimas com fel."
Pg. 159 :
74 — "A bôca esquálida do crime
Posta na bôca da inocência !"
Idem :
75 — "O abutre e a pomba, o cardo e a anêmona,
Na mesma leiva apodrecida :
Tropman chegando-se a Desdêmona,
E Papavoine a Margarida !"
Idem :
76 — "Mimi Pinson e Rigolboche !
Caim e Abel ! estrume e luar !"
Pg. 160 :
77 — "Tudo te serve : ou cancro ou rosa,
Ou flor doirada ou flor sifilítica."
Pg. 175 :
78 — "Dentro d'um cofre em cuja tampa
Há versos maus em letras d'oiro."
Pg. 180 :
79 — "Andam só pela rua os porcos e as crianças."
Pg. 183 :
80 — "..... há dois oasis em flôr,
Com duas tropicais pletoras de verdura :
Um é o cemitério, o outro o passal do cura."

Coletamos n' "Os simples", 4.ª edição, Lisboa, 1898, Parceria Antônio Maria Pereira — Livraria Editôra,

Pg. 24 :

81 — "Tinha eu seis anos, tinha ela oitenta,
Quem me fêz o berço, fêz-lhe o seu caixão !..."

Pg. 32 :

82 — "Heros amortalham-no em seu verde manto
Deu-lhe a terra o leito, dá-lhe a aurora o pranto...
Que feliz cadáver, que até cheira bem !"

Idem :

83 — "Musgos, líquens, fetos, — química incessante ! —
Fazem montões d'almas dessa podridão..."

Pg. 38 :

84 — "E no lar as brasas simultâneamente
Dizem para o anjo : — tudo é oiro ardente...
Dizem para o velho : — tudo é cinza e pó !"

Pg. 40 :

85 — "E, fitando as chamas simultâneamente,
Rí-se a criancinha, vendo o oiro ardente,
Lacrimeja o velho, vendo cinza e pó !..."

Pg. 44 :

86 — "Como que num dúbio lusco-fusco abstrato,
De ter sido tigre lembra-se inda o gato ?...
De ter sido hiena lembra-se inda o cão ?..."

Pg. 48 :

87 — "A razão é um verme, mas a crença é asa...
Verme ! aos infinitos poderás chegar !..."

Aplica-se aqui a lei do verossímil + inverossímil, e o contrário já foi referido na cota cinqüenta e dois. Que um verme possa atingir os infinitos é coerente, pelo menos na doutrina da habitabilidade dos mundos. O racionalismo de Guerra Junqueiro, exposto em forma circunloquial, converge necessàriamente para um esquema religioso de que êle procura dar a medida com aquela história do "verme/razão" mais "crença/asa" (dois mais dois) ser igual a infinito, ou sejam, cinco elementos que resultam no microcosmo, ou na eternidade da matéria, ou a teoria da evolução, ou o averroismo, etc. Materialismo cristão, ao fim e ao cabo, ou fundamentalismo cristão inócuo, na pior da hipótese. Sem negação de Deus. Mas nós estamos noutra função, o que não nos impede de raciocinar livremente, procurando colocar, nos devidos têrmos, a mensagem controvertida do poeta e o seu tremendo libelo.

Pg. 56 :

88 — "Deus golpeia a aurora pra dar sangue às rosas,
Deus ordenha a lua pra dar leite aos lírios !..."

Pg. 74:

89 — "Com o beijo do sol na face cadavérica,
Beijo que a morte esvai em palidez algente
Eis a lua a boiar sonâmbula e quimérica..."

Pg. 83:

90 — "Como que uma sombra de grandeza augusta,
Junta a uma inocência matinal de flor."

Pg. 89:

91 — "Porque foi bondoso como a lua é calma,
Porque foi um santo sem saber que o era!..."

Em Guerra Junqueiro vislumbram-se aqui e ali surtos de barroquismo literário decadente, como na tirada que referimos no início. Para evitá-lo, a êsse barroquismo anacrônico, o poeta decidiu-se pela variação do metro que desce até ao popularíssimo hexâmetro. E surge aqui outro comentário, associado ao evangelho social do melro português: sendo a redondilha menor a legítima expressão popular na poesia (haja vista Gil Vicente, o mais popular dos poetas portuguêses e o mais nacional de todos os tempos) e dirigindo-se êle aos simples, não a usou freqüentemente, cultivando de preferência o alexandrino imponente de rimas pares e o decassílabo italiano, descarrilado (já àquele tempo!) da fatigante estrutura camoneana. Os sonetos são também raros, e quando aparecem é no corpo de um poema. Isto tudo se explica, a meu ver, pela necessidade de libertação, exigência de maior campo de ação poética. Daí às vêzes tropeçarmos com versos de onze ou de nove sílabas, extraviados do contrôle do metro. O que aliás pouca importância tem, necessitando-se antes do rítmo para enquadrar a seqüência frasal e extrair dela os efeitos técnicos de segmentos, ictus e sub-ictus na melhor das análises convencionais do sinus melódico.

A obra de Guerra Junqueiro evidencia, mais ou menos, as características fundamentais da "escola" naturalista. Mas principalmente no que tange àquela ofensiva contra o clero, no que êle tinha de postiço em relação à filosofia, à moral e à cultura humanista. No resto se pode observar, aqui e ali, o esfôrço para então discutíveis da evolução da espécie, da eternidade da matéria, sem que isso inquinasse num materialismo histórico ou num ateísmo doutrinário da espécie daquele pregado por Felix Le Dantec.

Epidèrmicamente Junqueiro abordou a miséria social, a ignorância da classe popular, a influência do clero na educação, na política, tudo concernente ao programa normativo da "escola", como conseqüência daquelas atitudes que culminaram em Portugal com as querelas do Bom-Senso e Bom-Gôsto e das conferências revolucionárias do Cassino.

A revolução intelectual que agitou a esfera literária, todavia, não lhe permitiria, talvez por temperamento romântico, pintar um quadro realista da sociedade portuguêsa como o fizeram os romancistas da mesma época, mas deu-lhe oportunidade para desancar o idealismo histórico.

A sátira e a ironia desenvolveram-se no sentido de colocar a grande questão social em evidência, já nos poemas soltos, já no famoso libelo que é "A morte de D. João", — êste sem dúvida alguma o seu implacável julgamento da sociedade, à margem da literatura ficcionista de um Eça de Queirós — o maior dos naturalistas portuguêses, em cuja obra os críticos foram encontrar subsídios de monta que espelharam a mesma facêta intransigente, os mesmos ataques aos erros sociais de então.

O caso de Guerra Junqueiro não parece isolado no panorama literário de Portugal, mas no quadro geral das atitudes fundamentalmente naturalistas, é o mais preocupante e o mais ostensivo, dado o talento do poeta para as congeminências, para o humor, para a ironia, até mesmo na perplexidade que oferece o comovido espetáculo do melro autocidado.

De modo particular, o naturalismo de Guerra Junqueiro salta em outros motivos menos impressionantes à primeira vista e que a sonoridade do verso consegue destacar, mas no fundo não se trata de uma preocupação individual (com raras exceções) de ferir preconceitos obsoletos, e sim de expor situações em curso à época, discutir problemas reais, situações e problemas curiosos que arrastaram o grupo de Eça e de Antero às conferências do Cassino, em 1871, contra o grupo de Castilho e de Pinheiro Chagas, os românticos.

Evidentemente Guerra Junqueiro não exibiu na sua obra poética tôda a gama do sofrimento social, mas com efeito se pode, aqui e ali, espiolhando ao vagar, conseguir subsídios para a montagem de uma análise discursiva do seu naturalismo. Partindo, com cuidado, das congeminências que são, de verdade, o ponto alto da sua prosa poética, tanto a forma interior como o conteúdo mostram um humanista preocupado com a omissão, com a catástrofe coletiva, com a doença moral do século. Nesse configuracionismo estético não se distingue o amplo espírito denunciador, polêmico, que o Naturalismo exigia de um Zola, porque o maneirismo de Junqueiro batia num alvo limitado que o romance podia oferecer em maior cópia, com as dimensões reais dos dramas e subordinado aos fatôres ambiente, tempo e estado. Por isso, de certo modo, a poesia de Guerra Junqueiro concilia a intenção denunciante com a intemporalidade e a metafísica, aparecendo mais com um caráter exclusivo do assunto do que com aquêle espírito realista de heroismo.

GIRASSOL DE OUTONO

MENDONÇA DE SOUZA

A vida de um inspirado poeta é eterno reflorir de idear e de produzir nos amplos e infinitos desbravamentos dos grandes temas, na medida em que consegue atingir sua fôrça poética e pode contribuir para o progresso das confraternizações universais. O estacionamento nas artes, nas letras, é como que a mumificação do espírito. Na laboriosa e enciclopédica evolução do mundo contemporâneo, permanecer nos favores da inspiração de Homero, de Virgílio, de Camões é virar estátua. Não há exclusivismo na receita de escrever em verso. Ela é de todos os tempos e de todos os povos. Progredir, renovar-se é a lei maior da humanidade. Dos notáveis, é o dever de criar pela imaginação e dizer ao Mundo o que é a realidade Cultural de um povo ao longo de sua História.

Caminha, afirma-se DOMINGOS CARVALHO DA SILVA, dentro de majestosa estrutura, para dizer aos leitores o que é a sua poesia. Velhos e novos temas são recriados através da liberdade de criação. Em sua boa concordância musical, há estrofes isométricas e heterométricas. E' um Poeta heterogêneo nos processos de versificação. Dá-se neste GIRASSOL DE OUTONO magnífico de conhecimentos rítmicos. Possuído de vigoroso estro, jamais se deixa prender de imitação servil ou de fanatismo pelos chamados poetas interferentes.

Neste livro de que lhes estou a falar, mostra-se progressivo e humano em suas reações. Sensível na melhor distinção da rima vocálica e consonântica, na sensibilidade de observar, compreender e medir o mundo atual. Na vida de seus dias, é um Poeta de espírito crítico. Na história de suas idéias, é um escafandrista. Não se deixa balizar sem independência de juízos e sem expressividade dos fatos segmentais e estruturais. Salienta-se, na representação do signo poético, em seus motivos aliterativos e anafóricos como que a conquistar o fruto de suas largas e generosas ambições artísticas.

O símbolo do título de seu livro é imenso na forma em que se configura no sol de uma fictícia idade outonal. Digo-lhes fictícia porque se move, circula, agita-se, vagueia, tem curso em derredor de um mundo que não é de petrificação. E' realmente grande no entendimento e domínio das coisas. Talvez outonal nos anos de sua engenhosa experiência versífera. Pois, sem enquadramento, sem limitação, a sua poesia tem grandeza ainda quando interpretada e julgada em seu valor tradicionalista.

Vejam-no dentro de sua criação como professor de arte. Quase sempre entre a rima e as impressões matrizes bastante se deixa pesar em suas causas pessoais. Burila o verso em melodiosas variações rítmicas e temáticas. Pelo reflexo de algumas implicações de conteúdo, forma, signo e símbolo não é um poeta soberanamente popular. Algumas vêzes até, só os iniciados podem alcançá-lo em suas prosopopéias, sinestesias e metáforas.

Sua poesia é realmente humana. Nada abstrata ou abstracionista. As figurações se descobrem através de seu espaço de concreção em faces de realidade, em cubos de repulsão. Em setenta e sete páginas de texto, com olhos de investigação passada, presente e futura, relembra, vê e supõe coisas. Fatos que já aconteceram, estão a se renovar no presente, e hão de repetir-se em determinadas ocasiões.

Logo no primeiro sonêto de **Papoulas e Estenógrafas,** transforma num impulso firme de consciência, entre significado e significante, as faces dêste dístico:

Procurarei palavras pela rua
e, de palavras só, farei meu poema.

Há nesta confissão de plenitude e de espaço um mundo medível em assuntos conceptuais e registrável num tempo interior de sensações imensas. Pois, nestes versos, surge, desenvolve-se e fica num tempo futuro de esperanças, de desejos, de sentimentos do mundo que o envolve.

Usa em seu processo de evocações analógicas, o colóquio do verso-frásico, ora nos sonetos decassílabos, ora nas poesias heptassilábicas. As vêzes, socorre-se do alexandrino, composto de dois hexassílabos, com cesura átona, como êste:

Teu grito em tempestade estremeceu a noite.

Ou em dodecassílabos, com cesura tônica assim:

E quando a noite cai **silenciosa e profunda**...

Mesmo no poema **Síntese**, em disposição gráfica de prosa, o seu verso se distingue pela toada própria de uma sonoridade fixável nas regras do ritmo. A palavra dá-lhe tôdas

decifrações do mundo nos desabafos de suas impressões psíquicas em imagens, idéias, sensações e juízos :

Já perdi meu paraíso
Já não tenho o que perder.

Vejam-no, nesse signo translato, semântico, no topo por excelência estático de seu presente, aceito num viver futuro já morto.

Observem agora como, nesta síntese confitente, consegue tirar elevada gama dos contextos num tempo físico registrável à vida real das palavras :

Nascido apenas, sinto-me morto
De fastio.

Neste rumo tem náuseas de tudo, não acredita em ninguém, é **O Inimigo do Mundo.** Por isso, crê que

São iguais a pomba e o corvo.

Admite intuir, nesse confronto estruturado de significações, tôda a substância íntima de seu extraordinário GIRASSOL DE OUTONO.

Mas, não ! O livro é um mundo de recriações contínuas. Atravessa vales e montanhas mito-históricas. Introduz-se pouco a pouco entre céu, terra e mar. Fica em muitos momentos de idéias sabidas e de mundo conhecido. Em outros têrmos : fixa-o, por largo, num imenso campo semântico de sexo, amor, abandono, náuseas, desencantamentos e esperanças fantasiosas.

Neste fabuloso GIRASSOL DE OUTONO, o Poeta tem momentos de ênfase e de ensimesmamento. E' um ensaudado neste seu paraíso perdido :

Hoje caminho nas ruas
como qualquer cidadão,
cabisbaixo, despojado,
eu que comandei o mundo
na Rua Treze de Maio
entre anjos que obedeciam
à minha voz de Senhor
. . . . . .
. . . . . .
Sou isto : um sobrevivente
do naufrágio em que perdi
a vida que ainda me resta. . .

Em seus recursos expressionais, assinaladamente sintéticos, tem instantes de criação formal, cromática, frente ao mundo, como neste enterreirar de **Elegia Simultânea :**

Já nada mais devo à terra,
já lhe paguei meu tributo
com espadas do meu sangue,
com roseiras do meu luto.
Já foram pra não mais vir,
por êsse rio encoberto,
o riso de Vladimir
e as mãos frágeis de Gilberto.
. . . . . .
. . . . . .
— Ah, Chapèuzinho Vermelho !
— Ah, farsas do Lôbo Mau !
. . . . . .
. . . . . .
O sol que morre é o extremo
sorriso do vosso pai.
. . . . . .
. . . . . .
Correi correi meus meninos
por êsse rio nascido
do pranto de vossa mãe.

No **se** condicional do poema **Anti-Kipling**, revela-se privado de um mundo melhor. Ao contrário do poeta inglês, **D.C.S.** olha o azul do céu e considera

Que o mais não tem a mínima importância.

Aguia ou chacal serás. O mundo
tudo comporta e o sol não discrimina
entre alcantis e pântanos.
Cometerás os pecados mais torpes
e eu te absolverei. Nada compromete
ou dignifica a vida. A verdade e a virtude
agonizam na mesma solidão do ataúde
onde os vermes e os ratos
não mais têm importância.

Seja levado ainda em conta, neste estravasamento radicante, o que o ilustra em sensibilidade e em conhecimento metricista e rímico nos associonismos magistrais das reiterações fônicas.

Não lhes digo que, nesse processo de revitalização seja um renovador. Mas, asseguro-lhes que é versatilista neste plantio da composição prosa — poema.

Sem dúvida, é um repensista nesta sua **Mensagem** :

Longe, muito longe, um país nos contempla.
. . . . . .
. . . . . .
Lá estaremos, amiga, e em odres de óleo ardente,
entraremos no mundo mineral. E então
a terra florescerá. E do teu corpo
germinarão gardênias e andorinhas
e o mundo ressurgirá da abolição da morte.

Em o Nome de Rosa e Iris, o Poeta refina-se e diz :

Perdi o mundo. Não tenho
mais tempo e espaço. Nem mesmo
a certeza dêste dia.
. . . . . .
. . . . . .
Na vida vale, Rosiris,
o beijo que sonhou Hamlet
nos lábios de Ofélia morta.

Mas é certo, na ânsia de tecer um **Canto Inaugural**, DOMINGOS CARVALHO DA SILVA se enche de ocorrências, de fatos reais a fim de encontrar-se, mais uma vez, neste subjetivismo poético :

Tua voz pertence à cidade.
Teu riso à clara manhã.
Teu nome pertence a um livro
que o tempo devorará.

Sintam-no aí, neste nôvo ângulo de enfoque, que não é um produtor do verso sem propósito do entendimento humano. Sem o sentido da fatalidade vivenciada num quase fato do cotidiano. Conteudìsticamente formal, com ligeiro determinismo pseudopsicanalítico, reveste-se em sua libertação poética do vulgar, do habitual, do comum. Sua poesia é trabalhada e sem gíria. Sua frase versífica não é mimética. Aceita-se, de muito, do autêntico em altíssima recriação. Ainda quando fora da metrificação, não é longa, cheia de orações mistas e de repetições.

Nota-se que seus versos trazem muito de seu cotidiano e das características próprias de seu estilo. Na variação das formas de poesia, usa o verso livre, medido, branco e rimado. Faz, sem dúvida, versos de circunstância num modêlo enumerativo. Em **A Bem-Amada no Mar** junta grande número de elementos a fim de fazê-la mais representativa aos olhos de seus leitores. E assim a sua bem-amada no mar insinua **alta gaivota, garça nua, pássaros de fina garra escarlata, sargaços errantes, galopar de hipocampos...**

O ciclo de sonetos que oferece a Péricles Eugênio da Silva Ramos enche-lhe de luz e de amplos espaços a obstinação de amor-delírio, radiante em desmesurados arrebatamentos. De uma certa forma, nos horizontes da arte, das idéias, das chamas que o inflamam, consegue formar uma coroa de ótimas inspirações numa atmosfera febril de agitação futura, passada, presente e imperativa. A imaginação voa para os impulsos espontâneos, ardentes e férvidos do sexo.

Não lhes afianço que neste GIRASSOL DE OUTONO tenha recebido influência de Van Gogh. Mas, vê-se, sente-se que o seu espaço aberto, neste agrupamento de sonetos, desenvolve-se na conquista de um universo bidimensional de côres mágicas, de uma luz que muda sempre porque não é a do sol nem a das estrêlas: é da alma. E' a da beleza diante da matéria viva, absorvida na cristalização das iluminações, na excelsitude dos girassóis que apresenta aos seus leitores, envolvida no mundo de côr, de vida e de fôrça dos seus sonetos, de seu transparente e artístico — **Papoulas e Estenógrafas.**

Exato. Por isso a luz de **D.C.S.** estrutura de imagem extraordinária e de intenção acusadora o seu universo quando diz:

Girassóis vão girar entre alavancas.

E logo a seguir, em seu propósito concreto, deixa-se sentir, medir na tempestade da luta, de inconformação, de auto-superação que se fixa neste retrato do homem que se aceita finalizado numa unidade de vida e de ritmo universal a gritar:

Em feiras e oficinas terei lavras
do poético metal, pois tudo é apenas
mineração e liga de palavras.

Note-se, nos versos que a seguir transcreverei, o propósito de forçar seus leitores a uma leitura calma e profundamente meditada. Observe-se que, nesta intenção, apenas usa o verbo

Ter no futuro do presente, no primeiro verso. Vírgula, no segundo. E dois epítetos no quarto. De um modo geral, pois, não coloca vírgula nos adjuntos adverbiais que precedem o sujeito oculto e os verbos subtendidos nos demais versos desta quadra:

Dos gatunos terei gíria e gazua.
Das virgens, mãos trançadas no cinema.
Dos leprosos a praga e o apostema.
Da prostituta a carne fria e nua.

E mais: estão, sintàticamente, numa ordem inversa. Limitam-se numa epanáfora com fôrça musical assinalada, para o ouvido, no **d** consoante linguodental explosivo sonoro de: **dos, das, dos, da**. Modalidade rimática cruzada em **abba.** Pausa ritmo-lógica delimitada nos três primeiros versos em 3+3+4 e, no último em 4+4+2.

De quando em quando, nêle, vêem-se as mais variadas posições em rima: ricas, pobres, raras e preciosas. Nas combinações, dá-se em rimas alteradas: **abab**; em rimas cruzadas: **abba**; em seqüência de fonemas consonantais de harmonia aliterativa, como neste verso:

Procurarei palavras pela rua.

Observe-se a variação dos timbres vocálicos dêste verso:

Versos hão **de** luzir **como** um **diadema**...

E mais: a combinação musical na rima interior desta quadra:

Madrugada madrugada
fugirei de madrugada
com um sol em cada rua
e uma lua em cada estrada.

Como no último tercêto, do primeiro sonêto de **Papoulas e Estenógrafas** e como, por exemplo, neste **Poema Terciário**, dedicado a João Cabral de Melo Neto, nota-se que **D.C.S.** revela íntimo conhecimento da poética cabralina na abertura de novos ângulos. E foi nesta intenção que, inteligente e comôdamente, sem óbices, numa demonstração de sua arte, assim marcou, sob o mesmo ponto de vista do interêsse temático muito além do

acidental, êstes seus versos entre a significação do concreto e o propósito do imaginário :

Cavalos já foram pombos
na madrugada do outrora.
. . . . . .
. . . . . .
O verbo não existia.
Deus era incriado ainda.
. . . . . .
. . . . . .
Teu cabelo era ainda musgo.
Teus olhos o corpo frio
de uma ostra semiviva.
E tua alma sempre-viva
sobrenadava o oceâno
qual uma estrêla perdida.
Teu coração era concha
fechada e sem pulsação.
E teu gesto — que é teu riso —
era um mineral estático
ainda não escavado
pelo mar duro e fleumático.
. . . . . .
. . . . . .
e Deus sequer existia
na madrugada do outrora.

Observe-se em que imagem visual representativa sente a vida de instantes passados, que sempre retorna, numa intensidade de modulação existencialista, concreta, genesíaca, historiada em ares de importância e de representação. O efeito é mais analógico na forma do assunto revisto do que expressivo no entendimento dos fatos enunciados.

Nesta segunda quadra do sonêto número 4, de **Papoulas e Estenógrafas**, a linguagem é figurada e o motivo sugerido, em face dos pontos que substituem as vírgulas, há que ser complementado de acôrdo com o poder de imaginação do leitor. Neste exemplo, a singularidade decorre de um tempo plástico, rememorativo e cotidiano, favorecido pelos pontos que dão representação visual a êstes versos :

1 **A noite marafona aos lupanares**
2 **chegou. Desmemoriada. Afrodisíaca.**
3 **Jovens castos chegaram. Doce é o vinho.**
4 **Espírito Santo. Cubos. Metafísica.**

Embora a fala pareça absurdamente simples e prosística há aí, nos dois primeiros versos, modos variáveis de estruturação sintática, desde que se pense, em princípio, bosquejá-los, para um mais rápido entendimento, assim: "A noite, marafona desmemoriada, afrodisíaca, chegou aos lupanares".

O verbo **chegar**, nesta nova construção, seria relativo, (como o é na forma em que está grafado), e a expressão: "marafona desmemoriada, afrodisíaca", mero apôsto. A comunicação do Autor, no entanto, não é simplesmente alusiva. E' de evidência concreta, relativamente à noção de côr. E' de hipálage. E' de subjetividade da marafona que deixa de ser epíteto da noite para substantivar-se na imagem visual das três orações distintas que a fundamentam num entendimento lógico.

O motivo gerador é o das infelizes esquecidas do que foram e possuíram em tempos idos. E' de intensidade no fato enunciado, de denúncia e reparação ao que se vê entre as afrodisíacas envenenadas pelos entorpecentes nas noites de orgia, de loucura e de infeliz sobrevivência através do mercadejamento da carne. O epíteto **marafona** estabelece um contraste de entendimentos sugestivos, oscilantes entre o real e a representação visual do leitor.

E veja-se que nessa impressão de visualizações, de aspecto figurado, de enfoque condicionante, lógico, as duas orações do terceiro verso são positivamente acessórias, só possíveis em face das singularidades resultantes do tema em que o Autor desenvolve a sua evocação nos planos intelectual e sensível. E é assim que anexa, nessa estrutura imagística, a continuação de ocorrências possíveis nos ambientes de farra, numa noite de marafonas, de clarificação de atributos:

Jovens castos chegaram. Doce é o vinho.

Nesta circunstância, percebe-se que o **Espirito Santo,** os **Cubos** e a **Metafísica** do quarto verso têm as suas órbitas no campo da sinestesia. Numa forma simbólica, podem significar: espirituosidade, derramamento de luzes, faces multicoloridas, variadas ou supostamente iguais. Sutilização proveniente de idéias ou de imagens conhecidas, reais, transcendentes. Nesta quadra, de que estou a falar-lhes, há a paisagem — tempo, desenvolvida no nexo analógico que se fatoriza, por associação, nas largas áreas de idealização e devassamento expressional dos sentidos.

Papoulas, ópio, estenógrafas, moças, mundos de tudo são estenografados depressa !, depressa !, vertiginosamente !, como

os foguetes, como os coriscos, enquanto há vida para se ver, ainda no presente os efeitos de sua colheita exaustiva e de seu mérito de renovação estrutural. Pois,

Sobem agora as ruas ao crepúsculo
tímidas donzelas. Tumultua
nas espirais do vento a multidão
de fôlhas amarelas como a lua.

Os trovões estridulam como tímpanos.
E a saia das moças já flutua
à brisa como a veste dos fantasmas.
E sob a saia vem a carne nua.

Coxas! Coxas de pedra cinzelada.
Vossa côr é a do vinho branco em taças
de cristal ainda em fogo e já luzindo

como um sol. Alvas coxas. Duro tronco
de colunas de um mundo para onde
os meus olhos da terra vão fugindo.

A começar da primeira quadra, só dois verbos fazem tôda a enumeração de associações sinestésicas dêsses versos numa disposição de prosa. Repare-se que, neles, força o leitor a lê-los com ligeira pausa em face do acento inicial da palavra grave — **sobem**, da esdrúxula — **tímida** e das átonas **nas** e **de.**

No segundo verso, a contagem decassilábica se faz sônicamente, por enleamento ou por diérese, com acentuação convencional no **u** da palavra **tumultua** em duas pausas : **tu — ua**. Usa, no primeiro verso, a lei da fôrça rítmica de totalização nas vogais abertas em 4+4+2. Êste ritmo, porém, não é dominante nos demais versos.

Sem esta acentuação, pode-se ver que, numa ordem direta de prosa, êstes versos se isolam do significado simbólico. Tranformam-se em seus conceitos associativos e se deixam entender à luz do modo de atuar do Poeta, da realidade que o preocupa :

"Agora tímidas donzelas sobem as ruas ao crepúsculo. A multidão tumultua, como a lua, nas espirais do vento de fôlhas amarelas". O vocábulo **agora**, nesse sentido, está a designar a duração, o tempo, o momento das tímidas donzelas. E' no fato de sua limitação que se fixa a circunstância, os esteios expressivos, instantâneos, de graça e plenitude imagística do Poeta.

E êsse instante enunciado, poético, rege o flagrante ocorrido na mutabilidade do verbo **tumultuar.**

No seu refôrço, como que a fazer memória de motivos passados, sob o poder conceitual do advérbio **agora**, nega, nesta decorrência de meditação e fixação que outrora a multidão tumultuasse assim babelesca, sem rumo como a lua, desprezível como as fôlhas amarelas levadas nas espirais do vento. Nega o **crepúsculo** que, neste fugidio confronto de época, resume e focaliza o presente de um modo de vida de decadência, de ocaso.

Neste advérbio **agora,** pois, cimentam-se os demais versos dêste sonêto. Êle testemunha a melancolia que ensombra a contemplação que mereceu amor e hoje é

> ..... **duro tronco**
> **de colunas de um mundo para onde**
> **os meus olhos da terra vão fugindo.**

Numa aceitação mais ampla, êste **agora** colorido e dorido do Poeta resume-se neste convite imperativo :

> **Vermelho cravo, girassol de amianto,**
> **ninféia, cinamomo, goivo, azálea :**
> **vinde florir em mim. Vinde, agapanto,**
> **íris, gladíolo, rosa, bifrenária.**
>
> **Vinde florir. Crescer. A primavera**
> **tomou conta de mim. Meu corpo morto**
> **é estrume que fermentos transfiguram**
> **em seiva. Vinde. Florescei no hôrto**
>
> **que cresce sôbre a campa onde me oculto.**
> **Dareis ao céu a luz que se irradia**
> **dos meus olhos defuntos. Carne abjeta,**
>
> **sou vosso estêrco. Vosso pasto. Vinde**
> **papoulas e violetas, que o meu sangue,**
> **rubro será de nôvo em vossas pétalas.**

Simbòlicamente, o sonêto acima, na sua leveza expressiva, na sua mansidão e doçura clássicas, é de denúncia, de reparação e de muita advertência nos grandes haveres da Humanidade. Entenda-se, de princípio, a forma como o Poeta sentiu e empregou, nestes versos, os verbos **vir, crescer, florescer** e **ser.** Vós todos **vinde florir em mim.**

(Sujeito lógico absoluto, elítico). **Vinde crescer. Vinde florescer** no mundo de tormento onde me oculto. Vinde flôres de meu hôrto.

> **...sou vosso estêrco. Vosso pasto. Vinde papoulas e violetas, que o meu sangue, rubro será de nôvo em vossas pétalas.**

Vinde, vinde todos que o "Meu corpo morto é estrume que fermentos transfiguram em seiva".

Como se vê, em sua **Mensagem** de côres, de Outono, de desenvolvimento dos fatos recolhidos, expressivos, o Poeta, em simbolismo, em hipérbole vinculada à totalidade do real, invade, de quando em quando, os domínios internos e qualitativos do concretismo e da contextura praxis. Evidentemente, sem que se fundamente nesse empenho, é um criador de vanguarda, sempre renovado e inesgotável.

Neste passo, reconheço que se encontra numa evolução significativa, sempre moderna e atualizada. E' dotado de fina sensibilidade poética e de admirável recurso estilístico. No campo da poesia, nenhum poeta pode consolar-se de ficar no parnasianismo bilaquiano ou no condoreirismo alvesiano.

Creio, por tudo isto, que, nesta luz de estrutura cromática, amadurecida na importância estética, dialética, da linguagem existencial do seu GIRASSOL DE OUTONO, Domingos Carvalho da Silva sabe que é preciso mudar o comportamento de uma sociedade egoista, desvairada e impelida por uma maldição implacável. O mundo atual até parece um inferno. E o que deseja o Poeta, em seus versos, é transformá-lo num universo de amor, de respeitosa e segura confraternidade humana.

De fato, assim observei e compreendi DOMINGOS CARVALHO DA SILVA em sua poesia. Transporta consigo, e totalmente, a liberdade de sentir o Mundo, celebrá-lo e amá-lo nas reais qualidades de seu talento e de sua inteligência. Inegàvelmente, é um grande Poeta na fôrça irradiante da palavra, na fiel interpretação de sua emotividade e de seu NÔVO CÂNTICO que aqui transcrevo para conhecimento do leitor:

A — SEGMENTO

Rosíris, rosa de sol,
estrêla agreste, memória
de sonhos em que previmos
a vida que não tivemos.
Rosíris — aurora tímida
de um dia que — bem sabemos —
não nascerá neste mundo
de falsa vida e de falsos
caminhos que não conduzem
à terra não Prometida.

Rosíris — num mar sem ondas,
tocando o céu — ilha ignota
onde os desejos ressoam
na garganta espiralada
dos búzios, Rosíris, rosa
nos espinhos do arco íris,
solitária, onde estiveres
e para onde fugires,
me chamará tua voz
e minha voz chamará
teus olhos e o sol vermelho
de tua bôca e o teu nome
de rosa incólume, Rosíris.

B — SEGMENTO

Vinda de luas distantes,
estranha ao mundo, eu te vejo
esquecida entre palavras
e coisas que nada exprimem
e que povoam a Terra
onde só a noite me afasta
do teu caminho Rosíris.

C — SEGMENTO

Sôbre o dia, como um ramo
de verde arbusto num rio,
acenarás transitória
entre estas margens sem nome,
até o mar onde seremos
a mesma sombra da vida
que inùtilmente encontramos
e não vivemos, Rosíris.

Vê-se, neste poema, que o sentimento do Poeta, fatualizado de uma queixa, de uma paixão sentida, não satisfeita, é profundamente romântico assim numa leitura descuidada sem um mergulho mais avançado na angústia que o envolve, que o deprime, num mundo sem paisagem e sem esperanças nos planos de sua realidade. Todavia, o tema é lenimentoso, transmigratório. No segmento **A**, o Poeta reforça o seu anseio na repetição dos vocativos, dos apostos, das adjetivas na entonação dominante do futuro do presente do verbo **Chamar**:

1 **Rosíris, rosa de sol,**
. . . . . .
. . . . . .
19 **me chamará tua voz**
20 **e minha voz chamará**
21 **teus olhos e o sol vermelho**
22 **de tua bôca e o teu nome**
23 **de rosa incólume, Rosíris.**

Nos versos de 1 a 23, é o verbo **chamar** que revela para o leitor, em todo êste amplo relêvo simbolizado pelo desejo do Poeta, o sujeito indicativo, íntimo, prodigioso, imenso da oração principal, cujo núcleo é **voz**, precedido do adjunto adnominal **tua.** Note-se nos vocativos **Rosíris** a repetição com que extravasa a sobrenaturalidade de seu entusiasmo, de sua alegria, de suas intensões do presente para o futuro. Neste simbolismo está uma existência imolada nos sacrifícios e nas frustrações.

E' certo que nos apostos há louvores como há deprimências, recriminações e desesperanças. Neste poema, o ritmo é ideológico, é interior, concretamente definido nas impressões, nos compromissos, nas próprias idéias evocadas no instante lógico do relacionamento existente entre a modulação especial e a leitura psicológica que são oferecidas a quem o lê em seu mundo dramático e doloroso. As idéias, pois, são sugeridas e simbolizam o caminho significado, profundo, de seu desejo.

Compreendê-lo no texto do segmento **A**, nas fundas exteriorizações de um mundo "de falsa vida e de falsos/ caminhos que não conduzem/ à terra não Prometida", é ver em que altura chegou na importância fundamental de seu tema. Pois, neste rumo o seu símbolo de sol, de rosa e íris ou de Rosíris tem vivências sucessivas, estratiformes.

Na retratação do mundo que deseja e não tem, desabafa-se e, no segmento **B**, versos 24-30, aceita-se noutro destino. Talvez, noutra **estrêla agreste**, noutra **memória de sonhos**, noutra **vida**

que não teve. Certo, na sucessão dos fatos que poetifica, transpõe o seu obstáculo a olhar a sua Rosíris, (por fôrça das côres), avermelhar-se e, (por imperiosidade da noite), afastar-se de seu caminho.

Nesta manifestação de argumento metafórico, de linguagem impressionista, materializa o seu desencantamento imaginário, figurado, que sobressai constantemente no vocativo Rosíris. E com maior interêsse sinestético, estima-a ìntimamente a fim de assim imaginá-la :

Vinda de luas distantes,
estranha ao mundo, eu te vejo
esquecida entre palavras
e coisas que nada exprimem
e que povoam a Terra...

Observe-se que o vocativo Rosíris, tanto no segmento **B** quanto no segmento **C**, surge nos versos 30 e 38 dessas estrofes. Inegàvelmente, resulta, dêsse propósito, o magnífico efeito plástico que consegue na expressividade sonora de sua aguda idealização. Não há aí nesta aparente duplicidade ou complexão, duas pessoas e, sim, uma só em dois mundos simbòlicamente figurados.

Na estrofe final, no confronto entre seu universo real e imaginário, estima-se, no primeiro, um autômato, um morto-vivo. Nêle, é, **"sôbre o dia, como um ramo/ de verde arbusto num rio"**, um transitório. Mas, ainda em seu universo imaginário é um torturado a desesperar-se em ver neste mundo **"a mesma sombra da vida"** que não lhe deu ventura e nem sequer deixou-o viver. Entenda-se, nesse sentido, uma existência decepcionante, frustrada, em conseqüência de um mundo sem Deus, subdesenvolvido, de guerras catastróficas e desumanas.

Sem dúvida, os versos 24-30 dêste NÔVO CÂNTICO sugerem o caminho que o Poeta deseja encontrar sem os frios e automáticos **robots** do desestímulo artístico e da incompreensão universal. E mais : para os leitores inteligentes, esta sua Poesia vale como altíssimo conselho de sua experiência vivida e denunciada nos novos caminhos de seu majestoso GIRASSOL DE OUTONO.

A Domingos Carvalho da Silva, afinal, só me resta dizer-lhe : quem gosta de ótima Poesia, e estima enriquecer-se de belíssimas imagens, não pode deixar de lê-lo e exaltá-lo neste humano e

luminoso trabalho. Nada como um livro assim para que os homens de tôdas côres, de tôdas procedências e de tôdas religiões meditem e sintam que se devem estimar como irmãos no largo plano de uma política de paz, de um progresso generoso e consciente nas ciências, nas técnicas de notável cultura e erudição das sociedades modernas.

PAQUETÁ E A MORENINHA

MOACYR ROSAS

"O povo, com seu bom senso intuitivo, é quem decide a glória ou o fracasso dos autores" J. I.

No curso destas linhas vamos defrontar com o mito da Moreninha na Ilha de Paquetá.

Manhã de dezembro. A ilha estava embrulhada em diáfana gaze de bruma. Os barcos, vazios, em tôrno das praias, agitavam-se. Sob florido flamboyant, sentado ao lado da bicicleta, descansava o garôto. Era seu primeiro dia de férias. Estudara muito para passar por média. O rosto de olhos azuis, emoldurado pelos longos e assanhados cabelos, transmitia sensível expressão de tristeza e de sonhadora alma romântica. Respondeu-me à pergunta curiosa sôbre o maciço bloco de granito, de forma ovóide, que emerge da areia e que muita gente o tem como sendo — a Pedra da Moreninha. Êle categòricamente afirmou ser isso falso.

O imenso granito está coberto de seixos, rebolos, fragmentos de tábuas e outras quinquilharias. Tão diferente dos lugares semelhantes em outros países, em que o amor é a chama votiva, e quem os visita atira uma pequena moeda, sem pensar que o gesto o empobrece, porque está convencido de que ficará rico de amorosa felicidade. Isso não é censura, apenas, revelação. Os objetos atirados e que não rolam pelo declive polido, garantem ao atirador sorte nos amores. Em tôda a circunferência do granito, nas mais variadas espécies de letras, estão nomes de mulheres e homens. Estas legendas fazem recordar Pafos, onde os helenos celebravam a grandeza misteriosa e infinita do amor. As lágrimas das tristes viúvas orvalhavam as rosas vermelhas dos casais felizes que rendiam tributos à Vênus. Aquêles, que alí impressionaram os seus nomes, de certo estavam movidos pela eletrizante fôrça do amor. E' de rir da singularidade desta manifestação dominadora dos corações de tôdas as juventudes

e em tôdas as eras. Até o terceiro sexo é sacudido pelo fenômeno. Safo, a divina sacerdotisa de Lesbo, está aí mesmo, a suscitar polêmicas incendiadas; ora unida em uma só, ora separada a poetisa da amorosa, todavia, em quaisquer das circunstâncias, ambas gritam de amôres alucinantes.

O garoto cabeludo montou a bicicleta vermelha, com as rodas pintadas de amarelo-limão e pedalou até desaparecer em uma curva atapetada de pétalas carmíneas de **flamboynts.**

Neste ínterim, em sentido contrário ao ciclista, um cavalo pampa e pulando, em apertado galope, arrastava a **charrette.** Faço-me passageiro da mesma e vou até o local, onde se diz estar a verdadeira pedra da **Moreninha.**

Preparava a máquina para tirar fotos da pedra lendária, surge outro cabeludo, êste, porém, vem a pé arrastando a linha do anzol. Sem nenhuma dificuldade pôs-se a revelar tudo o que sabia das curiosas lendas da Ilha, inclusive da famosa pedra da Moreninha. Apontou, logo de início da conversa, três pedras indigitadas por uns e outros como sendo a pedra que eu procurava. Não me agradou a dúvida. Remuí a conjetura: informação de menino é semelhante a de índio. Refrescada pelas constantes ventanias e lavada pelas chuvas inclementes, a íngreme e polida Pedra de Itanhangá estava ali com os demais blocos, onde havia marca de culto sentimental: desenhos de corações atravessados por flexas, nomes isolados e nomes ligados denunciando fase embevecida do amor.

O garôto pescador inculcou a pedra menor e informou: — O turista, as vêzes, joga moedas naquela e se não cair água é sinal de que êle aqui ainda voltará.

Não preciso afirmar que as coisas estavam ainda mais confusas. — Ali, apontando a certo pardieiro solarengo, afirmou, morou a Moreninha.

Por um instante senti-me senhor da chave de todo segrêdo do romance do Macedinho, como os íntimos chamavam ao escritor de **A Moreninha.**

Rumamos para lá. As postas do velho casarão estavam pregadas. O Tribunal interditou a entrada em conseqüência da questão entre o proprietário e a administração da Ilha, que a quer fazer patrimônio da mesma, para conservá-la condignamente.

Uma crioula idosa que reside em casebre próximo, respondeu-me que **A Moreninha** morava ali. Era filha do doutor Macedo. E com os olhos maliciosos acrescentou:

— Ela era muito namoradeira. Com uns namorava na pedra e com outros namorava nos barcos.

— Mas só namorava ?

— Não, meu senhor, era amor no duro.

— A snra. nasceu aqui ?

— Eu nasci em Minas, na zona da Mata. Vim a pé acompanhando a boiada.

Estas informações, amanhã, estarão enriquecendo a ciência folclórica paquetàense. À nossa pesquisa não adiantou alguma coisa êsses informes.

Nessa altura passa uma garôta de mini-saia azul. Revelei ao garôto cabeludo a intenção de entrevistá-la.

— Não precisa. Ela é minha irmã. Melhores informações colheremos no colégio Joaquim Manuel de Macedo.

Atravessamos um pomar, onde havia árvores antigas. Era tão secular um tronco de mangueira que para cirdundá-lo precisaria de três homens de braços abertos. A frondosa mangueira talvez fôsse de tempo anterior à Moreninha.

No Colégio Joaquim Manuel de Macedo, o mais idoso funcionário do conceituado estabelecimento de ensino, informou-me que foi ali, onde o estudante Macedinho passava as férias, que escreveu **A Moreninha.** A diretora, professôra Felicidade Lídia da Silva Leal, não confirmou a categórica afirmação do respeitável funcionário, também não na contestou, fechando-se num mutismo comprometedor. Permitiu-me, porém, utilizar da biblioteca do Ginásio. Lamentei a biblioteca não ser do tempo do romancista. Usei a edição de **A Moreninha** da Livraria Cultural Ltda.

Inicialmente posso contestar a informação do velho funcionário, afirmando como o escritor Vivaldo Coaracy que **A Moreninha** foi escrito no "belo Itaboraí". Não há em todo o romance uma só vez menção do nome Paquetá. Macedo quando se refere ao local, apenas diz com reticências: "a ilha de..." Mas as descrições conferem mais ou menos com o que, hoje, ainda lá existe.

E' possível confirmar as palavras de Macedo: "enquanto por uma bela avenida, orlada de coqueiros, se dirigiam a elegante casa que lhes fica a trinta braças do mar".

Quando a maré está alta, é esta aproximadamente a distância que pode haver do presumível ancoradouro à indigitada residência da Moreninha.

Ainda advogava a favor da tese que dava àquela casa antiga como pertencente à Moreninha, o fato da sala, julgado a ôlho, ter aproximadamente uns cinco metros quadrados, "uma elegante sala de cincoenta palmos em quadro", dizia Macedo. Mas cái

por terra a argumentação, quando deito os olhos na cornija do frontespício e vejo em relêvo o ano de 1912, que pode ser a data da reforma. E' conjetura que poderia ter possibilidade se o romancista não afirmasse: "A que fica à mão direita (**da casa**) é mais notável ainda; fechada do lado do mar por uma longa fila de rochedos..."

Ora, êste argumento desmorona tôda a coluna do raciocínio em querer conferir ao casarão velho o privilégio de ser a residência de D. Carolina — **A Moreninha**.

Vivaldo Coaracy, o robusto prosador e celebrador da grandeza de Paquetá, diz que a casa da Moreninha foi totalmente reformada pela Snra. Ormy Toledo. A ser isso exato... Não ponho em dúvida a inteligência ou o caráter do notável homem de letras. Mas se é exato a informação que lhe deram, é para deplorar as sutilezas espirituais da Snra. Toledo. A não ser que ela ignorasse o valor simbólico para a espiritualidade nacional de sua propriedade. A não ser que ela concluisse que a mentalidade nacional estacionaria nesta decomposição. Mas um dia, isto é certo, a espiritualidade brasileira, ainda se corporificará, e ela, Snra. Ormy Toledo, lamentará sua drástica decisão. A Snra. Ormy entrará para a história da **Moreninha**, à semelhança da triste figura do espanhol Pôncio Pilatos no Credo. O escritor Coaracy comenta: "... apontam como a verdadeira Pedra da Moreninha uma larga laje, de fácil acesso, existente na referida propriedade. De fato, para naqueles tempos subir ao alto do penhasco de Itanhangá seria necessário que a Moreninha fôsse lagartixa e não mulher".

A Moreninha está para Paquetá, como o lugar no rio Negro, onde acorrentado o Ajuricaba livrara-se dos portuguêses, morrendo afogado. Dependendo a informação do porte do historiador, uns dão abaixo, outros na altura, e outros mais acima da Ilha do Marapatá (1).

E' corrente, na Ilha de Paquetá, que ali viveram os tamoios. Macedo faz uma personagem contar uma lenda, que talvez seja a melhor página do livro, e é uma das grandes páginas da literatura brasileira, reporto-me à lenda "As lágrimas de amor". E' contada a propósito de certa figura do romance que foi "ao fundo da gruta e enchendo o copo de prata na bacia de pedra" ingeriu o líquido. Na lenda, a origem da fonte, provém das lágrimas da índia adolescente. Não há fonte em Paquetá. Índio

---

(1) O insigne historiador Mario Ypiranga Monteiro, baseado nas informações do "Relatório" do Padre Mestre José Souza, que fôra testemunha ocular, assegura que Ajuricaba fizera seu túmulo na Lajes, antes de alcançar as águas barrentas do Rio Amazonas.

brasileiro não sabe cavar poço. Os tamoios poderiam ir até Paquetá em excursão para pesca ou caça. Sem água doce, não havia condições para viverem ali.

Mas "a figura sentimental da Moreninha ficou para sempre indissolùvelmente ligada às tradições de Paquetá". Por isso tôdas as morenas e até crioulas adolescentes são imantadas do charme da inconfundível personagem de Joaquim Manuel de Macedo.

Cái agora a pergunta: existiu ou não o modêlo em que Joaquim Manuel de Macedo se inspirou, para extruturar a figura inquieta e simpática de **A Moreninha**? Outras dúvidas, surgem diante da interrogação. Coaracy conheceu moradores de Paquetá que lhe afirmaram ter Macedo pôsto em seu romance uma paquetàense. Ela viveu, alí, em companhia da irmã até avançada idade. Pertencia a tradicional família Cerqueira. Antes de morrer, com a irmã transferiu-se para a Ilha do Governador. "O que, a ser procedente o informe, seria cruel ironia: a Moreninha desprezando os seus páramos românticos para ir residir na ilha rival a sua".

Em **Carteira de um Repórter**, Ernesto Sena afirma ser tudo isso uma simples fantasia, pois a inspiradora de **A Moreninha** é Maria Catarina, a afeiçoada espôsa do romancista. Sena entrevistou-a sôbre o assunto, quando Macedo não mais vivia. Assim devemos concluir que a presença simpática da Moreninha na Ilha de Paquetá é fruto de um mistério inexplicável. Andando-se na ilha, sente-se a presença perturbadora da adolescente personagem de Macedo. Todavia na hora em que se monta na lógica, como vimos anteriormente, caem por terra tôdas as argumentações comprovadoras. Onde surgiu o equívoco? E quem iluminou a lenda?

No mesmo estudo, Ernesto Sena, diz que **A Moreninha** foi escrito em um mês exato. Vivaldo Coaracy afirma que foi escrito em oito dias. Macedo na nota da 1.ª edição pede encarecidamente perdão dos leitores pela série de defeitos, alegando a falta de tempo naqueles "meses de um ano letivo tão trabalhoso", e a falta de norma ortográfica adotada pelas pessoas amigas que passaram a limpo os originais. Os amigos o tinham em alto aprêço. José de Alencar sentiu êste envolvente aspecto. "Ainda me recordo das palestras em que o meu companheiro de casa falava com abundância de coração em seu amigo e nas festas campestres do romântico Itaboraí, das quais o jovem escritor era ídolo querido".

Em literatura os autores que maior admiração capitalizam, são aquêles que, como Eça de Queiroz, em **Prosa Bárbara**, aquêles

que criam alma. E não sabemos quem é maior, se o que cria ou o que observa. Daí aquela discussão travada com Balzac e Jorge Sand. Esta, após o jantar, depois de ouví-lo várias horas, falar de Vauquer, a proprietária da pensão em que era hóspede **O Tio Goriot**, indagou:

— Mestre, isto é observação ou criação?

Balzac, gabarola por excelência, desentupiu os pulmões num berro furioso:

— Que lhe interessa saber se foi criado ou observado? Se eu lhe disser que foi observado, você prontamente dirá que não tenho capacidade para criar. E ao contrário, eu afirmar que foi criado, você dirá que sou nulo em observar!

De uma ou outra maneira, quem mobiliza personagem tem categoria superior na literatura.

Afrânio Peixoto que, além de polígrafo, era romancista, não foi um autêntico criador. Haja vista seu **Maria Bonita**, cuja personagem principal, depois do romance impresso, foi atendida pelo meu professor de histologia, o dr. Donizete Gondin, de saudosa memória. Êle contou-me que a atendeu no Pronto Socorro da cidade de Salvador. Assim Afrânio foi um excelente observador e não um criador.

E **A Moreninha** foi adaptação de uma realidade ou de uma fantasia? Em qualquer uma de ambas conclusões não esmaece o mérito esmagador do popularíssimo romance de Macedo.

Isso me preocupou sèriamente. Os críticos profissionais, muitas vêzes, tornam-se tão cegos como o velho Édipo, que era dotado do maravilhoso dom divinatório, mas não enxergava a prostituição a que se entregavam as filhas, para lhe arranjar o alimento. Assim, a maioria dos manipuladores da crítica indígena, olvidam êste livro — **A Moreninha**, ou quando fazem referências é sêcamente, sem nenhum adjetivo. Se o reduzem, porém, a expressão simples, acontece semelhantemente aquilo que têm revelado as obras condenadas ao **Índex**, que em virtude de produzirem pecados, são as obras mais lidas dos seus autores. Há um instinto violento no ser humano, para profanar o que é sagrado ou devassar o que é condenado.

Receei muitas vêzes de revelar haver lido **A Moreninha.** Isso porque os críticos me haviam dado a medida microscópica do valor do romance. Um chegou até a dizer que Macedo nada mais era do que um fofoqueiro. Reduzia-lhe apenas a categoria de cronista social. Que seja como fôr, esta categoria de homem de imprensa, vale mais para a sociedade mundana do que qualquer luminoso filósofo. E estão cobertos de razão.

êsses exaltam a grandeza do pensamento e aquêles incensam o formigueiro humano. Quem tem a maioria a seus pés, tem a razão.

A propósito da invalidade crítica, é oportuno citar "Memórias de um sargento de milícias", sôbre o qual uma das três maiores expressões mentais dêste gigante sonolento, escreveu: "é de valor mesquinho como obra literária". Porque a linguagem é tôsca como a do povo, que usa gravata e calça sapatos e por que os caracteres daquelas personagens encontraram tão adubado terreno para se multiplicarem, a ponto de constituírem um verdadeiro oceano — o que justifica para o livro ser tão amado, é o que não sei explicar. Mas o que não posso negar é o prestígio do romance de Manuel Antônio de Almeida, que salta aos olhos e dia a dia as edições da obra são esgotadas repentinamente. O que não se dá com "O Ateneu" de Raul Pompéia, obra melhor trabalhada e que em hora de seleção judiciosa, ficará na meia dúzia das peças verdadeiramente completas. Ainda insistindo no fenômeno da venda de livros, que ninguem sabe qual é a pedra de toque que fere o gôsto público, cita-se o escritor imensurável William Somerset Maugham, o escritor mais lido no mundo, sem rival em todos os séculos passados em que a imprensa funciona. Onde está o segrêdo? O sexo feminino é que mais o lia. Por que esta gratidão? E' desconhecida a resposta. Não existe, particularmente, em obra de outro novelista, galeria tão imensa e tão rica em tipos femininos de natureza tão ordinária como a que aparece na imensa obra do Maupassant inglês.

Se êstes argumentos pudessem levantar alguma afinidade com o êxito de venda do romance **A Moreninha**, justificaria prontamente alguma anomalia no caráter da deliciosa fluminense. Mas justamente ao contrário. A Moreninha é um tipo feminino que concatena, de acôrdo com sua idade, admiráveis padrões de dignidade de menina-môça, que pode ser o maior tipo de brasileira que ainda se encontra em um cu outro lar.

Mulheres dêste tipo não dão novela. Pregou-se em Paris, depois que Goncourt sentenciou, que a mulher honesta não tem romance. **A Moreninha** é um milagre de Macedo. Na Europa, as anedotas brejeiras relacionadas ao Brasil, só envolvem as mulheres. Têm o quilate destas que gostamos de ouvir a respeito das francesas. Êstes jocosos fatos, infelizmente, não se esmaltam de infâmia. Digo, aliás, com muito pesar. E retrato maior do que somos, está aí contundido por polêmicas que querem ocultar tão nauseantes mazelas, mas que são sinais dos tempos. Refiro-me às palavras pornográficas que adornam as peças teatrais, as

poesias e alguns notáveis romances. Camilo Castelo Branco, em certa página de "Serões de São Miguel de Seide", repelindo alguém que lhe ousara censurar alguns têrmos que feriam a decência lusitana, veio aguerrido e também imantado de razão, dizer que o romancista dá a carne que deseja a sociedade. Se ela só se alimenta de carniça, é carniça o alimento que lhe pode entregar o escritor. Antes do soberbo vulto da literatura portuguêsa floretear os tartufos, no prefácio de **Fausto**, Goethe dissera em verso a respeito neste chavão que parece nordestino: "em terra de sapo, de cócoras com êle".

Ainda há a favor da **A Moreninha**, uma série de fatôres que mais ainda lhe agigantam o mérito. Coelho Neto, nas páginas fluentes do "Compêndio de Literatura Brasileira", deplora Macedo não haver estampado em suas páginas feições literárias padronizadas. E' o que se deduz da leitura do trecho: "... se o escritor não a houvesse exposto em tão tristes andrajos de linguagem". E é justamente no escandaloso divórcio da linguagem dos modelos seculares lusitanos que persiste a grandeza da **A Moreninha.** Convenhamos considerar a audácia do escritor que na época utilizava as expressões que estavam surgindo na linguagem familiar. Isso faz até recordar William Somerset Maugham quando foi observado pela datilógrafa que lhe entregou duas fôlhas de almaço enegrecidas com corrigendas de erros primários do idioma apontadas em uma fôlha do manuscrito de certo romance de sua autoria. E, no entanto, Maugham é o naipe das letras inglêsas.

Macedo deixava rolar o pensamento como se fôsse um cascalho em córrego com leito de pedra, que chega ao destino sem arestas e sem o calor do atrito. E' um estilo que não força a mente. E' aqui onde se oculta o segrêdo. Herbert Spencer, estudando as relações do pensamento e da linguagem, fêz esta denúncia: "... quanto mais tempo e atenção gastamos na operação de receber e compreender a frase, tanto menos viva se nos apresentará essa idéia. Não é, pois, sem razão que se diz que a linguagem é um obstáculo ao pensamento, ao mesmo tempo que é um instrumento indispensável".

Há uma série de expressões, que decerto usavam-se nas repúblicas dos estudantes, que ainda hoje têm o valor de seu exotismo. Assim: "côr de burro quando foge". E' umas das singulares frases de **A Moreninha.**

Na época, é possível, que haja irritado a sensibilidade dos **gendarmes** da linguagem. Mas creio que Macedo estava consciente que obra de arte não é aquela que se estiliza no figurino alheio, mas a que está fiel à consciência do autor e sem ferir os

arcanos de sua alegria. Casemiro de Abreu disse: "O filho dos trópicos deve escrever em uma linguagem pròpriamente sua, lânguida como êle, quente como o sol que abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares". Nada mais e nada menos do que a pincelada multicolorida do poeta de "As Primaveras", é a linguagem daquele artista que, em todos os sentidos mundanos, focou o Rio de Janeiro com seu casário colonial.

Concluindo confesso que hoje compreendo Macedo e os seus opositores. Lembro-me que Julio Dantas indagara ao consagrado Fialho de Almeida, por que a nova geração de intelectuais o detestava tanto? O insigne e singular escritor respondeu:

— Êles me odeiam porque acreditam que eu os copio.

Agora eu pergunto: será que os da geração atual estão ressentidos com o velho romancista porque creem que Macedo calcou seus escritos, em suas recentes páginas santuárias?

UMA PESQUISA ETIMOLÓGICA: « JERICO »

Padre NONATO PINHEIRO

Um dos ramos da ciência da linguagem que mais me fascina é, sem dúvida, a etimologia, que se ocupa do estudo da derivação ou origem das palavras. Ainda me recordo da alegria que experimentei, jovem adolescente, quando encontrei a etimologia do vocábulo "coitado", sinônimo de infeliz, desgraçado. Repugnava-me qualquer vínculo com "coito", cópula carnal. "Coitado" procede da palavra arcaica "coita", que significava desgraça, infelicidade. Morreu a veneranda matrona, mas ficou a descendência: coitado, coitadinho e o brasileiríssimo "tadinho"...

Ninguém suponha infantilmente que está aclarada a origem de todos os vocábulos. Há etimologias fantasiosas, que nada têm de exatas e científicas. Outras permanecem duvidosas, à espera de luzes mais intensas que lhes desfaçam a caligem. Como quer que seja, para mim são sempre fascinantes os estudos etimológicos. As palavras merecem respeitadas. Não sòmente transmitem nossas idéias, mas têm, como os homens e suas famílias, sua árvore genealógica...

Tento realizar, nestas linhas, uma pesquisa etimológica acêrca do vocábulo "jerico", dado como sinônimo de burro, jumento, asno. E' uma contribuição modesta para a terceira edição do livro "O Jumento, Nosso Irmão", da lavra de meu amigo Padre Antônio Vieira, Deputado Federal pelo MDB do Ceará.

A obra do Padre Antônio Vieira é obra de enche-mão, verdadeira enciclopédia sôbre o prestimoso animal: o jumento na História, na Religião, na Economia, no Folclore e na Literatura.

Às páginas 20-24, cita o autor mais de uma centena de nomes dados ao jumento, alguns sobremodo populares, assim no Brasil como em Portugal. Não poderia faltar o "jerico", que o autor dá como "obscuro". (pág. 22 da 2.ª edição) E aqui entro, montado no jumento de minha humildade...

Devo dizer, no átrio desta pesquisa etimológica, que o livro do Padre Antônio Vieira é fruto de nove aturados anos de pesquisa : muita leitura, muito serão, muita vigília. E' obra que não deveria faltar na biblioteca de todo homem que preze sua cultura. O livro logo me trouxe à lembrança outro livro magnífico, da autoria de A. Childe, sôbre o cão : "ETUDE PHILOLOGIQUE SUR LES NOMS DU "CHIEN" DE L'ANTIQUITE JUSQU'A NOS JOURS" (lembro que, em francês, as maiúsculas não levam acento).

Dei início à leitura do livro do Padre Antônio Vieira com a disposição de quem comparece a um ágape. Em matéria de leituras, sou um autêntico "opsófago", amante das finas iguarias. Chegando à página 22, no ponto em que o autor dá como "obscuro" o significado de "jerico", cerro o livro, lembrado de que já havia lido algo a respeito do vocábulo. Mais uma vez me ajudava a memória locativa. Deus foi generoso comigo, dando-me excelente memória. Retenho sempre a fonte em cujas águas me dessedento. Logo verifiquei que era D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, a notável filóloga e lingüísta alemã, doutíssima em Filologia Românica, que se tornou portuguêsa por seu casamento, indo residir em Portugal, onde pontificou na celebérrima Universidade de Coimbra. Tomo do volume "Lições de Filologia Portuguêsa", que enfeixa as preleções da sapientíssima doutôra nos anos de 1911, 1912 e 1913, bem como suas lições práticas de português arcaico.

A lição VI do citado volume acende uma grande luz sôbre o vocábulo "jerico", que ao tempo de Dona Carolina e mesmo no de Gil Vicente se grafava com "g" : gerico, gericocim. A autora fôra um dia consultada por Afonso Lopes Vieira, primoroso poeta português, acêrca do vocábulo "gericocins", neste verso de Gil Vicente :

"que gericocins salvanor,
cuidam cá que sou eu grou ?"

Os referidos versos encontram-se no "Auto da Barca do Inferno". Carolina Michaelis de Vasconcelos derivou "gericocim" de "gerico", como diminutivo, assim como temos **camarim**, **mandarim**, etc. O poeta consultante, servindo-se do precioso subsídio da sábia professôra, modernizou o texto, substituindo "gericocins" por "asnos" :

"Mas que asnos salvanor !
cuidam cá que sou eu grou ?"

Vejamos agora a observação de Carolina Michaelis de Vasconcelos sôbre a origem de "jerico", que no texto vem com "g":

"Confessamos desconhecer por completo a origem de **gerico.** Seguramente seria voz de uso comum, mas grosseira, visto que o fidalgo lhe junta a forma **salvanor** ou **salvonor** (salva **honore** ou salvo **honore**), que equivale ao moderno **com sua licença,** empregado pelos populares quando se vêem obrigados a usar de um têrmo que não é do protocolo. Em uma edição sôlta da **Barca**, substituíram-no por **bribante** (**bubante**).

"O **mangerico**, único vocábulo que, (segundo nos lembramos) poderia ter dado **gerico**, fonèticamente, pela queda da sílaba inicial (assaz violenta), está a tal distância de **jumento** semasiològicamente, que, por ora, não vemos como se haviam de aproximar um do outro. Seria pelo cheiro bom da planta e o cheiro mau do burro ?" (pág. 47 da edição da REVISTA DE PORTUGAL — Série A — LÍNGUA PORTUGUÊSA — LISBOA).

Para mim a grande luz aclaradora da origem do vocábulo está precisamente na interrogação da insigne e egrégia filóloga, a quem ficamos a dever valiosíssimos estudos acêrca de nosso donairoso idioma. Há entre os dois vocábulos um vínculo irônico. Por ironia passou-se a dar ao jumento o nome da aromática planta herbácea, como chamamos "ilustre" e "douto", por ironia, a muito apedeuta ou onagro humano...

Contento-me plenamente com essa etimologia. Temos de buscar no **manjerico** (**manjericão**) a origem do vocábulo "jerico". O aroma do "Ocimum", de que há várias espécies, disfarça a emanação do malcheiroso animal...

Comuniquei ao Padre Antônio Vieira o fruto de minha pesquisa etimológica. Com alvorôço me agradeceu o subsídio, enviando-me de Brasília o seguinte telegrama:

"Recebi maior agrado sua carta testemunho alto poder olfativo possui pesquisas etimológicas. Prezaria percorrer meu livro JUMENTO NOSSO IRMÃO refazendo inúmeros deslizes gramaticais e literários a fim permitir melhor vestidura nova edição pretendo fazer próximo ano. Considero-me profundamente feliz sua amizade que farei questão conservá-la como jóia alto preço e valor. Cordiais saudações Padre Antônio Vieira".

Aqui me cerro. Salvo melhor juízo, não vejo outro caminho. Temos de aceitar o **manjerico** como étimo de **jerico**, com a aférese da sílaba inicial. Não esqueçamos que a maioria dos nossos hipocorísticos não tem outra procedência, a não ser a aférese de sílabas de nossos antropônimos.

A CULTURA A SERVIÇO DA COMUNIDADE

OYAMA CESAR ITUASSU

A apreensão do fenômeno cultural, verificada através dos vários períodos etários da caminhada do homem sôbre a terra, vem demonstrar que o espírito humano encontrou sua verdadeira meta, na congeminação dos esforços feitos para unir a alma ao cérebro, o sentimento ao intelecto. E' que, se bem atentarmos, a lenta peregrinação das trevas para a luz em busca do ideal, tem ensejado fases distintas na cerebração do homem, sempre em busca do aperfeiçoamento, para poder melhor prestar serviços, consciente ou de modo inconsciente, à humanidade.

Daí porque a cultura, como fato isolado, surge como a conseqüência de um entrelaçamento histórico, do nada para o momento atual, a exprimir uma luta íntima que não só dignifica o homem, como também abre campo às mais variadas especulações em derredor das causas geradoras de sua criação. Porque a cultura, como o resultado do acúmulo organizado de conhecimentos, exprime algo mais que isso e vai representar, na realidade, a riqueza intelectual de uma geração, de um período determinado, ou mesmo de uma centúria de indagações, pesquisas, noites a fio de estudos e concentrações, para afinal exprimir-se em uma soma de vastos cabedais que passam a constituir um patrimônio indelegável.

Produto de demorada elaboração, ela se apresenta em primeiro como uma face objetiva, ou seja, nas obras que produz, e cuja criação constante configura para o homem o seu próprio mundo, um espaço particular em que êle se movimenta e progride.

Em uma terra despida dêsse conjunto de obras culturais, foge a razão da presença do homem como sêr consciente, considerando-se que sua significação deriva fundamentalmente de sua participação eloqüente no instante básico em que se transmuda de ser natural em ser cultural. E' por isso que a paisagem é essencialmente constituída pelas culturas, pois só

elas documentam ao mesmo homem a presença de um indivíduo que compreende, transforma e significa. Eis porque o homem se realiza como homem e emerge para o espaço humano da consciência de si mesmo, no exercício do ato da criação cultural.

Constitutivamente, a cultura é social e histórica, no sentido de que compreende e comunica às demais aquela soma de conhecimentos formadores de sua estrutura, em um sentido de utilização comum que vem dar a sua verdadeira dimensão. Pessoal em si, como acervo do processo de realização do homem como sêr cultural, ela nem por isso desvirtua sua finalidade, que é elucidar e ter à mão tudo quanto necessita para avançar na senda harmônica do conhecimento geral, fechando-se em si mesma. Encarada sob o rosto social, serve e deve servir sempre à comunidade a que pertence.

O homem é ser histórico porque transforma o mundo, e se transforma também, pela cultura. Como tal, êle se compreende a si mesmo e esta compreensão é, na unidade de um mesmo ato, reconhecimento de que se obriga a comunicar-se a outro homem, porque é, realmente, o quadro social da dimensão histórica do próprio homem, assinalando o momento em que os processos orgânicos de **hominização** são realçados pelos processos intencionais e conscientes de **humanização.**

Por isso, seu conteúdo exprime, como dilucida Lima Vaz, "o processo social e histórico constituído pelas relações de conhecimento e transformação do homem como natureza e pelas relações de reconhecimento do homem com o outro homem, processo que cria um mundo humano, e através do qual o homem se realiza".

Ora, a cultura assim entendida, emerge como uma qualidade pessoal, resultante de um esfôrço deliberado e prolongado, para a auferição de uma seqüência de fatos e conhecimentos que abrem novas perspectivas no setor do pensamento. Sendo o fruto de um processo consciente, mesmo assim deve pertencer com exclusividade apenas a um elemento determinado, ou, ao invés, ser posto ao alcance dos que buscam melhores horizontes intelectuais ?

A indagação suscita aspectos peculiares que merecem exame e que se reduzem a três :

a — o homem como adquirente de acervo cultural;
b — a cultura como fenômeno isolado e
c — como determinante direta da aculturação coletiva.

Inicialmente, há que proclamar a luta heróica, desenvolvida a longo prazo, para a obtenção de um teor intelectual capaz de

honrar e dignificar a espécie humana. Quantos e quantos milênios de obscurantismo foram vencidos pela tenacidade de poucos, que iam buscar nas profundezas do próprio ser a fôrça criadora de uma nova expressão humana! Imaginemos a angústia dos que almejavam obter outras fontes de vida consciente, colhendo aqui e acolá, em lampejos de genialidade, pontos de luz que enriqueciam aos poucos o patrimônio individual. Mas o primeiro e decisivo resultado da revolução da razão é, precisamente, o surgimento de um nôvo tipo de visão do século, onde o intento deliberado de racionalidade dá origem a um saber que, em seus métodos e na sua expressão, mostra a clara consciência da sua originalidade e o seu objetivo de explicação total.

O processo da cultura, com êsse teor, já aparece na civilização hitita, na sumeriana, na egípcia, tendo em pouco menos de dois séculos um realce extraordinário com os sofistas que, na velha e gloriosa Grécia, criaram a Filosofia, como forma privilegiada racional, passando o **saber — ciência** a girar em derredor da demonstração lógica, instrumento inigualável de que tanto e tão bem se serviram Sócrates e Platão.

De modo que, desde a admirável forma grega do raciocínio como método da razão, o **biós theoretikós** passou a ser um novo ideal de vida e humanidade. E então tornou-se curto o tempo biológico para o desenvolvimento do cérebro humano, se medirmos em uma escala de tempo cultural, pois o decurso das épocas nos conduzem a regiões de saber que tiveram seu explendor no que se convencionou chamar de civilização helênica e que, na realidade, pode ser considerada como a era da razão luminosa e pura.

Desde então, os homens tornaram-se conscientes de sua presença no mundo e o saber a mola mestra a impulsionar a sua marcha na direção do infinito. Senhores das especulações do espírito, aprimoraram-se na forma e transferiram tôda a imensa gama de seus conhecimentos aos discípulos, que disputavam primazia na divulgação constante do que aprendiam e criavam, como decorrência da própria aprendizagem. A **enkiklios paideia** passou a ser o alvo central e a cultura geral, expressa na admirável perfeição formal da axiomática euclidiana, dos tratados arquimedianos e das produções aristotélicas, constituiu-se na pedra de toque da luz grega que iluminou o mundo.

Já a essa altura, o homem compreendeu que sua posição não lhe permitia egoismos e passou a viver em têrmos de comunidade, transmitindo ao máximo a soma de conhecimentos que pudera alcançar. E' que a aparição e o desenvolvimento do saber racional, conferem um conteúdo inteiramente nôvo aos

têrmos da equação **saber** e **poder.** Com seus critérios imanentes de validez e sua capacidade ilimitada de expressão e autorenovação, o pensamento lógico torna-se, a um tempo, o instrumento e a forma do "sistema de idéias vivas" de que nos fala Ortega y Gasset, em que se exprime a cultura. A sua vivência, no dia histórico que começa com a aurora grega da razão, terá que ser uma vivência de saber racional: do seu método, do seu conteúdo, dos seus problemas, do seu ímpeto de progresso e, finalmente, de sua eficácia, que se manifesta na imensa superioridade de técnica racional sôbre os procedimentos míticos, em tôda a extensão do horizonte de cultura aberto pelo saber.

A amplitude do conhecimento grego, abrangendo o **méthodos** filosófico, do qual derivaram as pesquisas nos vários espaços-tempo que se tornaram o cerne das posteriores investigações, veio abrir caminho à humanidade para a compreensão do fenômeno cultural e a cultura romana que se assenhoreou da **paideia** helênica, especializou-se no terreno das preocupações estatais, gerando um Cícero e um Políbio, cujas obras penetraram fundamente na consciência política dos povos.

A precariedade das cousas materiais se evidenciou com o desmoronar do imensa império romano e essa queda, no seu aspecto cataclísmico, mesmo assim permitiu fazer sobrenadar do naufrágio a beleza do gênio criador. A cultura helênica, permaneceu visível e rutilante e as especulações aristotélicas dominaram o mundo de então, com o sentido dogmático tão peculiar à fase nublada da Idade Média, mas não tão ensombrecida que despermitisse o aparecimento de exemplos isolados de homens sábios, que procuravam continuar na trilha do conhecimento aberta pela genialidade grega.

As contingências da própria época geraram o humanismo, cuja origem etimológica — **humanitas** — nos dá a noção de seu sentido e êle passou a significar o composto do saber humano em sua valoração intelectual alcançado por bem poucos e dentre êstes, já nos fins do período medieval, abertas as clareiras do Renascimento como um pórtico iluminado — a figura, impressionante sob todos os aspectos, de Leonardo da Vinci, cuja estrutura mental polimorfa ainda hoje nos assombra pela excepcional capacidade de absorver, em um só, a cultura que normalmente caberia em uma vintena de eruditos.

Já a essa altura, era velho na China o processo cultural cuja expressão mais alta se vê no sistema filosófico de Confúcio, impregnado de um sentimento pacifista que procura elevar a alma, em uma superação das próprias contingências da matéria. E o confucionismo, como doutrina mais política que religiosa,

diferindo assim dos que procuravam criar um mundo sob a direção divina, tem atravessado os milênios como um dos sistemas de aprimoramento do espírito humano.

Êsse teor de acuidade filosófica não se perdeu nos tempos e o renascimento da cultura européia, quasi que abandonada durante o medieval, propiciou a abertura de novas fontes de pesquisas.

A humanística voltou a dominar os espíritos e o poder de assimilação alcançou aos páramos, além de permitir a aplicação da inteligência cultivada aos fatos da própria época. Aí está a "Divina Comédia" dantiana, estigmatizando em suas páginas os personagens vís de um período, assim como "Il Príncipe", de Nicola Macchiavelli, estereotipa o quadro governamental.

A partir daí recomeçou a escalada e os humanistas, senhores do saber, tiveram o seu endeusamento em Erasmo, que nos legou "Elogio de Loucura", — livro pouco lido hoje e que deveria ser distribuído às mancheias tal a paridade atual com o que ocorria na Europa do século XVII — como também nos **Querella Pacis**, — cuja belíssima frase **dulcem bellum inexpertis**, exprimindo um instante de revolta ante a inconsciência humana, — preconizava para êles a direção do mundo.

A rememoração histórica tem uma finalidade : mostrar que a cultura não é apanágio de um ser nem privilégio de alguns. Constitui um aprimoramento de intelecto, pela acumulação deliberada e organizada de conhecimentos. A capacidade humana de aprender e enunciar idéias não tem limitação e os campos onde a cultura medrou são os mais diferentes, inclusive abrindo retas novas em ideações antigas, em uma demonstração emocionante da ancianidade das cousas sôbre a Terra.

Por isso, os grandes humanistas que se projetaram nestes ultimos séculos, dedicaram-se à árdua colheita de dados culturais para alargamento de espaço intelectual da humanidade, encurtando cada vez mais o vazio ainda existente.

Daí porque a transformação da **paideia** tradicional, bem como o desenvolvimento da ciência e das técnicas racionais do saber, refletem-se nos conflitos que marcaram as eras, no surgimento de escolas novas e novos ideais, que encarnam outros tipos de cultura superior. A oposição entre a tendência retórica de Isócrates, por exemplo, e a disciplinação subjetiva do **mussen** e **zollen** de Kelsen, entre a noção do **ser** e do **dever ser** como normatividade socio-jurídica, é profundamente significativa e demonstra que o "sistema vivo de idéias" permanece através dos tempos, apesar das discordâncias, em derivação delas mesmas.

O processo de aculturação, resultante do conjunto dos fenômenos resultantes do contato direto e contínuo, de grupos de indivíduos representantes de culturas diferentes, tomou um cunho universalista em sua finalidade e, em um sentido mais concentrado, com uma destinação social que se explica pela singeleza da relação equacional **saber — humanidade,** preocupação primeira e derradeira dos sábios humanistas. E' incompreensível a cultura fechada, aquela que existe apenas para o prazer interior, porém que nega sua própria razão de ser que é a transmissão dos conhecimentos hauridos ao longo da existência. Como inútil, sob a feição da coletividade, a que decorre de colheitas superficiais e sem a profundidade dos grandes mares. Realizada com um sentido de auto-consciência e objetivo que põem à margem as preocupações egoísticas, a cultura, expressão mais alta do saber, surge como aquisição de conhecimentos cujo exercício abre ao indivíduo o caminho de uma realização humana mais alevantada e cujas obras exprimem a perspectiva universal, que é a sua destinação face o grupo, no seu projeto mesmo de existência e utilização sociais.

Posta, dessarte, ao serviço da comunidade, a cultura alça-se ao seu verdadeiro destino e não há porque indagar das interrelações entre o **status** do homem e aquisição da riqueza intelectual. Poder-se-á vislumbrar uma inter-causalidade entre as condições econômicas e o progresso do saber, individualmente considerados, isto é, como uma relação de causa e efeito, produzindo no homem o despertar de energias insopitadas e insuspeitas para vencer as dificuldades do meio ambiente ? Somos uma geração de auto-didatas, como também o foram os mestres gregos, e nem por isso se sentiram êles amesquinhados pelas asperezas, então muito maiores, encontradas para a obtenção do saber.

Embora com as dificuldades pertinentes a quem adquire acêrvo mais cuidadoso, o esfôrço individual sempre partiu das camadas mais desfavorecidas e a ânsia de crescimento interior tem superado a pobreza contingencial. A cultura não se prende e nem se lianiza a conceitos econômicos e se há privilégio na sua aquisição, cabe êle aos que dispõem de luz interior. De um modo amplo, homens de pensamento e que o possuem em profundidade abissais, nasceram do nada e se transformaram em tudo, mercê de uma prodigiosa estrutura mental que lhes propiciou o respeito dos séculos.

Há em nós uma extraordinária capacidade criadora, bem verdade que impregnada, em sua maioria, de um instinto materialista peculiar à época que atravessamos. Alguns despem-se das roupagens exteriores dos bens corpóreos e diligenciam no

enriquecimento do espírito. Só os homens dêsse tipo — Ghandi, Bertrand Russel, Schweitzer, Bergson, cada um vivendo vidas que são marcos na História —, constroem a humanidade e fazem um mundo melhor, porque fizeram de seu trabalho uma oferenda permanente ao culto do saber humanístico, dignificando e dando razão de ser à humana existência.

Ninguém, nos dias de hoje, pode pensar mais em têrmos de isolamento egoístico. A civilização tende a construir um espírito universal e dentro dêle, e para êle, vivem e produzem todos quantos fazem da cultura uma forma de prestar serviço à humanidade. O processo cultural é um dos instrumentos usados para o dilargamento do sentido humano e a preparação constante que se realiza a prol do desenvolvimento intelectual, assume papel de realce em um mundo que vive à base da ciência, da técnica, que em si são componentes da moldura cultural, que se manifesta sob tôdas as formas decorrentes do entesouramento de conhecimentos.

A agudeza mental do homem não está apenas na absorção de textos e na experimentação de fórmulas, mas também no meditar, que é o meio para operar-se a sedimentação da cultura e dar-lhe fôrça e consistência a fim de poder atingir seu alvo. Meditação que encontra seu modo de ser na "Imitação de Cristo", escrita e coletada na serenidade monasterial da Idade Média por monges desconhecidos e que se atribui a Thomas a Kempis, e onde se lê que "os que têm muita ciência gostam de ser tidos e aplaudidos por sábios", aconselhando moderação no desejo desordenado de saber, que gera muita dissipação e muito desengano.

Forma de cultura anímica muito ao sabor da vida contemplativa e que é o apanágio sacerdotal à época, nem assim foge ao conceito de cultura, porque revela um aprimoramento impressionante para a perfeição íntima do ser humano. Meditação escrita que ainda hoje contém verdades irrespondíveis e cuja leitura oferece consôlo às nossas angústias e amarguras, humildade nos momentos transitórios da glória e até mesmo às nossas próprias faltas.

Que diferença entre êsse tipo de cultura espiritual e a que nos oferece o "Fausto" de Goethe, obcecado pela sêde da perfeição e pela descoberta da verdade inicial! Um Fausto, já sentindo as insinuações mefistofélicas na eterna luta entre o bem e o mal e que, desesperado por não obter o segrêdo da natura, fala na pesquisa para obter ensinamentos e no final constata: "em nada me risquei do rol dos ignorantes".

Porque a cultura é a insatisfação do saber e quem a tem busca a todo custo alcançar o inatingível, o completo conhecimento de tôdas as cousas. Contentemo-nos em ter o bastante para difundir o que sabemos aos demais, em uma contribuição pessoal para o bem estar da comunidade e assim cumpriremos melhor a sua razão vital. Que cada um dê um pouco de si, de seus conhecimentos, do que poude colhêr e não se ponha na torre de marfim das próprias ilusões. E assim fazendo, estaremos incentivando o despertar de novas inteligências, no afã de fazer crescer a cultura.

AS PONTES DE MANAUS

PAULO BENTES

As pontes de Manaus ficavam na minha rua. Minha casa ficava entre elas. Entre a primeira e a segunda, pois a Terceira, chamada também de Ponte Metálica ou Ponte da Cachoeirinha, ficava um pouco mais distante, exatamente no fim da rua.

Elas tinham a imponência das coisas construídas com dinheiro farto. Tinham solidez e graça, aqueles maciços de pedra, com suas grades laterais de proteção e, por debaixo, as arcadas por onde o Igarapé de Manaus passava tranqüilo com suas águas pretas e brilhantes.

A Terceira era diferente. Construída tôda em ferro, sôbre colunas de alvenaria, era uma espécie de limite entre o que nós chamávamos pròpriamente de **cidade** e o bairro da Cachoeirinha.

Aquelas pontes (principalmente a Primeira) marcam uma fase da minha vida.

Rio cheio, era de lá que nós dávamos nossos saltos mortais, com profundos mergulhos e causando certa sensação aos assistentes, nos fins da tarde, quando voltávamos das aulas sequiosos por um pouco de movimento e de aventura.

Éramos todos — meninos e moleques, atletas conhecidos do Rudder Klub ou pessoas desconhecidas — mais ou menos inconseqüentes ao pular de tão grande altura, daquele trampolim, pelo simples prazer do salto, pelo mergulho na água fria, pela emulação, embora arriscando até mesmo a vida.

Éramos ginasianos. Queríamos afirmar nossa personalidade, demonstrando coragem, destemor e muitas vêzes influenciados por aventuras cinematográficas, onde os Douglas Fairbanks, os William Farnum, os Tom Mix, despertavam nossa imaginação aventureira.

* * *

Pular de vários metros de altura, num rio de águas mais ou menos profundas, era para nós uma afirmação.

Havia, porém, os que tentavam fazê-lo. E que, recuando diante do abismo, saíam debaixo de vaias, risotas e comentários jocosos.

O mundo não perdoa os tímidos. Quer os homens sempre em luta com ou por alguma coisa. Engalfinhados sempre em coisas mais ou menos perigosas. Os que se recusam a isso, ficam marcados. Até hoje, e tantos anos são passados, eu ainda encontro, vez por outra, um contemporâneo de Ginásio, encanecido, e me lembro: — êsse não pulou da ponte...

Conheço quase todos os que não pularam... e a impressão que tenho é de que êles continuaram tímidos pela vida afora.

* * *

As pontes têm algo de espiritual e de lírico.

Naquelas noites quentes, de verão, na minha rua tranqüila, de Manaus, que só os bondes iluminados e barulhentos perturbavam, de espaço a espaço, com a alegria das suas campaínhas e o seu arrastar pesado por sôbre os trilhos de aço, ainda predominavam o sossêgo e a contemplação.

Casais de namorados confidenciavam, ouvindo o côro ameno dos grilos, e vendo um céu mais amplo pulverizado de estrêlas, daquela passarela onde se debruçavam parecendo indiferentes a tudo.

Era ali que faziam comunhão com a natureza. Sentindo aquele algo de espiritual e de lírico que as pontes possuem.

No silêncio que também de espaço a espaço se fazia, o céu parecia que estava mais perto; a água negra refletia os pequenos faróis dos navios ancorados nas margens, ou a luz trêmula das lamparinas nas pequenas canoas que pareciam cochilar...

As pontes de Manaus são tão autênticas na sua paisagem, que parecem ter nascido ali.

Para mim, elas são a minha meninice. Era de lá que eu pulava, nos fins de tarde, no exercício despreocupado de uma natação sem método, mas livre e expontânea, natural, e que por isso mesmo é lembrada até hoje com saudade.

Era nas bases das suas cabeceiras que eu encontrava os pés de muçambê, que levava para minha mãe fazer xaropes com os quais curava os nossos raros resfriados. E apanhava os lírios vermelhos e os junquilhos com que enfeitávamos nossa casa e replantávamos os bulbos nos canteiros caprichosamente feitos de garrafas vazias, do nosso jardim.

Ah! pontes de Manaus... que meus pés descalços sentiram em todo o seu calor, e que eu hoje chego a não saber dizer, se o meu mundo infantil foi que existiu entre êlas, ou se foram elas que se enterraram para sempre no meu coração.

PRÓLOGO DO MEU LIVRO DE CONTOS

Ramayana de CHEVALIER

Não adianta viver sem aprender com a vida. A Arte é a matriz. A Vida aprende com ela ou copia, pensou Wilde. Alguns escritores, talvez a maioria dêles, felizes, tranqüilos, ou amantes das paisagens floridas, preferem os altiplanos, os cumes, o mundo visto da ponte.

A vida, assim, é emoliente, lubrificadora, macia, calma. As dôres nos parecem estéticas, harmoniosas, quando observadas por êsse ângulo.

A Humanidade tem esquinas como as ruas. Tem bairros, luminosos ou sombrios. Tem andares como os edifícios, mirantes, sub-solos.

As literaturas amenas, divagantes, sedutoras folclóricas, preferem os andares superiores, quase tangem as nuvens, roçam o misticismo, fogem dos ângulos bravios, dos rugidos das cavernas lôbregas, dos urros que sobem dos abismos.

As lições humanas aprendem-se em quaisquer dos andares. Não se deve menosprezar os que se vestem dos seus escafandros para pesquisar os poços submarinos. A filosofia das sombras e das trevas nos traz ensinamentos profundos.

O mundo que se esconde da luz tem encantos e exemplos impressionantes.

Gosto de passear entre monstros, de conviver com os "robots" da desgraça e do mundo enfêrmo. Tenho antídotos para êsse convívio. O melhor dêles é o aconselhado por Axel Munthe: — descer ao nível dêles, equiparar-se, confundir-se, obter dêles tudo que a vida ocultou no fundo de suas aflições, dos seus amargos infortúnios.

Não existe a moralidade ou a imoralidade. Existe a convenção ou a desconvenção.

Somos iguais ao nosso tempo, ou pareceremos inconvenientes e imorais. A Vida não é nem uma nem outra coisa.

Onde ela estiver, está o Homem, em tôda a extensão que lhe predizia Protágoras.

Trazemos, dentro de nós, monstros que o mundo desconhece. Os mais hipócritas, os que escondem melhor, os sonsos, os mentirosos, fingem ignorar isso.

Tenho pena dos seus silêncios interiores, dos segredos dos seus momentos isolados. Mergulhados nêles, há uma pausa na sua hipocrisia, um delírio nas suas máscaras, uma sensação de nudismo na sua consciência.

O nudismo interior é muito mais despido do que o externo. Fere, devasta, amaldiçôa, pune, inferioriza, maltrata, escarnece.

Um homem que se contempla em tôda a plenitude de sua verdade íntima é um herói.

Nenhum combate mais duro, nem mais sangrento. Chorar para dentro é um desespêro. Ver-se, na mudez dos longos silêncios, sem carnes, sem ossos, só alma, cheia de feridas, de reentrâncias, de pus, de prantos, de gritos abafados, de revoltas desconhecidas, sem remédios, eis o pior caminho, o instante mais trágico.

O Amor é sublime, mas há inúmeras faces no Amor. Ninguém pode amaldiçoar a máscara amorosa do seu vizinho.

As fôrças interiores que nos dominam e comandam, são imprescrutáveis. Aquêles que são tidos como tarados, choram depois de suas monstruosidades, por não poderem dominar-se e fugir delas, para sempre!

Voltam, como criminosos ao local do crime, buscando alívio no seu próprio testemunho.

A Vida é a mistura: — subterrâneos e píncaros, banditismos e santidades, noites e auroras. No meio, na planície bem arrumada, limpinha, certinha, bem educada, estão os medíocres, essa imensa fôrça formadora do mundo. Sem êles, os medíocres, a Vida seria um teatro incompleto. Não teria a platéia, não haveria o julgamento, não nasceria o urro da váia ou o estalar do aplauso. Por quê invectivar aos Teseus que descem até os Minotauros? Que seria de Dante se não fizesse Vergílio descer primeiro aos círculos infernais, antes de abençoá-lo no Paraíso com a divina fulguração de Beatriz?

Êste livro é o resultado de uma longa vivência, de uma descida aos sete círculos do Ôrco, onde se agitam e sofrem os gigantes deformados da angústia e da lascívia.

A ficção ficou assombrada com a realidade, traduziu-a. Trouxe de lá, no batiscafo da Arte, os sêres que vivem no abismo

das consciências, que não aparecem à luz com mêdo de si mesmos...

Quero perguntar aos meus leitores: — haverá juiz mais firme e mais vertical do que a Luz? Não creio.

Gosto mais da noite, do mistério das sombras, daquilo que se arrasta no fundo da caverna sem ráios, onde os gemidos são de angústia, de dor ou de gôso.

A Beleza é uma aparência; a Justiça, uma aparência; a Verdade, uma aparência; o Poder, uma aparência. Só a Arte é verdadeira, só ela, interpretando a Vida, resume a Realidade.

Movem-se as criaturas, pensam no domínio do Mundo, no orgulho de comandar, na soberbia fácil do enriquecimento, no desprêso pelos que não conseguem chegar até às bordas do poço escuro.

Ontem, hoje, amanhã, o que permanecerá? A idéia que voa ou a matéria que se arrasta? O que restará da substância: — a Forma bruta ou a essência sutil? O crânio de Sócrates ou o gênio de Sócrates?

Não aconselho que os fracos, os tímidos, os bem educados no sentido da sujeição e das normas sediças, leiam êste livro.

Êle não foi feito para os que vegetam nas aparências. Nem sequer foi feito. Surgiu, como surge o pus de uma ferida, para identificá-la, como prova, nos laboratórios morais ou sociais.

Fui até às profundidades, como médico, como artista, procurando exemplos, colecionando vivências.

Acredito firmemente na presença de Deus, um Deus sentido e profundo, amorfo e universal, infinito e constante como a própria evolução. Não sou um religioso, sou um abstrato. Meu mundo é assim, composto de observações, de sentimentos, de amarguras, de afetos. Admiro os que se apresentam diante do mundo, como são realmente. Caem e se erguem, recordando-se das palavras de Çakya-Muni: "o essencial não é não cair nunca, é levantar-se depois de cada queda".

Se tudo foi um sôpro de Deus e os homens constroem o seu próprio caminho relativo, essas criaturas das sombras haverão, um dia, de subir à superfície, mirando-se no espelho infinito da Luz.

E, não raro, quando isso acontece, preferirão mergulhar de nôvo, voltando ao eterno segrêdo das profundidades, do horrendo, do feio, do monstruoso, do legítimo.

São contos que retratam um hemisfério da vida. Foram vividos, sentidos, computados, extraídos da dor e da vivência dos outros.

Vi, ouvi, senti, observei, procurei compreender, procurei achar-me na confusão dos testemunhos, procurei encontrar-me na desordem das interpretações.

Até onde vai a falibilidade dos que testemunham ? Até onde chegam a vaidade e a mentira dos homens ?

As figuras mais respeitáveis, as criaturas mais pulcras, as santidades mais evidentes, as pessoas mais conspícuas, tem noites no íntimo, têm infernos de bôlso, guardados dos olhares profanos como jóias irresgatáveis.

Ninguém é tarado. Todos somos tarados. Questão de confissão, de entendimento, de pesquisa, de auto-sugestão, de amor, de paixão, de descometimento, de instante.

Há homens, de uma seriedade a tôda prova que, numa alcova, se transformam em animais sedentos. Há senhoras, puríssimas, sòmente porque sofrem de irregularidade funcional, de frieza glandular, do deserto que acomete às que nunca amaram.

Há exemplos de honestidade entre as pobres mulheres públicas. Há monumentos de filosofia entre os cínicos. Há sêres impolutos que se alimentam das podridões sociais, como certos protozoários inocentes.

A vida é uma caricatura inverosímil de si mesma.

Tem-se vontade de rir de certas figuras naturais, como de certas cataduras morais.

Os valores positivos são aquêles que se afirmam por si próprios. Sem necessidade de cláques. Gosto das sombras, tenho pena do vício, admiro os que, caindo aqui e acolá, pretendem levantar-se sempre do chão pegajoso do pecado, embora permaneçam nêle, por fraqueza.

Fazem uma tentativa permanente e infrutífera, mas fazem.

Não acredito que uma santa, perfeita e diáfana, ame bem. Creio, entretanto, que um diabo, tonto de vícios e de loucuras, possa um dia perdoar do fundo do seu coração.

Jesus, o Mestre Sublime, dizia que, melhor do que o justo para entrar no reino dos céus, era o pecador arrependido.

Quem, no fantástico império do pecado e da vida, pode atirar a primeira pedra ?

POESIA

O JAGUAR E A LUA

AMÉRICO ANTONY

"Os meus versos pagãos
Cheios de seiva e flôres..."
(Guerra Junqueiro)

Ao GREGO ARISTÓTELES, — filósofo imortal.

Seu salto foi um golpe audaz, de morte;
Se, mesmo a agonizar, jamais recua!
A solidão o fêz, entre os mais, — forte,
Forte entre os fortes; e insofrido, estua...

Mas, a floresta, agora, lhe acentua
Aos passos de veludo o hercúleo porte
Num barranco, que o serve de suporte,
À luz de prata quando nasce a lua:

E, após tanta refrega, a paz o cinge
Como indomável solitária esfinge
Onde um mistério universal flutua...

E ao contraste dos músculos dormentes,
Os olhos de oiro do Jaguar dolentes
São duas luas adorando a Lua!

(Livro: **"Cromos Amazônicos"**).

A ALEGRIA DO CONHECER-SE A PRÓPRIA ORIGEM

AMÉRICO ANTONY

O "**Fiat**" se fêz "**Lux**", e a Luz se fêz a vida;
A incoerência do Caos fêz-se verbo coerente,
E a Razão entreabriu da noite indefinida;
Brilhou o primeiro dia ao céu tenebricente : *

Era o passo inicial do caminhar consciente,
Era a entrada primeira esplêndida construída
Pela mão do Arquiteto, a qual, onipotente
Tudo fêz, com princípio e fim, queda e subida...

E o Universo, seguindo a fôrça evolutiva,
Vendo o Prazer florir, sorriu à Dor nativa,
Por saber de onde veio, e a Dor no Amor mudasse...

E Deus, vendo que, até perto a espinhos, veludo
Dava a rosa, — sorriu — por ter criado tudo.
Mas, logo após... chorou : sem ter **QUEM** O criasse !

(Livro : "**Crisóis**").

* **NOTA: Se já temos OPALESCENTE, DERIVADO de OPALESCER, não é absurdo, que tenhamos, também, TENEBRICENTE derivado de TENEBRICOSO: obscuro, tenebroso, lutuoso, lúgubre.**

O OCEANO E A Y-IÁRA

AMÉRICO ANTONY

"Oceano profundo, mar imenso
"De ondas procelosas que se enrolam
"De um pólo a outro pólo !..."

Gonçalves Dias

O homem-micróbio contemplava o mar,
E exclamava : "Que mundo ! que inconstância !
"Que majestade tens ao balouçar
"Cordilheiras de espuma na arrogância !"

"És tu que os homens, fascinados da ânsia,
"Argonautas fizeste !... e desvendados
"Novos Mundos lhes deste !... e a Glória em instância
"Te coroou como Deus dos Encantados !..."

Mas, de entre as águas da Amazônia, a Y-iára *
O colo ergueu sorrindo da onda clara,
E a suspirar murmura em sonho vago :

"O' Mar lendário dos heróis ousados,
"Se a terra todo a ti te cerca os lados,
"Mar orgulhoso !... Não és mais que... um lago !"

(Livro : **"Cromos Amazônicos"**)

NOTA NECESSÁRIA *

Escrevo Y-iára com a "Y" separada de IÁRA, porque não é racional a elisão da "Y" com "I"; uma vez que IÁRA exprime um possessivo sòmente, em Nheengatu: "Dona ou senhora da ou do"; "Y", letra grega, em Nheengatu, significa: ÁGUA. (Vide "AQUEM DA ATLÂNTIDA", de Gustavo Barroso, (João do Norte), na Academia Brasileira de Letras); e ainda melhor: "INSCRIÇÕES PETROGRÁFICAS DO BRASIL PRÉ-HISTÓRICO", obra preciosa do nosso patrício, coronel Bernardo da Silva Ramos, mandada publicar pelo Govêrno Federal; e por onde se prova que, essas inscrições gravadas nas rochas à margem dos rios da Amazônia, não foram feitas pelos ameríndios, mas sim pelos fenícios, navegantes gregos, a mando do rei Salomão, que construiu o seu célebre Templo com madeiras só encontradas nas selvas amazônicas: mirá-gibóia, mirá-piranga, pau-rosa, pau-cetim, mirá-pinima, pau-violeta, e outras, muito antes da "Descoberta da América por Cristóvão Colombo".

Se escrevêssemos só "IARA", estaríamos dizendo "dona ou senhora do ou da"; se grafássemos "YARA", significaríamos "Água Dia", o que não dá sentido completo, porquanto "ÁRA" significa "DIA" em Nheengatu, que é o idioma dos Nheengaíuas, adulteradamente chamados "Nheengaíbas" pelos forasteiros, e oriundos da ILHA DE MARAJÓ. Assim, também, explica-se a etimologia de CAPIUÁRA, cuja grafia original deve ser CAPI-IARA, onde as duas "I I" foram substituídas só por uma "I". Formando assim "IUÁ", facilitando a articulação do vocábulo com a introdução da "U" entre a "I" e "A"; e, ao qual, os forasteiros, também adulteradamente, trocaram a "U" pela "V", ficando apelidado pelo vulgo: "Capivara" em vez de "CAPIUARA", "senhora ou dona do capim".

E' um êrro crasso, chamar-se NHEENGATU de "Tupi-Guarani" (perdoe-me o ilustre general Couto de Magalhães, com o seu "Vocabulário Tupi-Guarani ou Nheengatu"). Seria o mesmo que chamar-se Português de Espanhol!... São línguas irmãs, parecidas, mas não são o MESMO idioma. Acredito que sejam filhos de um tronco linguístico comum, assim como as línguas neolatinas o são do latim. Poderia apresentar aqui inúmeros exemplos, mas, não querendo tornar muito extensa esta NOTA, ficaremos por aqui.

Na certeza de que o Brasil, pré-histórico, nunca foi um só país; foi mais do que um só, cada qual com o seu próprio idioma, e com suas tradições próprias e particulares, assim como hoje o são a Europa, a Ásia, e a Norte-América.

O Nheengatu, idioma próprio dos Nheengaíuas, é também conhecido por "Língua-Geral", porque subiu o Rio-Amazonas, e quase todos os seus afluentes, partindo da foz, sua origem: Ilha de Marajó (castiçamente: MARAIÓ), sendo falado por quase todos os indígenas da Planície.

NHEENGATU: sua etimologia é: — NHEENGA = FALA ou língua; e CATU (o fonema C foi substituído, por G, por eufonia. CATU, quer dizer = CASTIÇO, ÍNTEGRO, BELO, EXCELENTE, BOM.

NHEENGAÍUA: quer dizer — "SENHOR DA LÍNGUA CASTIÇA e BELA".

no lugar do verbo um peixe

ELSON FARIAS

Abro um dicionário antigo.
No lugar do verbo um peixe
em bico-de-pena rico
prende-me os olhos na página.

Leio o verbete e me inteiro
do peixe, seu nome exato,
"só reproduz na água doce",
mais três palavras, e é tudo.

Sável se chama e em seu jeito,
galhas, cauda e barbatanas,
não difere quase em nada
de alguns outros do Amazonas.

*

Pode ser que sável seja
um peixe bem conhecido,
dos que vivem nestes rios
de espécimes infinitos.

Se no rio sável eu visse
dar-lhe-ia um nome logo,
nas fôlhas do dicionário
não sei caracterizá-lo.

São peixes de lama e de ouro
os peixes da minha infância,
curvo-me ao jugo do livro,
banho a minha ignorância.

*

No livro o peixe é um signo
sem movimento e sem guelra,
um signo, apesar de inscrito,
numa página amarela.

Seu universo é nas águas
ou no prato com pimenta,
limão, farinha, tempêros,
peixe, prato que alimenta.

*

O que me desperta o peixe
nesta página amarela
é a paisagem, a outra
que de súbito se eleva.

Mergulho de olhos abertos,
apetrechos de pescar,
canoa, anzóis, linhas, remos
e uns braços cheios de ar.

E' a brisa que madruga
as frias casas de palha,
a rêde puída e úmida
onde o homem se agasalha.

*

Tôda essa vida parada
é que me traz a gravura
do peixe do dicionário,
uma vida sem bravura.

A não ser que por bravura
se entenda o lento morrer,
se troque a paz pela guerra
tal o não-ser pelo ser.

A não ser que por bravura
se troque a pura beleza
das árvores gigantescas,
pela ação da natureza.

*

Mas o que mais fundo marcam
os olhos de quem o fixa,
são os traços agressivos
da sua forma quase elíptica.

E também o seu desenho
muito nobre e muito simples
como o de uma ave que só
se alimentasse de peixes.

Do livro **"Dez Canções Primitivas"**.

VÓLOS, PARA MAIAKOVSKI

JORGE TUFIC

Sem Tróia, oblíquo,
derivado em sons, vemo-lo
passar na órbita dos
pianos. Verde quando há
noite; suas patas costuram
nossos olhos; seu vulto
lampeja um código rubro
sibilante como o
trigal nas foices.
Azul, na dormência felina
dos astros — em fetos
convertidos : galopa ao
entrave dos ventos, os
flancos atingidos pela
fúria cega dos
átomos. Galopa.
Não há vales isentos de
seu relincho, nem
multifólias rosas
vedadas ao côro
amargo de sua urina.
Os rios, pejados dessa
orquestra, tangem suas

hélices de barro.
Vólos salta na
óssea conjectura das
planícies. Suas patas crispam
de ódio o estrume das
auroras. Vólos
viaja a solidão dos
telégrafos — , pássaro
às vêzes, num pólen
de rua final : abrigo
súbito da morte. Mas
logo retôrno, distorção
dos elos na pauta do
azul. Cavalga. Vólos,
corcel de aladas
temperaturas, resumo
de continentes e bússolas,
risco severo dos túmulos :
jacentes faces curvadas
(nesta manhã de caule
puro) alimentam teu fogo.
E galopas, ao solitário
clarão das
espadas futuras.

REENCONTRO

VIOLETA BRANCA

Na curva da lua nova perdi os meus sapatos.
Percorri tantos caminhos...
Nas cordilheiras geladas procurei a rosa branca
— todo sonho é uma rosa nascida entre os espinhos —
fiz as milhas submersas que o mar me convidou
segui o rumo das águias em busca de liberdade
no chão áspero criei raízes de amor profundo
de manso teci a renda feita de sol e neblina
fui estrêla refletida no limo dos igapós.
Bebi o vinho das noites
afundei nas madrugadas
fui água de cachoeira
vento malsão nas marés
cavalguei nuvens escuras
abri as portas à chuva
conheci homens e feras unidos na mesma essência
cantei canções às abelhas
dei meu rosto ao sereno
meu gesto dei ao perdão
meu pranto regou os campos
os peixes me namoraram
fui concha no fundo d'água.
Criei um deus sem complexos
fiz milagres de ternura

ganhei troféus e palavras
contornei ilhas e portos
equilibrei-me em abismos
deslizei em sonhos mortos
renunciei à beleza
pintei a clara alegria
fui amante do pecado
noviça pura e fremente
rasguei silencios e veias
preguei no deserto imenso
desembainhei a espada e degolei a ignorância
ofereci aos humildes a verdade do que penso.
Agora quero outra vez recompor a minha forma
recolher os meus pedaços
novamente ser mulher
— sou figura geométrica em busca de solução —
mas onde encontrar minha presença
minha fala, meu suor,
a idéia apregoada de todo o amor maior
na curva da lua nova ou na amarga solidão ?

POEMAS EM 3.ª DIMENSÃO

VIOLETA BRANCA

Soltar as amarras
é o grito de ordem e a ordem é do Rei.
O mar é um convite, a hora propícia,
para onde seguir, ainda não sei.
Talvez para a Índia
em busca de fé, da humana bondade
que eterna ficou na lembrança mais pura
de Gandhi e Tagore.
Talvez para a Espanha
dos cravos vermelhos, das danças frenéticas
com gestos de morte,
dos estreitos sobrados com grades de ferro
onde alguém lê ainda
o último verso que Lorca escreveu
ou guarde egoísta uma tela esquecida
num escuro porão, pintada por Goya.
Talvez para o Egito
procurar num sarcófago a jóia
mais rara, mais linda,
que com um faraó enterrada ficou.
Ver o Nilo correndo levando nas águas
milênios de lenda e de história.
Chorar pela dor que sofreram cansados
os escravos artistas construindo as pirâmides
que em pedra ficaram num sonho de glória.
Talvez para o Tejo

salvar os velames de um barco pesqueiro
que o vento de agôsto na areia encalhou.
Talvez para a Inglaterra
ver os velhos castelos de tantos mistérios,
os imóveis soldados na guarda solene,
a estátua imortal de Lady Godiva,
os brancos cavalos da branda rainha.
Talvez para Israel
curar as feridas como flôres abertas
nos peitos valentes dos bravos guerreiros.
Talvez para a China
dizer às crianças assustadas, medrosas,
que não sigam os homens que brigam
na vã esperança de um domínio total,
que um dia a paz chegará
e elas novamente saberão o sabor de um prato de arroz,
e a beleza de uma noite quieta sem bombas caindo.
Talvez para o Congo,
talvez para a América
ao negro dizer que lute e reclame
o direito que tem de ser nosso irmão,
de ser nosso igual,
que a coisa melhor na vida do homem é a liberdade.
Ao rumo que vou ainda não sei.
Talvez para um pôrto
onde precise ensinar ao herói, ao vencido,
ao sábio, ao humilde, ao escravo, ao senhor,
tôda a profunda grandeza que existe
na perfeita justiça, no perdão e no amor.
Soltar as amarras
é o grito de ordem e a ordem é do Rei.
E' largo o caminho, revôlto é o mar.
Bandeiras se abrem, rufam tambores,
tocam cornetas.
Quem quer embarcar ?

DISCURSO

ARISTOPHANO ANTONY SOB «SOMBRAS E FEFLEXOS»

ANDRÉ ARAÚJO

Neste côro de vozes que se ergue em louvor do prestígio, da imortalidade daquele imenso e adorável irmão que foi Aristophano Antony, — gostaríamos que o tempo parasse, fossem anuladas as vicissitudes da contingência, e a fragilidade da matéria se anulasse.

Uma imensa saudade, uma vontade dolorosa de vê-lo entre nós, neste momento, em que podemos crer na imortalidade do seu espírito, com tôdas as suas constelações e fulgurâncias, as que faziam ressaltar sua personalidade de homem de letras, de intelectual, de amigo, — dentro daquela linhagem impecável de homem educado, de homem de sociedade, de cavalheiro que se sabia conduzir como homem de cultura, de inteligência brilhante, de escritor primoroso, — aquêle varão que hoje consagramos, se impunha, marcando nos tempos que correm a verticalidade do homem que sabia querer, sem temer preconceitos e juízos dos maus que sempre rosnam no escuro de todos os tempos, no profundo das noites, naquelas noites que, aqui e ali, nos cobrem dos negrores da inveja, da calunia, da miséria.

Eu creio na sua presença luminosa, neste momento, dentro desa casa, porque nós o estamos chamando, nós o estamos convocando para que veja isto: seus irmãos, nesta festa, em que um discurso se transforma em oração e a própria festa se transmuda numa invocação e numa evocação daquilo que nêle é eterno, intangível e perene: seu espírito, seu pensamento, a fagulha divina que o tornava uma personalidade marcante, entre os homens e o tempo, no espaço geográfico, no espaço social e no espaço universal.

Sua família civil aqui está, chefiada por essa virtuosíssima senhora, companheira sua de todos os tempos, dona Edail Cordeiro Antony. E a êsse grupo social familiar, estão unidos, autênticamente, seus companheiros de sodalício acadêmico, cujos membros também pertencem à sua legítima família.

Todos aqui estamos, envolvidos pelas vozes harmoniosas dêsses louvores que tecemos a Aristophano Antony, no ensêjo do lançamento de seu livro "Sombras e Reflexos", que surge agora, dentre outros que estão inéditos.

Será estranho que eu vá dizer aos seus familiares aqui presentes, cousas da vida do grande morto, a respeito de seu talento, de sua cultura, de seu valor como escritor e pensador, que todos sabem.

O que devo assinalar, preliminarmente, é a surpreendente unidade de pensamento, dentro dos mais variados temas que são abordados, em tudo quando escreveu em "Sombras e Reflexos". As raízes de seu pensamento, de sua dialética, de sua política, de seu espírito de escritor, de jornalista, são a verticalidade rigorosa e as vozes generosas do que lhe sai da pena, luzes e belezas de uma consciência bem formada, de um homem ao serviço da verdade e do bem. Muitas vêzes mal compreendido, ironizado pelos que queriam torcer o vulcão de luzes que irrompia daquêle pensamento que servia à verdade, à bondade, à piedade, ao amor por muita gente que lhe feria depois.

Mas, em tudo, a pena do escritor, principalmente do jornalista, mesmo ajudando e servindo, aqui e ali, — lançava a dialética luminosa da estrutura do espírito bom, ao serviço da verdade que irradiava sempre do coração de Aristophano Antony.

Êsse universo de suavidade e de delicadezas, de inteligência, de habilidade com que o morto escrevia, pensava, e em que vivia serena, suave e vigorosamente, era tocado por um cunho de alta beleza e fidalguia, algumas vêzes lìricamente vivido.

Dentro disso, entretanto, Aristophano Antony foi um homem de vontade, um realizador. Sempre soube imprimir às cousas que viviam perto do coração uma transcendência de bondade. Aí estão o equilíbrio do Rio Negro, a ação na Associação Amazonense de Imprensa, e na própria Academia Amazonense de Letras.

Jornalista consagrado, habilíssimo, tinha o comando espiritual da imprensa desta terra, onde sempre, sôbre qualquer assunto que se relacionasse com a nobre e vibrante classe da imprensa, êle sabia, — e sàbiamente, — resolver tudo, hàbilmente, com serena intrepidez, sérios escrúpulos, e, sobretudo, alta compreensão intelectual.

Hoje, coube a mim a honra de, em nome da Academia, lançar seu livro de ouro "Sombras e Reflexos", o primeiro de uma série inédita que está nas mãos de sua Exma. companheira.

Os trinta artigos, estudos e ensaios que constituem o volume, passaram despercebidos, porque foram lançados como rápidos pedaços de luz, jatos de iluminações, emitidos do centro estelar, potente e forte, que foi seu cérebro de pensador.

Não pretendemos relembrar a vida de um homem que todos ainda conhecem: herói da grande guerra, quando resistiu, tranqüilamente, a injustiça de 184 dias de prisão. Queremos dar um sentido da autenticidade dêsse Aristophano que todos nós amamos tanto, aqueles gestos seus próprios; no **aplomb** de sua linhagem, fidalgo, primorosamente vestido, vagaroso, naquele andar cismático, equilibrado; uma consciência aberta aos problemas de seu tempo e da vida humana. Cruzou pelo mundo, dominado por um alto sentido de humanidade, embora parecesse um homem altamente solitário, uma consciência introvertida, com uma grande vida pensamental.

Viveu modestamente. Morreu pobre e trabalhou tanto na mais rude das oficinas, a do jornalismo, escrevendo diàriamente, os seus 400 artigos maravilhosos, sem esmorecer; opinando, colaborando, dando, uma visão segura, sem covardia, pacientemente, generosamente, do tempo, dos homens e das coisas da vida.

Seu espírito está aqui presente, nesta festa em seu louvor, festa que é pálida homenagem que a Academia Amazonense de Letras presta a um dos homens mais brilhantes do jornalismo brasileiro.

Desde os dias subseqüentes à sua morte que ficamos com essa saudade desesperada do velho companheiro, de sua cultura, de seu espírito, de sua amizade, porque êle, verdadeiramente, amava-nos a todos e à nossa Academia, onde tanto deixou cair as irradiações de sua inteligência, de seu verbo, de sua pena. Impressionantemente, legou-nos um vazio, mas abriu uma estrada, deu seu testemunho de escritor oportuníssimo, escrevendo, em bom português, lindas cousas, leves e graves para nós, para a Pátria e para o amanhã. Sua memória, é ainda, uma das colunas tradicionais de inteligência da hinterlândia, como o são as de Benjamim Lima, Araujo Lima, Adriano Jorge, Péricles Moraes, Heliodoro Balbi, Sá Peixoto e Huascar de Figueiredo.

Neste livro, seguro e magnífico, poder-se-á considerar que aí estão as bases de uma maieutica aristofaniana, para a cultura, para o jornalismo.

Êste livro é um livro de alta sabedoria, claro, lógico, ungido de uma forte dose de alto sofrimento de um homem que passou

pela terra como um mártir e um exemplo de cidadão. Sua pobreza foi um atestado disso.

"SOMBRAS E REFLEXOS" são mananciais que fotografam a polifonia dêsse místico de sofrimento, de uma inteligência polimática. Nêste livro estão crítica, humorismo, recordações de uma vida que, na sua aparente tranqüilidade, ardeu nas chamas das competições culturais, retratando um puro classissismo, como naquele estudo sôbre o "Gênio de Weimar", cnde com certa profundeza analisa a universalidade da sabedoria de Goethe e onde também fere, com alto vigor de análise, o romancismo de Thomas Mann.

Tem-se a verdade, com êste livro, do valor, do talento e da admirável cultura de Aristophano Antony. A arte, a beleza, a poesia, a bondade, o humanismo, tudo é repassado com elegância, com sensibilidade de estilo, com finura, equilíbrio vernacular.

O livro é o meridiano de um tempo, de uma cultura, um documentário precioso. Isso mesmo, idênticamente, podia ter sido feito por todos os que já passaram pela Academia, e não tentaram reunir crônicas, artigos, estudos, discursos, conferências, páginas iluminadas; confrades que, displicentemente, não ligaram ou não quiseram marcar concretamente, com um livro, como fêz agora Aristophano, embora estivessem à altura do sentido espiritual da Academia; não deveriam deixar incorrer em algumas censuras maliciosas, expressas pela vaidade infantil dos que nos ferem, afirmação que, na Academia, poucos são os que escrevem.

Aristophano Antony dá, nêste momento, um atestado eloqüente, por alguns daquêles que não tiveram dêsse mesmo tempo para fazer um livro, coletando preciosos trabalhos que produziram.

Heliodoro Balbi, Adriano Jorge, José Chevalier, Genésio Cavalcante, Mitrídates Corrêa, Carlos Chauvin, e uns outros que, na simplicidade da vida que levavam, não se permitiram essa gloriosa vaidade que estravasa em livros tudo que pensaram e escreveram nos jornais, nas revistas, e disseram em discursos eloqüentes, em conferências magníficas, em folhetos, em plaquetas.

Êsse tipo de viver fazendo admirável cultura, pontificando nas letras, nas tribunas, nas colunas dos jornais, nas páginas das revistas, era uma espécie de marca dos tempos imprevidentes que passaram, ricos em boêmia, conversadores admiráveis,

personagens que, por onde passavam, iam deixando o estrelário das palestras luminosas, das atitudes varonis, da independência de pensar, de viver na pobreza franciscana da vida dêsses homens de letras do passado.

Êsses homens marcaram a época que viveram. Eram políticos desassombrados, dignos, honestos, leais. Andarilhos dos infinitos espirituais, eis alguns: Adriano Jorge, Araujo Filho, Heliodoro Balbi, Jorge de Moraes, Virgílio Barbosa, Huascar de Figueiredo, Achiles Beviláqua, Jorge Carvalhal, Mithrídates Corrêa, Castro Monte...

Êsse, o significado, o denominador para certa gente maldizente, na faina de negar valores aos homens que, verdadeiramente construiram, com outros tantos, a cultura literária desta terra maravilhosa, num antigamente próximo.

Leia-se êste livro, para se sentir a riqueza da erudição de seu autor, especialmente a erudição literária com Anatole France, Saint-Beuve, Taine, Antonio Tôrres, Camilo, Carlos Laet, Machado de Assis, Proust, Balsac, Claudel, Gide, Rimbaud, Valery, Elmond Rostand. Não pára aí a fila dessa gente muito boa, para formação da grande cultura de seu autor. Em todos os campos literários. Na amazonologia, a torrente se avoluma, com análise profunda de Peregrino Junior, Euclides, Ladislau, Alberto Rangel, Ferreira de Castro, José Veríssimo, Cruls, Humboldt, Hart, Wallace, Martius, Araujo Lima, Santana Nery, Torquato Tapajós.

Os clássicos ressaltam no ímpeto escachoante das idéias, dos temas, dos ensáios, dos assuntos; ei-los: Schiller, Goethe, Jaques Maritain, Chesterton, Wells, Emil Ritter, Flaubert, Molière.

Tudo, e só falo daqueles que foram os mais íntimos do espírito de Aristophano Antony, como êsse encantador Genesino Braga.

Agora, paremos todos aqui, porque o cavalheiro andante que nos fêz hoje escudeiros de seu iluminado ideal, juncou esta encruzilhada com irradiante espírito, neste solar, onde êle está eternamente dominando.

Êle está aqui presente. Atendeu a êste chamado espiritual, a esta convocação íntima a que prometeu comparecer em vida e receber de nossas mãos, a glória dêsse dia eterno, para nós seus irmãos nas letras, agrilhoados ainda na voragem dêsse mundo injusto e cruel.

Deixou-nos êle agora, como seus irmãos, ligados a viuvez dessa magnífica dona Edail Antony, sua companheira nos cárce-

res da injustiça social que lhe fizeram os homens, nas angústias do mundo cruel, com os desespêros dêsses tempos.

Transfigurados todos nessa amargura e com as belezas dêsse livro que a Academia Amazonense de Letras lança, neste ambiente da Associação da Imprensa, Aristophano Antony jamais será um cadáver sepultado, para ser, no meridiano dêste momento, em diante, um espírito de luz glorificado pela saudade de todos os homens de pensamento desta terra amazônica.

EPISTOLÁRIO DA ACADEMIA

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1968.

Prezado colega Djalma Batista :

Recebi, e já o li com muito agrado, o número da Revista da Academia Amazonense de Letras, comemorativo do cinqüentenário da instituição. Bem apresentado — aspecto gráfico limpo, sóbrio e elegante — com alguns trabalhos excelentes, cujo manuseio me proporcionou prazer e proveito. Mas, além de felicitá-lo, quero enviar-lhe uma palavra cordeal de gratidão: seu discurso da Academia (que motivo superveniente me impediu de escutar, como era meu melhor desejo) encantou-me. Que fino e envolvente elogio ! que amiga e lúcida evocação da minha vida e da minha obra de "amazonólogo" ! Muito obrigado, meu caro e ilustre confrade !

Abraço-o com admiração, simpatia e gratidão,

Cordialmente

Peregrino Junior

* * *

TERESÓPOLIS, 22 de novembro de 1968.

Senhor Secretário-Geral :

Ausente do Rio de Janeiro, momentâneamente, só em novembro corrente, recebemos o ofício-circular em que se dignou solicitar a nossa colaboração para o próximo número da Revista da Academia. O tempo transfere a distinção. Estabeleceu-se prazo, até fins de outubro recém-findo, para entrega da matéria.

Agrada-nos reaparecer na companhia dos homens de letras, mais em evidência, no Amazonas. Procura a AAL identificar os Sócios Correspondentes, dando-lhes papel na tela dos seus trabalhos. E promete atualizar-nos, através dos altos objetivos, faturados na Casa, colocando-nos, por reflexo, em estado de graça. Vale participarmos dessa fraternidade, dêsse clima espiritual que tão bem serve à história literária.

O n.º 12 da REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS está conôsco, em comício. Mete-se pelos silêncios do escriba, pelo interior da sensibilidade em exercício. A Revista

nos interessa. Notável, o seu aspecto. O rosto, enchendo a nossa vista, esclarece logo o patrimônio, a estabilidade. Documentando o cinqüentenário da Academia, esclarece, ou melhor, espelha a cultura do meio. Afirma-se, irmanando em suas páginas, variedade estética, dentro da hierarquia dos clássicos e o senso contemporâneo. A RAAL evidencia-nos nostalgia da terra que nos amamentou. A Revista é a Academia, onde, entre patronos e acadêmicos, sobrevivem as nossas lembranças mais gratas.

Já contamos como privilégio nosso o recebimento, regular, de novas edições da RAAL e do noticiário prometidos.

Atenciosamente, com as devidas homenagens ao Presidente Djalma Batista, saudamos a Academia, prometendo ser-lhe útil, dentro das regras. Ao escritor Genesino Braga, o grande secretário, renovamos velha simpatia intelectual.

Clóvis Barbosa
(Sócio Correspondente da AAL

* * *

Parintins, 25 de novembro de 1968.

Exmo. Dr. DJALMA BATISTA
DD. Presidente da Academia Amazonense de Letras.
— MANAUS —

Ilmo. Sr. Presidente,

O n.º 12 da Revista da Academia Amazonense de Letras proporcionou-me uma leitura altamente substanciosa e agradável.

E' mais uma prova da ótima cultura que distingue a intelectualidade amazonense.

Isso naturalmente causa viva alegria em quem, como eu, por consagração total ao bem do povo da região, sente-se integrado plenamente na Amazônia.

Minha satisfação é grande também pelo fato de eu ser homem de igreja, pois conforme declara o Concílio Vaticano II (Gaudium et Spes, Parte II, C. II, n.º 62) "Letras e artes são de grande importância para a vida da Igreja. Procuram compreender a índole própria do homem, seus problemas e suas tentativas enérgicas de conhecer e aperfeiçoar a si mesmo e o mundo. Esforçam-se para : descobrir o seu lugar na história e no universo

inteiro; elucidar as misérias e alegrias, as necessidades e as energias dos homens; e antecipar um destino humano melhor. Dêste modo conseguem elevar a vida humana..."

Agradeço sensibilizado pela imerecida honra de receber a preciosa revista e formulo votos para uma atividade cada vez mais atuante e luminosa da Academia Amazonense de Letras.

Com profundo respeito

Devmo. In Xº Dom ARCANGELO CERQUA
Bispo Prelado de Parins

* * *

Meu prezado Genesino.

Feriado. De sol. Um resto de vagabundagem européia passeia ainda no deslumbramento e bem querer das coisas nossas. **Vi como um danado.** Fernando Pessoa está sempre na gente. O ano e meio de ausência serviram muito. Para reajustar a saúde, renovar o gôsto e a festa de viver. Isso é tudo. Assim haverá sempre instantes eternos.

Sôbre a mesa a revista da Academia Amazonense de Letras, nesta o retrato e a mensagem espiritual de Benjamin Lima, tudo isso envolto em atmosfera do Amazonas. Também a carta circular pedindo colaboração que prometo.

Estamos há poucos dias no Rio, tomando pé, apalpando o terreno e usando — lição de Portugal — uma consciência gostosa, oportuna, a afetiva. Daí o prazer desta carta, o sentir que estou, de nôvo, na tua casa, conversando e abraçando um amigo.

Aproveitamos muito a viagem. Estudos, pesquisas, um livro de Direito **Carta de Segurança** com prefácio de Nelson Hungria e que deverá ser editado aqui, palestras, contatos, amigos, a alegria de fazer excelentes amigos em terras lusas também. Estivemos também no Oriente Médio, em terras do Cristo — como êle continua presente, presente na contestação terrível que os homens fazem à sua pregação! na Grécia, em Israel e, de regresso, em Paris, com o genro, filha e neta, uma neta linda que, parodiando o conceito famoso de Aranha, é, para nós **filha em calda de copuassú.** Genesino, um abração e manda notícias.

CARLOS DE ARAÚJO LIMA

Meu caro Genesino Braga.

Foi com imenso prazer que recebi a revista da nossa Academia e a sua carta acompanhando-a.

Apresso-me em agradecer a lembrança do Djalma Batista a quem muito admiro e a enviar por seu intermédio a todos os ilustres membros da Academia Amazonense de Letras da qual você, presado amigo, é uma das figuras mais brilhantes os meus sinceros parabéns pelo cinqüentenário de fundação.

Envio dois poemas à sua escolha para a publicação solicitada.

Creia na minha maior alegria em saber que ainda sou lembrada pelos amigos intelectuais.

Com os agradecimentos de

VIOLETA BRANCA

* * *

Prezado DJALMA BATISTA.

Teria sido sumamente fácil e cômodo redigir um cartão, protocolar e formal, agradecendo a lhaneza do gesto de V. S. enviando-nos um exemplar da magnífica "Revista da Academia".

Não o fizemos todavia. E não o fizemos por convicção, por princípio e por formação, já que temos sido intransigentes em assuntos de literatura.

Teríamos, evidentemente, cumprido com um dever, social ou funcional, satisfazendo de maneira simplista, uma exigência corriqueira. Não teríamos, todavia, trazido à nossa tranqüilidade o necessário refrigério que agora nos anima e conforta.

E' que, distanciada no tempo a exigência, a que aliás não fugiríamos, a providência que agora tomamos traz o sabor da satisfação espiritual, traz sobretudo o deleite de podermos com sincera emoção sentir e comentar a beleza de estilo simples e desataviado, porém vigoroso, de André Araújo em sua Saudação a "Josué Montelo". Poderemos agora e aqui tecer loas a Ramayana de Chevalier quando afirma inconfundível: "eu os via lucilando na minha solitude, buscando os ângulos mais densos de minha saudade".

E' que podemos curvar genuflexa qualquer desavisada veleidade poética quando ouvimos vibrar a lira sonorosa de Mithrídates Corrêa, poeta de sentimento e expressão.

E', enfim, — que me perdoe a arremetida tão pouco gentil à sua modéstia — que só agora, quando me permitiram tão raros vagares, meu caro Djalma Batista, só agora após ler com cuidado suas "Lições do Cinqüentenário ou sua "Saudação a Arthur

Cézar Ferreira Reis", encontrei alento para, honestamente, agradecer a lhaneza de seu gesto enviando-nos o exemplar magnífico de sua "Revista". E me permito rogar-lhe que a traga ao lume com mais assiduidade, que as coisas do espírito valem o sacrifício das lutas materiais e das incompreensões de nossa era material.

Faça-o e a gratidão daqueles que buscam refrigérios espirituais lhe será tributada com devoção.

Receba o abraço de admiração do

MAURY ARAÚJO SILVA

* * *

Rio, 6|10|68.

Admirável e caro Genesino:

Recebida a tua carta de 1/10. Ciente. Meu voto é a favor do Sebastião Norões.

Quanto ao número 13 da nossa Revista, creio já ter enviado colaboração para o Djalma — êsse pescador de almas Quanto a ti, quero agradecer-te a fineza de teres lido a minha colaboração do número 12, em plenário. A velhice é minicaturista: — detalha, estiliza, faz esplenderem as minúcias, é pociente, tímida, hesitante na sua insegurança, calma no seu juízo madura nos seus conceitos. Por isso mesmo é enxuta e exata. Vejo-te assim, no dealbar do inverno. Cheio de mocidade e de alegria. Não deixes tombar a chama de entusiasmo do nosso Atlético Rio Negro Club, com a morte de Aristóphano.

Acende-a sempre, nas noites acêsas de Manaus, com a fôrça de um amazonense que escolheu o seu nôvo bêrço. Foste fagocitado pelo Amazonas, como Araújo Filho, como Adriano, como tantos. Segue a tua trajetória gloriosamente. Perdoa estas considerações de alguém que luta contra o tempo, que não se entrega, que conserva, firme e lúcida, a luz interior que Deus lhe deu. Sou um antigo espectador do teu talento e da graça elegante do teu espírito, um fervoroso espectador **"fana"**-tisado e feliz. Muito já te deve o Amazonas, com o que já realizaste, com o teu idealismo e perseverança. Fôste um biógrafo primoroso, um juiz magnífico, um observador exemplar da vida e dos combates do meu pai, a quem substituiste.

"Scripta manent... Eis porque te escrevo a mão, nem tanto pela ligeira enfermidade que me prende ao leito, como pelo prazer de dar um testemunho histórico do meu sentimento

de gratidão. Não sou um cimbro, nem um ostrogôdo dos tempos ásperos da velha Germânia. Conservo a lembrança amável dos que foram justos e magnânimos. Tu fôste um dêles. E feliz me sinto por ter continuado, em Carlos Genésio, teu filho, a amizade que sempre nos uniu. Estou-me alongando e já a fadiga bate-me à porta

Para quem teve a feliz idéia de ampliar o número de cadeiras da Academia, o meu cumprimento sincero. E quero que assinales, como candidatos naturais a quatro vagas, os nomes de Luiz Bacelar, Jorge Tufic, Carlos Farias de Carvalho e Alencar e Silva, que aqui se encontra em tratamento de saúde e é autor do belíssimo "Lunamarga".

Outros nomes também são dignos de reforçar a companhia.

Abraça o Djalma com efusão, o André, o João Crisóstomo, o Aderson, o Cosme, o Ituassú, o Nonato e tôda a ninhada dos galos do Olimpo, que tanto honram à nossa terra!

Crê, "ab uno pectore", na grande simpatia, amizade e aprêço do teu

RAMAYANA DE CHEVALIER

* * *

Manaus, 20 de novembro de 1968.

Sr. Professor Nelson Porto

Faculdade de Engenharia da Universidade do Amazonas

Rua Ferreira Pena, 145.

N E S T A

Senhor Professor:

Por proposta do Acadêmico André Araújo, unanimemente aprovada na última sessão plenária, deliberou a Academia Amazonense de Letras expressar-lhe um voto de louvor por sua atuação, de grande sentido educativo, dirigindo, na Rádio Rio Mar, um programa de música clássica e erudita, e publicando, na imprensa local, artigos substanciosos, de interpretação e divulgação musical.

Seus programas e artigos certamente terão reflexos positivos sôbre a cultura do povo amazonense, abrindo-lhe oportunidade

de conhecer e valorizar obras-primas dos grandes compositores, que fazem parte do que mais alto produziu o espírito humano.

Aplaudindo-o, a Academia vem assegurar-lhe o seu aprêço e a sua admiração.

DJALMA BATISTA
Presidente

* * *

Manaus, 16 de dezembro de 1968.

"Ilustre Prof. Agnello Bittencourt:

A Academia Amazonense de Letras, que se ufana de ter o proveto confrade como seu membro efetivo, aprovou, por unanimidade, mediante proposição do acadêmico Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, voto de congratulações e aplausos pelo transcurso do 92.º aniversário natalício do insigne mestre.

As manifestações do plenário foram unânimes em exaltar a sua personalidade de ínclito varão de nobres feitos, na educação, nas letras e na administração pública. Foi ressaltada a sua atuação como educador, num tirocínio de mais de quatro décadas, como escritor de obras pedagógicas e de amazonologia, de sumo valor, e como dirigente da educação em vários govêrnos.

Todos os seus feitos — do acendrado amor às crianças e à juventude, sua dedicação ao trabalho no magistério e na administração, sua nobre intransigência na defesa dos altos padrões morais, até seu exemplo de varão de princípios inatacáveis — constituiram o justo fundamento da homenagem ao amazonense insigne, em sua trajetória brilhante, de quase um século de lúcida e exuberante existência.

Com esta comunicação, de que muito me honro, acompanhada de votos de completa saúde e vigor mental, em meio ao júbilo natalino e augúrios de próspero Ano Nôvo, a Academia lhe tributa protestos de alto aprêço e justificada estima".

Rio, 30-12-1968.

Ao Dr. Djalma Batista, egrégio Presidente da Academia Amazonense de Letras, agradeço, penhoradíssimo, os bondosos cumprimentos que o sodalício, por seu intermédio, teve a bondade de enviar-me, por proposta do eminente confrade Prof. João

Chrysóstomo de Oliveira, ao transcurso de minha data natalícia. A mensagem votiva, embora plasmada em elegante cortezia, ultrapassando de muito os meus merecimentos, deixa-me enlevado e ufano. Incentivo a um macróbio, vale simbòlicamente, uma gôta de cânfora em meu espírito agradecido. Abraços. (a) AGNELLO BITTENCOURT.

IDÉIAS E FATOS

+ ARISTOPHANO ANTONY

Faleceu a 3 de agôsto o acadêmico Aristophano Antony, jornalista e escritor de grande renome, que ocupava na Academia a cadeira Jonas da Silva, anteriormente patrocinada por B. Lopes, exercendo a Vice-Presidência na atual Diretoria.

Aristophano Antony se dedicava às letras desde muito moço, sendo dono de um estilo simples e agradável, no qual discutia na imprensa diária temas políticos, sociais e literários, sempre com inteligência, bravura e erudição. Antes de morrer havia reunido uma série de estudos sob o título de "Sombras e Reflexos", entregue para publicação à Editôra Brasília Ltda. (EBRASA). O volume, apresentado em **offset**, não chegou a ser visto pelo autor, embora a edição já estivesse pronta e em vésperas de ser enviada a Manaus.

No túmulo do consócio desaparecido, falaram, pela Academia, o Pe. Nonato Pinheiro, pela Associação Amazonense de Imprensa e pelo Atlético Rio Negro Clube (de que era antigo e prestimoso presidente), o Dr. João Martins da Silva e o Prof. Garcitilzo do Lago e Silva, respectivamente.

O lançamento de "Sombras e Reflexos", promovido pela Academia Amazonense de Letras e pela Associação Amazonense de Imprensa, teve lugar no dia 22 de outubro, sendo oradores o acadêmico André Araújo e o Dr. Mário Jorge Couto Lopes. A oração de André Araújo vai publicada nesta edição da REVISTA, que consigna nestas linhas o grande pesar da Academia pelo desaparecimento do ilustre e dedicado confrade.

* * *

DISTINÇÕES A ACADÊMICOS

Arthur Reis na presidência do Conselho Federal de Cultura

Foi eleito unânimemente para a presidência do Conselho Federal de Cultura, em substituição a Josué Montelo, o histo-

riador amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis, membro efetivo da Academia Amazonense.

Foi uma merecida distinção a um grande estudioso, autor de obra volumosa e consagrada, especialmente sôbre a Amazônia.

Arthur Reis é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio, onde dirige o Instituto de Ciências Sociais, e professor **honoris causa** das Universidades do Pará e do Amazonas. Exerce também a Vice-Presidência do Instituto de Resseguros do Brasil.

* * *

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL "ANDRÉ ARAÚJO".

Incorporada à Universidade do Amazonas, a Escola de Serviço Social, fundada e em funcionamento desde 1941, em Manaus, recebeu o nome de seu fundador e diretor, Desembargador André Araújo.

Antigo magistrado e professor, duas vêzes Secretário da Educação e deputado federal em uma legislatura, em tôda sua longa vida André Araújo sempre foi o sociólogo e o educador. Nascido em Pernambuco, veio criança para o Amazonas, aqui se integrando definitivamente, para constituir uma das expressões legítimas da nossa cultura. Numa justa homenagem, a Câmara Municipal concedeu a André Araújo o título de Cidadão Benemérito de Manaus, por proposta do Vereador Aguinelo Balbi.

Por ocasião do Natal, a Diretoria da Escola do Serviço Social "André Araújo" distribuiu a seguinte expressiva mensagem :

"Durante êste Natal, no qual comemoramos o vigésimo aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, transmitimos votos de Paz, nestes tempos angustiosos, conclamando os de boa vontade, — homens e mulheres, — a que se unam pelo desejo de uma reconciliação total, baseada na compreensão humana.

Esta Escola, pelos seus órgãos representativos, — docente, discente e administrativo, — transmite esta mensagem de Paz na Família, na comunidade, nas Nações : rogando a Deus o equilíbrio social, único meio de extinguir a fome, a angústia, a miséria, conclamando todos os assistentes sociais para uma reconcientização do dever na construção de um mundo nôvo.

Nesta mensagem fraterna em Cristo, enviamos votos de Paz e prosperidade moral e espiritual para um nôvo mundo interior em cada um de nós.

P A Z"

Pela Escola de Serviço Social "André Araújo",
REGINA COELI ARAÚJO DE CARVALHO
DIRETORA

* * *

ELEIÇÕES PARA A ACADEMIA

De acôrdo com o Estatuto em vigor, vêm sendo abertas inscrições sucessivas, uma em cada mês, para preenchimento das cadeiras vagas com o desaparecimento dos acadêmicos Mithridates Corrêa e Aristophano Antony, e criadas com o aumento de número de sócios efetivos para 40. Inscreveram-se, merecendo os sufrágios que os elegeram, os poetas Elson Farias (cadeira Olavo Bilac), Sebastião Norões (cadeira Raimundo Monteiro) e Jorge Tufic (cadeira Jonas da Silva). Foram designados para saudar os eleitos, respectivamente, os acadêmicos José Lindoso, Mário Ypiranga e Álvaro Maia.

Já foram procedidas inscrições para preenchimento das cadeiras Bernardo Ramos e Antônio Brandão de Amorim.

92 ANOS DE AGNELLO BITTENCOURT

Agnello Bittencourt completou, a 16 de dezembro, 92 anos de existência paradigmária, sendo o decano da Academia. Trabalhador infatigável, fêz entregar, pouco antes, o seu "Dicionário Biográfico do Amazonas", constante de mais de 200 títulos, para ser publicado pela Fundação Cultural do Amazonas. No dia do aniversário do eminente confrade, a Academia esteve reunida, deliberando endereçar-lhe uma mensagem de congratulações, redigida pelo acadêmico João Chrysóstomo de Oliveira, e que vai transcrita na Epistolária da Academia.

Repercussão da obra de Mário Ypiranga na Alemanha

Publicamos, na seção "Indicação de Livros" desta edição, o comentário de Wilhelm Giese, sôbre "Roteiro do Folclore Amazônico" (tomo I), de autoria do acadêmico Mário Ypiranga

Monteiro, antropólogo do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, aparecido em 1964.

Alfredo da Matta e Araújo Lima

A Universidade do Amazonas homenageou a memória de Alfredo da Matta, que foi um dos mais ilustres médicos e cientistas que viveram no Amazonas, tendo pertencido à Academia Amazonense, dando o seu nome ao Instituto de Patologia construído à rua Afonso Pena, esquina do Boulevard Amazonas.

Na mesma rua, na esquina da avenida Airão, foi lançada a pedra fundamental do Ambulatório Araújo Lima, também integrante da Faculdade de Medicina, o que representou merecida homenagem a outro médico de alta visão, e que honrou as letras e as ciências no Estado, pontificando no ensino, na clínica e na Academia.

Merece um registro especial o lançamento da pedra fundamental das primeiras construções do **campus** universitário, na Estrada do Contôrno.

"HILÉIA"

A REVISTA DA ACADEMIA assinala o aparecimento de "Hiléia", órgão da Academia Acreana de Letras, referente a 1967, dirigida por Paulo Bentes. A edição foi feita pela Imprensa da Universidade do Pará e traz variada e sugestiva colaboração, comemorando o 30º aniversário da Academia co-irmã, fundada e presidida por Paulo Bentes, nosso prestimoso confrade.

Resumo de atas das sessões de 1968

Sessão de 27-1-1968

Presentes os acadêmicos Djalma Batista, Aristophano Antony, Mavignier de Castro, Mendonça de Sousa, Nogueira da Mata, João Chrisóstomo, Mário Ypiranga, Américo Antony, André Araújo, Sadoc Pereira, José Lindoso, Nonato Pinheiro, Genesino Braga, Cosme Ferreira Filho e Oyama Ituassu, o Presidente Djalma Batista apresentou o relatório de sua gestão em 1967, enquanto o acadêmico Mendonça de Souza apresentou a prestação de contas, sendo ambos aprovados sob unânimes aplausos. Realizou-se a seguir a eleição para o biênio 1968-1969, sendo eleitos Djalma Batista para Presidente, Aristophano Antony, Vice-Presidente, Genesino Braga, 1.º Secretário, e Oyama Ituassu, 2.º Secretário; Mendonça de Sousa, Tesoureiro e Mário Ypiranga Monteiro, bibliotecário, sendo todos empossados na mesma sessão. O Presidente designou o acadêmico Cosme Ferreira para orador da Academia na homenagem póstuma a ser prestada ao acadêmico Mithrídates Corrêa. Marcado o lançamento do livro "Sonêtos das Flores", do acadêmico Américo Antony, para o dia 7 de março próximo, fazendo a apresentação o acadêmico André Araújo.

Sessão de 2-3-1968

Presentes os acadêmicos Djalma Batista, Presidente, Genesino Braga, Moacir Rosas, Sadoc Pereira, Mendonça de Sousa, Mário Ypiranga, Nogueira da Mata, André Araújo, Nonato Pinheiro, Américo Antony e Oyama Ituassu. O Presidente solicitou que, na forma regimental, fôsse publicado edital de inscrição para a vaga aberta com o falecimento do acadêmico Mithrídates Corrêa, sendo aprovada a sugestão por unanimidade. Lembrou a colaboração dos seus pares para o número 12 da Revista da Academia e convocou para o dia 9 do fluente a comissão organizadora do programa cultural do ano em curso. Nonato Pinheiro

pede providências para a aposição dos retratos dos acadêmicos falecidos — Waldemar Pedrosa, Washington Melo e Mithrídates Corrêa. Oyama Ituassu solicita a remessa, à Secretaria, do **curriculum vitae** e dados pessoais e culturais dos acadêmicos para organização das respectivas fichas. André Araújo tece comentários sôbre o livro "Quarup", de Antônio Callado, seguindo-se apreciações de Djalma Batista. Oyama Ituassu fêz a crítica do livro "Yamamoto", de Soshiro Aiawa. Djalma Batista comenta o livro "Duas vêzes perdida", de Josué Montello.

Sessão de 23-3-1968

Presentes Djalma Batista, Genesino Braga, Nonato Pinheiro, Aristophano Antony, Cosme Ferreira Filho, Mário Ypiranga, Moacir Rosas, João Chrisóstomo e Oyama Ituassu. Na ordem do dia, prosseguiu a discussão do projeto de Estatuto, solicitando Nonato Pinheiro fôsse novamente discutido o art. 1.º, o que foi indeferido, embora o assunto possa ser apreciado na redação final. Aristophano Antony propôs adiamento da discussão e abertura do prazo de modo que os acadêmicos possam oferecer emendas, o que foi aceito, ficando marcado o período de trinta dias para êsse fim, considerando-se aprovados os artigos que não sofreram emendas. Djalma Batista comentou encomiàsticamente o romance "Chuva Branca", do escritor amazonense Paulo Jacob.

Sessão de 27-4-1968

Presentes Djalma Batista, Genesino Braga, Cosme Ferreira Filho, Nonato Pinheiro, João Chrisóstomo, Mário Ypiranga, Moacir Rosas, Mendonça de Sousa e Oyama Ituassu. Da ordem do dia constou a discussão do projeto de Estatuto, tendo oferecido emendas os acadêmicos Cosme Ferreira Filho, João Nogueira da Mata e Djalma Batista, sendo a seguir examinados pelo plenário os artigos que receberam ditas emendas e afinal aprovado o projeto com alterações. O Presidente nomeou uma comissão de redação final, composta dos acadêmicos André Araújo, Nonato Pinheiro e Oyama Ituassu. O acadêmico Nonato Pinheiro comunicou que o sr. Ildefonso Pinheiro iria fazer doação à Academia, de um apartamento no edifício a ser construído na rua Marechal Deodoro, esquina com Teodureto Souto, onde se encontra a firma Eletro-Ferro S.A., assim como as estantes necessárias à biblioteca da entidade.

Sessão de 25-5-1968

Presentes Djalma Batista, Genesino Braga, Pereira da Silva, Américo Antony, Mário Ypiranga, Sadoc Pereira, Nonato Pinheiro e Mendonça de Souza. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o Presidente pôs em discussão a redação final do projeto de Estatuto da Academia e aprovada, promulgou de imediato o mesmo, sendo a seguir determinada a transcrição completa do texto na ata, com a assinatura dos seguintes acadêmicos : Djalma Batista, Aristophano Antony, Genesino Braga, Oyama Ituassu, João Mendonça de Sousa, Mário Ypiranga Monteiro, André Araújo, Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, Cosme Ferreira Filho, Moacir Rosas, João Chrisóstomo de Oliveira, João Nogueira da Mata, Américo Antony, Francisco Pereira da Silva, Mavignier de Castro, Leôncio de Salignac e Sousa e Sadoc Pereira. Mendonça de Sousa leu o último poema de Mithridates Corrêa, encontrado em seus papéis pela família.

Sessão de 6-7-1968

Presentes Djalma Batista, Aristophano Antony, Genesino Braga, Mendonça de Sousa, Mário Ypiranga Monteiro, Sadoc Pereira, Moacir Rosas e Nonato Pinheiro. Lido o expediente, o Presidente deu notícia do pedido de permuta de livros feita pelo prof. Hans Joachim Boch, Diretor do Instituto Íbero-Americano, onde já existem livros de membros da Academia, referindo Genesino Braga o fato de que 2/3 dos livros editados no Estado são de autoria de acadêmicos. Mário Ypiranga propôs para sócio-correspondente o escritor De Campos Ribeiro, atual Presidente da Academia Paraense de Letras, obtendo aprovação unânime.

Sessão de 3-8-1968

Presentes os acadêmicos Djalma Batista, Mendonça de Sousa, André Araújo, Salignac e Sousa, Américo Antony, Mário Ypiranga Monteiro, Sadoc Pereira, Nonato Pinheiro, Moacir Rosas. O Presidente comunicou o falecimento súbito do Vice-Presidente, acadêmico Aristophano Antony, ocorrido hoje às 11,25 horas. O acadêmico Salignac e Sousa propôs que o corpo fôsse velado na Academia e a seguir a sessão foi encerrada, dirigindo-se os acadêmicos presentes à residência do extinto, para as homenagens a que faz jus. Foi designado orador oficial no sepultamento o acadêmico Nonato Pinheiro.

Sessão de 10-8-68

Presentes os acadêmicos Djalma Batista, Genesino Braga, João Chrisóstomo, Alvaro Maia, Cosme Ferreira Filho, Mário Ypiranga, Mendonça de Sousa, André Araújo e Oyama Ituassu. O Presidente comunicou haver sido publicado o edital de inscrição para preenchimento da vaga do acadêmico Mithrídates Corrêa. Ressaltou as homenagens prestadas ao acadêmico Aristophano Antony, recentemente falecido. Comunicou haver comparecido, pela Academia, às solenidades comemorativas da vinda a Manaus do Presidente da República, marechal Costa e Silva. A seguir procedeu-se à eleição secreta para provimento da **poltrona n.º 12,** tendo como patrono Olavo Bilac, estando inscrito o **poeta Elson Farias,** que foi eleito por dezesseis votos, contados os dos presentes e dos acadêmicos que votaram por correspondência. O Presidente designou para recebê-lo o acadêmico José Lindoso. Por proposta do acadêmico Nonato Pinheiro, foi eleito sócio benemérito o snr. Ildefonso Pinheiro. Para 1.º e 2.º Vice-Presidentes foram eleitos os acadêmicos André Araújo e João Chrisóstomo.

Sessão de 12-10-1968

Presentes os acadêmicos Djalma Batista, Genesino Braga, Mendonça de Sousa, João Chrisóstomo André Araújo, Sadoc Pereira, Américo Antony, Mário Ypiranga, Moacir Rosas, Nonato Pinheiro e Oyama Ituassu. Lido o expediente, o Presidente deu ciência estar à disposição do prof. José Honório Rodrigues, passagem oferecida pela Prefeitura Municipal de Manaus, para vir a esta capital proferir conferências no curso programado de Historiografia. Na ordem do dia, houve a eleição para provimento da **poltrona n.º 31,** tendo como patrono **Raimundo Monteiro,** estando inscrito o **poeta Sebastião Norões.** Os acadêmicos Alvaro Maia e Mavignier de Castro representaram-se pelos acadêmicos Genesino Braga e Sadoc Pereira, enquanto Ramayana de Chevalier e Almeida Barroso remeteram seus votos por carta. Feito o escrutínio secreto foi proclamado eleito o candidato inscrito com quatorze votos, e designado para saudá-lo o acadêmico Mário Ypiranga. Genesino Braga comunicou a chegada do livro do acadêmico Aristophano Antony, cujo lançamento ocorrerá no dia 25 próximo, sob o patrocínio da Academia, sendo indicado para apresentá-lo o acadêmico André Araújo. Aprovado voto de pesar proposto pelo acadêmico Mendonça de Souza, pelo falecimento de D. Pedro Massa e do Pe. Antonio Giaconni.

Sessão de 12-11-1968

Presentes os acadêmicos Djalma Batista, Genesino Braga, André Araújo, João Chrisóstomo, Mendonça de Sousa, Mário Ypiranga, Nonato Pinheiro, foi aprovada a ata da sessão anterior e lido o expediente. O Acadêmico André Araújo proferiu admirável palestra sôbre os caminhos do tradicionalismo cultural, dissertando em tôrno das escolas e suas épocas, para finalizar com uma tomada de posição para a Academia. O Presidente comunicou que os cursos dos profs. **José Honório Rodrigues** e Aderson de Menezes teriam de ser transferidos por motivo de fôrça maior, cientificando ao mesmo passo o plenário do lançamento dos livros "Nas Tendas de Emaús", de Alvaro Maia e "Sombras e Reflexos", de Aristophano Antony.

Sessão de 14-12-1968

Com a presença de Djalma Batista, André Araújo, João Chrisóstomo, Genesino Braga, Oyama Ituassu, Mário Ypiranga, Américo Antony, Cosme Ferreira, Nonato Pinheiro, Mendonça de Sousa, Pereira da Silva, foi lida e aprovada a ata. Na ordem do dia, procedeu-se à eleição para preenchimento da cadeira n.º 18, tendo como **patrono Jonas da Silva.** Nonato Pinheiro sugere seja constituida comissão de acadêmicos para emitir parecer sôbre os trabalhos dos candidatos, nas próximas inscrições. Na votação, os acadêmicos Sadoc Pereira, Mavignier de Castro e Moacir Rosas, fizeram-se representar pelo acadêmico Mário Ypiranga. Ramayana de Chevalier enviou seu voto por telegrama e o acadêmico Agnelo Bittencourt se representou por Genesino Braga, ao passo que José Lindoso, Artur Reis e Almeida Barroso votaram por carta, somando ao todo dezessete votantes. Feita a apuração, o candidato **Jorge Tufic,** único inscrito, foi eleito por quatorze votos, escolhido o acadêmico Alvaro Maia para receber o nôvo imortal. Mário Ypiranga solicitou à Presidência que entrasse em entendimento com a Prefeitura Municipal para a colocação do busto de Heliodoro Balbi na praça que lhe tem o nome, lembrando o Presidente que também fôsse homenageado Araújo Filho, cujo centenário de nascimento transcorre no ano 1970. Finalmente, o acadêmico Américo Antony leu seus poemas "Da alegria de conhecer a própria origem" e "O jaguar e a lua". Sendo a última sessão do ano, o Presidente formulou seus votos de felicidades no Natal e prosperidades no Nôvo Ano.

TRANSCRIÇÕES

PRESENÇA DA REVISTA DA ACADEMIA

GENESINO BRAGA

Imagem conceituosa e substanciosa do pensamento de cultura e das sensibilidades de espírito da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, sua erudita REVISTA volta a prover de boa literatura nossa, a intelectualidade do Amazonas. Retorna, a magistral publicação, em seu duodécimo aparecimento, completando os seus quarenta e oito anos de vida ilustrativa e celebrando os cinqüenta anos de existência daquele augusto cenáculo das letras.

Remonta a julho de 1920 o primeiro número da REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, tal como corresponde a julho de 1968 o seu número doze, que promove o deleite de seletas leituras momentosas. E entre aquêle e êste, no espaço já bem longo de tanto tempo andado, outros números, igualmente bem nutridos de sapiência e inteligência, fizeram honra à cultura acadêmica e ao meio letrado desta terra.

Continuadora da "canhestramente provinciana" REVISTA DO NORTE (A Academia, em continuação da "Revista do Norte", publicará a "Revista da Academia Amazonense de Letras" — Artigo 13.º dos Estatutos aprovados em 29 de março de 1920), que, "nos dois únicos números publicados", em 1919, consolidara a posição da Sociedade Amazonense de Homens de Letras ("A Sociedade Amazonense de Homens de Letras, fundada nesta capital a 1.º de janeiro de 1918, passa a denominar-se "Academia Amazonense de Letras", — artigo 1.º dos Estatutos de 29 de março de 1920), — a REVISTA se firmou na aceitação unânime de nossas elites culturais logo com aquêle seu primeiro número de julho de 1920. Raul de Azevedo, Benjamim de Sousa e José Chevalier, foram os seus primeiros dirigentes, dando-lhe os três acadêmicos, a feição francêsa com o sumário logo à capa, feição essa que sustentou também nos números de fevereiro de 1935 (especial) e de 1946.

Impresso êsse primeiro número da REVISTA nas oficinas do "Diário Oficial" ("por gentileza de S. Ex. o Sr. Dr. Pedro de

Alcântara Bacellar"), estampou, feito matéria de suas duas primeiras páginas, o Estatuto da Academia, constante êste de apenas catorze artigos. E, ufana de sua valia, ostentava logo na página interna da capa de frente, os preços de assinaturas e de venda: "Anno, Capital 15$000 — Interior 20$000. Número avulso 1$500", vindo mais abaixo a lista dos membros efetivos com os respectivos patronos.

Corramos, com a avidez natural de um bom pesquisador, o substancioso sumário do que nos apresentava o Número 1 da REVISTA, em suas oitenta páginas: "O Presidente da Academia", discurso de Virgilio Barbosa, saudando Adriano Jorge; "A Bandeira", sonêto de Jonas da Silva; "Uma recepção na Academia", discurso de posse de Raul de Azevedo; "Pensador", sonêto de José Chevalier; "Uma festa de intelectuais", discurso do escritor Raimundo Moraes, agradecendo a saudação de Adriano Jorge, no banquete que àquele ofereceram os intelectuais amazonenses; "Laranjeira", poema de Genésio Cavalcante; "A Dor do Bandeirante", poema de Raimundo Monteiro; "As Controvérsias da Glória", ensaio de Péricles Moraes; "Ódio", sonêto de Otávio Sarmento; "A Marquezinha" opereta em 1 ato de Coriolano Durand; "Supremacia do Muque" artigo epigramático de João Leda; "A França", poema de Th. Vaz; "A Felicidade" palestra de Benjamim de Sousa; "Estéril", sonêto de Alvaro Maia; "Livros, Teatros e Mulheres", correspondência, do Rio, de R.A.; "Um gesto romântico", artigo de Adriano Jorge; "A Poesia do Direito", conferência de Araújo Filho; "Academia Amazonense de Letras — I. Adriano Augusto de Araújo Jorge", por Paulo Eleutério; "Notas Bibliográficas", Huascar de Figueiredo; Correspondência da Academia; Ata da sessão de 20 de março e 1920; e, no reverso da capa de fundo, a relação dos Sócios Correspondentes.

Principiara assim, a REVISTA DA ACADEMIA, atividade de divulgação literária dos acadêmicos bem à altura do entusiasmo que animava os anos iniciais da existência do sodalício, logo emanando, em sua primeira floração, a fragância dos espíritos e dos talentos que vicejavam rosas nos jardins da Arcádia cabocla. Tôda a beleza da cultura local, todo o fastígio do pensamento literário do Amazonas, tôda a graça da melhor poesia entre nós produzida, trazia-os, a REVISTA naquele seu "Número I, Volume I" de julho de 1920.

Doze números editados (sem contar com o "Especial", de fevereiro de 1953 e com o de 1946), que agora nos oferece a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS engrinalda uma vida tôda ela consagrada à divulgação da nossa cultura, tôda ela

espiritualizante de idéias e concepções expressivas do saber nosso, levando ao conhecimento de outros centros culturais o pensamento erudito de nossos homens e os encantos das sensibilidades que aprimoram o nosso meio.

Vem o número 12 da REVISTA DA ACADEMIA confirmar o momento de realidades positivas em que ora se expandem as atividades acadêmicas. Obra da tenacidade envolvente e inteligente e, ainda, do ideal austero e construtivo do acadêmico Djalma Batista, o fascinante presidente da ilustre companhia, êste número de agora consagra não só os cinqüenta anos de vivência do areópago ilustre, mas também os dias presentes da Academia, que êle os faz subidos e insignes pela cultura e pelo talento dos que assinam, em suas páginas, trabalhos da melhor gama literária. Como aquêles de há 48 anos atrás, os acadêmicos de hoje, — Djalma Batista, José Lindoso, Mário Ypiranga, Nonato Pinheiro, Oyama Ituassu, André Araújo, Ramayana de Chevalier, Mendonça de Sousa, Mithrídates Corrêa, Agnelo Bittencourt, Cosme Ferreira, Nogueira da Mata, Mavignier de Castro, Aristophano Antony, Américo Antony, Anísio Jobim e Almeida Barroso, que enfloram as páginas da REVISTA com as rosas viçosas colhidas nos jardins do espírito, também êstes constróem para o futuro obra indestrutível e imperecível no campo ilusório da Imortalidade.

São duzentas e doze páginas de excelentes textos literários o que nos dá o número de agora da REVISTA DA ACADEMIA. E valem, por si só, na elegância mental de seus colaboradores, a glória que se busca e se persegue, todos os dias, na floresta encantada do sonho, assim chegando, todos nós, mais um passo próximo da Morte, que esta sim é o prêmio único da Vida.

(Do Jornal do Comércio", de 15/9/68)

INDICADOR DE LIVROS

ROTEIRO DO FOLCLORE AMAZÔNICO

WILHELM GIESE

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO — **Roteiro do Folclore Amazônico.** Tomo I. Manaus, Editôra Sérgio Cardoso, 1964, 228 páginas. Ilustrado.

M. Y. Monteiro, de Manaus é uma das personalidades que se destacam entre os atuais pesquisadores do folclore brasileiro; seu campo específico é o Estado do Amazonas. Em mais de trinta anos e em muitas viagens ao interior estudou o país e as populações, e é sem dúvida alguma o melhor conhecedor da vida do povo nesse Estado. Os poucos pesquisadores que trabalharam antes dêle, voltaram suas vistas exclusivamente para os ameríndios. Monteiro é o primeiro que se dedicou ao folclore dos brancos e dos mestiços, bem ao das populações de côr. O livro editado é o primeiro de três volumes, os quais deverão tratar dos problemas fundamentais do folclore amazônico. Os três tomos juntos formarão a primeira parte de um vasto empreendimento destinado à publicação, da autoria de Monteiro, a **ETNOGRAFIA AMAZÔNICA,** em XXIII partes.

Monteiro traça um desmembramento cultural, de acôrdo com os sistemas fluviais; o que poderia ser comparado com as áreas habitacionais das tribos finlandesas antes que as mesmas fôssem deslocadas dos seus vales pelos russos. Êle trata dos processos racistas e culturais de mistura nos seus diversos graus de intensidade. Outrossim estuda o aparecimento do brasileiro amazônico a partir de 1800 pela imigração do norte e do sul do Brasil, de modo especial pela imigração do nordeste. Discute as possibilidades de uma influência das colônias estrangeiras e chega a um resultado negativo, exceto a confirmação de uma certa influência francêsa. Estuda ainda as bases sociológicas dos fenômenos folclóricos e o grau de sua vitalidade. Segue-se uma divisão sistemática do folclore amazônico com muitas subdivisões. Monteiro dá 22 exemplos (de Manaus, Tefé, São Paulo de Olivença) de folclore hoje inexistente (folclore histórico) e

13 exemplos de folclore em formação. Segue uma tabela da freqüência e da vitalidade dos diversos fenômenos entre índios, brancos ou mestiços e estrangeiros, divididos por capital e Estado.

A exposição subseqüente da literatura popular (mitos, lendas, contos, fábulas), enriquecida, como aliás tôdas as partes, com indicações bibliográficas, explícita os diversos tipos por meio de exemplos bem selecionados, tanto de tradição indígena (entre outros contos de várias tribos indígenas) como também da tradição euro-brasileira. Em diversos lugares (pg. 146, 168, 172, 174, 176, 177, 211) apresenta como exemplo um mito ou uma lenda, etc., desconhecidos na Amazônia, com a intenção de oferecer um exemplo instrutivo para um determinado tipo; isto se justifica pela finalidade explicativa e pedagógica do volume. Aliás, o autor explica de uma forma simples a tradição romano-romântica, sendo conhecidas na Amazônia lendas como as de Rômulo e Remo ou de Narciso (Ovídio), porém desconhecidos o mito da criação dos assírios-babilônicos, a estória do cavalo de Odin Yggdrasill (não Iggdrassill, como M, escreve) (1), o mito do deus do sol egípcio (Ra) ou o mito do deus do trovão dos chineses (2). O tomo representa um valor especial em vista da sistemática da introdução, da riqueza do material oferecido sôbre a Amazônia, da crítica sadia e da grande experiência do autor, bem como por levar em consideração todos os componentes da população da Amazônia.

Observações particulares: ao tratar da lenda grega do dilúvio (Deukalion), Monteiro remete (pg. 146) para a narração do dilúvio pela Bíblia e numa nota para a "história do semideus Gilgamés". Esta última indicação é muito imprecisa; a menção refere-se à narração acádica do dilúvio no poema épico de Gilgamés, o Utnapistim, que desempenha na lenda do dilúvio o mesmo papel de Noé na narração bíblica. M. explica (pg. 148 **Wal** (Val) em Walküro como "as que haverão de cair". Entretanto, no anglosaxônico wael significa "os que ficaram no campo de batalha", como também "campo de batalha" como no alemão antigo e médio wal. Compare ainda no antigo nórdico wal "legião eleita"; antigo nórdico valkirja, anglo-saxônico waelcyrie, nôvo alemão Walküre — "virgem divina que escolhe entre os mortos

---

(1) Conforme o texto em espanhol, consultado.

(2) Na lenda "Cururuca", publicada na **Seleta Literária** de José Lins, existem uns itens de semelhança.

no campo de batalha". Ao tratar das amazonas (pg. 160-1) falta a indicação à tradição antiga das amazonas no Termodon, na Capadócia(3). Para a forma portuguêsa Almazonas supõe M. (pg. 160) uma influência de alma. Antes devia levar-se em consideração a influência de palavras como almazon, almanchar, antes de tudo também Almanzor (o político e general mauro al-Mansur, "o vitorioso", ao tempo de Hisan II o que desempenhou papel importante na história de Portugal), Almansor (afluente do Tejo), Almançor (laguna nas proximidades de Faro) (4). M. percebe a profunda consonância de determinadas estórias de animais dos ameríndios com as dos africanos, rejeita porém, por motivos suficientes, uma dependência dos contos indígenas dos africanos (pg. 188-9). Com referência aos contos da tartaruga (jabuti, yauti) (pg. 189) poderia ser mencionada a edição de textos com traduções lineares por P. T. Tastevin em seu livro "La langue taïhïyra, dito tupi ou ñeengatu" (Viena, 1910); "Revista da comissão de línguas da Academia de Ciências, vol. II).

E' com razão que M. coloca (pg. 190) 1001 Noites (Kitab elf laila wa laila) entre a tradição popular de contos, apesar da tradição literária. Isto se justifica uma vez que a coleção ainda não está concluída, pois os narradores árabes, principalmente no Egito, acrescentam sempre novas peças. Por outro lado, um contexto popular pode resultar em um contexto literário e êste contexto literário por sua vez pode provocar um nôvo contexto popular. Expus em Eusko-Jakintza V, 153-57, como um conto popular árabe transmitido oralmente (do Jemem continua a viver em Labourd; por outro lado, tinha sido fundido em uma forma literária na "Disciplina clericalis", sôbre a qual repousam formulações populares francesas, italianas e eslavas; ao mesmo tempo mostrei na "Revue internationale des études basques", XV, 191-94, como a mesma estória saída de uma forma literária árabe assumiu uma forma popular na Espanha e continua a viver numa formulação basca em Vizcaya e numa formulação espanhola no México. João e Maria (Hansel und Gretel) é um

---

(3) Realmente, não foi propósito meu fixar a tradição grega e sim a tradição portuguêsa, mais próxima. Todavia, estudo mais profundo e dilatado está sendo feito no meu livro em preparo "As Amazonas".

(4) O autor não se explicou bem, mas a tradição foi abonada por Leite de Vasconcelos, citado no meu livro, inclusive com referência a mulheres de seios grandes, de Portugal.

conto legítimo e difìcilmente pode ser dito que "é dos chamados contos azuis, popularizados" (pg. 212) (5). Um conto, escrito em 1952, em Manaus (6), apresenta a seguinte fórmula final extremamente interessante (pg. 219): "Houve muita festa (no casamento) e muito doce. Eu ía trazendo um bocado para vocês, mas no caminho escorreguei e foi-se tudo ao chão". Fórmulas semelhantes encontram-se em Portugal, no Alentejo, são freqüentes na Espanha (Astúria, Castela, Andaluzia, Extremadura, Mallorca), Itália (Romagna, Toscana), na Gasconha, entre os Aromunas. A difusão da fábula da cigarra e da formiga no Brasil, onde seu conteúdo é conhecido entre a população, repousa sôbre a tradução portuguêsa da fábula de La Fontaine, feita por Bocage. Lafontaine baseou-se na "Mythologia aesopica", de Isaac Nevelet (Francfort, 1610, edição posterior 1660). M. afirma e com razão que à fábula compete apenas um valor moral e remete para L. da Câmara Cascudo, o qual já em 1959 chamava a atenção para o fato, de que no inverno não existem cigarras e sim apenas "larvas sepultadas na terra". De fato a fábula é simplesmente uma "fábula literária". Durante o inverno não existem cigarras e sim apenas ovos na terra, pois as larvas caem na primavera; por outro lado, também a formiga não acumula provisões, pois no inverno, pelo menos na Europa, entrega-se ao sono de hibernação (7).

Tradução do alemão, feita pelo professor Josef Anton Dorner, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Amazonas. Notas para esta tradução, de M.Y.M.

---

(5) Talvez o dr Wilhelm Giese não saiba, mas êsse conto é muito popular no Brasil, não sòmente na forma literária como na oral, com versões decorrentes da sua própria popularização.

(6) Registado, deveria ser dito, pois o conto é popular e muito velho, e não foi escrito.

(7) No Brasil as formigas acumulam provisões não em ser, mas derivados daquilo que recolhem em grande quantidade. E não hibernam, trabalhando à noite, de verão e de inverno.

J
34

QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — D. Alberto Gaudencio Ramos, Cônego Ápio Campos, Edgard Proença, Georgenor Franco, A. Napoleão de Figueiredo, Líbero Luxardo, Paulo Bentes, Wanderley Normando e De Campos Ribeiro.

MARANHÃO — Antonio Bona.

CEARÁ — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira, Raimundo Girão, Adauto Fernandes e Osmundo Pontes.

BAHIA — Aloysio de Carvalho Filho e Carlos Eduardo da Rocha.

RIO DE JANEIRO — Aristêo G. Leite, Cônego Assis Memória, Cônego Jorge O' Grady de Paiva, Carlos de Araújo Lima, Claudio de Araújo Lima, Clovis Barbosa, Deoclydes Carvalho Leal, Heitor Péres, Odilon Lima, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Netto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Rosalina Coêlho Lisbôa Larragotti, Osvaldo Orico, Tristão de Athayde, Violeta Branca, Virgílio Barbosa, Pe. Manoel Albuquerque, Moacyr Paixão, José Luiz de Araújo Neto, F. P. de Araújo Neto, Jorge de Rezende, Alberto de Rezende Rocha, Augusto de Rezende Rocha, Alberto de Brito Pereira, Lúcio Fiuza, Moacir Dantas, Jesuíno Ramos e Áureo Mello.

ESTADO DO RIO — Mons. João de Barros Uchôa.

SÃO PAULO — Mário Barroso Ramos, Caetano Estelita Pernet, José Perez, Jorge Bertolaso Stella e Alceu Maynard Araújo.

MINAS GERAIS — Merolino Corrêa.

BRASÍLIA — Lázaro Baumann.

ALEMANHA — Wilhelm Giese.

Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX

SERGIO CARDOSO & CIA. LTDA.

(EDITÔRES)

Rua Joaquim Sarmento, 78. **Manaus — Amazonas**

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM